

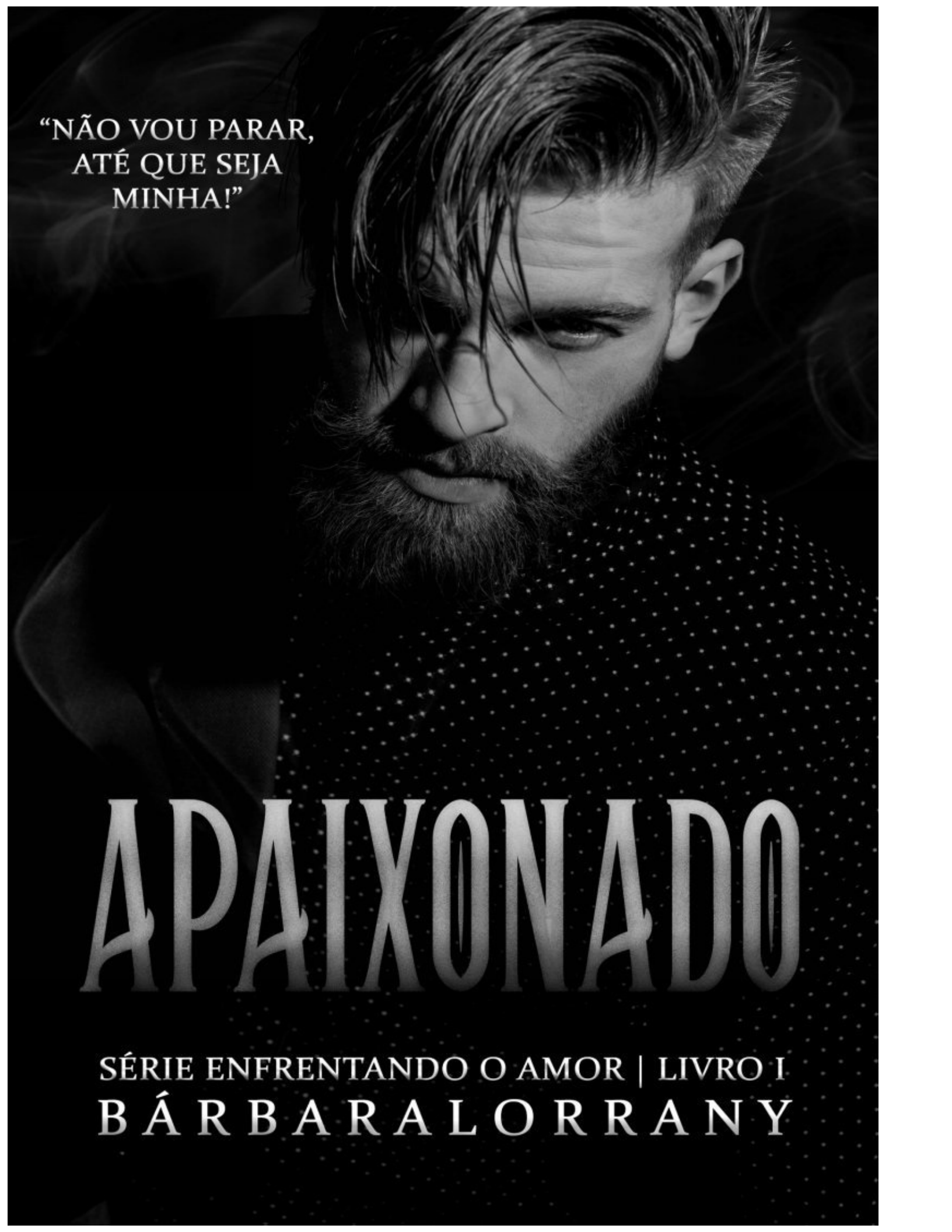


“NÃO VOU PARAR,
ATÉ QUE SEJA
MINHA!”

APAIXONADO

SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR | LIVRO I
BÁRBARA LORRANY





“NÃO VOU PARAR,
ATÉ QUE SEJA
MINHA!”

APAIXONADO

SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR | LIVRO I
BÁRBARALORRANY

APAIXONADO

SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR | LIVRO I

“NÃO VOU PARAR, ATÉ QUE SEJA MINHA!”

BÁRBARA LORRANY

1ª edição - 2018

Revisão © 2018 Bárbara Lorrany

© 2018 Capa – Bárbara Lorrany

© 2018 Diagramação – Bárbara Lorrany

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Edição Digital | Criado no Brasil.

INDICE

[AGRADECIMENTOS](#)

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Epílogo](#)

[Livro II – SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço ao meu pai e as minhas mães, por acreditarem e me apoiarem sempre em todos os meus livros.

Logo em seguida, eu agradeço um conjunto de meninas que me apoiaram, ajudaram em divulgações, opiniões, incentivos e nas betagens, quando ainda estava sendo desenvolvido. E são elas: Iviny Carvalho, Gabrielly Jerônimo, Nicole Pio, João Victor, Maria Castro, Thaís Gouveia, Pamella Martins, Bell Floriano, Andrielle Silva, Cyntia Kuss, Juliana Cardamone, Milla Cardoso, Socorro Vieira, Milla Cardoso e Yara Queiroz. Obrigada, minhas lindas, sem vocês isso não seria possível.

E não posso deixar de agradecer a todas as minhas leitoras, que fizeram tudo isso acontecer.

SINOPSE

Luciano Monteiro, esse é o meu nome.

Esse é o nome do homem que passou oito anos preso, para servir a um propósito em benefício ao seu pai. Esse é o homem que mata sem piedade, sem quaisquer vestígios de pena. Esse é o homem que toma o que quer, sem pedir permissão.

Eve Carvalho. É o nome da mulher que está levando todo o raciocínio de Luciano para os ares.

Uma mulher amarga, sem um pinga de compaixão dentro do seu peito e que se vê como uma pessoa impossibilitada de amar um homem, sendo que sua maior felicidade é fazer com que outros homens se apaixonem por ela, para logo em seguida largá-los sem um motivo.

O que ela não sabe é que Luciano não se importa com o que ela é acostumada a fazer e sim, com o que ele vai tomar.

Ela não sabe do que Luciano é capaz, muito menos, quando Luciano está completamente apaixonado e o alvo é ela.

Sim, ele não vai medir esforços para conseguir o que quer.

Ele nunca mediu...

Aos amantes apaixonados, que nunca desistem do que querem...

PRÓLOGO

Essa é uma noite como outra qualquer, sem nenhuma novidade, sem nada que vá me fazer sentir alguma emoção. Tédio, está tomando conta de mim, sem os gritos e a sensação de pavor insistentemente pairando no ar.

Para ser bem sincero, não me incomodo muito quando a violência está rolando, tenho muitas outras coisas melhores no dia para fazer, como ir até uma avenida movimentada e cometer um assassinato aos olhos de outras pessoas, para que eu seja preso e enviado para a prisão.

Por que?

Bem, tenho assuntos para serem tratados por lá. Oitos anos é o que preciso lá dentro, depois disso, não precisarei me preocupar com mais nada.

Ah, mas não pense que irei me sentir culpado por matar alguém. Não, longe de mim tal coisa. Sou um homem muito bem resolvido com o que gosta. Nada me dá mais felicidade do que ver o olhar de pavor e dor, antes que a vida se esvaia juntamente com todo o sangue que sou capaz de tirar. Isso é muito bom, muito prazeroso...

Posso afirmar que é tão prazeroso, quanto sentir uma boca carnuda em volta do meu pau ou até uma bocetinha o apertando, quando sinto seus tremores de puro prazer.

Sorrio, ao me aproximar da avenida, onde foi combinado que eu iria ser pego em flagra, matando um pobre inocente.

Você deve estar pensando que eu tenho algum distúrbio mental e que preciso urgentemente de um psiquiatra. Minha mãe “pensava” isso e me levou até um psicólogo, que depois de uma sessão preferiu me manter internado por seis meses em um manicômio, sendo tratado por dois psiquiatras. *Essa foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido.*

Por que?

Foi o lugar que conheci o psicopata, que me tornou um lutador e logo em seguida, um atirador de elite. Seu nome? *Nicolas Posey*. Veja só a grande ironia do destino. Os psiquiatras imaginavam que o estavam tratando e os contendo, mas o que estava acontecendo era exatamente o contrário.

No meu primeiro dia lá dentro, eu o vi e ele me encarou profundamente por longos segundos, que pareciam horas, inclinou a cabeça e sorriu para mim. Eu fiz o mesmo. O enfermeiro que me segurava o disse que eu era apenas uma criança, precisando de ajuda e me levou diretamente para onde eu iria ficar. Um quarto pequeno, todo branco, o que começou a me dar irritação. *Se tem uma cor que eu odeio é branco*. Nicolas percebeu a forma que eu estava e como um demente veio até mim, falando coisas

desconexas, o que só fez com que minha irritação só aumentasse e, então, o enfermeiro precisou sair para pegar algo. Esse foi o momento de descuido, de relapso... o pior que ele poderia ter tomado.

— O que você fez para estar aqui? – seu pescoço está reto, sua coluna da mesma forma e sua voz, está grossa. Ele está... normal. Sem nenhum vestígio de demência...

— Meu psiquiatra acha que sou um perigo para a sociedade.

— Por que ele acha isso? – inclina a cabeça para um lado e cruza os braços, à espera da minha resposta.

Dou de ombros.

— Espanquei meu tio e coloquei fogo na minha casa.

— Você não deveria estar preso?

— Deveria, mas de alguma forma meu advogado conseguiu me colocar aqui.

— Como está se sentindo?

— Estaria melhor se não estivesse aqui.

— Se sente culpado?

— Nem um pouquinho.

— Acho que seremos bons amigos.

Aquele foi o dia que assinei minha sentença com o diabo. Coincidências ou não, acredite que ele era um alguém bem próximo do meu pai, para ser mais específico um soldado de um negócio bem pesado. Acredite que ele me treinou para ser uma arma em massa. Acredite que a surra que dei em meu tio, foi provocada pelo próprio. Acredite que minha mãe me mandar para aquele hospício foi algo bem combinado. Acredite que vou matar um homem inocente, com um único propósito: ficar perto do meu pai.

Minha mãe? Está morta, assim como meu tio, o enfermeiro, meu psiquiatra e meu treinador.

O motivo? Testemunhas vivas não são aceitas. Elas serviram para um propósito e assim que elas o cumpriram, as eliminei.

Alguns me chamam de psicopata, outros me chamam de insano, mas essa é a minha natureza. Não sou um psicopata, apenas gosto de fazer outras pessoas sofrerem.

Um psicólogo diria que eu tenho um distúrbio e que preciso de tratamento clínico.

Eu digo que sou um homem com princípios diferentes que os outros e só preciso de uma coisa: Matar.

Seja bem-vindo(a) a minha cabeça, mas tenha em mente que se continuar, eu vou foder o que resta de juízo na tua mente e não vai restar nada, a não ser eu ali.

Prazer, meu nome é Luciano e eu sou o diabo em uma versão melhorada.

Capítulo 1

Algum corajoso decidiu que iria me contratar para servir de segurança. Sorrio, sacudindo a cabeça. Quem em devido estado normal, me contrataria para servir de segurança de alguém? Meu histórico deveria ser o suficiente para fazer com que essas pessoas não me procurem.

Minha especialidade é torturar e matar pessoas, não proteger alguém. Por favor, né.

Oito anos em uma prisão de segurança máxima, fui aquele que organizou rebeliões para fazer execuções de problemas. A partir do dia que entrei, fui posto em prova continuamente até que eu encontrasse meu pai.

Lá dentro funcionava assim: matar ou ser morto.

Se eu gostei disso? Sorrio, mordendo o lábio.

Eu amei.

Aquele lugar para mim, foi um paraíso completo. Só não foi melhor, porque não tinha uma bocetinha para que afogasse meu pau todos os dias.

Oito anos ali dentro foi como uma temporada de férias, aprendendo e convivendo com pessoas muito mais perigosas que Nicolas. Algumas dessas pessoas, eu matei com minhas próprias mãos e as outras, hoje são meus amigos.

Você deve estar aí pensando como posso estar fora da prisão depois de tantos delitos. Sorrio. Bem, quando eu faço algo, faço bem feito. Nenhuma suspeita jamais foi voltada para mim, até porque sempre alguém levava a culpa.

“Sou inocente, eu juro!”

“Aqui todos são inocentes, meu senhor.”

Otários!

— Luciano, ficamos muito felizes que você aceitou esse serviço – reviro os olhos. Se meu pai não tivesse sido tão insistente a ponto de me fazer quase matá-lo, eu não estaria aqui. Provavelmente estaria estourando os miolos de algum idiota por aí.

— Vá direto ao ponto, Felício – olho sem seus olhos, a procura de algum sinal de hesitação. Aliás isso aqui pode ser alguma armadilha para mim, a julgar da quantidade de inimigos que tenho.

Não, eu não confio em ninguém.

— Preciso que faça a segurança da minha filha – diz, sorrindo amigavelmente. O encaro com o rosto sério, sem transmitir nenhuma emoção.

— Por que eu faria isso, Felício? – arqueio uma sobrancelha, mantendo a atenção em seu rosto. Odeio ter que negociar com pessoas como ele. Pensa que por ter dinheiro pode fazer e ter o que quiser.

Ele não me conhece e no meu mundo quem faz as regras sou eu.

Tudo sempre sai da maneira que quero e sim, eu tenho dinheiro e o poder. Você conseguiria respirar o poder que tenho, se estivesse perto de mim. Posso ser a influência para qualquer coisa que for preciso ser feita. Quando digo qualquer coisa, quero realmente dizer isso.

Como eu disse, faço as regras aqui e em qualquer lugar que passo.

Vou aceitar ser segurança da filha dele, porque isso me trará o benefício de tê-lo nas minhas mãos. Preciso de algo que ele tem e é lógico, que não me dará facilmente.

Influência.

Coisa que meu querido pai, não me deu ainda e que não descansarei até ter.

Não me importo com qualquer coisa que ele sinta, mas eu preciso dele e dos seus contatos, esse que ele não me deixou ter acesso... ainda.

Não vai demorar muito até que eu tenha tudo em minhas mãos. Você não deve estar entendendo muito o que está se passando aqui, mas irá entender... em algum momento.

Quero que tenha em mente o que te disse no início. Tudo que vou fazer, faço bem feito.

Não seria diferente com meus relatos.

Sou um enigma muito difícil de ser entendido, mas você, talvez, irá conseguir essa proeza.

— Pago bem.

— Você deve saber que não preciso de dinheiro, para que eu o tenha em mãos só preciso estalar os dedos. Seja mais convincente, Felício – inclino a cabeça para um lado, para outro e volto a minha postura normal.

Felício estreita seus olhos e suspira. Sei bem o que ele está pensando em me propor. Como todos os outros, quando tiveram minha negação, ameaçaram a meu pai de morte e depois, a mim. Se estão vivos para contar a alguém sobre isso?

Porra nenhuma.

Alguns já tentaram me matar, por conta do perigo que represento a eles, mas se eu te disser que apenas um conseguiu tirar uma gota de sangue, você acreditaria?

— Sei que seu pai...

— Acho melhor buscar outro caminho, Felício, ou me certificarei que você não irá tomar um único gole dessa água que está me incomodando pra caralho. Como já estou cansado de ficar aqui, olhando para esse seu rosto feio, vou te dizer o que quero – arregala os olhos e se inclina, colocando seus cotovelos em cima de sua mesa. — Quero que me apresente a todos os seus contatos mais importantes.

Tenho certeza que quando eu sair dessa sala, ele vai estar se perguntando o porquê dessa exigência. Bem, para você eu iria contar, porque não irá me trazer nenhum perigo.

Preciso de um aliado.

Sei melhor que ninguém, que sozinho não vou conseguir seguir em frente. Mas o aliado que preciso, não está ao meu alcance no momento e somente, por causa disso estou em frente a esse velho escroto, obedecendo uma ordem do meu pai.

Ora, um homem com tantas habilidades como eu, se prestando a servir de segurança de uma patricinha mimada é o fim total dos tempos.

— Considere feito.

Sorrio contidamente e me viro.

— Acho melhor cumprir a tua parte no trato. Não te esquece que terei bastante tempo ao lado da tua filha.

Saio dali, acompanhado de mais dois seguranças.

Esse velho deve estar com a corda no pescoço para estar me contratando para esse serviço. Ele deve saber muito bem que não sou um homem conhecido por ser protetor a alguém. Meu negócio é a tortura e a execução.

Sou muito bom nessa porra. Até hoje não encontrei quem me parasse, quando estou empenhado em um caso. Falando em caso, tenho dois para executar hoje.

Suspiro fundo e caminho rapidamente em direção ao local combinado para o acerto de contas.

Adoro essa minha vida.

Capítulo 2

São exatamente quatro horas da manhã e estou dentro de uma HB20 acompanhado de mais dois de meus homens. O que temos para hoje é apenas um aviso.

Sim, muito paia, eu sei.

Suspiro entediado, quando uma moto passa pelo meu carro.

O caso de hoje é apenas um idiota que não está cumprindo o combinado que fez com meu pai e como um cara que não consegue deixar nada passar, aqui estou, para cobrar o que é meu por direito. Esse é o segundo dia que estou vigiando a frente da sua casa e pelo que pude perceber, ele e seus seguranças, não sabem como montar a droga de um esquema de segurança.

Caralho, qualquer um poderia entrar nessa casa e render os seguranças. Depois sairia com tempo suficiente para fugir para o mais distante que pudesse.

Reviro os olhos, ao ponderar essa ideia.

A julgar pela frente da casa do mesmo, esse cara tem um bom patrimônio, que meu querido pai poderia exigir como forma de pagamento. A parede da frente é cravejada a pedras e com galhos de algum pé de planta saindo por cima do mesmo, deixando uma entrada harmoniosa. O portão é da cor cinza, daqueles novos que levantam quando mandam o comando para que abra.

Legal, muito fino... fino demais e mais inseguro ainda.

Imagine só, quando esse homem for sair de casa, enquanto o mesmo está para cima, julgando que ele demora uns bons segundos para descer ao chão e fechar, daria tempo suficiente para entrar, render a todos e pegar o que quiser.

Alguém liga o som do carro e eu não me interesso para ver quem foi, apenas deixo que a música entre por meus ouvidos, me fazendo sorrir, assim que reconheço a batida e logo, 50 Cent se faz presente na minha cabeça.

Ai, caralho.

As horas vão se passando e como nos outros dois dias, nenhum movimento foi feito até que o sol nascesse e desse exatamente sete e meia da manhã.

Um homem podre de rico como esse, com vários inimigos a sua espreita, realmente é muito seguro de si, para pressentir que nada vai acontecer com ele.

Reviro os olhos.

Aguardo até que o primeiro segurança saia pelo maldito portão automático e observe o movimento da rua, que é praticamente nulo.

Que desgraça esse idiota faz como segurança?

Suspirando audivelmente, coloco minha mão na fechadura da porta e abro, saindo e fechando a mesma logo em seguida.

Uma rajada de vento frio bate contra meu rosto e eu tento não sorrir alto. Isso é tão ridículo!

Sinto-me indo confrontar a gangue vizinha a minha e não indo até o cativado de um cara poderoso, que deveria ter um sistema de segurança mais sofisticado que essa merda que ele possui aqui.

Espero que eles tenham crença em divindades, porque vão precisar.

Aproximo-me do tal segurança e pondero do porquê não devo matá-lo. Não encontro nenhum motivo para não fazer isso, então pondero o porquê devo matá-lo.

Bem, ele é um péssimo segurança e, de certo mereceria uma segunda chance para reparar seu erro e como não será a última vez que estarei aqui, darei a ele apenas um aviso, assim como farei com seu patrão.

— Sabe – digo, ao parar atrás do homem. Estou a poucos centímetros do mesmo, observando seu porte e ao fazer minhas considerações internas, chego à conclusão que ele deve saber o básico de luta corpo a corpo e deve saber como manusear uma arma.

Odeio esses caras que pensam que por terem uma arma em mãos, não precisam saber de mais nada, porque a arma traz segurança, por ser mortal.

Ele se vira para trás e sorri fracamente, olhando para mim.

Reviro os olhos.

Ele só tem a cara de durão, porque o resto... Complicado, meu amigo!

— Bom dia.

— Dia – sorrio. — Não acredito que vá ser bom para você, já para mim...

— O que? – pergunta, aderindo uma carranca.

— Sabe, eu odeio quando alguém se presta a fazer algo e não o faz da forma correta – digo, sacudindo a cabeça e a carranca dele só aumenta. — Se você estivesse feito muito bem sua formação, antes de pegar um serviço como esse, não teria que passar por isso agora.

Inclina a cabeça para o lado e coloca a mão na cintura, provavelmente em cima da arma que ele tem no coldre. Vai se sentindo poderoso, queridinho...

— Te aconselho a tirar a mão dessa arma, porque ao contrário do que pude perceber de você, não preciso de uma para tirar a tua vida.

Sorrio e tão rápido quanto possível, envio meu primeiro golpe ao pobre segurança. Meu punho pousa com força em seu rosto e meu joelho vai diretamente para o meio de suas pernas, esmagando as bolas do ser.

Não disse que não jogo baixo.

Ele se enverga, com a cara toda transformada em dor.

— Não sou nenhum homem piedoso, mas te darei uma segunda chance para fazer melhor o teu trabalho. O que irá acontecer nessa casa hoje é resultado da falta de profissionalismo tua e da tua equipe.

Para finalizar seu tormento, levo minha canela até seu rosto, com força necessária para ele cair desacordado no chão.

Reviro os olhos e me viro, olhando o maldito portão levantado por completo. Esse caralho tem alguma noção do bairro que mora? Me poupe!

Olho para um lado e depois para o outro, confirmando que por aqui não tem ninguém... por enquanto.

A julgar o horário, não vai demorar muito para que as pessoas saiam das suas casas para fazerem o que quer que precisem no início do dia. Decidido a não ter estresses a essa hora, me encaminho para dentro da residência do homem. Adentro observando bem a enorme garagem, com cinco carros na garagem.

Realmente, esse homem deve ser algum burro, otário ou confia demais nos seguranças que tem, viu, porque com uma segurança bosteada como essa, só sendo muito idiota para permanecer assim.

Reviro os olhos e caminho diretamente para a entrada da casa, encontrando a porta de entrada aberta. Paro, encarando a mesma.

Putá que o pariu, esse nojento apela para ser morto, viu.

Nunca conheci uma pessoa para ser tão tapada, como essa.

Coloco minha mão na maçaneta e empurro a porta aberta. Com dois passos, estou dentro da casa. Adentro mais e fecho a porta logo atrás de mim, a trancando e tirando a chave da mesma. Caminho lentamente pela enorme sala e vou direto até o corredor da casa do homem, encontrando um homem relativamente grande, vestido com paletó e roupa social. Um provável segurança?

— Quem é você e o que faz dentro de uma propriedade particular? – pergunta, colocando a mão na cintura, para pegar a arma que possui no coldre.

Suspiro e penso em um motivo para deixá-lo vivo.

Um incompetente, assim como o resto de sua equipe, deveria saber como levar a droga da segurança da casa.

— Acredito que seja segurança da casa? – pergunto, inclinando minha cabeça para o lado e para o outro.

— A menos que tenha sido convidado para estar aqui dentro, acho melhor sair – diz e eu sorrio alto.

— Ronaldo está aqui? – pergunto e ele saca a arma da sua cintura, a colocando para baixo.

Uma pistola com silenciador. O que diabos um segurança mequetrefe como esse, faz com a porra de um silenciador?

Sorrio, sacudindo a cabeça.

Vejo que Ronaldo usa seus cães de guarda para fazer algum serviço sujo... Posso sentir o cheiro da morte, entrando por meu nariz e queimando por dentro das minhas veias, até chegar em meus pulmões.

Dou um passo à frente e ele levanta a mão, me encarando com uma sobrancelha levantada.

Subo meu olhar para cima e quando volto a observar seu rosto, não dou tempo para que ele reaja. Coloco minha mão na sua e rapidamente a viro em sua direção a torcendo e escutando o belo som de seus ossos quebrando e seu grito alto, de pura dor. Seus joelhos sedem e eu sorrio, arregalando os olhos.

— Olhe bem para o rosto de quem tem a tua vida nas mãos – sopro em seu rosto, observando as lágrimas descerem por seu rosto. Sua outra mão vem em direção do meu rosto e eu desvio, fazendo com que a mesma bata contra meu ombro. — Jeová, lá vai mais um.

Pressiono meu aperto em sua mão quebrada, fazendo com que ele grite alto e pressione involuntariamente o gatilho da pistola. Um tiro surdo e o rosto banhado a sangue. O brilho dos olhos do mesmo se perdendo, assim como o foco.

Observo com um largo sorriso nos lábios, a vida se esvaindo dele. Triste, pobrezinho...

Reviro os olhos e deixo que o corpo caia contra o chão, com um baque. Tiro a arma da mão quebrada dele e a coloco em minha mão.

Continuo minha andança pela casa do homem e então, vou entrando na sala de jantar, onde uma mulher está sentada de costas para mim, com um menino ao seu lado. Me aproximo dos mesmos e passo por eles, me sentando na outra extremidade da enorme mesa.

— Que barulho foi aquele, Paulo? – pergunta, com seu olhar cravado em um caderno.

A mesa está posta com um café farto, o que me deixa salivante por alguns segundos.

Por não escutar minha resposta, a senhora levanta seu olhar em minha direção e arregala os olhos, quando a mesma não me reconhece.

Adoro ver o medo no olhar das pessoas, sabe? E é por esse motivo que levanto minha mão com a arma e a coloco em cima mesa, o cano apontado em sua direção.

— Vó? Ele tem uma arma?

Sorrio, sacudindo a cabeça lentamente.

— O que você quer? – pergunta, com os olhos marejados e a respiração acelerada.

Posso escutar a batida do seu coração de onde estou, o que faz com que eu sorria largamente.

— Onde está Ronaldo? – pergunto, passando o dedo indicador por cima da mesa.

— Por favor não faça nada, ele é inocente e...

Levanto minha mão, para calá-la.

— Se quiser continuar viva, cale a boca – digo, suspirando e me recostando na cadeira.

Espero por alguns minutos, alternando entre arregalar os olhos para a senhora e fazer bicos com a boca para o menino. Eu sei o quanto sou debochado, o que posso fazer? É uma qualidade inigualável minha.

Ouçoo passos se aproximando e continuo relaxado contra a cadeira, observando quem vai entrar por esse corredor.

— O que diabos... – Ronaldo para de falar, ao olhar para meu rosto e arregala os olhos automaticamente.

— Ronaldo, acho que vou ficar com essa casa para mim – digo, levantando a mão que possuo a arma e a girando por entre meus dedos. — Pode me dizer que horas são, por favor? Acho que perdi muito tempo aqui olhando para o rosto dela.

— O que voc..

— Horas – digo, aderindo uma expressão séria.

Ele levanta seu braço e puxa a manga de sua camisa social de mangas longas, revelando seu relógio que acredito ser de ouro.

— Faltam dez minutos para às oito – diz e eu suspiro.

Levanto meu braço com a arma em mãos e apontando a mesma para o teto, aperto o gatilho, descarregando-a no teto da cozinha do rico Ronaldo. Estalo minha língua, balançando minha cabeça, vendo-o com o rosto pálido a observar minha cena.

Quando não me resta mais nada na pistola, baixo meu braço e observo o rosto assustado dos três. Encaro o rosto do menino trêmulo e com lágrimas nos olhos.

Faço um biquinho e baixo a cabeça.

— Está com medinho?

O garoto acena, com mais lágrimas descendo por seus olhos e eu sorrio.

— O culpado disso aqui é Roberto, sabe porquê?

— Luciano, por favor...

— Minha próxima visita não terá apenas um segurança morto e outro ferido – digo, levantando-me.

Passo pela enorme mesa e quando estou perto o suficiente dele, o encaro com o rosto sério.

— Eu sei o que anda aprontando, Ronaldo, mas da próxima vez contrate uma equipe de segurança mais eficaz. Conselho de quem quer ter uma adrenalina, quando for invadir essa casa, que será minha e eu gosto de conquistar as coisas que serão minhas com esforço.

Jogo um beijinho para ele, vendo-o entreabrir os lábios e saio dali, da mesma forma que entrei.

Agora, tenho que ir ao meu atual compromisso diário. Amo essa minha vida!

Capítulo 3

Adentro a enorme residência de Felício e me encaminho diretamente para o seu escritório, não me importando em ter que parar no meio do caminho para cumprimentar seja lá quem for, que teve o desprazer de passar por mim e tentar dirigir uma palavra.

Pobre alma que não sabe do que sou capaz.

Ao atravessar a enorme sala, não deixo de notar que em cada lugar da mesma, existe uma câmera, o que me deixa completamente desconfortável. Câmeras, podem parecer um mecanismo de segurança para alguns, mas esse mecanismo pode se reverter, sem precisar de muito estímulo. Não preciso delas e é por esse motivo, que a metade irá sair daqui, assim que eu começar meu trabalho.

Assim que paro em frente a porta do escritório, giro a maçaneta e entro, encontrando Felício em uma posição nada agradável, com uma mulher, que acredito ser sua secretária, ajoelhada aos seus pés.

Vejo que o homem gosta de devorar as mocinhas com quem trabalha...

— Atrapalho? – pergunto, entrando no escritório e me dirijo até a cadeira da mesa e me sento, com meu olhar colado nos dois.

Felício com os olhos arregalados e sua empregada, com o rosto vermelho, o que me faz sorrir um pouco.

Cada uma que eu topo nessa minha vida, viu!

— De forma alguma, ela está só...

— Te chupando, eu vi – suspiro e reviro os olhos. — Estou começando meu trabalho aqui hoje.

Ele balança a cabeça, se levantando e fechando o zíper da sua calça. A mulher também se levanta e caminha rapidamente para fora do escritório.

Patéticos.

— Para meu início, algumas coisas irão mudar nessa casa. Começando por teu pessoal e pelo teu esquema de segurança, mas não pense que é por tua causa. Sou um homem bastante odiado por várias pessoas e não posso estar correndo risco, por coisas tolas – digo e me inclino, sustentando meu tronco, com meus cotovelos em cima de minhas coxas. — Devia ter pensado nisso, antes de ter me designado para tomar conta da tua filha.

Vejo que por um momento, um fio de arrependimento passa por suas feições, mas ele trata de

disfarçar isso imediatamente.

— Me sinto mais seguro com você por perto. Sei do que é capaz...

Não espero que ele termine de falar e já estou quebrando em gargalhadas altas.

Pobre mortal, se acredita que por um dia, saberia do que realmente sou capaz.

Sacudo a cabeça, com o sorriso debochado ainda em meus lábios.

— Você não seria capaz de entender o que sou capaz de fazer – digo, rindo.

Ele me encara com o rosto pálido e eu sacudo a cabeça.

— Mas vamos direto ao que me interessa, porque odeio enrolações – inclino minha cabeça para um lado e continuo a encará-lo. — Quem está te perseguindo, para requisitar meus serviços?

Ele suspira e senta em sua cadeira.

— Júnior Perverso.

Não acredito no que escuto. Sem controlar minha vontade de rir, acabo por quebrar em risadas em sua frente.

Porra, olha só quem ele foi irritar!

— Você está muito fodido – digo, quando recupero um pouco da minha seriedade. — O que você fez?

— Dei início a compra de dois edifícios, ocupados por mortos de fome.

— Realmente, você comprou seu atestado de óbito – digo, rindo.

— Pode ser, mas você está aqui para garantir que esse atestado seja rasgado.

Rio mais alto, colocando a mão na barriga.

Esse cara é muito engraçado, porra!

— Do que está rindo? – pergunta, me olhando com uma carranca.

— Você é muito inocente mesmo! No momento que eu quiser, te mato. Você estaria mais seguro com ele na tua frente do que comigo.

— Se você me matar, não será capaz de ter a influência no meu mundo como assim deseja.

Sorrio ainda mais agora, que ele pensa conseguir manter uma ameaça em cima de mim. Esse homem realmente não me conhece, para estar se dirigindo a mim dessa forma. No fundo do meu ser, chego até a sentir pena dele, mas é lá no fundinho mesmo.

— Acho tão afrontoso da tua parte, que tenha a coragem de falar assim comigo. Não sei se fico feliz,

por ter alguém pedindo para morrer ou se eu fico com pena, com as imagens e possíveis formas de assassinatos que estão passando por minha cabeça – digo, observando o terror que cobre seus olhos.

Nossa, ele realmente sente medo de mim agora?

Jogo minha cabeça para trás com o riso alto rompendo minha garganta, ao ver sua expressão aterrorizada. Adoro isso!

Desvio rapidamente minha atenção para a porta, quando a mesma é aberta por uma mulher, que adentra rapidamente o escritório, como se aquele local fosse único e inteiramente dela. Observo cada linha do seu corpo, o que me deixa mais que feliz. As curvas que ela exhibe com tanta graça, os cabelos longos ruivos, que balançam com cada movimento de sua caminhada, o rosto sério, os lábios carnudos, o busto avantajado, a bunda cheia de carne, os olhos grandes... e, porra, como ela agradou o inferno fora de mim.

Amo ter uma bocetinha a minha disposição, porque prazer é algo que me agrada como se nada mais tivesse sentido na vida. Amo proporcionar prazer, amor sentir prazer... Isso é algo que eu realmente adoro manter.

Um motivo para manter esse velho, à minha frente, vivo? Até agora nada...

— Pai, me diga por favor, o que diabos é que aquele demônio quer mexendo nas minhas coisas! Já disse diversas vezes para que ninguém tocasse no meu escritório – rosna, com as duas mãos descansando em sua cintura. Seu foco voltado inteiramente para o velho que estava me ameaçando a poucos segundos.

Pai...

Sorrio, interiormente.

Quer dizer, que essa gostosa furiosa é a filha dele? Interessante.

— Eve estou em reunião agora, por favor – diz, passando uma mão em sua testa que parece ter acumulado suor.

— Não se incomode com a minha presença aqui, meu caro – digo, me recostando confortavelmente contra o acento da cadeira e encarando a furiosa mulher, que não se vira para me olhar.

— O senhor sabe bem, pai, que eu não me importo muito com essas reuniões. O que quero saber é se aquele demônio não vai desocupar aquela maldição logo! – rosna e o velho se encolhe na cadeira, desfrouxando a gravata no pescoço, o que me faz sorrir baixinho.

Não creio que esse demente estava me ameaçando, quando não consegue colocar um freio na própria filha. Mereço mesmo, uma coisa dessas, viu!

— Eve, não trate minha esposa dessa forma, por favor. Respeite-a, para que tenhamos uma boa convivência – diz, tomando uma postura em sua cadeira.

— Estou me importando muito pouco com tudo isso, meu querido pai. Só quero que ela desocupe logo aquele escritório. Tenho muito o que fazer ainda hoje! O senhor sabia que tenho planos e mais

planos para executar, para que a sua empresa siga em frente? – pergunta, arqueando a sobrancelha e eu não posso aguentar mais tempo só de observador.

— É ela quem irei proteger? – pergunto, a olhando de cima a baixo. O velho limpa a garganta e me encara, agora com uma expressão mortal.

Nossa, que as emoções aqui são muito inconstantes. Que bom, pelo menos, aqui não ficarei entediado.

— Sim e é somente isso que irá fazer, que fique bem claro desde já, ou irei sujar o teu nome na sociedade que tanto quer se inserir – diz, me fazendo gargalhar alto.

Gargalho tanto que minha barriga chega a doer.

— Ele tem problemas? – escuto ela perguntar e rapidamente, os sons de risos sessam de minha boca e a seriedade toma conta de meu rosto. Levanto da cadeira e com as duas mãos, apoio meu corpo em cima da mesa.

— Sabe, Felício, não sou de ameaças... mentira, as vezes até curto bastante ameaçar algumas bundas por aí, mas geralmente costumo muito dar avisos e funciona assim. Dependendo da situação, dou dois avisos e se persistir no erro, elimino, mas temos outras situações, que dou apenas um. Nesse, disponibilizarei dois avisos a você e como estou de muito bom humor nessa manhã, você tem a opção de escolher alguém para morrer no teu lugar – ao terminar minha explicação, me viro e saio da sala, voltando todo o caminho que fiz. Indo diretamente para a entrada da casa, avisto dois seguranças.

— Felício está os chamando no escritório dele – ambos se entreolham, com medo escrito em seus olhos.

Sei bem o que estão imaginando.

“Por que Luciano veio até aqui nos chamar?”

Eles saem dali e se encaminham até o escritório do chefe deles. Os sigo, alguns passos logo atrás deles, observando o porte de cada um.

Médios, bem médios. Um ataque surpresa e estariam mortos. Um bom segurança, não mantém sua guarda baixa, enquanto está em serviço. Você precisa ser muito bom no que faz para deixá-la cair... com a morte logo atrás de você.

— Sim, senhor? – pergunta um deles, ao entrar no local, me fazendo sorrir.

— Você tem uma escolha, Felício. Faça, antes que eu faça por você – digo e eles se viram para olhar meu rosto.

Um sorriso brilha em meus lábios e eles arregalam os olhos, se virando para frente.

Reviro os olhos, ao perceber o quanto os dois são idiotas. Uma ameaça como essa e eles ainda se viram para frente.

Quando percebo que Felício vai abrir a boca para falar algo, retiro a arma do coldre de um deles e

sem dar tempo para um próximo movimento, destravo a arma e aperto o gatinho duas vezes, só intercalando para desviar a arma de um para o outro.

O barulho dos tiros se vai e logo, ambos estão no chão. Observo o sangue inundar o tapete, que imagino ser importado, à medida que os minutos estão se passando.

Lentamente, levanto minha cabeça para encarar os dois, com pavor estampado em seus rostos, o que me faz sorrir largamente novamente.

— Que os dois sejam bem recebidos seja lá onde estão desembarcando – digo, encarando Felício, com atenção. — Você teve a chance de escolher um deles para morrer. Você não terá essa chance no próximo aviso. Pensei que me conhecesse, Felício. Solicitar os serviços de alguém como eu, é muita coragem, mais coragem ainda é me ameaçar. Admiro a sua burrice, viu. Só não me peça para aceitar, porque isso não vai acontecer.

Sorrio, para ele e passo por cima dos homens, indo diretamente para a sua mesa. Deposito a arma em cima de sua mesa e o encaro. — Se está pensando em usar dessa arma para me ameaçar, pense melhor, porque tenho contatos em todo e qualquer lugar que você não é capaz de imaginar. E sinto uma satisfação enorme em eliminar minhas ameaças.

Viro minha cabeça em direção a mulher, que encara os corpos, com um misto de nojo e terror.

Gosto desse olhar.

— Vamos até seu escritório, docinho. Temos que iniciar uma conversa sobre como iremos lidar com tudo a partir de agora. Estou indo logo depois de você – digo, mantendo minha voz amarga e fria.

Ela se vira em seus calcanhares e sai da sala, tomando a frente, me proporcionando a visão de sua bunda redonda e rechuada.

O pensamento dessa delícia batendo contra o meu pau, faz com que uma coisa louca surja em minha cabeça... Isso vai ser muito interessante!

Capítulo 4

A bunda se remexe até que ela para em frente à uma mesa e rodeia, até que se senta contra uma cadeira acolchoada. Nesse momento, eu poderia gemer de tristeza, por perder essa visão maravilhosa.

Caminho até a cadeira que está posicionada em frente à mesa e me sento, tendo a visão da bela mulher a minha frente. Seus cabelos ruivos estão jogados em camadas em seus ombros, me mostrando o quanto são belos, seus lábios carnudos estão em uma linha fina, chamando os meus diretamente para os deles.

Sorrio, mordendo meu lábio inferior.

— Diga o que você quer conversar.

Sinto que está hesitante, com medo em sua voz.

— Sabe que serei o teu guarda a partir de agora, não é? – pergunto e ela franze as sobrancelhas.

— Não, eu não sabia disso.

— Agora está sabendo – sorrio. — Como tenho muitas coisas para cuidar ainda hoje além de vigiar você, saiba que da mesma forma que eu serei a tua sombra, você será o meu chiclete. Quer ficar viva? Não se separe de mim, por nenhum instante sequer, entendeu?

Minha atenção está voltada para seu rosto, enquanto ela analisa tudo que estou dizendo. Não demora muito e uma sobrancelha é arqueada e suas bochechas se contraem, quando seus lábios se alargam mostrando seus dentes brancos e ela começa a rir.

— Isso só pode ser alguma pegadinha de mal gosto, vinda do meu pai – diz, se levantando.

Pobre mulher, ainda não me conhece e pelo que posso perceber, não sabe como se portar diante a situações que ela não pode lidar. Consigo perceber o quanto ela está confusa, procurando por arrego, mas é uma pena que não estou disposto a dar-lhe nada nisso.

— A partir de agora, quando algo estiver incomodando-a se dirija a mim em primeiro lugar – digo, a encarando serenamente.

Ela ri novamente e sacode a cabeça.

— Era só o que me faltava! Meu pai inventa de provocar essas guerras e só sobra para mim! Palhaçada! – diz, enquanto seus pés marcham rapidamente até a porta de entrada da sala, abre a porta, sai e a fecha com um baque barulhento.

Mimada e descontrolada. Em que eu fui me meter?

De onde é que vou retirar paciência para não acabar matando-a? Essas pessoas precisam entender que não sou um homem que tem muita paciência! Suspirando profundamente, me levanto e caminho o mais devagar que se é possível atrás dela.

Reviro os olhos, ao vê-la adentrar novamente no escritório do pai dela.

— Pai, como diabos é que o senhor coloca esse psicopata para ser um segurança? E logo meu? O senhor me odeia? – pergunta, com as duas mãos repousando em sua cintura.

Me encosto no batente da porta e observo suas curvas novamente.

Caralho, essa mulher tem uma bunda deliciosa e coxas grossas, que me fazem imaginar o quão bom seria tê-la embaixo do meu corpo, totalmente nua, com suas pernas ao redor de minha cintura, enquanto a penetro o mais rápido que eu puder, para aos pouquinhos ir diminuindo, para senti-la em seu alto estado de prazer.

Horário inadequado para esses pensamentos?

Pode ser...

— Filha, ele é o único que pode nos manter a salvo e...

— Isso é verdade, gatinha – digo, cortando o que quer que ele iria falar. Adentro a sala, com meu olhar cravado no rosto dela. — Para onde eu for, você terá que ir comigo. Para onde você ir, terei que ir com você, incluindo banheiros públicos ou locais movimentados. Considerem o fato de que Júnior tem muitas influências e não importa o local, se ele quiser acabar com você, ele irá fazer isso, porém como sou inimigo decretado dele, desde os governos de nossos avós, ele não pode cruzar minha linha... caso ele fizer, guerra será decretada. Simples assim – sorrio, olhando seu lindo rosto adotar uma careta e logo, o vermelho toma conta do mesmo.

Eu posso ter exagerado um pouquinho, mas não me culpe. Foi mais forte que eu, o fato de que eu adoro ver o olhar assustado em seus rostinhos. Tenho vontade de rir e não reprimo.

Uma gargalhada alta rompe minha garganta, fazendo com que os dois me encarem como se eu fosse algum louco sem sentido.

Dou de ombros, não me importando.

— Eu vou matá-lo, antes que ele me enlouqueça! – rosna, balançando a cabeça. Sorrio e mordo o lábio, descendo mais uma vez, meu olhar por seu corpo e admirando cada pedacinho. Realmente, ela é uma coisinha bonita a se observar.

Vale a pena cada segundo que se dedique para tal feito.

— Muitos querem isso, gatinha, mas poucos sobrevivem para retornar a dizer isso... na verdade, ninguém sobreviveu. Considere-se sortuda por isso, nesse momento – pisco um olho para ela, que revira os olhos dela, fazendo com que eu sorria novamente.

Ok, isso pode ser interessante.

— Não me chame de gatinha. Não estou te dando tal intimidade – rosna, com o dedo em riste na minha direção.

Se ela soubesse o que acontece com quem se atreve a fazer essas coisas...

— Vamos fazer um combinado? – pergunto, observando-a com um meio sorriso.

— Não! Você é um fodido psicopata de merda! Não estou interessada em combinados com você e seus serviços acabam de ser cancelados! – fala, com o vermelho tomando conta de seu rosto.

Mordo meu lábio inferior, sentindo aquela excitação subir por minhas veias. Trago uma grande quantidade de ar fresco, sentindo o cheiro do medo... da raiva... do desafio... o cheiro que eu adoro dominar, provocar e acabar.

— Negócios feitos comigo, só acabam quando eu assim determinar, gatinha – digo, caminhando lentamente em sua direção, até que estou frente a frente com ela.

Posso sentir o calor do seu corpo, o ritmo de seus batimentos cardíacos. Ah, como gosto disso!

— Você está muito perto! Se afasta...

Levo meu dedo indicador até seus lábios e o repouso ali, para mantê-la caladinha, enquanto observo com bastante atenção seu rosto gravando cada traço.

— Gatinha, não sou o homem que você vá querer testar a paciência, o controle e o juízo, porque pode ter certeza, no momento em que eu explodir, você vai querer estar o mais longe possível – sussurro, com meus lábios perto dos seus, sentindo o momento em que ela prende uma respiração. — Se fosse da minha vontade, você e todos dessa casa, estariam mortos e eu não precisaria de uma arma para isso. Tenho o poder de tirar a tua vida ou a de qualquer um, na palma das minhas mãos.

Me afasto, desviando meu olhar para Felício, que nos encara com seus olhos arregalados. Faço o mesmo e... — Bu! – gargalho alto, jogando a cabeça para trás. — Posso ver que minha temporada por aqui, será muito interessante.

Meu momento é interrompido, com o som de *Avenged Sevenfold* tocando *Hail to the King*. É o som do toque do meu celular.

O pego do meu bolso, mas antes de atender, olho para os dois em minha frente, observando o quanto estão parecendo chocados.

— Som massa, né? – pisco um olho para os dois e atendo o celular, levando-o para o ouvido logo em seguida.

— Senhor? – reviro os olhos e não respondo. — Sabe aquele homem que o senhor fez uma visita mais cedo? Acabei de vê-lo entrar no território de Perverso Filho – aguardo na linha por mais alguma coisa, mas como não escuto mais nenhuma informação desligo o celular.

— Sabe o que eu mais odeio? – pergunto, me encaminhando até a cadeira e me sentando na mesma.

— Dou uma oportunidade para a pessoa se redimir, fazer a coisa certa, mas a pessoa não faz...

— Pensa que é Deus?

Meus movimentos são rápidos, quando a escuto terminar de falar. Me levanto e em questão de segundos, estou parado em sua frente. Passo meu dedo pela extensão do seu rosto, tendo seu rosto macio dando um sentido para minha mão.

Não sei o que me acontece, mas algo... eu não sei se são seus olhos enormes arregalados, sua respiração acelerada, sem controle ou sua boca entreaberta de pura surpresa, mas ela me puxou para a beirada do seu corpo. Eu não pude me controlar, eu não sei o que está acontecendo, eu quero tomar seus lábios nos meus, ter seu corpo na sincronia do meu.

Talvez seja o desejo falando, gritando, exigindo que eu a tome...

— Eu sou o Deus que estará habitando em sua vida, assim como ao seu redor por bastante tempo. Então, gatinha, se quiser continuar a respirar, não me desafie. Vou te mostrar que comigo, as coisas são oito ou oitenta. Ou é tudo, ou é nada. Ou é extremo, ou é suave. No meu vocabulário não existe meio termo – desvio meu olhar para o pai dela e sorrio. — Ou são meus protegidos, ou são meus inimigos. O que vai ser?

Ele me encara com poucos segundos, com vários tons de vermelho tomando conta de seu rosto.

— Estamos com você.

Capítulo 5

Meu pé colide contra a porta de entrada da casa de um dos nossos distribuidores, abrindo com um impacto barulhento. Coloco meu pé esquerdo para dentro e depois o direito, tendo o cuidado de olhar para um lado e para o outro, me certificando que não há nenhuma arma apontada para mim.

Suspirando, me viro e indico para a patricinha entrar ao meu lado.

Seus olhos estão arregalados, observando minha atitude, o que me faz revirar os olhos.

— Gatinha, me acompanhe e tome cuidado – digo, lhe dando um sorriso de lado.

Ela semicerra os olhos, com vários tons de vermelho tomando seu rosto.

— Você tem que me proteger, psicopata! – rosna, com seus olhos brilhando de pura raiva.

Sorrio, balançando a cabeça.

— É mesmo, não é? – pisco um olho e ela levanta o dedo do meio, o que resulta em uma alta gargalhada saindo do meu interior.

É certo que esse meu trabalhinho não vai ser nada tedioso...

Me viro e começo a adentrar o ambiente calmo e de aparência chata. Reviro os olhos, para quem deve ter decorado esse lugar. Essa pessoa deve ser presa e torturada por dias, por ter projetado um lugar assim!

Pelo amor das minhas armas!

Paredes brancas e rosas, com móveis brancos e rosa. Piso rosa, teto branco, lustre rosa, velas rosas e... Cacete, até a televisão é rosa?

Que merda é essa?

Desvio meu caminho e me encaminho para a televisão. Assim que estou em frente a ela, coloco minha mão na mesma e derrubo-a no chão, fazendo com que um alto barulho rodeie o lugar.

— Por que você fez isso? Está louco? – reviro os olhos, com sua voz sussurrada, mas logo, abro um sorriso digno de propaganda de creme dental... falando nelas, eu as odeio! Patéticas.

— Eu sou louco, gatinha, ainda não percebeu isso? – pergunto, sem olhar para ela. Continuo meu trajeto, até que um conjunto de pratos rosa, chama minha atenção.

— O que está acontecendo aqui? – uma voz grossa pergunta, de um lugar não tão longe de onde estou. Bom, ao que parece alguém percebeu que acabei de invadir sua casa.

A segurança desses lugares me dá uma agonia tremenda. Quem tem um pingo de intelecto, não vive em uma casa desse jeito. Qualquer pessoa desarma as travas de segurança e arromba essa bosta, sem nenhum problema, como eu acabei de fazer.

— Como é o nome dele? – pergunto, esperando que algum dos meus seguranças me diga.

Hoje tive que trazê-los comigo, porque por um momento pensei que nem todas as casas são como a de Ronaldo, mas vejo que me enganei profundamente. Isso chega a ser chato de tão tedioso!

É um absurdo que facilitem tanto as coisas. Detesto coisas fáceis demais, odeio consegui-las rápido demais...

— Jubileu – diz, fazendo com que eu desvie minha atenção rapidamente para seu rosto.

— Jubileu? – pergunto, não conseguindo acreditar no que escuto. Ele sacode a cabeça, confirmando e eu mordo meu lábio inferior, tentando não rir.

Ok, as pessoas são bastante idiotas.

— Quem está aí? – pergunta, mais uma vez e eu reviro os olhos.

— Se estiver armado, aconselho que a descarte, não vai querer ter problemas com Malaquias – digo, continuando meu caminho até o conjunto de pratos rosa.

O dono dessa casa merece a morte. Nada de piedade.

Porra brega da porra.

— Senhor? – ouço seu suspiro alto e suas pisadas fortes, ao descer a escada, o que me faz revirar os olhos novamente. — Mandei fazer a entrega hoje, tanto que essa hora seu pai já deve estar rece... Mas o que foi isso?

Dei viagem perdida, pelo que posso ver.

Ontem, quando eu estava de guarda na casa de Felício, recebi uma ligação de Malaquias, o senhor meu pai, dizendo que as entregas de drogas e armamentos, não tinham chegado até aquele momento e me ordenou que viesse atrás desse idiota, me certificar que ele faria a entrega chegar logo. Como não sou obrigado, muito menos um pau mandado de meu pai, resolvi que só viria pela manhã, quando o tédio estivesse tomando do meu corpo.

E cá estou.

Resolvi trazer a patricinha comigo, já que ela não teria nenhum compromisso essa hora.

Só o que me faltava mesmo, ter que adequar meu horário, ao de uma menina irritante e mimada.

Não me dou o trabalho de olhar para ele e pego todos os pratos de cor rosa da estante, porque já está irritando o inferno fora de mim, olhar para isso.

— Quem decorou essa casa? – pergunto, me aproximando da janela que tem ao lado do lugar que repousa as louças.

— Não sei, me apossei agora dela – bufo, me inclinando e jogando essas coisas malditas para fora da janela.

O barulho delas chocando contra o chão, traz um pouco de alegria para o meu peito.

Suspiro aliviado e logo, sinto um cutucão em meu braço, me fazendo olhar rapidamente para o meu lado, onde está a patricinha me encarando com pura descrença.

— Você é doente? – pergunta, me fazendo revirar os olhos novamente.

— Ainda não percebeu, gatinha? – dou-lhe um sorriso de lado e pisco um olho para ela.

Subo meu olhar para cima, somente para encontrar o olhar arregalado e chocado dos meus homens, em cima de nós.

— Ela não quer viver.

— Ela vai morrer tão cedo.

— Acho que estou com pena dela.

— Como será que ele vai matá-la?

Reviro os olhos e me viro para Jubileu, que não está muito diferente dos meus homens, encarando a mulher atrevida ao meu lado. Sinto vontade de sorrir, mas reprimo, não querendo prolongar essa estadia nesse lugar irritante, com cores irritantes e coisas idiotas.

— Pelo amor da minha sanidade coloque fogo nessa casa – digo, me virando e me aproximo da porta, que acabei de quebrar. — Ah, a segurança dessa casa é horrível.

— Estou por aqui de passagem, então não estou me importando muito – diz, dando de ombros.

— Você não está tão escondido assim, querido. Se estivesse, eu não teria te encontrado e não teria invadido a casa tão facilmente. Se eu quisesse, teria te matado, mas para servir de exemplo para as próximas vezes... – me viro e rapidamente, retiro a arma da cintura de um de meus homens, levando-a em direção à ao meu distribuidor mais constante. — Da próxima vez, escolha uma casa de melhor estrutura e segurança – sorrio, destravo a pistola, miro em sua perna esquerda e puxo o gatilho. — Até mais, querido.

Entrego a arma ao dono e saio da casa, com uma patricinha metida murmurando palavras desconexas, ao meu lado. Às vezes, eu acho que tenho a paciência de um santo.

Ao sair da residência, olho para os dois lados, para me certificar que não tenho nenhum espião por

aqui. Vendo que está tudo limpo, continuo minha caminhada até o carro, estacionado atrás do lugar, entre várias árvores.

— Você matou dois dos meus seguranças, na minha frente, ameaçou meu pai descaradamente e agora, destrói as coisas porque não te agradam, terminando atirando em um cara, porque ele não escolheu uma casa segura. É isso mesmo? Você deve ter algum distúrbio mental! Não consigo entender, o motivo pelo qual você me trouxe para cá – rosna, tropeçando em seus pés, para me acompanhar.

Prevejo muitas dores na minha cabeça e uma bala sendo cravada em muitos crânios, enquanto eu estiver nessa.

— Gatinha, mantenha sua boquinha fechada, para preservar minha paciência. Você não vai querer me ver sem ela – abro a porta do motorista e entro, escutando meus homens entrarem logo em seguida. Olho para o lado, vendo que ela espera de braços cruzados ao lado do carro.

Baixo o vidro do carro e a encaro.

— Abra a porta para mim.

Gargalho alto, ao escutar tal coisa.

— Tem algum problema nas mãos, gatinha? – pergunto, ainda rindo da piada.

— Ogro! – rosna, abrindo a porta do carro e adentrando o mesmo.

— Cuidado. Eu mordo se me provocar – mostro meus dentes para ela e arregalo os olhos.

— Vou cometer um assassinato!

Sorrio e volto minha atenção para frente, dando partida no carro.



É tarde, ela está trancada em seu quarto, fazendo não sei o que, enquanto estou curtindo a maciez do sofá da sua sala. Observo a câmera de segurança, logo em minha frente, rodeando uma adaga por meus dedos.

Câmeras, para uns, significa segurança, para mim, perigo.

Um feitiço que pode se virar contra o feiticeiro, a qualquer hora.

Digamos que alguém invada essa casa e queira acesso a cada parte dela... bum! Cá estão às câmeras de segurança, que logicamente tem um campo de controle, de onde tem acesso a todas elas. Esse alguém vai até o campo de controle e... Vualá! A casa está à disposição do inimigo.

Se você quer pensar em algo que vai te trazer segurança e conforto, pense tanto no lado negativo, quanto no positivo. Então, prefiro pensar no convencional.

Sem câmeras e... Mais armadilhas. Ou, câmeras menores, de difícil percepção.

— Eve? Filha? – escuto a voz de Felício e me sento no sofá, estirando minhas pernas em cima do mesmo.

— No quarto dela – digo, o encarando.

— Se minha mulher vê você com os pés em cima do sofá dela, vai fazer um escândalo fora do normal – diz, ao adentrar a sala.

— A mesma que estava chupando teu pau no teu escritório? – pergunto, arqueando uma sobrancelha.

Ele arregala os olhos e logo, seu rosto adquire um forte tom de vermelho escarlate, o que me faz sorrir debochadamente.

— Não comentemos sobre isso, filho – diz, suspirando e coçando a cabeça. Velho espertinho, traindo a esposa debaixo dos olhos da mesma.

Dou de ombros e volto a me deitar no sofá.

Ele caminha até o começo das escadas e coloca a mão aberta ao lado da boca.

— Eve, desce aqui, meu docinho.

Sorrio, sacudindo a cabeça, ao escutar o apelido que ele colocou nela. Eve, a megera ambulante mimada, um docinho...

A porta de entrada é aberta e antes que alguém tenha a oportunidade de colocar o pé dentro da mesma, me coloco em pé, pegando a primeira coisa ao meu alcance e lançando diretamente na fechadura da porta, onde pousa uma mão forte, que agora me vem o reconhecimento.

O segurança da casa.

Suspiro, quando seu grito alto se faz presente na sala.

— Homem, não sabe o que é avisar antes de entrar? – pergunto, o encarando com descrença. — Eu poderia ter te matado, antes que essa porta se abrisse por completo.

Seu rosto está transformado em pura dor e horror, enquanto me encara.

— Por que me atingiu? – sua voz sai com um misto de resmungo e rosnado, o que me faz sorrir e dar de ombros.

— Eu não sabia que era você. Poderia ser alguém querendo invadir a casa, ou poderia ser alguém querendo me matar, ou... poderia ser Perverso filho – dou de ombros e lhe dou um sorriso amarelo.

O homem recolhe sua mão, apertando-a contra seu peito.

— Você fez com que a casa estivesse rodeada de homens da tua confiança e ainda tem as câmeras! Como diabos alguém indesejado vai adentrar essa casa? Ainda mais com a fama que você tem?

Dou de ombros, mais uma vez.

— Nunca se sabe onde o inimigo está, querido. Ele pode estar em qualquer lugar – digo, o encarando com seriedade.

Suspirando, o homem desvia seu olhar para Felício, coisa que não gostei muito. Não é uma atitude que eu aconselharia que ele seguisse com regularidade.

— Senhor, Heitor quer entrar para falar com a senhorita Eve – diz, me fazendo arquear uma sobrancelha.

— Diga-o para entrar, Kaio – o homem acena, se vira e sai, sem voltar seu olhar para mim.

Escuto o barulho de saltos batendo rapidamente contra a escada e logo, Eve aparece em meu campo de visão, ostentando um sorriso largo nos lábios. Está trajando um vestido cor nude, que contrasta perfeitamente com sua pele branquinha, sapatos pretos e cabelos soltos ao vento.

Ao pular alguns degraus, se lança sobre o peito do velho homem, que vacila alguns passos para trás, até se estabilizar com ela em seus braços, com um aperto forte.

— Diga, paizinho! – diz, cantarolando em seu ouvido.

Olho com atenção esse gesto de... carinho?

Observo com atenção, a forma em que o velho Felício a agarra com força e logo, um sorriso brota em seus lábios, revelando o quanto gosta do que a filha está fazendo-lhe.

Isso me deixa um pouco intrigado e curioso.

Gestos como esse não foram dados à mim, tanto que não acreditava ser existente. Na minha cabeça, isso sempre foi fingimento para mostrar aos outros, que tem uma família instabilizada.

Desde que me entendo por gente, tive várias mãos passando por mim, inclusive a de minha genitora. Ela “cuidou” de mim, até que eu tinha idade suficiente para fazer isso sozinho, mas nenhuma palavra de amor ou de carinho, foi repassado à mim.

Nem por ela, nem por meu pai, nem por meu tio, nem por ninguém.

Ver essa cena em minha frente faz com que algo semelhante à dor, surja em meu peito.

Um aperto, quase insuportável, junto com algum bolo em minha garganta, fazendo impossível que algo desça por minha garganta.

Acho que quero vomitar...

Capítulo 6

Quando penso que nada mais pode me acontecer, um homem adentra pela porta, segurando um buquê de flores e uma caixa, que acredito conter chocolates. O homem está vestido como aqueles “coxinhas” de escritórios. Sabe aqueles playboys metidos? Então, é como esse está vestido.

Resolvo me sentar, para observar o que vai acontecer aqui.

Ao perceber que a porta foi aberta, Felício sorri, tirando seus braços de perto de sua filha e afasta-a do seu corpo. O rosto dela se fecha, observando o pai, que aponta com a cabeça para seu lado, onde o *coxinha* está segurando o buquê de flores.

Ela olha para o lado, vendo-o e em sua face uma careta se instala.

— O que faz aqui, Heitor? – pergunta, o encarando com raiva.

— Estou indo para meu escritório – diz e se afasta, caminhando em direção ao seu escritório. Para em frente o mesmo e me encara. — Queira vir comigo, Luciano?

— Não – digo, o encarando com o rosto sério.

Ele acena e adentra em seu escritório, sabendo que não pode discutir comigo.

Volto minha atenção para o casal em minha frente e continuo observando a troca de olhares que um lança para o outro, mas tem algo errado. Não vejo o mesmo sentimento nos olhos dos dois.

No dele, vejo admiração, paixão e desejo.

No dela, vejo repulsa, ódio e nojo.

Sentimentos diferentes, conflitantes e incompatíveis.

Apesar de não ter sido criado da forma que deveria, da forma que vi meus conhecidos sendo criados, eu sei quando alguém está gostando de outro. Eu sei quando existe paixão, eu sei quando o amor está ali.

Eu sei o que é amor, mesmo não tendo sido criado no meio dele.

Eu sei o que é paixão, mesmo nunca tendo sentido isso por alguém.

Eu sei, porque eu vi.

Eu sei, porque de certa forma senti... senti pelos olhos de outras pessoas.

É foda de se dizer e até admitir, mas isso não me traz tristeza agora.

Me trouxe muita, quando descobri a realidade que eu estava cercado e naquele momento, ninguém pôde segurar a besta que existe dentro de mim...

— Heitor, eu já disse para você que não estou mais interessada – diz Eve, revirando os olhos, olhando para o cara, que se vira em minha direção, arqueando uma sobrancelha.

Rio, sacudindo a cabeça.

— Está mesmo pensando que vou sair daqui? – pergunto, gargalhando, até que estou deitado no sofá novamente. — Pobre coitado.

— Heitor, vai logo embora – diz Eve, suspirando e revirando os olhos novamente.

O coitado, volta sua atenção para ela e com um olhar de cachorro abandonado, estende o buquê de flores em direção a ela, que faz uma careta horrenda de puro desgosto.

— Odeio flores, querido – diz, me fazendo rir mais alto.

— Eu te amo, Eve! – ele diz, se ajoelhando aos pés dela, que dá dois passos para trás.

— Engula seu amor, estou em outra... – levanta a mão em direção os seus olhos e verifica a qualidade de suas unhas. O homem arregala os olhos, se levantando rapidamente e deixando o buquê de flores cair ao chão.

— Em outra? Como? – grita, com seu dedo em riste, me fazendo levantar e rapidamente me aproximar deles.

— Playboy, se você levantar a voz novamente, vai desejar não ter acordado essa manhã, porque vou me certificar de que você não vá falar uma outra vez – deixo minha voz branda, não a deixando perder seu efeito carregado a frieza, que ele parece compreender visivelmente.

— Quem você pensa...

— Que gritaria é essa? – escuto a voz de Felício, mas minha atenção está toda no playboy ao meu lado.

— Vou te dar apenas uma chance – digo, me aproximando mais do corpo dele. — Saia dessa casa e não volte a se aproximar dela, caso contrário minha mão estará enfiada no fundo da tua garganta e quando você for perceber, já estará agonizando aos meus pés.

— Aconselho-te a seguir o que ele está dizendo. Eu não posso pará-lo. – Felício diz, com sua voz calma ao meu lado.

— Você sabe quem eu sou?

— Estou pouco me fodendo para o bosta que você é, se não sair daqui em três segundos, vai desejar morrer e eu não vou te matar, vou te torturar até que não reste um pinga de lágrima no teu sistema. Estou

precisando mesmo de uma agitação, o tédio aqui está grande...

— Vai, Heitor! – Felício grita, se adiantando a minha frente e empurrando o cara, que ainda me encara com o rosto sem um pinga de sangue. Ele sai da sala, fechando a porta com um estrondo, me fazendo considerar ensiná-lo algumas lições de vida.

— Você não precisava falar assim! Eu tinha a situação sob controle – Eve diz, colocando as mãos na cintura e me desafiando com o olhar.

Reviro os olhos, com sua idiotice e volto para o sofá, onde deito e pego meu celular, vendo se ainda tenho mensagens. Nem chego a me assustar, quando conecto com a internet da casa e várias mensagens começam a chegar ao mesmo tempo.

Mulheres, mulheres, mulheres, mulheres, distribuidores, soldados, empresários, filiados, sócios, mais mulheres e... meu pai.

Está perguntando o que estou fazendo, que ainda não mandei mensagem para ele.

Reviro os olhos.

Acho que ele tem uma ilusão na cabeça dele, onde eu sou um dos escravos dele, que precisam estar à disposição sempre que ele quiser. E de fato, fui gerado para isso, mas não é bem o que está se passando aqui. Malaquias teve seu planejamento bem feito, se não fosse por algumas peças soltas...

— *Luciano, o que está fazendo aqui?* – Nicolas perguntou pela milionésima vez, enquanto me rodeava, encarando meu rosto, o que só me fez revirar os olhos, com o tédio e a irritação crescendo em meu corpo.

Não aguentava mais aquele lugar. Só em lembrar, um arrepio corre solto por minha espinha.

Muito branco, muita loucura, muitos remédios, muito delírio, ah! Meu maior desejo era explodir aquela maldição de lugar, caralho!

— Vai se foder, louco da porra – eu disse, me levantando, mas sua mão pousou em meu ombro, me forçando sentado na grama, malditamente baixa e perfeita.

Tudo era limpo, tudo era branco, verde, limpo e irritante!

Desgraça de lugar. Ódio estava subindo por meu corpo, enquanto escutava a respiração dele situar-se em meu ouvido.

— *A raiva e o ódio. Precisamos trabalhar com os dois. Eles podem ser teus aliados, como também podem ser teus inimigos. Saiba manipulá-los* – subia sua mão do meu ombro, por meu pescoço, até que se entranhava em meio ao meu cabelo, fechando ali e levantando-me. — *Eu conheço teu pai* – sussurrou, me fazendo arregalar os olhos. Eu, na minha inocência, não acreditava ser possível. — *Eu odeio o teu pai* – puxou meu cabelo com mais força, me fazendo gemer de dor. — *Ele me colocou aqui, com um plano bem preparado. Eu tenho que te treinar, te fazer uma arma que possa matar mais de mil pessoas, sem precisar usar uma arma e é o que vou fazer* – rosnou, aumentando seu aperto em meu cabelo. — *Só que, eu sou diferente do teu pai. Eu vou te dar uma escolha. Se você quiser continuar, ao fim do teu*

aprendizado, te direi a finalidade de nós estarmos aqui, assim como o motivo pelo qual você foi gerado. Se não quiser, podemos falsificar a tua morte e você pode ser feliz em outro lugar, reconstruir a tua vida ao redor de pessoas que vão cuidar e amar você. E então, o que você decide?

Minha respiração estava acelerada e meu coração estava em modo mais acelerado em meu peito.

Depois de tudo que já passei nessa vida, desistir agora? Em busca de uma coisa que eu sei que não existe? Amor? Pensei, sorrindo amargamente, com minha decisão sendo tomada.

— Sim, eu quero.

Os próximos dias, as próximas semanas e os próximos meses, não foram nada agradáveis, disso posso garantir.

Saio de meus devaneios, com a porta se abrindo novamente, só que de uma vez e o mesmo segurança adentra a sala, observando de olhos arregalados ao redor, o que me faz rir alto.

— Ainda não estou armado – digo, achando graça da sua cara de alívio.

— Senhor Astrogildo está aqui esperando por senhorita Eve – diz, me fazendo arquear as sobancelhas.

— Quem é esse? – pergunto, o encarando com confusão banhando meu rosto.

— Um dos caras que ela namora – dá de ombros, fazendo com que uma careta enfeite meu rosto.

— Estou bem aqui, Kaio. Você pode perguntar à mim, primeiramente – rosna, estreitando os olhos. Me sento no sofá e repouso meus cotovelos em cima de meus joelhos.

— Na verdade, dei ordens para meus homens instruírem os outros seguranças da casa a se dirigirem à mim, primeiramente, gatinha – digo, sorrindo gentilmente.

Ela bufa, revirando os olhos e levanta o dedo do meio em minha direção, o que me faz duvidar se realmente é uma adulta.

— Mande-o entrar, Kaio. – Felício diz, passando a mão pelas costas da filha.

O homem acena e sai, pela porta.

Um dos caras que ela namora...

Não sei se fico chocado, com a intensidade que esse mundo está evoluído. Um dos caras que ela namora...

A porta se abre e outro playboy adentra a sala, com um buquê de flores nas mãos. Dessa vez, ela abre um largo sorriso e corre para abraçá-lo, enlaçando seu pescoço com seus braços e aperta-o fortemente. Foi mínimo? Foi. Mas causou um reboição dentro do meu organismo, junto com um aperto no meu peito e a garganta fechando mais uma vez, acumulando uma vontade que só tive, quando estava sob altas formas de tortura.

— *Eu tive várias paixões, mas amar mesmo, só amei uma mulher. Essa mulher, teu pai matou com as duas mãos em volta do pescoço, sufocando todo seu ar e levando junto com sua vida, o que restava de sentimento que tinha em meu peito. Você vai sentir o amor bater na portinha do teu coração, Luciano, ele vai girar o teu juízo, tirar o teu chão, junto com a tua sanidade, ao mesmo tempo que vai te dar vida, vai florescer o teu coração. Quando você estiver louco apaixonado, meu caro, você vai estranhar, você pode até negar, mas em algum momento, ele vai te ricochetar como aquele chicote que estalei várias vezes em teu corpo na noite retrasada e na passada, mas a diferença é que não vai doer... quer dizer, dói e dói muito, quando você o perde. E viver sem ele é mais torturante e doloroso, que passar horas com sal grosso e álcool em cima dos teus ferimentos abertos.*

As palavras de Nicolas voltam a minha mente, fazendo com que uma parte de mim não queira acreditar que algo esteja se formando em meu peito. Porra, eu só conheci essa maldita ontem! Como diabos poderia estar apaixonado por ela?

Não, não, não!

É paranoia da minha cabeça!

Então, por que estou com vontade de matar esse filho de uma puta, por estar colocando a mão na nuca dela e levando a língua para dentro de sua garganta?

Por que ver ele apertando sua cintura com tanto afinco, está tornando o ar mais pesado e difícil de tragar?

Maldito Nicolas!

Por que, porra?

POR QUE?

Capítulo 7

Estou tentando me controlar ao máximo, para não levantar desse sofá e esganar esse filho da puta!

Isso não deveria estar acontecendo comigo, não deveria!

— *Sabe, Luciano, eu perdi a fé, quando vi o sorriso naquele rosto nojento do homem que é teu pai, no momento em que ele jogou o corpo da mulher que eu amava no chão, como se fosse um saco de batatas e disse que ela era a minha fraqueza. Ele é amargo, Luciano. Ele é pobre de espírito e miserável no amor. Eu não desejo nem a ti, nem a ninguém que tome aquele monstro como exemplo –* ele disse cada palavra, com seu maxilar travado e respiração sôfrega, para em questão de segundos, sua face mudar, com seus olhos aderindo um brilho, que eu nunca tinha visto e que só era dedicado aqueles momentos, em que ele falava dela. — *Ela era tudo para mim, meu amigo. Eu não sabia acordar, sem dar um beijo de bom dia em seus lábios macios. Ela era o motivo pelo qual eu acordava todas as manhãs e saía por aí, matando todos por onde quer que eu passasse, a mando de Malaquias.*

As palavras dele não saem da minha cabeça, enquanto vejo essa cena em minha frente.

Eve sorri, largamente para o playboy, se afastando para pegar suas flores. Leva-as para seu nariz e aspira seus cheiros, para logo em seguida, pular nos braços dele e beijar seus lábios novamente.

— *Quando a mulher certa abrir as portas do teu coração e entrar, fazendo dali a sua morada, você não vai querer nenhuma outra por perto. Você só vai desejar tê-la em teus braços, com seus beijos correndo por seu corpo. Deve estar pensando no sexo, não é? Maravilhoso! Nada comparado às mulheres que você pega por aí. Com o amor da sua vida, tudo é diferente. O café que você toma, a cama que você dorme, o banho que você toma...*

Minha cabeça está girando completamente, com o que estou sentindo em meu peito.

Eu não sei descrever, mas eu quero viver e experimentar tudo que ele me disse.

Só não sei se as teorias dele são válidas. Se isso tudo for mesmo verdade, então você deve precisar de um tempo, não é?

— *O amor, meu caro, ele pode demorar dias, semanas e até mesmo anos para se colocar em teu peito. Já vi casos, de minutos e até horas...*

Nicolas, sai da minha cabeça. Sai, porra!

— *Você não pode fugir do amor, Luciano...*

Rosno, me levantando desse maldito sofá e me encaminho até a cena que está fazendo meu tempo

bastante difícil. Com o maxilar travado, a respiração acelerada e o controle na porra do inferno, me aproximo dos dois.

Com toda a força que existe em meu ser, separo-o dela, o jogando com tanta força, que seu corpo causa impacto ao cair no chão.

As malditas flores caem contra o chão e...

— *O sorriso, as molecagens, as reclamações, a tpm, o mau humor... tudo isso, aos teus olhos, se tornará tão encantador, que haverá momentos em que você irá provocá-la apenas para vê-la assim...*

— Mas o que você está fazendo? – escuto a voz irritada de Eve e as palavras de Nicolas se tornam mais intensas em minha cabeça.

— *O instinto assassino só vai crescer mais e mais em teu sistema, quando ver algum homem perto dela... ah, se quando isso acontecer, você estiver em dúvida, pode ter a certeza que o amor está brotando em teu peito.*

Matar, matar, matar, matar e... matar!

— Você está morto! – rosno, apontando para o seu rosto. O tal Astrogildo se levanta, me olhando com os olhos arregalados e logo, em seu rosto, algo toma reconhecimento.

— Luciano.... Malaquias? – pergunta, com sua voz em um sussurro baixinho, me encarando como se eu fosse algum bicho que se deve temer. Acho bom mesmo que ele tenha essa impressão, porque não terá Deus no céu e gigante na terra, que me fará parar, quando eu o tiver nas minhas mãos.

— Vou te deixar escolher – digo, colocando uma de minhas mãos, dentro de meu bolso, à procura da minha caixa com cigarros. Assim que a encontro, retiro-a de dentro do mesmo e pego um cigarro dela, levando-o em direção à minha boca. Coloco a outra mão, dentro do meu outro bolso e retiro meu isqueiro, levando-o até minha boca, onde ascendo meu cigarro, nunca desviando meu olhar do homem que está suando frio em minha frente.

— O que você está fazendo? – Eve rosna, batendo em meu braço com seu dedo indicador.

Desvio minha atenção para ela e com o rosto banhado a seriedade, encaro-a.

— Não está vendo, gatinha? – pergunto, retirando meu cigarro da boca e soprando a fumaça para o rosto do playboy.

— O que eu fiz e...

— Como eu estava dizendo, vou te deixar escolher – digo, colocando meu cigarro novamente em minha boca, para tragar a fumaça e fazer o mesmo processo anterior. — Quer morrer aqui, ou quer fazer isso mais interessante para mim e ter dez horas de vantagem para sumir, fazendo com que eu te procure por cada cantinho dessa cidade, desse estado ou até desse país? Te aconselho a segunda opção, talvez, se eu tiver muito atarefado ou com preguiça, te dou até mais tempo.

Os olhos dele estão arregalados e antes que eu possa ter outro pensamento, ele se vira e abre a porta,

saindo em disparada para fora da residência, o que me rende uma gargalhada alta.

Foi tão fácil...

— Eu não acredito! Você acabou de espantar o pretendente que mais tive o trabalho de conquistar, maníaco! – rosna, com o rosto tomado por um tom vermelho, que me fez imaginar tê-la com esse tom mais vezes, só que nua e se movimentando em cima do meu pau, enquanto tenho seus seios no poder de minha boca.

Imagem maravilhosa, para meu pau necessitado de atenção.

— Filha, pelo amor de Deus, não fale assim...

— Pai, trate de tirar esse homem dessa casa! Não acredito que ele...

Interrompo-a, levantando minha mão para cima, pedindo que faça silêncio. Tiro meu cigarro da boca e jogo-o no chão, pisando no mesmo, para apagar seu fogo.

— Iremos deixar claro algumas coisinhas, gatinha...

— Não me chame de gatinha! – rosna, estreitando os olhos.

— Não me interrompa, gatinha. Não sabe que é falta de educação? – pergunto, sacudindo a cabeça. — Trate de colocar fim nessas suas conquistas, não quero lidar com homens infiltrados aqui dentro, tendo acesso a tudo que eu for fazer para barrar a entrada dos inimigos de Felício. Essa casa pode virar um cemitério em menos de um segundo.

Sorrio, ao vê-la rosnando e seu rosto aderindo um tom mais rosa que o normal.

— Ainda não entendeu, não é? – estalo a língua, sacudindo a cabeça e ela trava sua mandíbula. — Não existem amigos, aliados, parentes ou conhecidos, quando muito dinheiro está envolvido e pelo que fiquei sabendo em minhas andanças, Felício não está sendo perseguido apenas por Perverso Filho. Temos mais de cinco homens de fortes influências, querendo a cabeça desse velho burro aqui – digo, batendo no ombro dele, com uma mão e o encarando com muita atenção. — Esqueceu de me contar isso, Felício?

— Eu... eles não querem minha cabeça... é só que...

— Quantos? – pergunto, arqueando uma sobrancelha.

Sua mão vai para sua testa e ele a esfrega ali, buscando controle para lidar com essa situação...

— São seis, na verdade, e estou negociando compras de imóveis...

— E para que eles tenham esses imóveis, irão acabar te eliminando ou te ameaçando com a vida da tua mulher ou filha, para que consigam os mesmos. Para que isso não aconteça, estou aqui, porque minha presença nessa casa, vale mais que um exército do maldito país, por conta da minha fama. Estou errado?

— Não. Eles não vão poder invadir minha casa ou qualquer lugar que você esteja, porque sabemos

que todos temem você.

Ok, isso vai ser muito interessante...

Sobre a gatinha assustada em minha frente, ela não perde por esperar...

Capítulo 8

Luciano, uma mulher não deve ser tratada como um objeto. Aqui vai minha primeira lição para você, quando tiver a mulher que você se apaixonar em seu alcance: Trate-a com carinho, mas sem deixar perder a pegada animal que existe dentro de você.

Sorrio, quando Nicolas volta à minha cabeça, com seus conselhos e modo de sobrevivência.

Eve está em minha frente com seus olhos concentrados em um livro, ela está lendo-o com bastante atenção e só desvia a mesma, para tomar um gole do seu café. O nome do livro é Sadistic - Prisão do Amor. Na capa, um homem está sem camisa e sorrindo, o que me faz suspirar, considerando que definitivamente, ela é uma romântica.

É noite e estou dentro do seu quarto, deitado em sua cama, observando-a e admirando-a com afinco. De algo não se tem como negar, ela é linda e meticulosa.

Ainda não notou minha presença em seu lugar, o que acabei usando ao meu favor.

A lembrança dos braços dela em volta do playboy ainda não saiu da minha mente, causando um aperto forte no meu peito. Pior foram os lábios contra os dele... eu vou matá-lo, sem piedade alguma.

Eu não sei o motivo de estar me sentindo assim, mas se for como Nicolas me falou, estou muito fodido.

Meu celular vibra e eu o pego, vendo que é outra mensagem de meu pai, perguntando se resolvi o problema do distribuidor e o que fiz para ele.

Revirando os olhos, resolvo respondê-lo.

“Em resumo:

Jubileu disse que a carga já tinha sido enviada, só deixei um aviso básico.

Aviso dado à Ronaldo, mas recebi uma notícia que viram ele entrando no território de Perverso filho, boa coisa não está vindo, mas... nada que não posso lidar.

Felício está com um batalhão apontando armas para o cu dele e, me colocou aqui apenas para servir de escudo protetor. No melhor dos casos, vou acabar matando ele, a filha, a esposa e tocando fogo nessa maldita casa. Bando de inúteis.

É isso, agora pare de me importunar. ”

Clico em enviar e não demora muito, a resposta dele volta.

“Não mate Ronaldo, nem Jubileu e muito menos Felício, junto com a família! Preciso dele vivo, ainda vai me servir para muitas coisas, entre elas, fornecer comunicação entre meus investidores. Controla o forninho, Malaquias!”

Odeio, quando ele me chama pelo nome dele.

Odeio.

Controlando a raiva que existe dentro de mim, digito uma rápida mensagem.

“Meu nome é Luciano Monteiro, então me chame dessa forma e comece a medir a forma como se dirige a mim. Se for da minha vontade matá-los, é isso que farei. Não será você, nem ninguém que me impedirá.”

Envio e volto meu olhar para Eve, que sorri com a passagem do livro, o que me traz um pouco de calma para meu corpo.

“Você é meu filho e tem que me obedecer.”

“Vai se foder.”

Minha mensagem é rápida e, decidido à não voltar a me estressar, desligo a internet do celular e coloco-o dentro do meu bolso, voltando minha atenção à ruiva em minha frente.

Está apenas com uma camisola curtinha e posso ver de leve os traços de sua calcinha fina, o que me faz desejar senti-la sem ela e sem esse pedaço de pano. Suspiro, me encostando contra a parede e ela ainda não percebe minha atenção.

Ao longo da minha vida, não me foquei tanto no que as mulheres eram ou faziam, porque aquelas palavras ditas por Nicolas, sempre foram presentes na minha cabeça e o momento, não é adequado para que eu tenha alguém em minha vida, mas como ele disse, quando o dia chegasse, eu não poderia fugir.

Se ele está certo, eu ainda não sei, mas tenho a certeza que não vai demorar muito para que eu descubra.

Uma pessoa para habitar meu coração, minha cabeça, meus sentidos e minha vida... Será que eu deveria deixar isso acontecer?

Por que não deixaria?

— *Muitas coisas já te foram privadas, meu jovem. Por que eu te negaria agora, o conhecimento? E melhor, me dê um motivo para eu te negar o conhecimento de um sentimento tão forte, quanto esse...*

A resposta não foi enviada para ele, o que resultou em doses diárias de lições e leituras, fora o meu treinamento habitual.

Primeiramente, eu teria que descobrir como funcionava o corpo humano, para que eu soubesse seus pontos fracos e de mais fácil eliminação. Logo em seguida, eu teria que aprender como funciona a mente humana em seus diversos aspectos, para que eu pudesse trabalhar com outros métodos de tortura...

Aprendi o que eu deveria, mas ainda acho que preciso de mais algumas leituras.

Observo atentamente à cada movimento que ela faz, para mudar de posição na cadeira que está sentada, a forma delicada e cuidadosa em que ela passa cada página. O jeito em que ela segura o livro, como se fosse algo que fosse quebrar com algum esforço. Típico de adoradores de beldades como essas.

Você conhece alguém que trata um livro assim? Então, essa é uma pessoa que você vai querer levar para a vida, sempre ao teu lado.

Você é essa pessoa? Então, você tem a minha admiração e respeito, jamais eliminaria alguém que trate um livro dessa forma.

Eve morde o lábio inferior e o deixa escapar aos pouquinhos da prisão dos seus dentes, o que me faz desejar ser os meus dentes no lugar dos dela...

Prendo minha respiração, quando uma coisinha me chama atenção. Uma luz vermelha redonda, pequenina, típica de lunetas infravermelhas de rifles está viajando pelo lugar ao redor da cabeça dela.

Desvio meu olhar dela para a janela de vidro... já disse que odeio janelas de vidro ao meu redor? Pior coisa para se manter segurança de alguém. Principalmente, quando temos profissionais caçando alguém que você precisa proteger.

Escorrego da cama para o chão silenciosamente e rastejo rapidamente em direção a ela. Assim que vejo que a luz se instabiliza, coloco minha mão em sua perna, fazendo com que ela se assuste e puxo-a para o chão, concentrando minha força apenas naquele lugar.

Eve cai para o lado, com seu tronco por cima do meu e o gatilho é acionado, acertando a porta do quarto. Com ela no poder do meu corpo, giro-a até que estamos perto da cama. Empurro-a para baixo da mesma e logo, fico ao seu lado.

— O que é...

— Shiiii – digo, apertando-a mais contra a parede, embaixo da cama.

Outra coisa que odeio, ficar em locais tão exprimidos, caralho.

Uma série de tiros é acionado no local em que a janela é capaz de revelar, o que me faz perceber o quanto esse atirador é idiota e burro. Puta merda, quando você não tem a porra do seu alvo em seu alcance, recue!

Mas, ele pode estar querendo deixar um aviso...

Me remexo um pouco, para conseguir alcançar o bolso em que meu celular está, enquanto observo o movimento em que ele faz para destruir o local. O rifle que ele está usando, tem silenciador, mas isso não significa que meus homens estão surdos ou cegos.

Coloquei vários em posição para estarem à postos para qualquer imprevisto.

— O que está acontecendo? – ela pergunta, com um sussurro, mas não a respondo.

Assim que pego meu celular, disco o número de meu homem mais bem treinado e ligo.

Disparo, chamando, disparo, chamando, disparo, chamando e...

— Senhor? – diz, ao atender, o que me faz rosar de puro ódio desse ser.

Esse atirador desgraçado e essa segurança de pura merda, podem se considerar mortos. Vai ser lento, vai ser sangrento.

— Estou em ataque, merda! – rosno, tomando uma longa respiração. — Pode me responder se a beldade poderia levar a sua maldita bunda até a desgraça do edifício vizinho e capturar o maldito atirador? Ou terei que levar uma bala no pau, para fazer isso? Caso eu tenha...

— O edifício, merda! Todos para lá, caralho! Vocês ficam, seus idiotas! – o escuto latindo ordens e como um passe de mágica, os tiros cessam.

Passe de mágica, meu pau, porra! Ou tenho um infiltrado na minha equipe, ou meus homens estão sendo observados e o pior, não se deram conta disso.

Não é possível que estou cercado de idiotas tapados do caralho, por minha Glock!

— Bom, querido, nesse momento o atirador já deve ter fugido, ou está perto disso, ou está esperando um movimento para atacar...

Me viro, encontrando Eve de olhos arregalados, com lágrimas descendo por seu lindo rosto limpo de cravos, espinhas ou caroços, o que faz meu coração se acelerar mais em meu peito, com algo parecido à angústia de sentir agulhas perfurando todos os meus dedos lentamente.

Isso dói e dói muito.

— Preciso de algum objeto – digo e ela sacode a cabeça, levando uma de suas mãos até seu cabelo e tira de lá um prendedor, deixando seus cabelos caírem com camadas ao seu lado. Ela me entrega e com um pouco de resistência, me viro saindo de baixo da cama, mas ficando deitado...

Sabe o lado ruim de não ter uma arma ao seu alcance?

Você não pode atacar ninguém que está à muitos metros de distância.

Nesse quesito, sou um idiota e vacilão. Me recuso à andar armado diariamente, porque posso ter imprevistos, que armas são indesejadas. Além disso, tenho o poder de trazer à morte, nas minhas mãos.

Com o prendedor em minha mão, o atiro em direção ao lugar em que o atirador estava disparando. Assim que o mesmo alcança a parede, outro disparo preenche o objeto e já tenho minha certeza.

— Ele ainda está lá! Seja rápido, porra! – rosno, enquanto escuto os passos pesados, contra o chão, ao tempo que eles correm.

Fecho os olhos para transformar os barulhos ao meu lado, em cenas na minha cabeça.

Botas batem rapidamente contra o chão, porta aberta, gritos, disparos e mais gritos.

— Onde vocês estão? – pergunto, relaxando contra o chão. A respiração dele está acelerada, quando me responde.

— Segundo piso...

— Vai diretamente para o quinto e me aguarde.

Me levanto rapidamente, apenas com o impulso de minhas duas mãos contra o chão.

Olho para debaixo da cama, vendo minha protegida trêmula e chorosa.

Suspiro, esperando que essa carga de angustia abandone meu corpo.

— Fique aqui – ela acena e eu faço o mesmo.

Olho ao redor e puxo a cadeira, que estava embaixo da mesa, jogando-a contra a porta.

— Senhor, o encontramos! – grita, enquanto tiros ecoam no lugar.

Bem, nesse momento, não desejaria o destino que vou dar à esse homem, nem para o meu pior inimigo.

Capítulo 9

Luciano, você vai se encontrar louco, se alguém machucar a mulher que você ama. Você terá instintos assassinos e, não irá sobrar nada ao redor de quem a machucou... pelo menos, espero que seja assim. Não seja um covarde... como eu fui.

O bonito está muito bem amarrado, com cordas puxando seus dois braços esticados por trás do seu corpo, deixando os dois próximos. Suas mãos estão juntas, mas com cada dedo esticado para trás, por uma corda que está fixada no chão. As pernas estão abertas, até o último limite. E... ele está desprovido de nenhuma roupa.

Nada de bonito para minhas vistas, mas só sei que, ele vai chorar e gritar por um bom tempinho.

Eu o trouxe para uma de minhas propriedades, que fica em meu território, no bairro que está em meu comando. Como ele é todo forrado, acredito que ninguém é capaz de escutar seus gritos. Costumo trazer para essa residência os caras que preciso dar um trato para conseguir o que quero.

Na porta do quarto está dois dos meus homens, com suas espingardas em mãos, prontos para qualquer contratempo.

Tenho pena dessas pessoas que acreditam serem as melhores de tudo e todos na vida, que acham que podem simplesmente violar um território marcado por mim, porque se eu estou nele, logicamente é um território meu.

— Você é... — pergunto, passando minha faca por seu abdômen. — Porra nenhuma — sorrio, encarando-o, enquanto ele geme. — Você burlou meus seguranças, destruiu um quarto pelo qual eu estava dentro, quase matou minha protegida e pior, você me desafiou.

Caminho, em volta do seu corpo, sem tirar a faca da sua pele, fazendo pequenas pressões para que arranhe sua pele, deixando que pequenos filetes de sangue escorram por seu corpo.

— Você feriu o ego dos meus seguranças, sem contar que eles vão pagar um preço muito alto por terem deixado você passar e ter chegado muito perto de mim. Agora veja, a tua sentença será cobrada por mim e por meus homens. Existe muitas formas de fazer alguém sofrer, sem matar... O que eu tenho a te dizer agora, é: Você quer receber a sentença que traçamos para ti sozinho, ou quer dividi-la com quem te mandou até aqui? Tenha em mente que, você não vai morrer, mas vai sentir muita dor, tanta que morrer será o que você vai me implorar por horas e mais horas. Ao chegar ao fim dessa sentença, você estará sob minha proteção. Será um dos meus, ou seja, ninguém poderá te prejudicar. O que você vai escolher?

Encaro seu rosto jovem, banhado a lágrimas e machucados severos, dados por meus homens.

Um jovem daqueles que devem viver dentro de uma academia, mas a julgar pelo estrago que fez na

noite passada, comparando pelo seu porte físico, devo concluir que ele foi treinado desde muito cedo até chegar aqui, para fazer isso.

— Cabeça – sussurra, em meio aos gemidos, fazendo com que eu pare no meio de meu caminho e volte meu olhar para seu rosto.

Cabeça do alto comando. Sorrio, balançando minha cabeça. Esse monte de bosta, sempre quis ser maior que eu, mais poderoso e mais foda. Só consigo sentir pena, porque o que eu vou fazer com ele para dar o troco, não vai ser nada de bonito para a vista das pessoas que moram no território em que ele comanda.

Nunca me compadeci desses seres insignificantes e não vai ser agora, que me compadecerei.

— Espero que a tua garganta e o teu corpo estejam bastante hidratados, para o que vai seguir a partir daqui.



O silêncio está tomando conta da casa de Felício, assim que estou colocando meu pé dentro da mesma. Olho de um lado para o outro e adentro a mesma, fechando a porta logo em seguida.

Se tem uma coisa que eu odeio, é o silêncio.

Odeio do fundo da minha alma.

Caminho diretamente para os degraus da escada, mas uma voz baixa, quase sussurrada me para, fazendo com que eu desvie meu caminho e siga-a, até que estou parado na porta do escritório de Felício.

— O que você tem como essa secretária, Felício? – uma voz que ainda não reconheço diz, fazendo com que um sorriso brote em meus lábios.

Sabia que estava silencioso demais...

— Minha rainha, ela é só um...

— Não me interessa, Felício! Eu não admito que você faça isso comigo e com minha imagem. Eu sou a tua esposa, você me deve...

Não espero que ela termine de falar e adentro o local, pisando no chão pesadamente, para que eles tenham ciência da minha presença. Caminho diretamente para a cadeira vazia em frente à mesa do escritório, enquanto ele está do outro lado, na sua.

— Sempre soube que esse seria o trabalho mais interessante de todos e olhe, está sendo mesmo – digo, com um sorriso em meus lábios, enquanto Felício me encara, com a aparência cansada.

— Eve está trancada em meu quarto. Disse que não vai sair de lá, enquanto você não chegar. Peço que vá até ela, porque não comeu nada ainda hoje – fala, suspirando. Seu olhar para baixo, me parece muito cansado e por um segundo, chego a sentir um pouco de pena dele por ter que aturar essa mulher em sua frente.

Eu não a conheço, nunca tinha visto-a, mas é uma mulher já madura, mas com tudo em cima, aquele tipo que você olha e já deseja ter em sua cama, independente de idade ou compromisso.

Sim, eu não me importaria em tê-la em minha cama, se meu coração não estivesse disparado aqui em meu peito, com o que esse velho acabou e dizer.

Acho que ainda não estou sabendo processar essa informação, porque não consigo dirigir uma resposta para Felício. Só me levanto da cadeira que acabei de sentar e meus pés ganham vida, indo diretamente para as escadas e quando enfim chego ao topo, me encaminho diretamente para o quarto que acredito ser dele.

Ao chegar à porta do mesmo, abro-a e entro, não conseguindo ver nada, porque o quarto está tomado por escuridão.

Que desgraça é, que essa porra faz escura assim?

— Eve? – chamo-a só para sentir algo lançar-se em minha direção.

Não consigo registrar o que acontece, porque meu corpo sofre um solavanco para trás, devido ao peso que pula em cima do meu peito, junto aos braços apertando meu pescoço e as pernas colocando toda força que pode ao redor de minha cintura para segurar-se. Logo, sou arrebatado por um cheiro de rosas, muito próximo de meu nariz e eu tenho a certeza que essa confusão aqui em cima de mim é Eve.

— Pelo amor de Deus, nunca mais me deixe aqui sozinha! – diz, perto do meu ouvido e como se uma faca fosse cravada na minha barriga, me arrependo amargamente por tê-la deixado aqui sozinha, somente com a proteção dos meus homens, que proibi de estarem aqui dentro.

Eu não sei o motivo pelo qual me sinto assim, mas eu só não quero ter que voltar a me separar dela. Infelizmente, essa não é uma coisa que eu poderei evitar, porque tenho contas a acertar com um certo alguém que teve a audácia de mandar apenas um homem para me desafiar.

Chega a ser até uma afronta de Cabeça, fazer algo dessa forma.

— *Luciano ter alguém tão delicado e tão puro, que você vê claramente que nutre sentimentos por você, não tem preço, não tem explicação. Luciano aproveite cada momento ao lado dessa pessoa e elimine todos os obstáculos que podem aparecer por seu caminho. Você é um assassino, estou te treinando para ser o melhor de todos, não hesite, quando o seu relacionamento estiver em jogo. Entendeu?*

Nicolas não sai da minha cabeça, com essas malditas conversas sem sentido algum e as invenções loucas da cabeça dele.

Sempre que ele acabava uma lição, depois sentava comigo naquela grama verde maldita que eu tanto odiava e começava a me contar sobre o sentimento que nutria pela mulher da vida dele e de como é bom amar e ser amado.

Ele fez com que o desejo de viver isso, brotasse em meu peito, fazendo com que eu imaginasse e fantasiasse isso por muitas e muitas vezes.

Os anos que passei na cadeia para mostrar a ele que eu era capaz de ser o que ele queria, me fizeram perceber muitas coisas e entre elas, que eu não seria capaz de ser outra pessoa, com outra motivação de vida, com outra rotina... Não, eu não conseguiria.

Eu gosto do que sou e do que me tornei.

— Por favor – sua voz está baixinha e logo, um soluço rompe sua garganta, fazendo com que meu peito se apertasse um pouquinho, juntamente com um bolo que surge em minha garganta, tornando difícil minha respiração.

Isso só pode ser uma praga que ele me jogou!

— Tudo bem, ruivinha – sussurro, levando uma das minhas mãos para sua cabeça e passo ali, alisando-a, tentando levar um pouco de conforto e paz.

— *O amor da sua vida não vai te torturar, o amor da tua vida não vai te avisar que está afim de você. Cabe a ti, fazer com que isso aconteça... ou, se você for como os homens idiotas que tanto conheci durante minha vida, vai esperar que o tempo faça isso* – revirou os olhos e estendeu sua mão para o chão, para arrancar uma grama do chão. — *Você não pode ser esse tipo de homem, Luciano. Você gosta? Leve todos os dias da sua vida para conquistá-la e fazê-la sua.*

Suspiro, ainda com ela em meus braços e avanço alguns passos para dentro do quarto, para que eu possa fechar a porta atrás de mim.

— Calma, pequena – digo e antes que eu possa registrar o que está acontecendo por aqui, sinto sua cabeça se afastar de meu ombro e logo, duas mãos trêmulas e frias estão em cima de minha barba.

— Estou falando sério, Luciano. Para onde você for, eu vou – sua respiração está muito perto da minha e um ar gelado se instalou aqui em minha barriga, junto aos meus olhos arregalados que não consegue ver nada a não ser por fracos traços de seu rosto.

— Foi o que eu disse no início...

— Por favor, não me deixe sozinha – rápido como um bater de pestanas, seus lábios estão colando nos meus e eu já posso sentir o fogo do inferno saindo de minhas entranhas, para adentrar o ar fresco do paraíso.

Seus lábios carnudos, suas mãos urgentes em meu rosto e, eu já estou me perdendo, com meus olhos fechados, para aproveitar mais e mais o que está se passando aqui entre nós.

— *Ah, meu caro Luciano, só te aconselho uma coisa, quando descobrir que sim, você quer muito uma mulher, faça de tudo para mantê-la em sua vida...*

Capítulo 10

Suspiro, ao escutar sua respiração calma e ritmada, enquanto dorme muito bem aqui ao meu lado, com sua mão ainda em cima de meu peito esquerdo.

Eu estava dormindo muito bem, muito calmo, depois de sentir seus lábios nos meus explorando minha boca e, agora, que não os tenho contra os meus e sim ao meu lado, sinto como se eu estivesse precisando de mais... Mas não foi isso que fez com que meus olhos ficassem abertos.

Movimentação e sussurros foram o que me fizeram atento.

Se tem duas coisas, que fazem com que eu fique virado no chão é quando se tem essa combinação por perto.

E é pensando nisso que, toco o braço de Eve e sacudo-a, até que ela murmure palavras que não procuro entender no momento, até porque não tenho cabeça para isso.

— Vamos para o chão – sussurro, empurrando de leve, que rapidamente se torna atenta, levantando sua cabeça.

— Hum... e o que você está desejando, ein... – arregalo meus olhos, quando suas mãos voam para meu rosto e ela puxa meus lábios para os seus novamente, fazendo com que arrepios subissem por meu corpo, junto com a insanidade do desejo.

Juntando toda força que tenho por dentro de mim, afasto-a de meu corpo e boca.

— Depois resolvemos essa sua urgência, mas agora, preciso que você vá para o chão e de preferência para debaixo da cama – sussurro, percebendo quando ela puxa uma longa respiração e pela forma que suas mãos estão trêmulas, posso ter a certeza que agora ela está bastante nervosa e com medo.

O pior sentimento que alguém pode vir a sentir. E, que eu não desejo para ela.

Sem falar mais nada, Eve desce aos pouquinhos até estar no chão e eu vou logo atrás dela, procurando algo que eu possa usar como arma, e a única coisa que encontro, é o copo de vidro que está em cima do criado mudo do quarto de Felício, que eu trato de pegar o mais rápido que posso, indo para o chão logo em seguida.

As mãos de Eve rodeiam minha cintura e me puxa ainda mais para perto do seu corpo.

Sentindo uma vontade enorme de sair matando a porra desse infeliz, chamado Cabeça, saco meu celular para fora do meu bolso e disco o número do meu melhor homem, que já estou considerando não ser mais tão bom assim.

— Inferno, espero que esteja ciente dessa merda rondando o quarto principal dessa merda – rosno, apertando a porra desse celular maldito, quando ele atende.

— Sim, senhor, eu estou. Somos nós aumentando a segurança – suspira — Alguém está tentando burlar o portão da entrada, já estamos cuidando disso...

— Por que desgraça você não me avisou sobre isso, merda? Qual a porra do teu problema? Estou achando que tem alguma coisa errada aqui – rosno, já me levantando da porra do chão, me afastando de Eve. Uma sombra de um homem na janela do quarto, chama minha atenção e como estou precisando extravasar minha raiva de alguma forma, concentro uma certa força em meu braço e lanço o copo que estava em minha mão, contra a janela da porta, fazendo com que muita caridade entre no mesmo.

Vejo-a se quebrar e logo, um grito alto, agonizante, se torna presente no local. Escuto um gemido baixinho, vindo de debaixo da cama e já sinto o arrependimento bater em minha portinha.

Imagino o quanto deve estar se sentindo aterrorizada nesse momento e eu só quero explodir e matar, matar, matar e... Matar.

— Senhor, ele é um dos nossos! – grita, fazendo-me considerar ter sua cabeça no banquete do meu próximo almoço.

— Estou pouco me fodendo para quem merda seja – rosno, me virando, mas um grito alto, faz com que eu pare no meio de meu caminho e me vire.

— Você prometeu não me deixar sozinha! Você não pode! – suspiro, sacudindo minha cabeça.

— Nada vai te acontecer, Eve. Um dos meus homens está...

— Ele não é você! – grita, saindo de debaixo da cama e corre em minha direção.

Eu nunca tive uma coisa dessas por perto de mim. Isso é muito estranho e louco, não sei lidar com isso não. E pelo que conheço dela, também não deve ser nada normal agir assim. Acho que está criando algum tipo de obsessão por mim..

— Ok, então me acompanhe...

— Sem me afastar. Eu sei, eu entendi – diz, já enlaçando seu braço no meu.

— *Quando eu a perdi, eu fiquei na merda por minutos, horas, dias, meses... Para te falar a verdade, ainda estou na merda, Luciano. Pensei em colocar fim na vida de Malaquias de uma vez por todas, mas seria muito pouco para ele. Muito pouco mesmo. Eu quero que ele definhe, quero que morra lentamente, sem ter a ajuda de ninguém...* – ele dizia cada palavra, com seu olhar perdido em meio às paredes irritantemente brancas. De tudo que eu vivi dentro daquele hospício, com toda certeza maldita do mundo, ver aquelas cores, aquela grama e... aquele cheiro maldito de álcool, era o que me enlouquecia. Aquelas eram minhas verdadeiras torturas. — *Eu pensei, eu pensei e pensei mais, decidindo que, ele merecia um fim bem planejado, meticuloso e, o meu plano começa aqui, com você.*

A imagem sofrida de Nicolas volta para minha cabeça, fazendo com que eu pare instantaneamente para pensar como um psicopata, que fui treinado para ser.

Eu sou um assassino, sem dó, sem piedade e sem um pinga de rancor.

Eu tirei muitas vidas, da mesma forma que dei muitas oportunidades de outras viverem. Eu não sou um herói, eu não faço nada que não vá me recompensar depois.

Se estou aqui, nessa mansão protegendo Eve é porque espero algo em troca.

Só que, ao concordar com esse serviço, eu tive a influência de Malaquias, mas eu não soube o motivo pelo qual seria designado para isso. Talvez seja um plano do próprio apenas para me testar, como nas tantas outras vezes que ele já fez.

Como se fosse um aviso enviado do além até mim, meu celular vibra em meu bolso e trato de tirá-lo do mesmo, vendo na tela a mensagem de Malaquias.

“Luciano, preciso que vá até o cafofo de Perverso e faça um acordo com ele. Preciso de mais armas. Preciso que envie mais armas para a cadeia. Dê um jeito, mas faça logo. Se precisar matar alguém, não hesite.”

Sorrio ao ler essa mensagem e um pequeno sino toca na minha cabeça, como se fosse outro aviso. Levanto minha cabeça e minha primeira visão vai diretamente para as câmeras de seguranças do corredor em que estou.

Uma anomalia?

Por que estão todas paradas e viradas na minha direção?

Capítulo 11

Sorrio alto, levantando meu dedo polegar para todas as câmeras. Ora, ora, o que estou vendo por aqui? Estou mesmo sendo vigiado? Seria coisa de meu pai?

Não duvido.

Mas também pode ser coisa daquele maldito Cabeça.

— Por que está rindo? – Eve pergunta, me encarando com seus olhos enormes arregalados e suas mãos trêmulas.

Em meu peito, uma dor dilacerante é apontada, fazendo com que eu faça uma leve careta. Em minha cabeça, um martelo está batendo continuamente, à medida que vejo mais lágrimas escorrerem por seu rosto.

— Senhor? – desvio minha atenção para a voz do homem que treinei por horas a fio, para ser o meu melhor homem, mas que está demonstrando ser o mais inútil de todos.

Não tenho paciência para lidar com coisas dessa forma e já com ideias mortíferas em minha mente, sorrio para ele, cerrando meu maxilar ao mesmo tempo.

— Venha até aqui, agora – digo, com meu olhar travado no seu e com os olhos arregalados, ele se aproxima de mim. Sou capaz de sentir o cheiro da covardia exalando de cada parte do seu corpo, ao mesmo tempo em que o medo está ali em seu olhar hesitante e passos lentos... Lentos demais... Irritante demais.

Assim que chega à minha frente, retiro sua arma do seu coldre e levanto minha mão, em direção à sua cabeça, tomando dois passos para trás, já sentindo o aperto forte de Eve em meu braço.

A pestana dele treme, suor brota em sua face e eu desvio minha mira para uma câmera da parede oposta, atirando logo em seguida e depois, para a outra fazendo o mesmo.

— Isso está me irritando já, querido! Isso não é bom. Nada bom – rosno, com minha voz perto de seu rosto, que fecha os olhos, apertando os mesmos. Por que eu sou um homem limpinho? Poderia agora estar com o bafo de onça para fazê-lo morrer logo de uma vez, sem ao menos me esforçar para isso. — Leve Eve para um lugar seguro, agora! – digo, soltando seu braço do meu e me encaminho para a entrada da casa, sem olhar para trás.

— Você não pode... Eu não quero... – à medida que eu me afasto, com essa arma ainda pesando em minha mão, seus gritos e protestos vão diminuindo. Abro a porta da sala e saio para o jardim, onde uma parede de homens está posicionada em forma de um muro.

Alguns em cima da parede com vários rifles apontados para fora. É, eu fiz um bom trabalho treinando meus cachorrinhos protetores. Coisa linda de se observar.

Orgulho é o que está em meu coração agora.

Aproximo-me rapidamente do portão do local e quando estou em frente ao mesmo, me viro, apontando minha arma para a entrada da casa, onde cinco câmeras estão posicionadas paradas, observando inteiramente meus homens e como não sou obrigado a ficar aqui observando-o, miro nesses atrasos de vida e acabo com todos, apenas com cinco tiros.

— Quero saber quem é que está do lado de fora – digo, olhando para cima.

— Senhor, é a gangue do Cabeça. Eles estão todos armados do lado de fora e ele sabe que o senhor está aqui, mas temos a vantagem de mais homens – diz um de meus soldados, fazendo com que eu pare um pouco para pensar.

Temos vantagem e Cabeça, com certeza não deve estar aqui, porque geralmente ele foge de guerras que me envolvem.

Bem, eu posso dar fim à vida de todos aqui, mas de uma coisa eu tenho certeza, esse desafio que ele acabou de fazer dirigido a mim, não vai passar assim. Um dos homens dele, vai sair vivo e muito ferido. Cabeça me conhece, aliás, todos do nosso circuito me conhece e o que está acontecendo aqui é a mais pura afronta da existência, dirigida à mim.

— Quantos homens? – pergunto, conferindo quantas balas tem nessa pistola.

— Dez.

Minha cabeça levanta rapidamente em sua direção, com a descrença crescendo em meu sistema.

Ele mandou apenas dez homens para dar cabo da minha vida?

Essa é a desgraça de uma pegadinha?

— Você avaliou bem o perímetro? Observou dentro da casa e ao redor? Isso pode ser apenas uma armadilha – digo, vendo-o balançar a cabeça negativamente, o que só faz a ira crescer mais ainda dentro de mim.

— Temos homens espalhados por todos os cantos. Os únicos homens que estão aqui são esses – diz, me fazendo rir baixinho.

Pensa, Luciano. Pensa...

Eu não tenho mais nada a pensar.

Ou ele é muito seguro de si, ou ele quer esses homens mortos, ou ele está querendo provocar o inferno fora de mim, ou ele está tentando me distrair, mas de que...

Merda!

Lógico!

O garoto.

— Dê ordens para deixar apenas um vivo. Esse, eu quero que você arranque os dedos e a língua. Me escutou? Não, não. Pode deixar que eu faço isso. Vou ter todo o prazer do mundo nessa tarefa – digo e me viro, correndo para dentro da casa.

Espero que Felício tenha um carro blindado.



— Você é muito atencioso, tem namorada? – escuto a voz baixa de Eve, vinda da cozinha e logo, uma onda de ódio percorre minhas veias.

Há três anos, eu me relacionei com uma prostituta. Nada sério, somente uma forma de me fazer passar o tempo e obter muito prazer. Essa mulher, ficava comigo ao mesmo tempo em que ficava com mais outros, sem se importar com os sentimentos que poderia estar provocando em seus corações. Eu não me importava, nunca me importei, até porque a única coisa que eu estava interessado era em entrar em sua casa e foder sua boceta até que meu pau não aguentasse mais gozar.

Um dia, ela ficou louca dizendo que queria algo sério e que estava interessada em mim, mesmo eu sendo um assassino. Lógico que eu não sou idiota o suficiente para cair nessas artimanhas obsessivas... Mas aqui, da porta dessa cozinha, observando a forma que Eve circula meu homem com seus braços, traçando com seus dedos linhas por seu peito, me faz perceber o quanto elas são parecidas.

Esse gesto dela só me faz querer ter a cabeça do meu melhor homem sob minha mesa de jantar, mas isso é algo que eu preciso trabalhar.

Eu já percebi o quanto ela gosta desse joguinho de sedução, o joguinho da mente, que ela tanto insiste em foder, como ela fez com aquele cara ontem. E está se preparando para fazer comigo, só que, ela está brincando com fogo... fogo esse, muito, muito quente.

Mais quente até que o inferno.

Eu sou o dono do inferno.

Eu sou o demônio em uma versão completamente melhorada e, segundo os relatos do meu querido treinador, estou apaixonado...

Oh, querida Eve, você está maltratando o pior calo que você já teve em seu lindo pesinho.

Só que... Eu fui treinado para eliminar ameaças, sejam elas contra minha vida ou contra aquilo que eu desejo e bem, eu desejo Eve.

Capítulo 12

Estou prestando atenção a cada movimento que ela tem sobre ele, a cada olhar sexy e intenso direcionado a ele e, minha única vontade é a de eliminar essa merda de homem, para tê-la somente para mim.

Mas eu preciso me concentrar no que tenho para resolver agora.

— *Lembro como fosse hoje, quando vi um homem rodeando a mulher que roubou meu coração. Ainda estava no início e eu desejei matá-lo, mas eu não podia. Ele era meu chefe... ele é teu pai.*

Cerro meu maxilar, ao mesmo tempo em que minhas mãos se transformam em punhos. Escuto uma série de tiros, vendo Eve pular para o corpo de meu soldado, apertando seus braços ao redor de seu pescoço.

— *Sempre pensei que Malaquias sentia algo por ela, mas... Ele matou-a tão friamente, olhando-a nos olhos e, eu quis matá-lo. Eu quis...*

Agora, o silêncio paira no lugar e eu observo Eve passar sua mão pela barriga dele, levando seu olhar para o olhar dele, que permanece com os olhos arregalados, apenas observando-a. Se eu não estivesse com tanto ódio, estaria rindo dele com toda certeza.

Decidido a acabar com isso, adentro o local, fazendo barulho com minhas botas a cada pisada, observando o momento em que ele a afasta do seu corpo e dá um passo para trás, ao tempo que vira seu rosto na minha direção, me encarando. Eve torce os lábios, semicerrando os olhos e encara-o, revirando os olhos.

Eu não tenho paciência para essa merda.

Eu não preciso ter.

Mas eu preciso ser racional, quando essa maldição está me afetando mais que o normal, droga!

As palavras de Nicolas nunca tinham voltado à minha mente antes e eu não consigo entender o porquê de somente agora, elas estarem me atingindo assim. Eve pode ser um pedaço gostoso de mulher, mas eu não vou permitir que ela faça o que quiser de mim.

Até semana passada, eu não tinha um coração.

Agora... Já desconfio que eu possa ter um.

— Vá conferir se eles estão cuidando do que ordenei – digo, encarando-o com seriedade e ele acena,

positivamente. Afasta-se de Eve, sem ao menos olhar de volta para ela e eu acompanho cada passo seu, até que sai do ambiente, deixando-me sozinho ao seu lado.

No bolso da minha calça, procuro um cigarro e assim que o encontro, tiro de dentro do mesmo e o levo diretamente aos meus lábios. Logo em seguida, pego o isqueiro e acendo mesmo. Volto meu olhar para Eve, que me encara com os olhos lacrimejantes, esses que considero serem mesmo verdadeiras.

Essa atitude se parece muito com uma que vi em algum lugar... muito manipuladora, enganosa, gosta de jogar e se sentir desejada.

Gosta, bebê?

Sorrio, internamente já tendo uma ideia do que vou fazer com esse par de pernas grossas e... que imagino ficarem maravilhosas ao redor do meu rosto, enquanto estou com minha língua bastante ocupada, degustando cada pedaço dessa boceta.

Reprimo a vontade de morder meu lábio inferior, assim que a vontade de morder essa boca carnuda maravilhosa, aumenta.

Porra.

— Você demorou – sussurra, se aproximando lentamente de mim.

Observo-a, enquanto trago mais de meu cigarro.

Uma perna na frente da outra, o olhar focado no meu, o lábio inferior preso por seus dentes e, quando eu menos espero, aqui está ela, na minha frente, passando seus dedos pela extensão do meu peito.

Eve está brincando com fogo...

Ela está brincando muito e não faz ideia das consequências que isso pode trazer.

— Eu acho lindo, quando você fica assim... Tragando do seu cigarro – diz, com um suspiro. A voz sussurrada, sua boca perto da minha e, meu interior queima... para tê-la.

Em questão de segundos, nossa bolha quente é quebrada pelo brado de seu pai, ao entrar na cozinha.

— Que algazarra é aquela lá fora?

Viro-me, desgrudando minha atenção da tentação que tenho em meu alcance.

Encaro Felício com seriedade, meus olhos semicerrando à medida que avalio sua tenção corporal. Testa suada, respiração acelerada, mãos trêmulas...

Parece que temos alguém nervosinho aqui...

— Querido, temos uma combinação perfeita. Alguém quer te matar e me desafiar. Olha só que maravilha – gargalho alto, jogando o pequeno pedaço de cigarro que me restou no chão. — Acho que alguém quer morrer, não é verdade? – sorrio, sacudindo a cabeça.

Caminho em direção à saída da cozinha, sem olhar para trás, mas escuto os sussurros dos dois.

— Não quero ficar aqui sozinha, pai. E se eles voltarem?

— Não vão, bebê. Luciano vai garantir isso.

Reviro os olhos ao escutar sua certeza.

Velho idiota, esse.

Apresso meus passos até a saída do lugar e me encaminho para a garagem, onde vejo vários carros de luxo estacionados. Em uma parede estão vários pregos, com chaves. Com as mãos em minha cintura, observo ao redor, para decidir qual irei levar comigo.

Ferrari, Mercedes, Audi...

Meneio a cabeça e decido sair com a Ferrari preta ali estacionada ao lado de um Audi A3 vermelho.

Vamos ver a potência dessa belezinha aqui...



Gargalho alto, ao ver o conjunto de mais ou menos vinte homens com fuzis na entrada do meu território. Observo eles encararem meus homens e quando um deles se inclina um pouco, vejo o cara que está me trazendo essa movimentação.

Cabeça.

Careca alto, musculoso, guarda sempre alta, olhar viajando por todos os lugares e... Mais de trinta homens de guarda.

Imagino que mais deles devem estar espalhados pelo lugar e tendo isso em mente, viajo meu olhar por essa rua. Posso bater uma aposta que um sniper deve estar à espreita em alguma daquelas janelas.

Sorrio, pegando meu celular e disco o número de meu contato, lá dentro daquele prédio.

Toca uma, duas, três e na quarta, atende.

Do outro da linha, está mudo e...

— Senhor – sussurra, me fazendo sorrir baixinho. — Cinco deles estão com rifles apontados para o galpão. Invadiram cinco apartamentos e mataram os moradores.

Desligo e me inclino mais um pouco para trás, pensando em qual será meu próximo passo.

Acho que primeiro, eu devo eliminar minhas ameaças mais perigosas e assim que as mesmas estiverem eliminadas, parto para o confronto.

Dou partida na máquina que tenho em meu poder e dirijo até o prédio, do outro lado da rua.

Muitos pipocos...

Gosto demais...

Estourar uns miolos para que eu consiga relaxar um pouco.

Assim que adentro o prédio, me dirijo diretamente para o andar que meu informante mora, para que eu possa ter uma visão privilegiada do que possa estar acontecendo. O prédio, por ser do meu domínio, não encontro nenhum impedimento para estacionar, muito menos para entrar. A segurança daqui é feita por meus homens, esses que não estão por aqui, por conta da chegada brusca desse idiota, que pensa poder mais que eu.

Reviro os olhos, com a raiva subindo por dentro de mim, quando a imagem de Eve volta à minha mente. Não sei que merda de praga Nicolas jogou em mim, para que esse gesto causasse tanta raiva em meu organismo.

Subo as escadas rapidamente e quando estou em frente à porta, ela se abre, revelando ele de olhos arregalados, cabelos arrepiados e um largo sorriso nos lábios, revelando os dentes cheios de... Alface?

— Descobri mais dois no andar de cima, senhor – diz e logo, começa a rir.

Olho de um lado para o outro, procurando a normalidade dessa situação, mas não encontro.

— Entre, entre, entre, por favor – diz ele, pegando meu braço e me puxando para dentro, fechando a porta e trancando-a, logo em seguida.

O apartamento desse ser está todo bagunçado.

Livros jogados para todos os cantos de qualquer forma, revistas da mesma forma e... O motivo para que eu não o mate, está em cima da mesa.

Cinco rifles com silenciadores, já preparados em cima da mesa que tem no meio da sala.

Aproximo-me dos mesmos, com minha atenção neles, vendo logo na cadeira dois coletes a prova de bala e quatro coldres, em cima do mesmo.

Ok, ele pode ficar vivo.

Meu pensamento volta para Eve e não consigo parar de pensar, que a deixei lá sozinha com o pai e... Meu homem mais bem treinado, esse que ela estava seduzindo.

Preciso fazer algo para reverter esse jogo e a cabeça dela também.

Para isso acontecer, preciso eliminar esse jogo de merda que Cabeça armou com tanto afinho e, logo em seguida, irei diretamente para ela. E tratarei de me certificar de domar todo o fogo que está naquele corpo e que tanto me provoca.

Ah, Eve, só espero que você esteja bem acordada quando eu chegar...

Capítulo 13

Eu quis matá-lo, Luciano, mas eu não podia. Meu código de honra não permitiu e não permite. Eu quero vingança, mas não posso me vingar, porque minha cabeça está fodida demais para isso.

Miro meu rifle em direção ao último homem que está nesse prédio, atento demais com a parte de fora, para se dar conta do que possa estar acontecendo ao seu redor.

Burro demais.

Focado apenas em uma coisa e, não se dá conta no quanto está fodido.

E, assim como os outros, eu apenas miro em sua cabeça e aperto o gatilho da minha arma, ainda com a voz de Nicolas rondando minha cabeça. Eu estou muito louco de ódio, estou muito louco de ansiedade. Quero eliminar toda essa merda, como também desejo estar na cama, junto com Eve, explorando cada pedacinho daquele corpo com minha língua em ação. Meu corpo implora para estar dentro dela o mais rápido que eu puder, mas o momento não está permitindo. O motivo? Bem, o pai dela é fodido doente demais, para não se dar conta da quantidade de doentes que ele está mexendo.

Não posso matá-los, não posso feri-los, mas posso podá-los e cortá-los. E é exatamente o que irei fazer.

Sei exatamente o que Cabeça fez e sei o que ele quer. Bulir no inferno que eu comando, é o mesmo que assinar o atestado de morte de muitas pessoas. Ele, assim como eu, não se importa com isso, mas como preciso da maioria dessas pessoas para manter minha fortuna aumentando cada vez mais, então, não posso permitir que nada venha a feri-las.

Certo?

Certo.

Cabeça quer se tornar o mito do país e, terei que mostrá-lo que só tem lugar para apenas um e, em questão de tempo, no mundo. Vejo o último sniper morto no chão de um apartamento e logo, o sangue começa a inundar o tapete, fazendo com que eu fique satisfeito por esse dia.

Preferiria ter eliminado cada um deles, com meu olhar nos seus, observando a vida abandonando-os aos pouquinhos, porque é disso que eu gosto. É isso que sou, não posso me esquecer da raiz que me prende, certo?

Certo.

Deixo o corpo ali e me dirijo para a saída do apartamento, tentando não topar em meu informante que

parece mais perdido que cego em meio à tiroteio.

— Fique por aqui e garanta que nenhuma bala pouse no meu rabo – digo, já me encaminhando para as escadas, sem esperar uma resposta dele.

Assim que estou na garagem, paro apenas para pegar um cigarro e ascendê-lo, colocando-o em meus lábios.

Com meu cigarro nos lábios, colete a prova de balas, coldres nas coxas deixando seguras minhas pistolas, um rifle em minhas costas e outro em minhas mãos, caminho lentamente em direção à multidão de homens que ali estão. Paro no meio da rua e fico observando-os, até que um deles se dá conta da minha presença.

Trago do meu cigarro e sorrio, quando chamam por Cabeça, esse que se vira para me encarar com um sorriso em posse dos seus lábios. Peito limpo de proteção, apenas com armas ao longo de suas pernas e cintura. Um sorriso prepotente nos lábios, que me faz ter vontade de explodir sua cabeça agora mesmo.

Como seus homens se viram todos para mim, vejo a multidão dos meus homens ali do lado de dentro da grade do galpão. Vejo mais dos meus homens, subindo em cima do muro, dando lugar para que eu comece a considerar que eles estão sendo até competentes.

— Ora, quem está por aqui – diz ele, gargalhando alto. Em resposta, levo meus dedos ao meu cigarro, para tirá-lo de minha boca, somente para que eu expulse a fumaça que havia em minha boca. — Demorou, mano. Pensei que fosse mais esperto.

Sorrio, voltando com meu cigarro para minha boca, onde trago mais e logo em seguida, tiro de minha boca, para eliminar a fumaça.

À medida que vou repetindo esse movimento, percebo o quanto do seu humor vai se esvaindo, o que me faz rir internamente. Pobre coitado.

Quando meu cigarro está quase sumindo entre meus dedos, jogo-o no chão, pisando em cima do mesmo, vendo que eles acompanham meus movimentos. Desvio de atenção, que eu poderia utilizar ao meu favor, mas como estou um pouquinho apressado aqui, não darei o trabalho de torturá-lo mais.

— Sabe que está em desvantagem, certo? – pergunto, arqueando minha sobrancelha.

— Como tem tanta certeza? – pergunta, rindo alto, com seus homens o acompanhando.

Sacudo minha cabeça, revirando os olhos, demonstrando o quanto me dá preguiça sua presença.

— Está falando daqueles cinco inúteis que você colocou em meu território? Dos mesmos cinco inúteis que mataram pessoas do meu território? Dos mesmos cinco inúteis que morreram com uma bala na cabeça, sem ao menos se darem ao trabalho de me encarar?

Arqueio minhas sobrancelhas mais ainda.

— Muita prepotência de sua parte vir me enfrentar apenas com esses homens e pior, muita afronta da tua parte, mandar que um moleque vá me matar. Maior ainda, mandar que dez homens invadam a casa

sobre meu domínio – estalo a língua, ao tempo em que sacudo minha cabeça em negação. — Você deve ter muita vontade de morrer, Cabecinha.

Percebo que seu rosto adere um tom vermelho, acredito que com a raiva já subindo por seu sistema. Ele engole em seco e eu começo a considerar se devo mesmo mantê-lo vivo.

— O que quer? Uma guerra? Estou com.. – Viro meu pulso, para que eu olhe meu relógio e logo, volto meu olhar para ele. — Cinco minutos.

— Quero meu filho. Irei tirá-lo daqui, por bem ou por...

— Seu filho? Aquele franguinho é teu filho? – gargalho alto, vendo que as mãos dele se apertam em punhos. — Acho que vou triplicar a sentença dele, por ter me desafiado de tal forma – meneio minha cabeça, ainda com o olhar nele. — Esqueça que tem um filho, porque agora, ele está sob meu domínio. Você mandou que ele viesse me desafiar. Aguarde, porque eu irei enviar o troco. Nada que você me causa, sai sem um troco, escutou? – pergunto, dando dois passos para frente. — Espero que saiba lidar com as consequências.

— Ele é meu filho – rosna, rangendo os dentes.

— Onde é que está a prepotência dele, gente? – gargalho alto, sacudindo mais uma vez minha cabeça. — Você é muito engraçado – digo, rindo. Limpo as lágrimas invisíveis do meu rosto e o encaro. — Não vai rolar. Se ele estiver vivo, vai morrer depois do que você me fez hoje. Estava até pensando em fazer dele, um dos meus, mas é tão covarde e teu filho. Vou fazer um bem para a humanidade.

Seu olhar se torna assassino e meu sorriso só aumenta, junto com meus olhos que se arregalam.

— Ele está irritadinho, gente! – digo, gargalhando alto, trazendo junto a mim, sorrisos ao redor. Adquiro uma expressão séria, agora, caminhando para mais perto dele. Meu rosto fica tão perto do dele, que posso sentir sua respiração fedorenta. Ele precisa conhecer o conjunto tão maravilhoso chamado escova e creme dental. — Você mandou que invadissem um território em que eu estava, esse que está sendo dominado por mim. Você mandou que me desafiassem. Você mandou que mais dez dos teus homens fossem até lá. Isso tudo em um intervalo de horas...

— Aquela casa é de uma desavença minha. Ele me prejudica, eu...

— Estou pouco me fodendo para as desavenças que você tenha com o caralho. Território reivindicado por mim é intocado, inviolável. Esse é o acordo que temos e você quebrou – puxo uma longa respiração e solto-a em seu rosto, vendo que ele fecha os olhos, com uma careta de nojo. — Vai ter volta. Apenas fique ciente disso.

Vejo que seus olhos se abrem, os mesmos estando vermelhos, tamanha é a raiva que está sentindo no momento.

— Eu só quero meu...

— Você não quer nada. Você não tem esse direito – dou dois passos para trás, afastando-me de perto do seu rosto, já não aguentando a respiração podre desse ser. — Você pode enviar teus familiares para o Japão, que mesmo assim irei encontrá-los. Você mexeu comigo, agora aguarde as consequências.

Em questão de segundos, ele volta a se aproximar de mim, com o dedo em riste em meu olho esquerdo, que só me faz revirar mais ainda os olhos.

— Não mexa com a minha família – diz, travando ainda mais seu maxilar.

— Considere-se sem família.

— Meus filhos são apenas crianças...

— O que eu tenho com isso? Problema é seu e deles – digo, sorrindo.

— Não ouse...

— Não ouse você, a vir no meu território me ameaçar e me desafiar – digo, com meu olhar no seu. — Vou te dar uma opção, apenas. Uma chance para você e para sua família. Você sai, leva junto todos esses homens e vai ficar do meu lado, para qualquer emergência que eu vier a ter. Entendeu? Você mantém esse trato de pé e, tua família e teu filho, ficam à salvo.

Cabeça não tem opções e eu não estou com muita paciência para ficar prologando essa merda. Tenho uma mulher à minha espera para gozar. Pelo amor do demo!

Ele nada diz, apenas balança a cabeça, concordando.

— Você quebra esse trato e pode considerá-los mortos.

Fechando os olhos, ele concorda, novamente.

Dou três passos para trás e aumento meu tom de voz, para que todos que aqui estão, possam escutar a veracidade do trato.

— Você entende, Cabeça, que se você tentar me prejudicar ou prejudicar alguém que esteja em minha proteção, acarreta na morte de todos que estão aqui? Entende que causará a morte da tua família? Dos teus filhos? Entende que se manter o trato, eles estarão protegidos? Por mim? Por meus homens e por meu território? Entende que se aliar agora aos meus inimigos, acarreta na tua morte também ou, ao fim do teu poder?

Ele arqueia uma sobrancelha e eu apenas sorrio, observando que balança a cabeça.

— Sim, eu entendo.

— Aceita?

— Sim.

E dessa forma, eu tenho minha alforria para ir direto para o mar de sensualidade que aquela mulher exala.

É hoje, bebê.

É hoje.

Capítulo 14

Eu fiz um juramento e, juramentos feitos por assassinos como eu e como você, são sagrados, Luciano. Malaquias tem essa certeza, por isso fez tal coisa com o amor da minha vida – seus olhos encheram-se de lágrimas, para secarem logo em seguida, com o fogo que exalava no segundo seguinte. — Assim que ele me contratou, o juramento foi à primeira coisa que ele me obrigou fazer. O jogo virou completamente. Ele fez o jogo virar, porque ele sabia de tudo que estava acontecendo. Ele sabia o motivo pelo qual eu me aproximei dele, ele sabia do juramento e ele me fez fazê-lo. Eu fiz e ele tinha total poder sobre mim... Estou tentando quebrar essa merda que me prende.

Eu não entendia o que ele estava falando, para mim, ele só era muito burro e sem noção, para estar preso a um juramento idiota. Palavras poderiam ser quebradas, qual o motivo da fidelidade?

— Eu sei o que está pensando, Luciano – disse ele, sorrindo. — Eu tenho muito conhecimento, esses que eu poderia utilizar para explodir uma cidade. E é exatamente por isso, que preciso de algo que me pare. Algo que me faça lembrar até onde devo ir. Esse juramento, não é feito apenas com um “eu juro”. Ele é cravado na tua pele, por longas e intermináveis horas – seu olhar estava vazio, de uma forma que não tive condições de decifrar. — Você está sendo treinado – ele se levantou da grama maldita e ficou em pé, olhando para baixo, para mim —, para não precisar disso, para saber a hora de parar, sem precisar de um juramento. Você, ao chegar ao fim desse treinamento, não vai precisar obedecer a ninguém, muito menos, cumprir algo que jurou.

Sua voz, em minha cabeça se torna ainda mais intensa e mais alta, quando paro o carro de Felício na calçada da sua casa, vendo a limusine que tanto conheço e que só faz com que meu coração acelere ainda mais em meu peito.

Por saber que ele deve estar me observando, trato de sair logo de dentro da Ferrari, me encaminhando lentamente em direção ao carro do contato de Malaquias. Esse é o informante, braço direito dele. Seu nome é Marinho e, ele é um velho barrigudo, que eu tenho muito ódio. Não irei negar.

Abro a porta de trás e entro, com o cheiro insuportável de salgadinho de milho, vindo para meu nariz.

Eu só quero que essa desgraça de dia vá para o caralho, para que eu possa me afundar naquela ruiva deliciosa, merda!

— Teu pai quer que você... – encaro-o com o mais alto tédio, quando começa a tossir incontrolado. Seu colo está repleto de sacos de salgadinhos e meus olhos se reviram. Inclino-me um pouco no banco e tiro do meu bolso um cigarro. — Você... Você.

Acendo meu cigarro e trago, violentamente, para soltar logo em seguida toda a fumaça no lugar fechado.

Eu odeio esse velho maldito e ele odeia fumaça de cigarro.

— Diz logo o que quer, porra – rosno, encarando-o, quando recupera a compostura.

— Malaquias quer que você elimine o perigo que Cabeça está causando...

Levo minha mão até a maçaneta da porta e abro-a, colocando meu pé fora.

— Teu chefe está muito desatualizado. Vá se foder, velho peidão do caralho – digo, saindo da merda do carro e bato a porta com força, fazendo barulho no local todo.

Só seria meu sonho, colocar uma bala na cabeça desse velho maldito, que só serve para mandar ordens e enviar recadinhos. Que merda!

Odeio isso.

Odeio-o!

Encaminho-me para o grande portão, sem dar ouvidos para o que ele grita de dentro do carro. Assim que meus homens têm conhecimento da minha presença, a porta é aberta. Com um pé do lado de dentro do portão e meu outro lado da parte de fora, viro-me e saco minha pistola da minha coxa, mirando na porta do carro, onde descarrego todo meu cartucho.

Jogando um beijinho para o velho irritado que sai do carro, entro, fechando o portão.

Suspiro, estando contente agora, por ter descontado um pouco de raiva naquele maldito.

Enviei algumas almas para meu parceiro lá em cima, agora posso descansar em paz, certo? Olho para o lado, vendo meu melhor homem limpando uma arma.

É melhor estar aqui, do que lá em cima.

Evita que eu crave uma bala em sua cabeça.

Aumento a velocidade de meus passos para a entrada da casa e abro a porta, entrando na sala, onde vejo instantaneamente Felício, sentado sozinho no sofá, com um livro nas mãos e óculos no rosto.

— O dia está bem movimentado, não é? – pergunta ele, mas não envio uma resposta. Apenas o encaro com muito mais tédio tomando conta de meu rosto. — Escutei muito de você – tira o óculos do rosto e baixa o livro, depositando-o nas pernas —, mas nada se compara ao que presenciei. A fama que carrega é mesmo verdadeira. – Pisco, pisco e encaro-o. — Eve está em meu quarto – arqueio as sobrancelhas e ele sorri. — Mandei arrumar seu quarto, mas ela se nega a voltar para o mesmo. Mandei fechar a janela do meu quarto e de todos os outros.

Suspiro, balançando a cabeça.

— No final de semana terá um evento, onde irá reunir pessoas poderosíssimas. O círculo que você quer se inserir...

— Ok – digo, me virando e apressando meus passos na escada, para ir ao quarto onde Eve está dormindo. Assim que chego à porta do mesmo, abro-a, vendo que dessa vez, a luz está acesa.

Eve não está no meu campo de visão, por isso, adentro o local, fechando e trancando a porta no processo. Tiro minhas botas, colocando meus pés contra o chão frio e vou à busca dela, coisa que nem preciso dar um passo em frente, para que eu possa tê-la em meu campo de visão, fazendo com que minha boca se entreabra, ao tempo em que arregalo meus olhos.

Ela está linda e sexy pra caralho, com esse conjunto de lingerie vermelha e esse olhar provocante em minha direção, junto com seu lábio inferior preso por seus dentes, fazendo com que o animal dentro de mim acorde necessitado e louco para tê-la.

Não me movo, apenas observo os passos da minha presa, que se aproxima sem desgrudar seu olhar do meu, os pés pisando contra o chão, como se estivesse pisando em nuvens, tão lentamente e tão cuidadosamente.

Seus seios cobertos por um sutiã vermelho sem bojo e porra, como eu amo essa visão aqui. Meu corpo está acordado completamente, mas me proíbo de me mexer.

Quero vê-la tomar conta de mim, quero sentir o que ela é capaz de fazer e só então, a mostrarei que em sua vida, homem algum poderá mais fazer parte.

Não quero perder um só movimento seu e melhor ainda, quero ter em meu alcance as armas que ela utiliza para seduzir seja quem for.

Acho que se passa um ano, uma eternidade, até que ela esteja perto de meu corpo, passando seus dedos por meu braço, enquanto eu apenas encaro seu rosto, seus olhos e... Sua boca carnuda, que eu tenho certeza, deve fazer muitas loucuras no meu corpo.

Só com esse pensamento, sinto um arrepio violento subir em minha pele e eu tenho certeza que ela notou, porque sorri, ainda com esse lábio delicioso preso por seus dentes.

Tão lentamente e tão sexy como somente ela seria capaz de fazer, levanta sua cabeça e leva seus lábios em direção ao meu rosto, passando-os por minha bochecha e parando em meu ouvido. Sem conseguir controlar minha vontade de tocá-la, levo minhas mãos para sua cintura recheada apertando-a e colando-a contra meu corpo, tendo o prazer de escutar o momento em que puxa uma respiração rápida.

Sorrio, quando suas duas mãos vão cada uma para cada lado do meu ombro, onde aperta, pressionando mais ainda seu corpo contra o meu.

— Onde esteve? – sussurra, passando seu lábio contra o lóbulo da minha orelha.

Desço minhas mãos da sua cintura, até onde sua bunda está com um pequeno fio de calcinha. Aperto sua carne, sentindo a excitação subir por meu corpo e a imagem dela deitada contra aquela cama, de pernas abertas a minha disposição, surge em minha mente. Ou contra essa parede, recebendo meu pau nessa bocetinha que, com certeza está molhadinha à minha espera.

Ai, caralho!

— Resolvendo problemas, gatinha – sussurro, contra o seu ouvido, para logo em seguida deixar que meus dentes passem por seu lóbulo geladinho.

Afasto uma das minhas mãos do seu traseiro e colido contra o mesmo local recheado ao qual eu estava ouvindo que ela arfa contra minha orelha, ao tempo que aperta ainda mais meu ombro.

— Você chama todas que passam por sua cama de gatinha? – pergunta, me fazendo sorrir baixinho.

— Isso te incomoda?

Aperto-a mais ainda contra mim, para que sinta a ereção que está somente para ela, contra sua barriga.

— Sim.

Em um movimento rápido, levo minha mão para seus longos cabelos lisos e ruivos, entranhando ali naquela confusão e, ao estar em sua nuca, puxo a mesma, com um aperto firme e tomo seus lábios com um beijo selvagem, beirando a loucura que a excitação está me deixando agora, sentindo sua entrega.

Ela geme, contra meus lábios e já não aguento mais essa espera maldita para tê-la aqui em cima de mim, com esse par de seios lindos e maravilhosos, seguindo nossos movimentos.

— Ah, Eve, hoje você vai viciar em apenas um corpo, em apenas uma boca e em apenas um homem, deixando para trás todo e qualquer homem que você possa vir a desejar no futuro.

Capítulo 15

Ela geme enlouquecida em cima do meu pau, ao tempo em que meto ensandecido, devido ao prazer que está concentrado no meu corpo. Eve toda vermelha, com a respiração sôfrega, a boca aberta, liberando gemidos de mais puro prazer em cima de mim, tornando algo difícil de me controlar.

Ela se apoia com suas duas delicadas mãos em meu peito, recebendo tudo que a entrego com todo o prazer que tenho em meu corpo e porra, se essa não é a visão mais sexy que já tive em toda a minha maldita vida.

Eve morde seu lábio inferior, fechando os olhos com força, ao tempo em que prende a respiração e seu corpo começa com os tremores, que tanto estou começando a amar. Eu sei que ela quer gozar, eu sei que quer e pela terceira vez, aumento mais ainda meus movimentos, escutando apenas o barulho dos nossos corpos se chocando. Suas unhas cravam no meu peito e ela vem, provocando um prazer descomunal no meu sexo com essa visão deliciosa.

Puta que pariu!

Aquele momento, aquela sensação, aquela necessidade, faz com que eu pressione minha cabeça contra a almofada e leve minhas mãos para seus seios, onde aperto-os, sentindo que estou vindo...

E estou vindo dentro dela...

— Caralho, caralho, caralho! – rosno, ao tempo em que sem conseguir controlar meus sentidos, libero tudo que tenho aqui, dentro dela.

Paro meus movimentos, apenas sentindo meu pau pulsar dentro dela.

Ela está me olhando com seus olhos intensos nos meus, observando e varrendo todas e quaisquer sensações que esteja passando por meus olhos. Eu sei o que ela procura e sei que se ela encontrar vai fazer o mesmo que fez com aquele moleque.

E não é bem isso que quero, nem desejo.

Eve quer jogar comigo, da mesma forma que já jogou com os outros, mas eu não vou deixar. Agora que tive um gostinho da gatinha manhosa que ela pode ser na cama, já não consigo respirar direito, ao imaginar que esse corpo pode estar nu em cima de outro e para outro.

E eu lembro bem que Nicolas me avisou sobre isso.

— Quando eu descobri que estava louco por ela, foi muito estranho, caro aprendiz. Eu estava beirando a insanidade, quando a ira tomou conta do meu corpo, ao ver que outro a tinha perto. Perto

demais... Foi aí, que percebi que eu a queria para mim. Somente para mim. E o amor... Estava aqui – ele bateu em seu peito esquerdo com a mão fechada, respirando com dificuldade, ao lembrar-se de sua amada. — Batendo tão forte, quanto meu coração batia para eu sobreviver.

Sinto seus lábios contra os meus e ela já começa com sua língua traçando minha boca lentamente. Levo minha mão para seu cabelo e a outra para sua cintura, descendo novamente para sua bunda redondinha e cheia de carne, onde eu me perco apertando e sentindo-a.

Tão perto, tão confortável e tão safada.

Confesso que em meus vinte e sete anos de vida, antes não tinha topado com tal sensação e com tanta necessidade de ter alguém para mim. E eu estou me sentindo um garotinho novamente, quando tive uma arma em minhas mãos pela primeira vez. Estou descobrindo algo que eu sei que mais tarde só vai me deixar ainda mais louco e querendo por mais e mais e mais, assim como meu antigo mestre me ensinou.

O ritmo do seu beijo aumenta e ela começa a rebolar em cima de mim, toda desejosa e, como um louco apaixonado, que me encontro, dou o que ela quer.

Novamente e novamente e novamente.



Estou sentado na poltrona em frente à cama, onde Eve dorme pacificamente, com um lençol cobrindo apenas sua bunda devidamente vermelha, ao passo que eu investia cada vez mais contra essa boceta gulosa, que com toda certeza fodida do mundo, não vou largar.

Observo seus lábios carnudos lindos, que fizeram a alegria do meu corpo inteiro essa noite. Suas pernas grossas descobertas, que permaneceram por bastante tempo em volta do meu quadril, enquanto eu a fodia insanamente. Seus seios, pressionados contra a cama, que não cansei de ter em minha boca, ao tempo em que eu a tomava mais e mais.

As declarações de Nicolas não param de rondar minha cabeça. Com o pensamento de que Malaquias possa surgir aqui a qualquer momento, porque se tem uma coisa que aquele maldito é... É imprevisível.

E se ele surge aqui, eu vou acabar com ele.

As câmeras todas viradas em minha direção, me dão a prova que ele pode estar me vigiando. Outra coisa que não posso desconsiderar, é o envolvimento de algum dos meus aqui, estejam passando informações sobre mim, para ele.

E se eu descubro uma coisa dessas, juro que não sobra perna de branco aqui para contar história.

Malaquias disse incontáveis vezes para Nicolas, que o amor enfraquece, que o amor te faz idiota. E então, Nicolas me ensinou maneiras de jogar isso ao meu favor. Eu posso lidar com a dor, com o medo, com qualquer situação, inclusive com o amor, mesmo estando o descobrindo agora.

Até para isso fui avisado e... Treinado.

Passar por situações que irão me fazer ter a prova de que estou ou não apaixonado, não vai acontecer.

Fui alertado sobre e, cada alerta está enraizada na minha mente e ao longo do meu corpo.

Cicatrizes de cortes, chicotadas, choques térmicos, enfim... Passei por inúmeras formas de torturas e todas elas, serviram para um propósito. Não esquecer as lições que me eram passadas.

Ao continuar meu olhar por cima dela, imagino a vida que teve. Cheia de amor, mimos do pai e tudo que uma pessoa normal teria e que eu não tive.

Amor era algo que passaria longe de toda e qualquer realidade que eu estava inserido quando era mais novo. Eu não comecei a receber torturas depois que conheci Nicolas. Não, não.

Com Nicolas, eu descobri que eu estava sendo torturado desde pequeno. Tudo ao meu redor foi armado e muito bem orquestrado, por uma única pessoa insana.

Insano, louco e doente.

Todo ele é tomado doença e tudo que ele toca, morre.

Malaquias, meu pai.

O homem que fez o que sou hoje, que planejou todos os meus passos, tudo que eu deveria sentir e tudo que eu deveria fazer.

Sem conseguir continuar aqui sentado, levanto-me e saio do quarto, fechando a porta logo em seguida. Encosto minha coluna contra a parede do quarto e tiro um cigarro do bolso da minha calça, a única coisa que me cobre. Ascendo-o e trago toda fumaça possível, com meu olhar focado na parede oposta à minha.

A lembrança das câmeras faz com que meu olhar viaje para as mesmas, com um buraco da bala que cravei, ali no lugar delas. Ainda com meu olhar cravado em ambas, me aproximo observando seu formato, um formato bem conhecido por mim e que só é feito em lugar da cidade, por uma única empresa.

Essa que Felício não deveria nem sonhar em ter contato.

Velho idiota.

Vou diretamente para a sala e observo as câmeras ligadas que rondam o lugar, girando lentamente. De um local para o outro.

Sento no sofá e foco minha atenção na mesma, enquanto trago mais de meu cigarro.

Quanto mais eu fico aqui, mais merda descubro que esse velho está enterrado.

Bem, enterrado ele ainda não está.

Mas, estará em breve.

E será por minhas próprias mãos que ele vai morrer, por ser tão idiota e burro.

Velho maldito.

Capítulo 16

Os raios de sol invadem a sala, quando a manhã se torna presente, fazendo com que minha raiva só prolongue cada vez mais. Meu olhar viaja das câmeras para o relógio, vendo o tempo passar, à medida que ascendo mais um novo cigarro. Passou por minha cabeça tomar um gole de whisky, mas nada nessa casa é mais confiável.

Eu sei que estão observando todos aqui e sei também que o dono dessa desgraça já sabe que sei.

Ele me conhece.

Todos nessa porra de circuito me conhecem.

E, o dono estará aqui, entrando por essa porta de entrada, enquanto Eve está há poucos passos dessa droga, desprotegida, fazendo o cão dentro de mim, queimar cada vez mais com o fogo mais intenso que poderia existir no inferno.

Na noite passada, ela viu as cicatrizes que tomam todas as minhas costas, mas nada disso falou, como também nada perguntou.

Se ela tivesse perguntado, também não faria muita diferença, já que eu não teria problemas em respondê-la. Não sinto vergonha do que marca meu corpo, muito menos do que passei para recebê-las.

Da mesma forma que eu estava quando saí do quarto, estou agora aqui nesse sofá, pronto para o que irá seguir nessa manhã. Já vi que terei uma dor no rabo desgraçada, para limpar o de Felício.

Meu celular vibra em meu bolso e, com o olhar na câmera, tiro-o do meu bolso.

Sem desviar meu olhar para a tela, atendo.

— O que você está fazendo, porra? — essa é a voz do meu querido pai, muito irada, que faz meu maxilar cerrar instantaneamente.

— Eu quem te pergunto isso, merda — rosno de volta, soprando a fumaça que estava presa em minha boca. — Me vigiando, papai? É isso que está fazendo? Está pagando aquele maldito para me vigiar?

Cada pergunta que sai da minha boca é feita, sem que eu desvie meu olhar do maldito aparelho em minha frente.

— Acho que eu errei em algum lugar nessa criação que te dei. Você sabe o que pode te acarretar, se interessar por um rabo de saia? — rosna sua pergunta, fazendo com que eu sorria, mostrando todos os meus dentes, para a maldita câmera que eu sei. Eu sei que está me olhando. Esse maldito doente do

caralho! — Esse sentimento enfraquece, Luciano! Você vai ser apenas mais um monte de bosta, que estará morto com uma faca em teu pescoço, porque você vai estar entretido demais olhando uma puta qualquer!

Arqueio uma sobrancelha em meio ao meu sorriso enorme.

O maldito está por dentro de tudo.

Interessante...

— Estou apaixonado, Malaquias? – sorrio mais ainda, mostrando todos os meus lindos dentes brancos, para que ele veja o quanto estou gostando dessa conversa. — Você sabe o que pode acontecer agora? Você sabe que eu não tenho apenas o teu olhar no meu rabo, não é?

Desgraçado.

A ideia de que ele me colocou aqui apenas para me testar, como das outras vezes que fez, passa por minha mente e eu estou louco para quebrar esse maldito com minhas duas mãos, da mesma forma como ele fez com a amada de Nicolas, da mesma forma que fiz com minha genitora, da mesma forma que fiz com meu tio, do jeito que fiz com todos aqueles que se meteram em meu caminho.

— Está com raiva, filho? – sua voz está com um tom provocativo e se ele percebe o quanto eu quero explodir a cara de rato que ele tem, só vai continuar nas provocações.

E é por esse motivo, que exibo o maior sorriso que posso agora, tendo a certeza de minha ideia inicial.

Ele me colocou aqui para isso.

Mais um teste.

Um sádico maldito é o que ele é.

Quer ver a morte ao vivo e a cores.

— Papai, querido – digo, levando meu cigarro a minha boca, tragando e logo, retiro-o, liberando toda a fumaça lentamente, ao passo que escuto seu suspiro do outro lado da linha. — Você sabe o que pode acontecer agora? Você sabe o que eu vou fazer? Pode adivinhar meus próximos passos?

Escuto sua risada e sorrio, inclinando minha cabeça para um lado, esperando que ele me responda.

— Você vai destruir todas as câmeras do lugar e vai matar Teixeira na minha frente, causando uma guerra em torno da cidade – diz, me fazendo rir, sacudindo a cabeça.

— De uma coisa você está certo, mas tem mais coisas que você ainda não adivinhou, querido – sorrio de lado, piscando um olho em sua direção —, vou mesmo destruir todas as câmeras visíveis e as escondidas, além das escutas que você distribuiu ao longo dessa casa. Isso eu sei que você já sabia e com certeza, aqui dentro tem um ou mais homens infiltrados que estão passando informações sobre mim, certo? – A linha está muda, ele não fala nada, apenas escuta, o que considero uma boa manobra. — Vou descobrir quem é e vou deixar a cabeça deles na porta da tua casa – arregalo os olhos e abro minha boca,

formando um “O” e levo minha mão ocupada pelo cigarro para a boca, zombando claramente dele. — Pensou que eu não sabia, querido? Sim, eu sei. E você deveria se cuidar melhor, ein, porque pelo que escutei agora pouco, o amor enfraquece...

— Maldito! Não ouse me ameaçar. Ainda sou o teu pai e ainda mando em você.

Gargalho alto, jogando minha cabeça para trás.

— Quem está te ameaçando aqui, Malaquias? Eu? Ameaça alguma saiu de minha boca, está muito na defensiva, querido.

— Não se aproxime da minha casa, moleque! Eu acabo com você em um...

— Senti uma ameaçinha aí, querido. E isso não é nada legal. Ameaçar seu filho? – estalo a língua, ao tempo que balanço minha cabeça. — Não esqueça, querido, eu não sou teu inimigo, pelo contrário, sou um dos seus – digo, adotando seriedade em meu rosto para passar a ele o máximo que posso de uma sinceridade inexistente. — Mas também não te esquece o que eu sou e do que você me tornou. Então, não venha de ameaças para o meu rabo, porque ele não aceita isso de boas, ok? – pisco um olho para ele e sorrio. — Diga ao seu parceiro que mandei um beijo.

Escuto seu suspiro do outro lado da linha.

— Filho, eu sei o que faço e, o que eu nutro por ele é verdadeiro, mas não me torna fraco, porque sei canalizar minhas emoções.

Bufo, sacudindo minha cabeça.

— Querido, isso não me importa, não me interessa – digo, sorrindo. — Só não se meta na minha vida, porque as coisas podem sair de uma maneira que você não vai gostar tanto.

Sem esperar uma resposta vinda dele, tiro o celular do meu ouvido e o desligo, tendo o cuidado de ligar para meu melhor homem, que terei o maior prazer de matar a qualquer momento, por conta de sua incompetência.

Ele trata de atender a ligação no primeiro toque, o que me deixa um pouquinho surpreso.

— Traga seu maldito rabo até aqui – rosno e desligo, colocando o celular ao meu lado no sofá, ao tempo em que olho para a câmera, terminando de fumar meu cigarro.

A porta se abre e escuto passos pesados, até que ele está ao meu lado no sofá.

Estendo minha mão em sua direção e peço sua arma. Assim que coloca em minhas mãos, apenas miro em direção as câmeras e atiro, atiro, atiro e atiro.

— Senhor, tem um homem na entrada da casa...

— Deixe-o entrar. Sei quem é – digo, suspirando, deixando a arma ao meu lado, perto de meu celular.

Ele apenas acena e sai do recinto, deixando-me sozinho.

Vasculho a sala com meu olhar atento em cada mínimo detalhe. Porta-retratos, televisores, aparelhos de som...

Sorrio, me levantando do sofá e me encaminho para o aparelho de som. Procuro por suas caixas e encontro-as na parte de baixo do móvel ao qual repousa a televisão de plasma.

Muito típico, esconder escutas dentro de aparelhos de som, lugares improváveis que ficam quietinhos e praticamente invisíveis. Obvio que ao ser ligado, a escuta danifica e não há possibilidade de escutar nada, mas ao ver bem esse aparelho aqui, está somente para enfeite nessa casa.

Vai mudar um pouco isso aqui.

Procuro algum objeto pontiagudo que possa facilitar com que eu tire essa grade preta da parte da frente, mas nada encontro em meu campo de visão. Levanto-me rapidamente e vou para cozinha, onde pego uma faca pontuda e com ela em mãos, volto para a sala, que ainda não está meu querido convidado.

Sei o quanto ele gosta de um suspense e não serei eu, a pessoa que dará o gostinho a ele de ver a ansiedade estampada no rostinho belo que tenho.

Vou diretamente para onde está às caixas e me sento ao chão, pegando-a em meu colo. Passo a ponta da faca nas beiradas com espaço, para que eu abra a grade e quando consigo tirar a mesma, vejo colado na parte de dentro da mesma, o pequeno objeto com a luz vermelha piscando.

Sorrindo, resolvo deixá-la aí mesmo, tendo em mente deixar quem quer que esteja no comando para escutar o que é dito, surdo.

A porta se abre lentamente, para não chamar atenção e é claro que não chamaria, se eu não estivesse tão habituado a essas manobras. Passos suaves, quase inaudíveis se aproximam...

Sorrio, quando sinto sua presença logo atrás de mim.

— E então, você me descobriu.

— Acha mesmo que sou tão idiota ao ponto de não perceber, quando estou sendo vigiado? – pergunto, ao tempo em que me levanto, deixando de lado a caixa de som.

— Demorou muito. Teu pai disse que eu deveria me manter longe de você, mas não resisti à tentação, quando vi que encarava com tanta atenção as câmeras – sorrio, sacudindo minha cabeça, com a faca girando em meus dedos.

Considero lançar em sua direção.

Considero um motivo para que ele fique vivo e, Eve vem instantaneamente em minha mente. Penso no quanto ela poderia ficar amedrontada ao ver o corpo dele morto ao chão e poderia começar a me evitar por isso.

— Você deveria ter escutado Malaquias – digo, sorrindo de lado.

— Fiquei sabendo que você não teme ninguém – sorri. — Então, pensei em algo... Pensei que você

poderia me fazer um favor.

Balanço minha cabeça, esfregando meu dedo pela lâmina da faca em minhas mãos, observando que ele desce seu olhar para minha mão.

— Por que faria algo para você?

— Tenho uma proposta para você – diz e se vira, saindo da residência da mesma forma que entrou, silenciosamente.

Sorrio, já imaginando o que vai me propor.

Gosto disso.

Capítulo 17

Estou no meio da sala, com os controles do sistema de som da casa em minhas mãos, observando com atenção o local, quando Felício surge nas escadas, se aproximando de mim com o rosto sereno...

Sereno demais.

Irritando a merda fora de mim.

— Escutei o barulho de tiros... O que houve? – pergunta, franzindo o cenho.

— O café está servido, mas não estou com fome – digo, me virando e me encaminhando até o sofá, onde me sento, cruzando minhas pernas. — Isso não é normal, caro Felício... É muito ruim, na verdade – rosno, passando minha língua por meu lábio inferior —, a última vez que perdi meu apetite, cinquenta e cinco homens perderam além de suas línguas, o movimento das pernas e dos braços.

Observo que ele arregala os olhos e seu rosto fica pálido instantaneamente.

— Acredita que os mandaram até meu território para me matarem? – sorrio, com a lembrança, chegando a minha cabeça. — Contrataram um grupo de cinquenta e cinco mercenários para invadirem minha casa, enquanto eu dormia – gargalho alto, jogando minha cabeça para trás. — Acho que esperavam que eu fosse algum retardado sem treinamento ou, não estavam por dentro da pesada fama que carrego nos ombros.

Suspiro, observando o rosto de Felício claramente assustado, o que causa um sorriso pleno, digno de Hollywood.

— Sabia que estava por todo esse tempo sendo observado? – pergunto, observando que seus olhos se arregalam mais ainda e que, sua respiração fica presa do meio da garganta.

Bem, acho que não preciso de uma resposta, isso já foi o suficiente, para compreender o quanto esse velho é burro e idiota.

— Felício comece a abrir seus olhos para o que você tem no alcance de seus olhos, ou você não vai durar tanto tempo assim, viu – digo, sério, dando de ombros. — Ah, se você não gosta de heavy metal, coloque um tapa ouvidos, porque preciso eliminar alguns ouvidos enxeridos.

Ele me encara, franzindo o cenho, ao tempo em que me olha com a palavra “confusão” escrita em sua testa.

Sem dizer mais uma palavra, apenas sorrio e clico no botão para dar início à música, para logo em seguida, aumentá-la até estar no máximo, dando vida à essa casa triste e silenciosa demais.

Não posso esquecer de remover todas as câmeras que ainda estão espalhadas por aqui e, fazer uma vasculhada bem criteriosa por todos os cantos da casa, vendo onde as escutas possam estar.

Óbvio que quem as instalou por aqui, colocou-as nos lugares mais inusitados da existência.

Suspiro, me encaminhando para as escadas. Preciso ver Eve, tocar sua pele clara e macia, ao tempo em que escuto novamente seus suspiros e gemidos de prazer, esses que provoco.

Não posso deixar de lado o fato de que ela é uma jogadora, como também não posso excluir a certeza de que, apesar do sentimento que está aqui no meu peito, não a conheço por inteiro, ato esse que preciso mudar o mais rápido que puder, porque se tem uma coisa que eu odeio é lidar com alguém que não tenho um vasto conhecimento.

Ao som de Metallica, subo as escadas lentamente, sem ao menos olhar para Felício, que imagino ainda estar sem entender nada. Até riria da sua cara e do seu desentendimento em outra ocasião, mas nesse, algo está me avisando que o melhor só seria subir e ter Eve contra meu corpo.

Sexo matinal é uma delícia e quero ter meu café da manhã direto em minha boca, coisa que irei preparar pessoalmente com meus dedos e língua.

Já consigo imaginar seu corpo contorcendo-se todo de prazer, à medida que eu retiro tudo que ela pode me dar, repetidas e repetidas vezes, ao mesmo tempo que escuto seus gemidos de apreciação.

Com a excitação subindo por minhas veias, apresso meus passos e ao chegar na porta, sua voz falando baixinho com um outro alguém, faz com que eu pare com a mão na maçaneta. Mesmo com a música alta, sou capaz de escutar sua voz, mas não escuto uma segunda voz, então assumo que ela esteja falando pelo celular.

— Astrogildo já disse para você que irei resolver isso – travo minha mandíbula, ao escutar a voz desse monte de bosta. — Ele não vai te matar, amor. Não, eu não tenho nada com ele. Ele é apenas um segurança que meu pai contratou para me proteger, amor. Irei ter uma conversa com ele... Não se preocupe quanto a isso.

Apenas um segurança.

Amor.

Amor.

Vai ter uma conversa?

Controlando toda a merda que está a ponto de extrapolar de meu ser, apenas me viro e desço mais uma vez as escadas, indo em direção ao local em que deixei meu celular e a arma que tirei de meu melhor segurança.

E então, quer dizer que essa diaba está querendo me enganar com aquele playboy, certo?

Uma gargalhada rompe minha garganta involuntariamente, enquanto tento do fundo do meu ser, controlar a porra que quer sair daqui direto para a cabeça dele. Eu tento, eu juro que eu tento me lembrar

das palavras de Nicolas, mas elas sumiram da minha cabeça e do meu organismo.

Sabe porquê?

Porque aqui, o que está habitando agora é o meu lado demoníaco, aquele lado que nem eu, o próprio demônio, quer ver, mas que Eve acabou de ascender.

Ela não sabe com quem está brincando e, não faz ideia do que pode acontecer com ela e com o namoradinho, caso o demônio tome conta de meu sistema por completo.

Sentindo que estou sendo observado e com lágrimas beirando meus olhos, desvio minha atenção para Felício, que está em frente a caixa de som, observando-me com total atenção, só tenho o que lamentar, por que nesse momento, não estou no melhor dos humores para que eu apenas o veja me encarando, o que pode se virar contra ele de uma forma bastante negativa.

Levanto o controle, clicando no botão de desligar o sistema de som, deixando tudo em silêncio agora, assim como está o meu peito.

— Vou dar uma geral nessa casa agora, para dar fim em todas as escutas que estão espalhadas por aqui. E depois, teremos uma conversinha – essa voz, não é a minha natural e sim, a do demônio que está em modo ligado dentro de mim.

Sombrio, arrogante e completamente doente, para ver a destruição, assim como o seu criador.

Meu lado estável, só queria dar prazer e fazê-la feliz, mas ao que posso perceber não é bem isso que ela quer receber de mim, então que consiga lidar com o demônio da destruição que ela acabou de ligar.



— Três de vocês irão ficar com os corredores e cinco aqui em baixo, enquanto vou me ocupar com os quartos, escritórios, banheiros e o resto – digo, para os meus homens que tenho plena confiança, esses que sei que não iriam me trair, mas é aquela confiança, misturada com desconfiança sempre.

Confiar totalmente em pessoas, eu não confio, logo elas são falhas, assim como eu, que falhei consideravelmente na arte de conquistar a mulher que, segundo os sinais de Nicolas, estou apaixonado.

Ela está com outro, enquanto estou aqui sendo um completo idiota, apenas dando muitas e muitas ordens.

Hora de me ocupar para conseguir pensar com mais leveza e racionalidade.

Com isso em mente, encaminho-me para a parte de cima, indo diretamente para o banheiro principal. Local extenso, luxuoso e... branco. Existe algum castigo pior? Ficar mais de um minuto em um ambiente dessa cor é o mesmo que cravar uma faca no meu peito repetidas e repetidas vezes.

Suspiro e dou início a minha caça as escutas, tendo em minhas mãos no processo, um lubrificante, que não faço ideia do que possa estar fazendo aqui, o que me faz sorrir baixinho, imaginando-me usando-o em Eve, enquanto a faço tremer toda de prazer.

Quero sim proporcionar muito prazer para ela, enquanto obtenho o meu, observando-a gozar repetidas vezes.

Sim, ela está povoando minha cabeça com essas imagens, o que me faz sorrir involuntariamente.

Continuo minha busca nas gavetas do móvel, pela parte de cima de dentro, quando escuto a porta sendo aberta rapidamente e passos surdos se aproximando de mim.

Tão delicados, que se não fossem por eles e pelo cheiro que exala o corpo, com toda certeza eu já teria cravado esse tubo de lubrificante dentro de sua garganta, antes mesmo dele ousar levantar alguma arma em minha direção.

— O que faz aqui? – essa voz de seda, faz com que todos os cabelos de meu corpo se arrepiem e minha respiração trava no meio de minha garganta, com um bolo gigantesco, tornando impossível que eu respire.

A lembrança de sua conversa volta novamente em minha cabeça, fazendo com que eu comece a pirar lentamente, com mais lembranças dela nas mãos de outro, prometendo juras e chamando de amor.

— Dando espaço para que você converse com o seu futuro falecido namorado – digo, sem me virar para ver seu rosto, mas imagino que esteja vermelho, cor que eu gostaria de causar a ela, apenas na cama, enquanto eu a fizesse sentir diversas sensações gostosas em seu corpo.

— Do que você está falando? Estou com você.

Sabe, acabei de descobrir algo sobre ela.

Algo costumeiro em outras pessoas, mas novo nela.

Quando mente, ela faz pequenas paradas no meio de cada palavra, o que não deixa de ser encantador, vindo dela.

— Não é isso que meus ouvidos dizem, Eve. Está querendo dizer que meus sentidos estão mentindo? – Não preciso olhar para ela, para saber que está zangada, até porque seu rosnado me deixa muito ciente disto.

— Anda me vigiando, Luciano? – pergunta, com um rosnado, tornando-se cada vez mais próxima de mim.

— Na verdade, isso foi apenas uma coincidência – digo, arrastando minhas mãos pela parte de cima da gaveta e, algo ali faz com que meu corpo todo tencione.

— Está mentindo! – rosna, colocando sua mão em meu braço e depois o puxa, fazendo com que eu me vire, ficando de frente para ela, com os olhos em chamas.

Bem, agora não estou diferente e, eu só espero que ela não cruze as barreiras da minha paciência.

— Ao contrário de você, gatinha, eu não minto, se isso não for me trazer benefícios. – Meu olhar agora está no seu, assim como o seu no meu.

— Não temos nada, para que me cobre fidelidade.

Agora, da água para o vinho, seu olhar muda e, esse aqui em minha frente, está gelando toda a porra do meu corpo, porque é o mesmo olhar que em outro momento ela estava dirigindo ao tal Heitor.

— Você deixou isso muito claro na última vez que ouvi tua voz – digo, me levantando rapidamente, para dirigir meu olhar para ela, que me machuca com tamanha frieza.

Mas, eu sinto muito, muito mesmo, porque não vou permitir me sair por baixo dela.

— Você é apenas meu segurança, que eu seduzi até ter o que eu queria. Se coloque no seu lugar, que você está aqui apenas para me servir... para nos servir.

Uma facada não, isso é uma martelada desgraçada no meu peito e no emocional, que eu imaginava não ter.

Ela está chamuscando fogo ardente no meu coração, esse que já foi pisado demais para ser mais um pouco dessa vez.

Aceno, encarando-a. E, em questão de segundos, me coloco em sua frente, com toda raiva que o demônio dentro de mim, consegue enviar para ela, arrastando-a até estar contra a parede. Quando a tenho em meu domínio, levo minha mão até seu pescoço, mantendo seu olhar no meu e sua respiração contra a minha.

— Não sirvo a ninguém, gatinha, muito menos a você – aproximo meus lábios dos seus e quando estão próximos o suficiente, passo minha língua contra seu lábio inferior, ao tempo em que aperto um pouco seu pescoço. — Eu sei que a noite passada não significou nada para você e, não pense que para mim, significou algo. Conheço bem o tipinho de mulher que você é, que gosta de jogar até ter o homem que você quer em suas mãos. Quando finalmente o tem, descarta, deixando-o morrendo de amores por você. Não espere tanto de mim, porque o máximo que extrairei de você serão muitos gemidos e prazer. Sentimentos... não espere vindo de mim.

Solto seu pescoço, ao tempo em que me afasto do seu corpo, vendo-a com os olhos arregalados de surpresa e a respiração acelerada de desapontamento.

— Você vai se arrepender disso!

Gargalho alto, chutando violentamente o bolo que se coloca em minha garganta.

— Eu tenho um combinado com teu pai. Assim que eu o cumprir, sumirei da vista de todos e da sua também, assim como sempre fiz com todas – digo, vendo rastros de gotículas em seus olhos, esses que ela trata de mascarar, sacudindo a cabeça lentamente.

— Isso se você conseguir esquecer de mim, psicopata – diz, com um sorriso arrogante brincando em seus lábios.

Apenas balanço minha cabeça negativamente, bem lentamente, para que veja o quanto não estou blefando.

— Já escutei muito essa frase vinda de lábios femininos, gatinha. Não pense que será a primeira e única.

Em seus olhos, vejo o mais puro desapontamento e... dor?

Sente dor por minhas palavras, por serem ditas por mim, ou por achar não ter conseguido seu objetivo supremo?

— Vá se danar, maldito doente! – grita, com o rosto vermelho.

Arqueio uma sobrancelha e me encaminho para a porta, mas antes de abri-la para sair desse maldito lugar, volto meu olhar em sua direção e digo:

— Boa sorte, em esconder seu namoradinho, porque ele estará morto em questão de horas.

Abro a porta e saio, antes de escutar sua possível resposta.

Não poderia ser diferente em minhas paixões, como é em minha vida.

Nada fácil.

Mas, como dizia meu mestre Nicolas:

— *A paixão mais demorada em ser conquistada é aquela que vai enraizar na sua mente, mas não leve essa para o geral. A que vem cedo, também pode causar o mesmo resultado. Só... tenha cuidado, com suas atitudes para com ela.*

Não vai ser fácil, mas tenho certeza que o meu resultado será o melhor...

Capítulo 18

Minha respiração está ritmada e acelerada, à medida que tento expulsar esses malditos pensamentos da minha mente, em que Eve aparece repetindo tudo aquilo que eu disse a ela e, eu tenho certeza que isso seria o motivo da minha morte súbita.

Eu precisei sair daquela casa o mais rápido, antes de cometer uma besteira e, então com algumas ligações aqui, outras ali, em menos de cinquenta minutos tenho nas minhas mãos a localização de Astrogildo, assim como em minhas vistas, tenho a frente do lugar em que ele está escondido.

Com um capuz preto cobrindo todo meu rosto, luvas de couro preta em minhas mãos e uma pistola, desço da Ferrari de Felício. Olho de um lado para o outro, tendo o cuidado de passar despercebido por qualquer pista, como fiz ao longo de toda minha vida.

Assim, não querendo prolongar essa merda, encaminho-me diretamente para a frente da casa, fechada com cadeado, o que me faz revirar violentamente os olhos, ao ver o tamanho do portão, que facilmente pulo, sem ao menos guardar a arma no cócs da minha calça.

Fico atento a todos os tipos de barulhos, apenas escutando o som de uma televisão ligada no fundo da pobre cabana. Apresso meus passos em direção ao barulho, vendo o mesmo moleque, deitado na cama com os pés contra a parede, revelando-se um inútil completo como sempre imaginei que era.

— Bem, como eu falei antes... – digo, vendo que ele leva um susto, levantando-se rapidamente e se senta na cama. — Te encontrei e... como ainda tenho um encontro com um inimigo em vinte minutos, não irei prolongar o teu sofrimento.

— Como... co... como...

— Gosto de matar minhas vítimas, enquanto olho em seus rostos e olhos, sabe? – Sorrio, levantando minha mão em direção a ele, com a arma apontando para a sua cabeça.

— Por favor... por favor... eu me afasto dela... eu...

Olho em seus olhos, absorvendo todo seu medo e atiro. Uma, duas, três, quatro vezes, vendo que ele cai morto contra o colchão, inundando-o de sangue.

Missão cumprida.

Suspirando, me viro, deixando-o aí, para que apodreça.

— Jeová, meu parça, está indo mais um – sussurro, antes de me encaminhar para fora do lugar, vendo que na rua não tem ninguém, o que começo a considerar algo muito bom.

Acho que esse é um bairro ao qual vou querer me apossar. Já que o movimento de pessoas é quase nulo e, eu poderia fechar muitos negócios perigosos, que precisam de muita discrição.

Pulo o portão, da mesma forma que fiz ao entrar e, rapidamente vou em direção ao carro em que vim. Abro a porta do mesmo, pensando no quanto ainda vou ter que lidar para ter a mulher que estou apaixonado, apenas para mim.

Não espero que seja fácil, nem assim desejo, mas eu só espero que no final, o que sobre da sua parte seja o amor e o sentimento verdadeiro. E, que eu seja capaz de identificar se é o certo ou não. Que tudo o que Nicolas me ensinou, seja aplicado da minha melhor forma.

Suspiro, entrando no carro e me posiciono em frente ao volante.

Tiro o capuz, mas permaneço com as luvas de couro, ao passo que dou partida no carro e acelero, para sair dali, tomando caminhos que me levem diretamente a Teixeira, para o local em que ele marcou de me encontrar, na mensagem que me enviou, para desenvolver a tal proposta.

Em questão de minutos, com minha respiração mais limpa e com a calma habitando meu interior, estaciono o carro em meio a estrada de terra, na divisa entre uma cidade e outra. Esse é um outro local, que praticamente quase ninguém frequenta, porque é um lugar marcado por assassinatos e mais assassinatos.

Isso pode ser uma armadilha, vinda de meu querido pai, mas estou com todos os meus braços abertos para conseguir com que ele tenha a mais profunda confiança em mim, para que eu possa aumentar meus negócios cada vez mais.

— *Não julgue Malaquias como sendo um tapado, Luciano. Ele sabe de tudo que o ronda. Em cada cantinho que você se colocar, uma pessoa estará te vigiando, esperando um vacilo seu, por mínimo que seja.*

Com um sorriso nos lábios, três pistolas na cintura completamente carregadas e um colete fino, que se adapte ao meu corpo, desço do carro, observando ao redor e vendo que por aqui, não há ninguém...

Não ainda.

Chegar alguns minutos adiantado me dá certas vantagens e, entre elas, as de armar algumas armadilhas, para possíveis imprevistos, que possam me aparecer, para me eliminarem da forma mais covarde e, é obvio que não darei tanta facilidade para me matarem assim, como se eu fosse uma mosquinha.

Então, preparado para certos momentos começo a deixar bem armadilhas meus brinquedos, assim como um gravador na parte de trás de minha calça, como seguro para qualquer imprevisto também.

De Teixeira posso esperar tudo, ou seja, não posso vacilar por momento algum.

A fama que ele nutre por aí, é muito extensa por ser um trapaceiro de primeira marca, além de saber perfeitamente onde está se metendo, por conhecer a todos.

E, na minha cabeça, tenho um plano perfeitamente arquitetado, que se o que ele está querendo me

propor for o que estou pensando, vai me sair melhor que encomenda, porque irei eliminar uma ameaça futura, ao mesmo tempo que irei fortalecer meu laço de confiança, enquanto construo mais aliados.

Sorrio, ao terminar de aprontar tudo, já vendo faróis acesos se aproximando de mim lentamente e, como eu imaginei, trazendo reforços. Abro um sorriso maior ainda, quando uma série de pipocos dos pneus preenchem o lugar, quebram o silêncio maçante.

A alguns metros de onde estou, coloquei uma série de pequenas bombinhas, destinadas a exatamente isso.

Obviamente não iria correr o risco dele me fazer algo e, fugir assim sem uma dificuldade.

Os carros param no meio da estrada, ainda a uma distância considerável de onde estou e, ainda com um enorme sorriso nos meus lábios, vejo a porta do carro da frente se abrir e um pé se colocar para fora do mesmo, acompanhado de uma alta gargalhada.

— Muito adiantado, garoto! – Essa voz é de Teixeira, ao sair completamente do carro. Seus passos contra o chão, são cuidadosos, observando onde pisa e no quê, o que me rende uma risada alta.

— Cheguei muito antes que você, querido – digo, cruzando os braços e ele acompanha meu movimento, observando-me de perto, ao chegar perto o suficiente.

— Percebi.

— Querido, vá direto ao ponto, que ainda tenho muitas coisas para fazer, sendo que o dia já começou tumultuado.

Ele acena e meu olhar vai rapidamente para trás dele, onde estão os carros e vejo que lá dentro, tem homens com suas armas apontadas diretamente para mim, o que me faz revirar os olhos.

— Ótimo – sorri, dando de ombros. — Quero que você fique à frente de uma ação que estou planejando contra Júnior Perverso.

Arqueio uma sobrancelha, observando seu rosto tão pleno me encarando.

— O que eu ganharia, enfrentando Perverso? – pergunto, com um bufo incrédulo.

— Minha lealdade.

Gargalho alto, jogando minha cabeça para trás.

— Melhore essa proposta, querido.

— Minha lealdade à você e não a Malaquias.

Adoto uma postura séria, encarando-o e sacudo minha cabeça.

— Qual o grau dessa ação? – pergunto, reprimindo um riso alto.

Pensei que ele fosse mais esperto e menos retardado.

— Morte em massa. Quero matar todo mundo que há por ali e tomar aquela comunidade para mim. Eu sei que você faria isso sem precisar de esforços.

— O que pode me garantir que eu terei realmente sua lealdade?

Uma ação como essa, iria me trazer mais prejuízos do que levaria para Júnior, sem contar que não preciso da arma dele apontada para o meu rabo também, quando já a tenho apontada para o de Felício.

Isso já é o suficiente para que eu possa lidar.

— Sei algumas coisas sobre você que não passei para Malaquias, como a noite passada em que você fodeu com a filha do Felício – diz, abrindo um largo sorriso e causando um ódio descomunal em meu interior, esse que mascaro com um sorriso diabólico, que só revelo quando as pessoas insistem em acordar o demônio que dorme preguiçosamente dentro de mim.

— Essa é a prova de sua lealdade à mim? – pergunto, desencostando-me do meu carro.

— Quer uma maior?

— Quero. Em duas horas – dito isso, viro-me e me encaminho para o carro, onde abro a porta e entro, tratando de dar partida no mesmo, olhando nos olhos de Teixeira, que me envia apenas um sorriso.

O cara me chama para oferecer lealdade a mim, causando uma desordem nas coisas e ainda menciona Eve, no meio de todo o negócio. Em duas horas, acho que não estarei recebendo prova alguma sua, ein...

É, querido, essa é a sua sentença de morte.

Capítulo 19

Do alto do muro da casa de Felício, trago mais uma vez meu cigarro, liberando a fumaça logo em seguida, ao tempo em que observo todos os carros indo e vindo pela rua. Cheguei aqui não faz muito tempo e resolvi que me dirigiria diretamente para cá, sem querer ter que ver o nojo e repulsa no olhar daquela que eu só gostaria de ver simpatia, desejo... amor.

Posso estar ficando um pouco melodramático, até porque nunca tive tais sentimentos dirigidos a mim dessa forma, como gostaria de ter agora, vindas diretamente dela.

Suspiro, retirando o celular do bolso e ligo para Malaquias, que atende no quinto toque, como sádico de merda e cu doce que ele é, para demorar tanto.

— Meu rapaz...

— Acho melhor você começar a rever suas alianças, querido – digo, sentindo o vento quente bater contra minha pele, esse que se assemelha ao sentimento que tenho enraizado em meu peito. — Teixeira me fez uma proposta muito duvidosa, que acredito ter feito para os outros ao qual ele trabalha – suspiro, escutando uma puxada de ar vinda dele. — Enviei uma gravação para o teu e-mail. Trate de escutar e lide você com ele.

Tiro o celular do ouvido e o desligo, deixando que descanse em cima de minha perna.

Trago mais do meu cigarro, observando as coisas ao meu redor e começo a pensar nos preparativos para tomar essa parte da cidade. Preciso de aliados, preciso de mais forças e espero conseguir muitos nessa tal festa que Felício mencionou.

Achando calma a forma como tudo está agora, resolvo descer e entrar, tendo nas minhas vistas o idiota de Felício e Eve, já que estou aqui apenas para isso.

Ao entrar na casa, vejo que a secretária de Felício, a mesma que estava com a boca muito ocupada trabalhando no sexo dele na última vez que a vi, está sentada no sofá da sala, observando alguns papéis.

Com meu olhar nela, me aproximo, observando o quanto está concentrada em sua tarefa de arrumá-los. Meus passos são leves, de uma forma que ela realmente não perceberia.

Sorrio, imaginando o quanto Felício é um filho da puta em estar com duas mulheres ao mesmo tempo.

De qualquer forma, eu posso ser o mais fodido dos psicopatas insanos, mas se eu tiver uma mulher que eu ame em meus braços, não serei capaz de traí-la com uma qualquer...

Mas indo por esse lado de pensamento, algo me faz parar um pouco.

Será se Felício ama a esposa? E se ama, por que estava com esta fulana? Ou será que ele ama essa mulher aqui, e está com a esposa apenas por conveniências?

E assim, com a curiosidade tomando conta dos meus pensamentos, sento-me ao seu lado, buscando por alguma resposta, um motivo para que ele a ame...

— *Quando você se apaixona por alguém, você não vai se apaixonar por aparências... existe algo mais, Luciano. A forma de falar, o modo de andar, a maneira de agir, até mesmo a maneira que a pessoa te olha, já é um motivo para se apaixonar. Não foque apenas na aparência, apenas veja o que a pessoa tem que possa te encantar...*

Seguindo o conselho de Nicolas, começo a observar seus traços, mas o que vejo nela, é apenas tudo que já percebi em outras mulheres. Preocupada em apenas estar sempre bonita, em se sentir desejável por todos... isso não é algo que me chamaria atenção, ou que faça o tipo que chamaria atenção em Felício.

Talvez ele seja apenas um velho que gosta de foder com todas mesmo.

— Atrapalho? – A voz esganiçada de Eve, se faz presente próximo ao meu ouvido, o que acaba me causando um pequeno susto, devido a minha concentração nesses pensamentos tão sem sentidos.

Levanto-me rapidamente do sofá, vendo que a secretária arregala os olhos, com o rosto tornando-se vermelho.

— O que voc.... você estava aqui?

Reviro os olhos, ao escutar seus gaguejamentos.

Pisco meus olhos, puxando uma respiração longa. Sem querer dar explicações a ninguém, para que Eve não acredite que tenho interesse em sua opinião, apenas começo a caminhar na direção em que ela está e, quando ela arqueia as sobrancelhas, entreabrindo os lábios, acho que imaginando que iria até ela, continuo a caminhar, passando por seu corpo e me dirigindo diretamente para a cozinha.

Não posso dar a ela a impressão que me causa algo, porque só seria mais um motivo para que ela pise ainda mais no que sinto e, eu não vou permitir isso, mesmo sendo ela.

Respiro fundo, ao alcançar a cozinha, mas acabo desistindo de entrar, ao ver a esposa de Felício sentada à mesa, com ele ao seu lado, passando a mão por seu braço. Não consigo entender isso.

Se ele ama uma, por que está com outra?

Será se ele é do mesmo jeito de Eve?

Um louco por jogar com os sentimentos alheios?

Viro-me voltando os passos que acabei de fazer e, novamente passo pelo corpo de Eve que continua parado no mesmo lugar em que deixei, observando a secretária de Felício, com um olhar de puro ódio. Meu olhar não se demora muito em seu rosto e logo, está sendo desviado para sua bunda perfeitamente preenchida por uma saia bege, que fica colada em seu corpo, dando ainda mais foco a uma das partes que ela mais tem de melhor.

Tentando expulsar meu lado insano para tê-la, apenas desvio meu olhar do seu e passo por ela, indo diretamente para as escadas, subindo-as rapidamente. Já no topo, sorrio minimamente ao perceber que se aproxima de mim da mesma maneira. A julgar pelo tamanho dos saltos que está usando, sinto uma pontada no meu peito, ao imaginar que ela possa dar um jeito sem seus delicados pés e consequentemente acabar caindo.

Tomando todo o controle que posso para não parar no meio do caminho, apenas sigo até o primeiro quarto de hóspedes que encontro. Noto que a porta está aberta e entro, mal tendo tempo de fechá-la, já que Eve a empurra com um supetão, antes que eu tenha a ação de me afastar.

Uma Eve com o rosto todo vermelho e a respiração acelerada entra no quarto, fechando a porta e a tranca, encostando seu corpo contra a mesma, enquanto me encara.

Ódio está sendo salpicado dos seus lindos olhos verdes.

— Você não pode ficar pegando outras mulheres desta casa. Coloque-se no seu lugar – diz, com sua voz friamente controlada e seus lábios pintados com um batom vermelho se movendo lentamente, à medida que profere cada palavra, me fazendo rir baixinho.

— Gatinha, se coloque no seu lugar de quase defunta, porque sem mim aqui, você já estaria a sete palmos da terra há dias – digo, arqueando as sobrancelhas, tentando passar a ela segurança e zombaria, quando aqui dentro de mim, um rebuliço desgraçado está se formando, apenas com essa possibilidade.

— Você só pode estar brincando, seu psicopata! – rosna, se aproximando rapidamente de mim, com seu olhar compenetrado no meu, enviando todo ódio que é capaz de queimar a porra do meu peito. — Você tem um trato com meu pai...

— Isso aqui é mais um favor que estou fazendo a ele, quando eu poderia estar tomando conta dos meus bares, cassinos, cabarés... – Com essa declaração, quero passar a ela que não sou o pobretão que ela imagina que eu seja, assim como não sou menor que os playboys que ela está acostumada.

— Por que não está lá? – pergunta, aproximando sua boca da minha, passando por meus lábios os seus, bem lentamente, fazendo com que meus olhos se fechem apenas para apreciar este contato maravilhoso, tão perto de mim.

Apenas sorrio, abrindo meus olhos e a encarando.

— Porque tenho negócios a tratar por aqui – digo, vendo que ela fecha os olhos, aproveitando para atacar minha boca, ao mesmo tempo em que coloca uma mão em minha nuca, aproximando ainda mais minha cabeça da sua.

Sua boca se abre, dando passagem para minha língua e, quando vou perceber, já estou com minhas duas mãos em sua bunda, apertando o quanto posso seus dois montes carnudos, perfeitos para mim e compatíveis apenas comigo.

O beijo segue seu curso lento, macio e gostoso, enquanto meu coração bate descompassado em meu peito, sentindo que seu corpo se cola ainda mais contra o meu, ao tempo em que ela me empurra lentamente, até que sinto a parede contra minhas costas e suas mãos, abandonando minha nuca para

descerem por meu peito, agora sentindo mais urgência.

Subitamente e rápido demais, sua boca abandona a minha e seu olhar desce para meu peito, que sobe e desce descompassado aqui em suas mãos, essas que sinto estarem bastante tremulas, igualando-se com as minhas.

Ela desce ainda mais suas mãos, até chegarem a bainha de minha blusa e então, sobe seu olhar para o meu, revelando suas duas safiras com uma intensidade fora do normal lançadas em minha direção, fazendo com que todos os cabelos do meu corpo se arrepiem.

— Você a deseja? – sussurra, encarando meus olhos, ao tempo que suas mãos adentram minha camisa, e seus dedos frios tocam minha pele, com suas unhas raspando em seu caminho, fazendo com que uma série de arrepios subam por meu corpo.

Dizer que estou excitado é a porra de uma verdade. Eu estou duro para caralho com essa provocadora da porra.

— Não vai me responder, gatinho? – Seus olhos não desviam dos meus, quando repete a pergunta e eu não ousa abrir minha boca, porque o que eu iria dizer, seria apenas a verdade.

Eu não desejo mais ninguém a não ser ela.

Eu não quero mais nenhuma outra nua na minha cama, se não for ela e, essa constatação em minha frente, só faz com que eu fique mais louco ainda, porque está tudo perigoso demais.

— Duvido que ela possa te deixar duro, como eu te deixo. – E com isso, seus lábios voltam para os meus, com um beijo violento, que transborda desejo e obsessão. Suas mãos vão para as laterais da minha coluna e as apertam ali por alguns segundos, para logo em seguida, descenderem para o cóis de minha calça jeans preta.

Sua respiração está tão acelerada, quanto a minha e, sem conseguir controlar o diabo louco para tê-la, apertou sua bunda, trazendo sua virilha de encontro a minha, para que sinta minha rigidez, essa que nenhuma outra seria capaz de deixar, porque não existe outra deusa capaz de enfeitiçar um homem, como essa aqui está fazendo comigo, neste exato momento.

Seu olhar é hipnotizador, assim como seus beijos que me envenenam com o mais letal dos venenos, aquele que vicia em apenas uma mulher e em apenas uma boca, fazendo com que as outras se transformem em robôs sem sentido e sem quaisquer atrativos.

Ela está me estragando para qualquer outra, com suas mãos habilidosas, seus beijos provocantes e sua intensidade mortalmente deliciosa, que estou completamente embriagado e viciado...

Sua boca desgruda da minha mais uma vez e ela me encara, fazendo-me sorrir de lado, ao ver que as laterais da sua boca estão manchadas de batom.

— Quero você só para mim – sussurra e, agora eu não tenho mais controle sobre os meus atos.

O controle fugiu do meu corpo, assim como a vontade de ignorá-la.

Eu quero sentir seu corpo em mim me levando à loucura, assim como quero causar o mesmo efeito nela...

Capítulo 20

É com meus lábios presos nos seus, que retiro toda a sua roupa, jogando-as em algum canto do quarto. É sentindo suas mãos percorrendo meu cabelo, que a pressiono contra a parede ao qual eu estava encostado. E, é com sua respiração acelerada, que separo nossas bocas, para olhar em seu rosto vermelho. Seus olhos em chamas, provocam o inferno dentro de mim, mas a todo custo eu apenas tento me controlar, para seguir tudo aquilo que me foi ensinado por Nicolas.

O tocar na pele, tendo de ser macio, calmo, para que ela se sinta amada.

Meu olhar focado no seu, para que ela perceba que eu a desejo mais que tudo.

E o amor, que faremos aqui contra essa parede, para que ela queira novamente minhas mãos em seu corpo, ao mesmo tempo em que apenas a minha imagem permaneça em sua mente.

Distribuo beijos desde a sua boca, até o seu pescoço, percorrendo cada cantinho com cuidado, quando ela enlaça minha cintura com suas pernas, aumentando seu aperto em meu pescoço.

— Luciano, você não vai me esquecer – sussurra e, novamente cola sua boca na minha, aumentando a intensidade do mesmo, deixando com que a selvageria dos nossos corpos tomem conta do nosso momento e, por todas minhas armas, eu não sou capaz de parar agora, para dar outro ritmo, porque meu corpo está focado demais apenas em receber todas as sensações que ela quiser me passar.

Sua pele nua, totalmente a minha disposição, me dá a liberdade de correr minhas mãos pela mesma, apertando e tendo sua carne preenchendo minhas mãos, assim como eu gosto de que ela sempre esteja.

Nossas bocas estão trabalhando em sincronia perfeita, assim como a lua combinada com as estrelas, em uma noite estrelada. Seu beijo está mexendo com tudo dentro mim e, me tornando sua marionete, essa que eu não posso ser...

Meu sexo está pulsante dentro da minha calça e, antes que eu possa me dar conta, suas mãos apressadas estão rasgando minha blusa do meu corpo, com a pressa tomando conta do seu corpo, se igualando a mim...

Arfo, ao senti-la pressionando sua virilha contra meu sexo, ao passo em que sua boca sai da minha, para ir para o lóbulo de minha orelha, enquanto suas unhas raspam minhas costas, passando por cima de minhas espessas cicatrizes.

— Tire a calça, agora – rosna, perto de meu ouvido, causando uma série de calores, variando do máximo ao médio.

Nunca na merda da minha existência uma ordem dada dessa forma, por um outro alguém, seria tão

malditamente sexy, porra.

E, obedecendo sua ordem, apenas me afasto o suficiente para que isso seja feito. Quando tenho minha calça e cueca do outro lado do quarto, colo mais uma vez meu corpo no dela, levando automaticamente minha mão para o seu centro, que para o meu total deleite, está molhadinho, esperando por mim.

Revelo um sorriso prepotente, recebendo uma mordida no lábio inferior de resposta, o que me deixa ainda mais louco, pela imagem de outro desgraçado tomando-a assim, vendo-a dessa forma toda entregue e... perfeita apenas para mim.

— Eve – sussurro, fazendo movimentos circulares em seu clitóris, vendo que seus olhos se abrem ainda mais, com a luxúria sendo exibida ali, completamente para mim. — Você é apenas para o meu deleite, a partir de agora.

Ela morde seu lábio ainda com mais intensidade, quando aumento meus movimentos, vendo que o tom avermelhado toma conta de seus seios, magnificamente bela.

— Se você entende e aceita, daremos continuidade – meu sussurro agora, se dá contra os seus lábios, ao tempo em que vejo seus olhos fecharem para absorver o prazer que lhe proporciono. — Sei cada pontinho do seu corpo que pode te fazer delirar de prazer, Eve... Só preciso da tua resposta.

— Quero me tome – sussurra de volta, para logo em seguida, abrir sua boca, com um grito mudo, o que me faz desacelerar meus movimentos.

— Tem certeza, Eve? – Meus olhos estão em brasas nos seus, à medida que tenho os seus ainda fechados.

E, logo uma ideia completamente torturante vem a minha mente, mas que vai fazer com que ela fique ainda desejosa para me ter, ao tempo em que continuo provocando-a.

Ela não gosta de provocar?

Seguirei o seu jogo, mesmo que tal manobra deixe minhas bolas roxas. Só espero que o resultado seja o melhor possível.

— Sim, eu tenho. – Sua afirmação, ao tempo que está entregue a esse momento de prazer, faz com que o diabo dentro de mim, rosne livremente, algo que antes nunca fora visto, nem ouvido, por nenhuma outra mulher.

Concentro dois dedos sob seu clitóris e, aumento ainda mais meus movimentos, enquanto desço minha cabeça para os seus seios expostos e à minha espera. Sem demorar muito em minha decisão, ataco-os como fiz da última vez que os tive para mim.

Beijo-os, adorando, lambo-os, para prová-los e abocanho-os, para degustá-los, ao tempo em que meus dedos trabalham a todo vapor em seu centro. Subo meu olhar para seu rosto, vendo que sua boca está aberta, seus olhos fechados e suas mãos apertam meu cabelo, à medida que tenho o prazer de vê-la chegar em seu clímax, aproveitando cada expressão que passe por seu rosto.

Escorrego meus dedos para a entrada de seu sexo, tocando em sua umidade e, logo em seguida, levo-

o diretamente para meus lábios, vendo que ela acompanha cada movimento meu, com total atenção.

Provo do seu sabor, fechando os olhos, para apreciar tal gosto embriagante e viciante, tendo a certeza que estou laçado e completamente arrebatado por essa diaba e, com uma promessa interna, juro que não vou deixar que ela destrua esse sentimento... Eu não vou permitir.

Tendo isso em mente, levanto-me e dou dois passos para trás, observando-a dar dois passos para frente. Com mais três passos, levanto minha mão para pará-la onde está. E sem dizer uma palavra, procuro por minhas roupas e quando as tenho em minhas mãos, visto-as, sob seu olhar descrente, penetrando minha pele.

— O que pensa que está fazendo, Luciano? – pergunta, com sua voz antes aveludada, agora transformando-se em puro gelo, o que me faz sorrir minimamente.

— Estou me colocando no meu lugar de segurança, gatinha.

Vejo que ela semicerra seus olhos, lançando chamadas por seu olhar.

— Só agora você toma essa decisão, psicopata? – rosna sua pergunta, colocando as duas mãos em sua cintura, fazendo com que meu olhar concentre-se apenas em seus seios maravilhosos, gostosos e completamente viciantes.

— Lembrei das suas palavras, patroa – sorrio de lado, tentando esconder minha ereção na calça que insiste em não querer fechar o zíper.

— Como vai lidar com essa ereção? – pergunta, passando a língua por seu lábio inferior, algo que me faz ponderar se eu realmente sou forte o suficiente para deixá-la aqui assim, toda desejosa e... nua.

— Irei trabalhar, gatinha – digo, abotoando meu zíper e, vejo o momento em que se aproxima de mim rapidamente, revelando o seu grau de interesse em ter o seu corpo no meu.

Seus dedos vêm de encontro ao meu peito nu e seus lábios carnudos, completamente provocantes, me fazem repensar a ideia idiota que tive...

— Você disse que aceitava ser minha, lembra? – digo, com meus olhos observando os seus e, tendo a certeza de que ela me entende, agora que já a fiz gozar.

— Sim...

— Você é muito duvidosa, gatinha – sussurro, passando meus lábios contra os seus e, antes que ela possua minha nuca com seus dois braços, a impeço, segurando-os no ato. — Não acredito em você...

Afasto-me do seu corpo, olhando seus olhos arregalados em minha direção, tendo a certeza de que acertei meu objetivo. Viro-me, sem dizer mais uma palavra e me aproximo da porta e antes de sair da mesma, dou minha tacada final.

— Seus namorados não aprovariam tal deslize.

Com um sorriso prepotente em meus lábios, saio dali rapidamente, antes que eu mude de ideia e a

faça minha contra aquela parede de uma vez por todas.

Suspirando, desço as escadas, buscando por controle, para conseguir controlar essa ereção que aqui está revelada em minha calça. E sem olhar para ninguém nessa sala, apenas vou em direção a porta de entrada, abrindo-a e saindo em direção aos meus homens que estão com suas atenções voltadas fora do lugar.

Me aproximo de um deles e estendo a mão.

— Me dê sua camisa.

Me encara sem entender, mas mesmo assim a retira do seu corpo e me entrega, essa que visto e, sem mais nenhuma explicação saio do lugar, tendo que fugir, para encontrar controle em outro lugar.

Desistindo do carro de Felício, dessa vez, utilizo o meu Audi Q5 preto, com vidros escuros e completamente confortável por dentro. Dirijo diretamente para minha comunidade, tendo que colocar uma distância breve entre mim e Eve, que espero estar louca onde quer que ela esteja.

Suspiro, ao estacionar em frente à minha casa, que eu já estava desejando há um tempinho. Meus homens que ali estão de guarda, com seus fuzis enormes e mais outras coisinhas, para complementar a guarda. Aceno, cumprimentando a todos e adentro minha residência, com um cheiro mais familiar que sou capaz de identificar.

Retiro essa camisa do meu corpo e vou em direção ao meu enorme sofá, completamente confortável, onde me deito e suspiro, fechando os olhos.

— *Nunca vou esquecer seus olhos pedindo por socorro* – Nicolas chorava, com o olhar perdido em meio as árvores que ali no lugar continham. — *Eu não ajudei, porque ele era meu chefe, aquele ao qual jurei fidelidade.*

Eu não conseguia entender o motivo pelo qual ele sofria tanto e falava tanto dessa mulher, na época, eu não acreditava no sentimento, muito menos no que sua cabeça psicopata me passava.

— *Depois de jogá-la no chão, ele me encarou com tanto ódio, que eu pensei naquele momento em queimá-lo vivo, para que ele sentisse toda a dor que isso possa causar. Você sabe o que ele disse, Luciano?*

Eu apenas sacudi minha cabeça, negando. Como eu poderia adivinhar o que diabos acontecia na vida daquele louco?

— *Ele me disse que aquilo, era algo que o nosso pai faria.*

Capítulo 21

Eve Carvalho

Grito, mordendo minha mão, quando o vejo sair por aquela maldita porta, ao mesmo tempo em que sinto o quanto essa situação está saindo das minhas mãos, coisa que antes não tinha acontecido.

Todos os homens ao qual quero, sempre acabam na minha cama, quando assim determino.

Heitor foi um deles, que me deu um pouco de trabalho, mas quando menos fui perceber, lá estava ele se ajoelhando aos meus pés, dizendo várias vezes o quanto me ama, o que me fez perder o interesse imediatamente.

Se tem uma coisa nessa vida que tenho raiva é homem apaixonado demais, pegando no meu pé. Sou uma mulher da vida, de todos aqueles que eu quiser, não quero lidar com homem cheio de pegajosidades, até porque para isso não tenho paciência.

Bem, como ele já estava me saindo um tremendo chato de galocha, resolvi dispensá-lo de uma vez, para não ter incidentes de ele acabar estragando planos meus com outros homens que posso aproveitar bastante.

E então, do nada, me pai aparece com esse segurança mais virado para um psicopata, completamente gostoso, com aqueles olhos azuis como o mar, o cabelo loiro escuro liso, barba perfeitamente cheia e média de cor castanha escura, os lábios perigosamente macios e deliciosos. O rosto de homem bonzinho e doce, em contrapartida seu olhar exala maldade e insanidade. Os braços recheados de tatuagens, o que só o torna ainda mais quente e desejável. Suas costas com espessas cicatrizes, algo que só o torna ainda mais quente, porque pela sua profundidade, acredito que ele deve ter feito coisas muito malvadas para ter as ganho.

Não consegui resistir e tratei de levá-lo para minha cama, fazendo-o perceber o quanto preciso dele e o quanto sou dependente da sua proteção. Obviamente que não preciso de nada disso, só quero que ele acredite que tenha algum poder sobre mim, para que eu possa tê-lo mais vezes, fingindo-me de vítima indefesa.

Mas ao que tenho percebido, minhas técnicas de sedução estão indo de água abaixo, porque ele tem claro interesse por aquela maldita ninfeta secretária do meu pai.

Quando o vi tão perto dela, observando-a com atenção, um ódio fora de todo meu normal, subiu por meu corpo e, desconhecendo-me completamente me aproximei deles como se minhas pernas tivessem vida própria.

Eu precisei chamar sua atenção para mim.

Eu precisei fazer com que ele enxergasse que eu estava ali.

Eu precisei que ele tirasse sua atenção dela.

Eu desejei que sua atenção e olhar intenso estivesse voltado inteiramente para mim.

Minha respiração está presa no meio da minha garganta, quando lágrimas começam a deslizar por minha face, enquanto lembro mais uma vez de sua atenção tão focada em mim.

O que antes era eu usando os homens, agora, deixei-me ser usada por ele e não acredito que permiti, pior, que praticamente forcei que ele fizesse tal coisa.

Lancei toda a provocação que existe dentro de mim, para que ele me tomasse nesse quarto, mas ele não o fez. A raiva misturada com a decepção só está mais borbulhante que nunca dentro de mim, fazendo com que mais lágrimas desçam por minha face.

Como ele pode lançar tanto tempo da sua atenção para ela, quando nem há pouco tempo me teve?

Como ele ousa apenas me enlouquecer e depois sair assim, como se eu fosse uma das mulherzinhas que ele está acostumado?

Meu corpo está nu esperando apenas por ele, mas o desgraçado preferiu me deixar aqui, para sair do quarto.

O pensamento de que ele possa ter descido para se encontrar com aquela vadia pequena sem sal, faz com que mais lágrimas escorram por meu rosto e a urgência de acabar com ele toma conta de mim, fazendo com que eu pegue minha roupa e a vista rapidamente. Quando estou devidamente vestida, caminho a passos rápidos para fora dessa droga de quarto, meu coração batendo aceleradamente assim como minhas pernas. Chegando ao fim do corredor, me encaminho para as escadas, buscando por sua figura, enquanto desço-as rapidamente. Ao chegar embaixo, não o encontro, mas vejo que ela está na mesa da sala.

Vadia!

O ódio está tão forte em meu peito, que quando vou perceber estou me aproximando dela e, ao chegar em sua frente, vendo que sobe seu olhar para o meu, revelando um sorriso infeliz e desgraçadamente bonito em minha direção. Não controlo o impulso de esbofetear seu rosto com bastante força.

Pensa que pode roubar a atenção dele de mim?

Não, ela não vai conseguir, porque antes disso, acabo com a raça maldita dela.

— Sua brega, inútil, vadia! – digo, desferindo mais tapas em seu rosto.

Ela tenta se defender, se desviando, mas sou implacável em meus ataques. Então, ela lança sua perna contra a minha, fazendo com que eu caia contra o chão, com um baque forte.

— Você está louca? – grita, subindo na minha cintura. Segura minhas duas mãos e, sua respiração acelerada contra meu rosto, faz com que eu sinta mais ódio ainda.

— Me solta, desgraçada! – grito, me debatendo contra o chão, para que eu consiga me livrar de seu aperto.

— O que está acontecendo aqui? – a voz grossa de meu pai, se faz presente no lugar, ao tempo em que a desgraçada é retirada de cima de mim.

Levanto-me rapidamente, com lágrimas caindo dos meus olhos, enquanto sinto o ar mais uma vez preso na minha garganta.

— Está demitida! – rosno, apontando meu dedo indicador em direção ao seu rosto.

— Eve o que acontece aqui?! – meu pai pergunta, afastando-a de mim, com suas mãos no ombro dela.

— A quero fora da minha casa agora mesmo! – rosno e sem esperar mais nada, me viro, indo em direção as escadas, que subo o mais rápido que posso, precisando do meu quarto.

Ela não pode ser tão interessante ao ponto de fazê-lo ficar tão interessado assim, que vá me largar.

Com o dorso de minha mão, limpo as lágrimas de meu rosto, quando já alcanço o topo.

Minha respiração está acelerada, enquanto tento pensar onde diabos ele possa ter ido. Será que vai se aliviar com outra? Quem? Onde?

Não admito que ele me deixe para ficar com outra, não consigo lidar com toda essa merda que está se passando comigo agora.

Esse aperto mortal no meu peito, que chega a me deixar sem ar, somente em pensar que ele possa ter outra mulher em seus braços agora. Saiu daqui com uma ereção bem ostentadora, que poderia estar sendo muito bem trabalhada por minha boca. Apenas por mim.

Nenhum dos homens que já tive, teve tamanha audácia!

Sempre fui o necessário para todos eles.

Nunca me importei com possíveis traições, porque realmente não me interessava.

Isso que está tomando conta de mim agora, nunca aconteceu.

— Eve!

A voz do meu pai se aproximando de mim, só faz com que eu apresse meus passos em direção ao seu quarto, onde nunca mais quero sair, depois do que aconteceu da última vez.

Com um empurrão forte, abro a porta, escutando os passos pesados do meu pai.

— Minha filha, pelo amor de Deus, o que aconteceu? Você nunca agrediu alguém, sempre foi fina o suficiente para lidar com as pessoas com sua língua afiada.

O peso de suas palavras sobre mim é tanto, que me faz estancar no meio do quarto, ao tempo que

meus olhos se arregalam.

Ele está certo, não sou assim.

Nunca levantei minha mão para matar uma mosca, quem dirá para agredir alguém assim.

— Eu não sei — sussurro, sentindo um frio subir por minha espinha, ao mesmo tempo em que os cabelos de minha nuca se arrepiam.

O que diabos está acontecendo comigo?

Capítulo 22

Ainda criança, fui enviado para a Síria, lugar onde eu seria treinado por um amigo dele. Bem, eu jamais teria coragem de te submeter a metade das coisas que fui obrigado a passar, para me ver livre daquele lugar. E, quando finalmente sai dali eu só queria uma coisa... Vingança!

A semana passou voando e, quando fui notar, já era o dia do tal evento, onde reuniria pessoas importantes, que Felício disse que iria me apresentar. Procurei evitar aquela casa, a todo custo, para que eu tivesse os olhos de Eve me buscando em meio a toda multidão de pessoas ricas e importantes, que estão por aqui.

Eu sei como a deixei e não teve uma maldita noite que eu não pensasse naqueles lábios carnudos, em sua respiração acelerada e em seus traços, absorvendo prazer, que foi provocado inteiramente por mim.

Dos meus seguranças, recebi informações de que ela estava perguntando sobre mim vez ou outra e, molhando a mão deles com dinheiro, para que eles nada me relatassem, o que me fez rir um pouco.

Sua inocência, quanto ao círculo em que vivo, me fissura.

É noite, várias pessoas estão por aqui, desde homens vestidos com trajes a rigor, até mulheres vestidas elegantemente, mas nenhuma delas chamou minha atenção, como ela. Está completamente linda, com o vestido longo preto, com uma enorme abertura na perna direita, desde os pés, até o meio das coxas. Seus seios devidamente valorizados pelo decote que os exhibe com elegância, sem deixar a sensualidade de lado, o cabelo solto e... o olhar em mim. Sorvo do vinho branco que tenho em uma taça, na minha mão, enquanto a encaro.

Felício sorri, ao tempo em que conversa com outro homem, vestido todo de preto, se igualando a mim, que estou da mesma forma, com um paletó preto, acompanhado de uma calça da mesma cor e sapatos da mesma forma. Uma camisa preta está por baixo do terno, essa escondendo minha arma, muito bem posicionada na parte de trás de minha roupa.

— Luciano Monteiro esse é o seu nome? – pergunta, um homem de meia idade, colocando-se ao meu lado. O encaro sério, tomando mais um gole de meu vinho e só então, sorrio minimamente, acenando. — Ouvi falar que é filho de Malaquias.

Varro seu rosto com meu olhar, vendo que me mede, observa e sem precisar que alguém me diga algo ou que ele faça o favor de dizer, sei bem que ele me conhece, mas ao que parece, estou em desvantagem, porque nunca o tinha visto antes em minha vida.

Arqueio uma sobrancelha, com um sorriso maior beirando meus lábios.

— Você é um dos inimigos que ele possui? – pergunto, vendo que ele se assusta imediatamente, mas

que tenta mascarar... tarde demais, querido, porque eu já tenho pleno conhecimento da resposta, sem que você me diga. Penso em socar dois dos meus dedos em seus olhos, mas saber que Eve circunda pelo local e que pode ver tal coisa, me faz repensar tal ato.

— Não sei do que está falando, rapaz.

Fecho os olhos, ao tempo que sacudo minha cabeça e rapidamente os abro novamente, revelando um sorriso cínico.

— Quem é Malaquias? – pergunto, em um sussurro, baixando-me o suficiente para que apenas ele escute o que vou dizer. — Lamento, querido... eu estava por aqui sem pensar em mandar mais uma alma para meu parceiro lá de cima, mas pelo que posso perceber irei ter que enviar, não é mesmo?

Afasto minha cabeça de perto da dele, para que eu veja seus olhos arregalados e seu rosto, antes vermelho, agora completamente pálido.

— Boa noite, cavalheiros.

Desvio meu olhar para a dona dessa voz, tendo a surpresa de ver uma mulher muito bonita, usando um macacão de seda, que deixa sua barriga a mostra, essa com apenas uma pequena parte coberta por um laço que liga a parte de baixo, com o pequeno top de cima.

Bem, em outra ocasião, com toda certeza do mundo inteiro, eu teria essa mulher de quatro contra um quarto qualquer desse lugar e iria submetê-la a mim de diversas formas possíveis, mas nessa, só quero ter uma mulher.

E submetê-la, não é bem o que quero fazer.

— Boa noite, senhora.

Ela me envia segurança com seu olhar intenso nos meus e, sua boca fina, preenchida por um batom da cor de sua pele, puxada de lado, em um sorriso que considero completamente sacana, me passa um alto nível de sedução.

— Senhorita.

Arqueio minhas sobrancelhas, ao perceber que o velho se afasta, mas agora, não irei me prender nele, que imagino estar pensando em algum plano para fugir daqui, antes que eu o encontre, ou em tentar me matar.

— Desculpe, então. Boa noite, senhorita...

— Fátima Cortês – diz, me fazendo sorrir educadamente.

— Prazer, Luciano Monteiro – digo, estendendo minha mão, que ela pega e aperta com sutileza e delicadeza, sorrindo para mim.

— O que faz da vida, Luciano? – pergunta, fazendo com que eu arqueie mais uma vez minhas sobrancelhas.

— Além de empresário, sou o que chamam por aí de... Traficante – Suas sobrancelhas se arqueiam e eu sorrio largamente, ao ver sua clara surpresa. — E você, Fátima?

— Além de empresária, sou Cafetina.

Bem, agora o surpreso aqui sou eu, com o quanto é direta.

— Sou dono de alguns bordeis e cabarés aqui na cidade também – digo, tomando o resto de meu vinho.

Sorrindo de lado, ela se aproxima ainda mais de meu corpo, fazendo com que seu cheiro doce entre por minhas narinas. Vejo por trás dela, que Eve me encara com o cenho fechado, uma sobrancelha levantada e o maxilar travado. Desvio meu olhar novamente para Fátima, não querendo que ela perceba que tenho intenção em buscar seu olhar ou sua pessoa.

Não é de jogos que ela gosta?

Pois bem, irei ensiná-la como joga.

— Por que não me chama para conhecer suas propriedades? Podemos trocar experiências – diz, com um sorriso de lado, brincando em seus lábios, o que me rende uma risada baixa, com sua insinuação tão clara.

— Porque ele estará ocupado demais cuidando de minha segurança – a voz que tanto esperei nesse restinho de semana, se faz presente bem atrás de Fátima, fazendo com que meu olhar vá diretamente a ela.

— Não trabalho para você, gatinha – digo, sorrindo, vendo que semicerra os olhos e me lança vários punhais mortais, mas não me importo.

— Trabalha para meu pai.

— De empresário, traficante e dono de bordéis, para segurança – Fátima diz, fazendo com que meu olhar vá diretamente para o seu, que me olha com bastante interesse. — Acho que podemos negociar para que cuide da minha também. Garanto que será bastante interessante...

— Oh, não, querida – Eve diz, passando por Fátima, para se colocar ao meu lado. Entrelaçando seu braço no meu e o apertando. — Ele está cuidando apenas da minha segurança. Tratamento exclusivo, sabe?

As sobrancelhas de Fátima franzem, ao encarar a ruiva ao meu lado.

Confesso que estou um pouco confuso, com sua atitude ao meu lado.

— Eve? O que faz por aqui? – pergunta, com um sussurro.

Essa é a minha vez de franzir as sobrancelhas, vendo que as duas se conhecem.

Por qual motivo uma cafetina conheceria uma patricinha mimada, como Eve?

— Fazendo uma média com os amigos do meu pai e, acompanhando meu segurança particular – sorrindo, ela aumenta ainda mais seu aperto em meu braço, enquanto eu fico aqui mais confuso que eu já estava. — Venha, Luciano, irei te apresentar pessoas que valem a pena que conheça – diz, com sua cabeça inclinada para o lado, mas com o olhar ainda em Fátima. — Com licença, Fátima.

Lentamente vira sua cabeça em direção a minha e, me empurra, para que eu continue a caminhar, me levando em direção a um grupo de homens que conversam animadamente, enquanto bebem whisky.

— Não quero te ver perto dela novamente – sussurra, me deixando mais confuso ainda.

Não, se bem que até consigo compreender. Ela está se sentindo ameaçada. Sua presa, no caso eu, estava conversando com outra pessoa, sendo que ela gostaria de ter para ela.

Uma simples disputa.

— Senhores? – diz, chamando a atenção de todos, que lançam seus olhares para o corpo dela, antes de olharem seu rosto, o que faz uma coisa rosar aqui dentro de mim, querendo matar todos eles, com meus dedos dentro de seus malditos olhos descarados.

— Boa noite – minha voz sai grossa e rude, como eu gostaria, fazendo suas atenções virem diretamente para mim.

— Luciano Malaquias? – um deles, mais novo, fala me encarando com os olhos arregalados e o rosto pálido.

— Luciano Monteiro, querido – digo, sorrindo falsamente medindo-o de cima a baixo, buscando por algum grau de similaridades.

Não o vi antes, mas sei bem que me conhece.

— Ora, ora, quem está por aqui! – a voz grossa de Perverso, me deixa em alerta.

Um sorriso falso, muito bem planejado, se instala em meus lábios, deixando-me ciente de que por aqui, estou cercado de inimigos. O aperto em meu peito só aumenta, quando temo que algo por aqui possa ser tramado para terminar com a vida de Felício e Eve.

— Júnior, querido. Que surpresa! – digo, ainda com o sorriso nos lábios, mas um toque em minha cabeça me faz virar minha cabeça de um lado para o outro, discretamente, enquanto procuro por Felício.

Não o vejo e de repente, uma luz se ascende em minha cabeça, me deixando em alerta de que, Júnior possa estar aqui apenas para me distrair, enquanto os seus estão cuidando de eliminar Felício.

E, com esse pensamento em minha mente, aumento meu sorriso, ao tempo em que volto meu olhar para ele, que está com um sorriso debochado nos lábios, me deixando ainda mais odioso.

— Acho melhor que não esteja planejando alguma gracinha, meu caro – digo, encarando-o, com bastante atenção, enquanto exibo um sorriso mortal nos lábios.

Sinto que Eve aperta ainda mais suas mãos ao redor de meu braço e, eu tento me controlar para não a

assustar, porque não teria algo que me destruiria tão rápido do que o seu sofrimento, disto tenho a total certeza.

— Acho melhor que se afaste de mim, querido – Júnior diz, com seu olhar focado e ameaçador no meu, o que me rende uma alta gargalhada.

— Estou com sede de sangue, sabe? – sussurro, piscando um olho em sua direção, que apenas arqueia uma sobrancelha, exibindo um sorriso nos lábios.

— Acho melhor que a supra em outra comunidade, porque se você se aproximar da minha, milhares de cabeças irão rolar.

— Se aproxime de alguma propriedade minha ou que eu esteja ocupando, que você descobrirá o verdadeiro significado da palavra “guerra”, querido – digo, ainda exibindo um largo sorriso para ele, que devolve na mesma proporção.

De repente percebo que todos estão muito calados e ao desviar meu olhar para os outros membros, vejo que estão todos de olhos arregalados nos encarando. Abro um largo sorriso e envio para eles, que lentamente fazem o mesmo.

— Não se assustem. Somos amigos antigos.

Alguns sacodem a cabeça, ainda com seus copos em mãos, enquanto outros, ainda mantem suas atenções vidradas em nós dois.

Volto minha atenção para Júnior, encontrando-o encarando os outros atrás de mim, com um sorriso nos lábios também, o que me faz rir minimamente.

— Estamos quites, querido? – pergunto, recebendo sua atenção novamente.

— Por enquanto.

Arqueio minhas sobrancelhas, sentindo que Eve está com sua respiração acelerada aqui ao meu lado e, então desvio minha atenção para ela. Seus olhos estão arregalados, enquanto seu rosto está branco, alternando seus olhares de Júnior para mim, com temor.

— Está tudo bem, gatinha. Nada vai acontecer – digo, aproximando meu rosto do seu, sentindo seu pequeno relaxamento ao meu lado.

Sorrio, ao ver que consigo trazer um pinga de paz para seu corpo. Tal constatação só me faz ainda mais feliz, já que percebo uma melhora em nossa relação tão conturbada e, cheia de jogos.

Eu só preciso pensar em maneiras de fazê-la minha, sem que eu precise me afastar dela.

Suspiro, sentindo uma dor de cabeça antecipada, porque vindo de Eve posso esperar qualquer coisa.

Capítulo 23

Adentramos a casa de Felício, calados. Estamos os quatro, eu, Eve, Felício e a esposa, sentados no banco de trás da sua limousine branca, observando a paisagem, enquanto o motorista nos guia para a parte de dentro da casa dele.

Ao que posso ver, está tudo calmo, a julgar pela movimentação quase nula que encontramos por aqui.

Suspiro, quando o carro para já na parte de dentro da residência. Sou o primeiro a descer, deixando a porta aberta para que todos saiam e, me dirijo diretamente para a portão que acabei de passar, para saber como está passando a vigia da casa, antes que eu entre...

Acho melhor nem chegar a entrar no casarão, porque os riscos de me prender em uma parede qualquer, tendo ela em meus braços, são enormes, logo é melhor ficar aqui no meu canto, comandando a segurança da casa, enquanto todos se preparam para dormir.

Pensando assim, nem ao menos olho para trás, apenas sigo meu caminho até meus homens, que permanecem em suas posições habituais, ao meu comando. Começo a pensar, que devo mudá-los de posições e alternar suas funções algumas vezes, para que assim, o informante que está entre os meus, confunda-se bastante quando for repassar coisas relacionadas a mim.

Aproximo-me de onde estão e, ao chegar ao lado do meu melhor homem, deposito minhas mãos dentro do meu bolso, enquanto olho o portão, da mesma forma que ele está fazendo.

— Algo que queira compartilhar comigo? – pergunto, sentindo dentro do meu ser a necessidade de dar um trago que seja, em algum cigarro. Meu corpo pede por isso, mas agora, quero saber a resposta que terei dele, que me parece misterioso demais para o meu gosto.

Seu suspiro, faz com que eu gire minha cabeça em sua direção, para que eu veja seus olhos, que permanecem distantes, encarando o enorme portão a sua frente.

— Assassinararam meu filho mais novo, nessa manhã. – Sua voz está rouca, beirando o ódio, mas algo me faz pensar, que em sua cabeça está rondando mais coisas... — Minha mãe o matou, com uma faca de cozinha, alegando que ele gritava muito alto..., mas eu não acreditei, não acredito.

Seu olhar vem para o meu e neles vejo chamas intensas de raiva, mágoa e muita ira, que acionadas da forma certa, pode transformá-lo no pior dos pesadelos de quem quer que seja que mandou assassinar seu filho.

— Ela alegou na delegacia que o matou e que não se arrepende – ele sorri, travando seu maxilar, com os tons vermelhos subindo para seu rosto. — Porém, a profundidade e a exatidão do furo, me fez ter a certeza de que não foi ela, até porque ela é incapaz de matar uma barata, imagine o neto, ao qual ela dizia

tanto amar.

Suspeito, muito suspeito, porém não impossível. A maldade das pessoas é algo que me deixa chocado as vezes, mesmo eu sendo uma dessas pessoas cruéis. Como ser humano, tento ter um pouco de simpatia para com aquele menor, quando ele não está me prejudicando ou atrapalhando meu caminho, até porque, não posso deixar de imaginar que um dia já fui daquele tamanho e, que eu não gostaria de ter sido morto de forma tão brutal e tão precoce.

Há, por aí, quem acredite que aqui dentro de mim, exista algum tipo de amor para com o próximo, o que tenho a maior felicidade em afirmar que, é o mais puro engano. Amor, talvez, eu esteja começando a sentir e descobrir com Eve. Com um outro alguém, acredite que esse sentimento não paira em meu peito, até porque tal sentimento não recebi no momento ideal para ser compartilhado, porque o homem que se intitula como meu pai, fez o favor de me negar tal coisa.

Eu, como ser humano, deveria ter simpatia por alguém como ele?

Por que eu teria com os demais, se eles não estão me dando nada em troca, para que eu tenha de mudar meu foco?

— O que você deseja fazer? – pergunto, encarando-o com seriedade.

Bem, ele como um dos meus, como alguém que está junto a mim em todas as guerras e rixas que preciso resolver, faz com que eu tenha a mesma obrigação para com ele, assim como para com os outros, que preenchem minha equipe.

Essa é uma via de mão dupla.

Eles me mantêm feliz, que eu os mantenho da mesma forma.

Eles me protegem e eu os garanto o mesmo.

Simples.

— Eu quero descobrir a verdade e, depois quero vingança.

— Faça os arranjos, quando estiver tudo pronto, me avise.

Ele acena e se vai, para só então, eu me lembrar do cigarro que precisava tragar com todo o meu ser.

Lembro-me perfeitamente que tenho algumas carteiras inteiras dentro do quarto que estou ocupando na casa, mas resolvo esperar algum tempo antes de subir para lá.

Preciso tomar um gole de uísque, porque essa noite foi um pouco interessante demais para que eu fique aqui sem mais nada para fazê-la descer por completo.

Os dias que passei afastado desta casa, com a saudade misturada com necessidade que eu estava de tocá-la, de vê-la, estava me deixando ainda mais insano que já sou.

Preciso pensar no que pode significar a presença de Júnior ali. Não me pareceu nada amigável a

ameaça pairando em seu olhar, o que só estava me deixando ainda mais louco por dentro, já que Eve estava muito próxima e ele já sabia do que estávamos juntos.

Eu sentia em cada respiração sua, que ele sabia o que tinha entre nós.

A medida que a noite seguiu seu percurso, seu olhar não desgrudou de nós dois por nada, o que me fez ficar com mais ódio ainda, porque se tem algo que detesto é ser encarado da forma que ele estava me encarando.

— Como estão as coisas aí, rapazes? – pergunto, subindo meu olhar para a parte de cima do muro, onde eles estão atentos a qualquer movimentação.

— Tudo calmo, senhor.

Ótimo.

Como já estou sentindo a agonia do desespero para fumar, ignoro minha intuição que ordena para que eu fique quieto aqui e, me encaminho diretamente para dentro da casa. Quando já estou na parte interna, fecho a porta, trancando-a no processo, tendo o cuidado de observar ao redor para ver se alguém está rondando aqui e, como não encontro ninguém, voou diretamente para a cozinha.

Ampla e moderna, com exceção das paredes revestidas de madeira, o que me dá um pouco de agonia, já que o normal em minha cabeça, é ter a madeira no chão, como piso, mas não é bem o que temos por aqui.

Melhor tê-la assim, do que toda pintada de branco.

Suspiro, encaminhando-me até a geladeira, onde abro e retiro uma jarra contendo água. Levo-a para a mesa e me encosto na mesma, para que eu beba dela, agradecendo quando esfria minha boca, enquanto desce por minha garganta, hidratando-a.

A lembrança de Nicolas vem diretamente para minha mente, ao ver um pote de plástico com rosquinhas, em minha frente.

Era um dia normal, ao nosso ver e viver ali naquele manicômio maldito, onde estávamos cercados por branco. Sentados na grama malditamente verde, olhávamos para os movimentos das folhas de árvores que tinham por ali. Nicolas dizia que, aquele momento era para reservado para concentração e foco, para quando precisar bolar algum plano. Aquilo me irritava, como até hoje irrita.

Confesso que minhas melhores guerras, invasões, descargas e eliminações, foram planejadas ao som de uma boa música.

Nicolas acreditava que eu seguiria tudo e qualquer coisa que ele quisesse, coitado. Sorrio, ao tentar imaginar que ele deve ter se iludido muito ao pensar que eu seguiria à risca tudo que me ensinou. Todas as dicas, regras e ensinamentos estão sim, sendo utilizadas, mas a moda do diabo Luciano...

Bem, naquele dia, Nicolas me contou uma história, em que ele, pela primeira vez, teria comido uma rosquinha doce, já que os anos que ele passou preso na Síria, sendo treinado nos mais diversos jeitos, não tinha provado aquilo que tanto amava, porque ele disse que amava rosquinhas de leite. Quando as

provou no apartamento da sua amada, não pode evitar que lágrimas escorressem por seu rosto e, foi nesse momento em que sua amada, se aproximou ainda mais dele.

Penso se esse não seria o caso de que, eu faça a mesma coisa.

Voltando para a realidade, em tempo real, sinto a presença de alguém aqui por perto. Seus passos são silenciosos, mas não o suficiente para não serem escutados por mim.

— Fugindo de mim, segurança?

Sua voz suave, aveludada, tão baixa e próxima à mim, faz com que eu me arrepie todo, devido aproximação.

Quanta saudade eu estava sentindo desta feiticeira.

Não giro minha cabeça em direção a sua voz, mas sinto na pele sua aproximação e sua voz, o efeito que causam em meu corpo e em minha cabeça. O que antes era raiva e escuridão, agora é felicidade e claridade, o que sempre me cerca quando ela está por perto. E mesmo sem tocar meu corpo, faz dele seu território, porque fico refém de sua beleza e... Sedução.

Sua mão toca meu ombro delicadamente e, à medida que se aproxima de meu corpo, vai descendo por meu corpo, até que sinto seus seios contra minha coluna e sua mão em minha barriga.

— Onde estava por tanto tempo? – pergunta, com sua voz próxima ao meu ouvido. — O combinado não era me proteger?

Passa sua língua pelo lóbulo da minha orelha e, um sorriso foi impossível de não se abrir, enquanto meus olhos ficam pesados, rápido demais, só em escutar sua pergunta. Resistir a fechá-los é impossível.

Meu corpo pede para aproveitar cada momento de sua presença...

— Não quer me proteger, Luciano?

É a vez dos seus dentes raparem o lóbulo de minha orelha, enquanto ela crava suas unhas em minha barriga, voltando o trajeto que fez, lentamente. Quando a tem fora do meu corpo, separa sua boca de meu ouvido, tornando o ambiente ainda mais quente, tanto que meu maior desejo no momento é retirar esse paletó e camisa malditos, para que minha pele esteja completamente disposta para ela.

— Você fica muito excitante usando paletó... – afasta seu corpo do meu e eu já sinto a frieza bater contra meu corpo, para logo em seguida rodear-me, dando-me a visão de seu corpo, coberto apenas por um curto robe de seda vermelha, aberto o suficiente apenas para me permitir a visão do vão de seus seios, barriga e...

Minhas armas que me perdoem, mas apreciá-las já não é o que me dá prazer e calma. Está aqui em minha frente, mordendo provocativamente o lábio interior, ao mesmo tempo em que me encara, o novo ser que vai me deixar louco da cabeça aos pés, caso eu não me prepare o suficiente para isso.

— Mas... – aproxima sua boca da minha, deixando-as perto o suficiente para que ainda fale, enquanto seus olhos estão em meus lábios entreabertos. — Prefiro você sem nada.

Engulo em seco e, sem conseguir resistir ao meu instinto, coloco uma das minhas mãos em seu pescoço e trago sua boca para minha, em uma explosão de alívio, saudade e luxúria.

O desejo está mais forte que nunca em meu ser, à medida que seus lábios se movem nos meus e suas mãos traçam meu corpo, por cima de minha roupa. A imagem dela em cima desta mesa, nua e completamente aberta, dando passagem para que meus lábios tracem cada canto de sua intimidade, deixa-me ainda mais excitado do que eu já estava, por conta da sua provocação.

Eve separa seu corpo do meu, conseqüentemente seus lábios também, apenas para levar suas mãos ao laço do robe, onde lentamente o desfaz, revelando seus pequenos e irresistíveis seios de mamilos rosados e endurecidos, fazendo ainda mais difícil que eu resista a tentação de tê-la.

— Está esperando o que, Luciano? – pergunta, com sua voz baixinha e rouca.

O sorriso provocante e presunçoso em seus lábios, fazem com que lute internamente para parar aqui, mas o meu desejo e instinto gritam aos quatro cantos, para que eu cumpra o que minha mente está criando.

Preciso de força de vontade, preciso de controle!

Para tê-la, irei precisar de muito.

Tomando esse pensamento, respiro fundo, arregalando os olhos, não conseguindo acreditar que negarei esse banquete disposto em minha frente, mas para o amor ser fixo no peito desta diaba, vale tudo. Ela precisa entender que não sou um de seus joguinhos.

— Estou aqui para te proteger, mulher.

Quero colocar minhas duas mãos em seus seios, esperando por mim, mas ao contrário do que meu instinto pede, levo-as para seu ombro, afastando-a de mim, no processo.

Lutando com todas as garras com meu ser, encaro-a.

— Não posso me deitar com aquela que devo apenas proteger. Além do que, ela tem muitos namorados. Meu código de honra não permite que eu concretize tal ato.

Ela semicerra os olhos, sua respiração se acelera e o maxilar trava, dando lugar ao ódio.

Não espero sua resposta, apenas me viro e saio dali, caminhando rapidamente para as escadas, onde subo-as correndo, indo diretamente para o quarto onde estou no momento.

Necessito libertar a porra presa dentro de mim!

Essa mulher vai me causar bolas roxas, porra!

Capítulo 24

Eve carvalho

Eu quero gritar, quero destruir tudo a minha volta, quero estapeá-lo, por mais uma vez ter me rejeitado desta forma. Esse jogo está ficando muito alto e, agora, está colocando em risco a minha sanidade de mulher fina.

Nunca precisei fazer metade do que já fiz para esse... esse... esse.... Psicopata! Bastava que eu sorrisse de lado, que qualquer um viria ao meu encontro, para satisfazer todos os meus desejos, mas nenhum deles foi capaz de me proporcionar tanto prazer, como ele foi. Além de me deixar completamente louca, no tempo em que ele passou fora.

Fui capaz de chantagear seus seguranças idiotas, para que me dessem informações, mas não recebi nada.

Tanto mistério, me faz pensar que esse tempo, ele deve ter arrumado outra mulher, onde fez questão de se manter afundado por noites e mais noites, enquanto eu estava aqui, louca para tê-lo apenas para o meu prazer.

Lágrimas de puro ódio escorrem por meu rosto, enquanto tenho em mente a humilhação que ele está me fazendo passar. Homem nenhum vale tanto esforço, como este está valendo.

Como aquela vadia da secretária do meu pai, pode ter mais atrativos que eu?

Como aquela desgraçada da Fátima, pode ser mais interessante que eu?

Por qual motivo ele manteve por tanto tempo conversa com ela? E o que diabos conversaram?

Aposto que aquela vadia deve ter se insinuado de todas as formas cabíveis ao momento e ao lugar, para tê-lo. E tenho certeza que se eu não estivesse o arrastado dali, ela teria o tido em qualquer lugar daquele maldito lugar. Meu ódio por ela só está crescendo a cada momento que penso em como teve perto demais para tê-lo.

Só posso estar muito amaldiçoada mesmo, para me sentir tão mal por dentro, apenas por imaginar esse psicopata com outra, sendo que meu peito grita que ele é somente para o meu deleite.

Apenas o meu.

Não quero que ele provoque aquelas sensações em outra mulher, não quero que ele ao menos se aproxime de outra vadia, como estava perto dela hoje. Ele não pode ser desta forma com outra...

Maxilar travado, lágrimas rolando pelos olhos e robe devidamente fechado, me encaminho diretamente para meu quarto. Ao chegar dentro do mesmo, vou diretamente para minha cama, deitando-me na cama, para pensar com mais clareza, sem ninguém para me pegar no flagra tão desprevenida ali.

Como ele pode me negar mais uma vez?

E jogar na minha cara minhas palavras?

Acho que a qualquer momento, estarei liquidando com a vida dele de uma vez, para que ele não pense novamente em me negar desta forma. Poxa, eu sou uma mulher com sentimentos... quer dizer, estou descobrindo que... tenho?

Talvez seu sorriso recheado a dentes brancos, que causam batimentos mais rápidos em meu peito?

Talvez seu olhar intenso em meu corpo, que provocam um frio na barriga?

Ou são seus beijos, que fazem borboletas voarem felizes aqui dentro?

Deve ser porque ele é um homem que foge do padrão dos mocinhos que já tive a má sorte de obter em minhas garras, mas...

É muito estranho ter de admitir que quero tê-lo apenas para mim.

Sorrio, ao imaginar seus olhos perdidos em meu corpo, quando desfiz o laço de meu robe em sua frente. Só não sei em qual movimento errei, para que ele tenha se afastado de tal forma de meu corpo, merda.

Viro-me em minha cama, para que eu olhe o teto, tendo a visão mais uma vez de seu corpo contra o meu, naquela parede, enquanto me fazia gozar maravilhosamente, com sua mão em meu sexo e a boca em meus seios. Sinto meu interior umedecer apenas com a lembrança e o desejo de repetir aquele ato, mil vezes se isso for o necessário, para que ele entenda que em sua vida, deveria existir apenas a mim.

Rosno, virando-me na cama, ficando de lado, com o olhar focado no lado da cama, em que ele estava deitado por uma noite. E eu só desejo que ele fique ali por muito e muito tempo, enquanto mantenho-me na proteção de seus braços.

Travo meu maxilar novamente, ao tempo que minhas mãos se fecham em punhos, quando tenho em minha cabeça, a imagem de outra mulher com ele.

Não, isso não vai acontecer, porque não vou permitir.

Sempre fui em busca do que quis, não será agora que farei diferente.

Além do que, tudo só se torna ainda mais interessante dentro de mim, caçar minha presa, provocá-la e deixá-la a beira do abismo, quando ela imagina que está no controle de tudo.

Preciso pensar em um meio de que ele perca a liderança deste jogo aqui, para que só então, eu tome sua posição.

Tendo isso em mente, levanto-me da cama e me encaminho para meu banheiro, para me olhar no espelho. Meus cabelos estão bagunçados, meu rosto vermelho, meus lábios inchados, devido ao beijo... Levo minha mão aos mesmos, só em lembrar do que ele foi para mim, naquele momento. Nas sensações que romperam meu corpo, quando o tive ali tão perto, como quis durante todo o tempo que se manteve longe de mim.

Tempo demais.

Vejo se meu robe de seda está posicionado da mesma forma para mantê-lo preso o suficiente em minhas curvas pelo tempo que eu quiser. Quando vejo a confirmação, encaminho-me para meu quarto e me sento na cama, onde decido esperar por algumas horas, para que ele enfim durma um pouco.

Fátima é uma vadia e, eu vou ter meu tempo, para colocá-la em seu devido lugar, mas o fato de que ele tem um cabaré, me deixa mais irritada, ao saber que ele estava em meio a outras mulheres desprovidas de roupas ou trajando pequenas peças.

Conheço os homens. Eles se excitam por pequenas coisas em um corpo feminino, imagine com várias delas expostas à sua disposição por tanto tempo. Pior, sendo que elas fazem questão de se insinuar tão descaradamente para os homens, logo com ele sendo poderoso e dono daquela droga.

Ok, esse pensamento foi o necessário, para que eu me levante desta cama, para ir diretamente ao seu quarto e, ao chegar em frente ao mesmo, olho de um lado para o outro, certificando-me que não existe olhos me observando. E, ao ter minha confirmação, abro a porta de seu quarto, trancando a porta logo em seguida.

Tudo está escuro, mas a claridade do seu celular na escrivaninha, me indica o caminho certo a seguir. É uma droga andar no escuro, meu poderoso!

Ando cautelosamente, tomando cuidado para não fazer barulho algum, o que consigo com êxito. Ao sentir a cama em meus joelhos, repouso um deles em cima e logo em seguida, o outro, até que engatinho o suficiente, para estar ao seu lado. Sinto seu corpo próximo ao meu.

Escuto sua respiração calma e, desprovida de nenhuma vergonha, livro-me deste robe, jogando-o de lado, ficando completamente pelada ao seu lado.

E, como não desejo perder tempo, parto para meu ataque.

Tateio, até ter seu peito nu no poder das minhas mãos e, sem dar tempo para ele resistir, monto sua cintura, posicionando-me sobre ele, coberto por um lençol maldito, que atrapalhou nosso contato.

— Cristo!

Seu corpo levanta rapidamente da cama e, logo, sinto sua respiração acelerada contra a minha, fazendo com que um sorriso surja em meus lábios, quando levo meus braços para seu pescoço, trazendo-o para mais perto de mim.

— Pensou que eu deixaria você fugir assim – digo, com minha boca próxima a sua e, com a urgência crescendo dentro de mim, finalizo —, Luciano? – Cada sílaba do seu nome, foi soletrado vagarosamente contra seus lábios, enquanto eu apenas sinto sua respiração.

Ele se inclina o suficiente para fazer algo e, em questão de segundos, uma pequena claridade se faz presente entre nós, apenas o suficiente para que eu veja seus lindos olhos azuis, encarando-me com tanta intensidade, que faz meu coração se acelerar ainda mais, deixando-me ansiosa para sentir seu toque.

— O que você quer, mulher? O que deseja de mim? – Suas mãos rodeiam minha cintura, trazendo-me ainda para mais perto de seu corpo, tanto que meus seios estão em contato com os seus, assim como minha virilha em contato com a sua que já começa a dar sinal aqui embaixo.

— Quero você – digo, levando minha boca para tocar a sua. — Desejo você... – fecho meus olhos, abrindo meus lábios, para então dar minha tacada final. — Somente você.

E então, seus lábios selam os meus, ao tempo que invade minha boca sua língua ávida por controle. Seus braços aumentam o aperto ao redor de minha cintura e, antes mesmo que eu tenha controle de meus movimentos, ele está nos virando na cama, ficando assim, por cima de mim.

Livra-se do lençol, deixando-nos livre de qualquer impecílio, ao tempo que a animação só aumenta dentro de mim, ao ver que agora ele não vai se afastar. E, para garantir isso, enlaço minhas pernas ao redor da sua cintura, trazendo-o ainda para mais perto de mim, ganhando um sorriso safado no processo.

— Você é mesmo uma safada, não é? – diz, exibindo um lindo sorriso safado, causando a aparição de um furacão dentro do meu peito, levando consigo o que restava de controle em meu corpo, porque esse está sendo entregue todo para ele.

Sem dizer mais nada, toma minha boca com um beijo que indica o mais puro desejo, fazendo-me sorrir interiormente.

Agora, eu quero ver ele fugir de mim.

Capítulo 25

Luciano Monteiro

E então, eu me perdi em meio ao seu jogo de sedução. Não fui forte o suficiente para resistir a sua voz, que me deixa louco, ao seu corpo, que me faz delirar de todas as formas já existentes, durante toda a noite, fazendo-me esquecer do plano que eu tracei com tanto afinho e determinação dentro da minha mente, porque eu só posso ter esquecido, quem ela é e o que faz.

Suas mãos foram percorrendo meu corpo e, eu fui me deixando levar, enquanto sua boca dominava a minha. Eu simplesmente me rendi aos seus encantos, quando assim ela determinou e, agora, estou ao seu lado, nessa enorme cama, com sua cabeça repousando em meu peito, enquanto respira calmamente em seu sono.

É impossível que a imagem de sua urgência por cima de mim saia da minha cabeça. Já tentei me concentrar no plano que preciso traçar para ter o que tanto lutei durante anos, mas não consigo, porque sua boca beijando a minha, com seu seio contra o meu, suas mãos em minhas costas, rasgando minha pele com suas unhas, enquanto subia e descia em cima do meu membro, com seu sexo, não para de povoar minha cabeça.

Realmente ela sabe bem como enlouquecer um homem com o que tem a oferecer e foi exatamente o que ela fez comigo diante a noite inteira, com o sorriso safado de lado, sempre predominante nos lábios, enquanto eu apenas gemia, suspirava e arfava, diante a sua deliciosa tortura.

Nem cheguei a tentar resistir, porque eu iria acabar enlouquecendo de uma vez.

Ela montou em meu quadril, encaixando-se em mim e, eu mordi meu lábio inferior, ansioso para o momento em que ela comesse a se mexer. O calor estava tão intenso, como está agora, só com a lembrança de nosso ato.

Abriu um sorriso de lado, mordeu o lábio inferior, igualando meu ato com uma maestria jamais vista anteriormente por mim e, logo, estava se inclinando, para apoiar seu tronco em cima do meu peito. Seu cabelo ruivo caiu em cascatas hipnotizantes ao seu lado, no momento em que inclinou a cabeça para o lado e, então, ela começou...

Quicou, rebolou, me beijou, gemeu, rosnou e então, gozou.

Mas, não, ela não parou.

Estava louca, ensandecida, tomada de desejo e paixão, com seu olhar predominante no meu, à medida que se mexia mais ainda com urgência sobre mim.

O que tenho a dizer sobre o que aconteceu aqui durante a noite, é que foi sobrenatural de uma forma muito descomunal.

Não consigo esquecer de que, ela pode ter mais algum cara na vida dela, esse que ela se entrega da mesma forma que fez comigo e, porra, isso está me deixando louco por dentro, porque eu não quero ter que a dividir com mais ninguém.

A questão é o que devo fazer para prová-la tal ponto.

Ela dorme tão pacífica, que sou incapaz de mexer um músculo, por medo de acordá-la.

Não... não sei lidar com esses meus instintos que gritam para que eu a proteja, que eu cuide e que eu a faça feliz, das diversas formas já existentes, mas algo dentro de mim, me diz que não vai ser fácil o caminho que pretendo traçar a partir daqui.

— *Malaquias tinha muitos inimigos, meu caro sobrinho. E ele me encarregou para matar cada um daqueles que se metiam em seu caminho. Foi exatamente o que eu fiz. Matei um por um, sem pena, sem dó e nem piedade. O acordo que fizemos, abordava que, eu teria de fazer tudo que ele me ordenasse, sem nunca me rebelar contra ele* – Nicolas puxou uma respiração, à medida que ele olhava o teto do quarto em que estávamos dividindo. Naquele dia, Nicolas eliminou um dos enfermeiros que ficava encarregado de cuidar de nós, porque ele nos flagrou, enquanto Nicolas me treinava daquelas formas nada convencionais.

Mas foi naquele dia, à noite, exatamente falando, que ele me revelou algo que mudou de uma vez por todas o que eu pensava sobre Malaquias, o cara que eu tanto achava fodão, por estar preso e ser um homem poderoso. Minha “mãe” muito me falava sobre ele, o quanto ele era um cara que valia a pena perder oito anos.

Se ela soubesse... que eu não perdi nada, muito pelo contrário, eu apenas ganhei.

Ganhei aprendizagens, ganhei alianças e... Inimizades, essas que estão todas mortas e muito bem enterradas lá dentro mesmo.

Ir para a cadeia, foi só o início da minha formação como pessoa e futuro dono de tudo o que Malaquias hoje possui. Eu nasci, cresci e fui treinado para isso. Para ser o dono de tudo que ele possui e isso inclui sua vida.

Precisando pensar mais em como posso dar rumo ao que tenho em mente, retiro o corpo de Eve de cima de meu corpo lentamente, apenas o suficiente para que ela tome o travesseiro logo ao seu lado.

É, gatinha, pode ter a certeza que você laçou o meu coração de uma vez por todas, pelo que posso perceber dos sinais.

Suspiro, precisando relaxar um pouco as ideias.

Levanto-me da cama e, vou em busca de uma calça de moletom cinza e uma camisa de malha qualquer que encontro em meu caminho, para que eu saia o mais rápido possível desse quarto, onde repousa uma tentação tão grande como essa, que é Eve, a ruiva mais gostosa e provocante que tive o maior prazer de conhecer e...

Consequentemente, me apaixonar.

Isso não poderia ter acontecido, não poderia.

Encaminho-me para a porta e com um último olhar em sua direção, saio do quarto, fechando a porta logo em seguida. Dirijo-me diretamente para as escadas, que desço rapidamente, na esperança de não topar com mais ninguém, para que eu fique batendo papo fiado.

Acho que as coisas estão ao meu favor, porque ao chegar na parte de baixo, não vejo ninguém. Meu parceiro lá em cima, de alguma forma está me ajudando hoje, pelo que posso perceber.

Sorrio, ao sair da casa, batendo-a, quando já estou na parte de fora.

Não dirijo a palavra para nenhum dos meus homens, que permanecem da parte de fora, mantendo a guarda o mais alta que eles tem a obrigação de manter. Apenas vou diretamente até a Ferrari de Felício e a tiro dali, para sair enfim na avenida, onde acelero, para que eu chegue rapidamente até o meu destino.

A rua, por conta do horário, está praticamente deserta, o que facilita meu trabalho em chegar mais rápido até a minha casa, de onde eu nem deveria ter saído, para voltar àquela casa, agora. A imagem de Nicolas volta a minha cabeça novamente, quando ele volta a me contar o que realmente sou e o que fui criado para ser.

— *Você disse que, ao chegar no fim do nosso treinamento, você me contaria o plano de Malaquias... não sei se quero esperar, Nicolas* – ah, eu me lembro como se fosse hoje, no quanto eu estava ansioso para saber o que aquele cara metido a psicopata teria a me contar.

Eu nem chegava a entender, o motivo pelo qual, eu deixava que ele me torturasse tanto naquele lugar. O grau das suas torturas só aumentava a cada dia que ele se colocava à fazê-lo. E o pior de tudo, nem eram as dores em cima de mim e sim, ter de receber tudo, sem ao menos soltar um grunhido, porque poderiam escutar...

Testemunhas vivas, não são aceitas...

Testemunhas vivas, não são aceitas...

Primeiro o enfermeiro, depois um dos pacientes. Um viu o que não deveria, o outro escutou o que não poderia. Ambos foram eliminados por minhas mãos, ainda inexperientes, mas mesmo assim, naquela época, era algo estridente para a minha cabeça juvenil.

Ao parar em um sinal vermelho, saio desses devaneios e tento me concentrar em outra coisa, mas o que me vem à mente é só aquela linda ruiva que eu deixei em casa, deitada na cama completamente nua e saciada, o que me faz considerar dar uma meia volta, mas eu não posso.

Preciso pensar, preciso armar, preciso lembrar, para que eu tenha ainda mais força de vontade para prosseguir com a minha vingança...

Não, não é vingança.

Isso é justiça... com requintes vingativos, o que não faz em si, uma vingança.

O sinal abre e, aperto meu pé no acelerador, ao tempo em que solto devagar a embreagem, para que assim o carro tome uma rápida velocidade na pista. O rosto dele vem à minha mente, quando o vi pela primeira vez dentro da cadeia.

Tive que formar um nome ali dentro, para que eu pudesse ser presenteado com a graça de vê-lo e conhecê-lo de perto, mas a vida não foi fácil, o que para minha felicidade, foi ótimo. Conquistei meu espaço lá dentro, não só aos olhos dele, mas também aos olhos de pessoas bem maiores que ele.

O que é uma dádiva.

Algumas quadras depois, estou estacionando o carro bem em frente à minha casa, tão linda e aconchegante, bem a minha espera. Desço do carro e vou diretamente para os fundos, onde está minha academia particular. O lugar que eu vejo apenas quando necessito pensar bem o suficiente para traçar um plano maligno.

É disso que preciso e é isso que farei.

Ao chegar em frente a porta, mentalizo apenas o que preciso pensar, enquanto eu estiver treinando e, rapidamente, consigo apagar Eve da minha cabeça. Estendo minha mão e abro a porta, para que só então eu possa entrar. Não me prendo por muito tempo, encarando o que tem ao redor, porque esses eu já sei.

Essa academia particular, é como se fosse uma academia normal. Apenas com alguns equipamentos para treinamentos de torturas a mais.

Dirijo-me para o saco vermelho com peso e, me posiciono em sua frente. Inclino-me da maneira certa e apropriada, para então começar a desferir os golpes capazes de me trazer raciocínio, enquanto tudo ao meu redor começa a desligar, para que em minha frente permaneça apenas o vermelho do saco e em meus ouvidos, permaneça apenas o barulho dos socos.

— *Quer mesmo saber, Luciano?* – ele levantou da cama e apenas ficou sentado, me encarando com uma sobrancelha arqueada.

Eu nada disse, apenas acenei, em busca apenas de saber aquilo que eu queria, mas seguindo seus ensinamentos, não poderia também transparecer ansiedade, apenas um fino laço de indiferença para manter a conversa adiante. Foi então que ele sorriu e balançou a cabeça positivamente.

— *Como já sabe, eu fui mandado para outro país, para ser uma máquina de matar, tudo isso graças a cabeça maldita e perturbada do meu pai. Em uma conversa com Malaquias, ele teve essa ideia maldita* – ele suspirou, passando a mão por sua testa. — *E então, no dia seguinte, procurou uma prostituta qualquer, colocou dentro de sua casa e tratou de fazê-la gritar por horas durante os dias, até que a notícia que ela estava grávida chegou em seus ouvidos. Seu plano para ser perfeito, deveria começar ainda quando você estivesse dentro da barriga dela. E foi o que ele fez.*

Meus socos aumentam contra o saco, à medida que a voz dele se torna ainda mais viva dentro de mim.

— *Comprou uma casa dentro da comunidade do Perverso, que naquela época, ainda era o Boca*

que mandava por ali, e colocou-a para morar lá. As regras eram bem claras, Luciano. Ela receberia pequenas fortunas todos os meses, para que não enviasse de nenhuma forma carinho, atenção e amor, para você. Você seria criado em meio a indiferença, daquela que te gerou por nove meses. E assim foi feito.

Eu era um maldito bebê. Apenas um bebê!

O quão doente ele pode ser, porra?

— Ao longo da sua infância, ela deveria te dar apenas o que você ainda não era capaz de buscar, para que não morresse rápido.

O rosnado inumano que sai por meus lábios é tão alto, que acredito ser possível que todos ao redor possam ter escutado, mas eu desgraça não me importo, merda!

Passei por tanta coisa, enquanto crescia, na escola e fora dela, só foi pior ainda.

O lugar em que a gente morava, era porco, sujo, vivia cheio de moscas, mosquitos e o mais perto que cheguei a ter de um animal de estimação, foram ratos sujos de lama, rondando por toda a casa.

Se eu quisesse um prato com comida para comer, eu teria de ir atrás.

Se eu quisesse uma roupa lavada, eu que deveria ir lavá-la.

Se eu estivesse doente no limiar da morte, deveria buscar ajuda, porque ali, ninguém me ajudaria.

Porém, se eu quisesse uma arma, poderia encontrar na esquina da minha casa facilmente, assim como acontecia com as drogas. Tudo perto demais de uma criança que buscava atenção e só recebia esporro no meio da cara, enquanto as outras, mesmo as vizinhas, recebiam beijos, abraços, carinhos das suas mães, bem na minha frente.

— A escola onde você estudou? Pertencia a Malaquias. Cada pessoa que ali trabalhava, recebiam ordens diárias para meios de tratamentos com você. O quanto você quis matá-las? Quantas vezes?

Nem precisei pensar para respondê-lo, porque a verdade estava na pontinha da minha língua.

— Milhares, todos os dias, para ser mais exato.

— Era o que ele queria – ele disse, com uma careta.

E o ódio só cresce mais e mais dentro de mim, com essa maldita lembrança.

Eu cresci em uma novela criada por Malaquias e, segui o caminho que ele quis que eu seguisse. Vizinhas, coleguinhas de rua e classe, mãe, tio abusivo, psiquiatra, enfermeiro, pacientes... todos! Todos eram atores de Malaquias, seguindo roteiros escritos por ele, para ferrar a porra do filho dele, no maldito caso, eu.

Ele quis uma máquina de matar, como Nicolas.

Ele quis um homem sem sentimentos, sem escrúpulos, sem pena e sem dó.

E ele conseguiu o diabo, com o misto de todas essas características.

Pronto para acabar com a maldita vida dele.

Capítulo 26

Minha respiração está acelerada, quando enfim, me dou como pronto, para enfrentar toda a merda em cima de Malaquias. Ele pensa que estou comendo em sua mão, por ter feito comigo, o mesmo que fez com Nicolas. Não sabe, pobre coitado, que o meio de segurança dele, não valerá para mim, assim como valeu para o irmão.

Ele não sabe que eu fui treinado para não obedecer a ninguém, porque quem faz as minhas regras, sou eu. Fui treinador para mandar, não o contrário.

A partir daquele dia, eu treinei com todas as minhas garras apenas para destruí-lo e no fim, obter tudo que ele tem, para que enfim, eu tenha a minha paz eterna, com um bônus, que encontrei a mulher, com quem quero passar o resto dos meus dias.

Só porquê o meu passado foi uma merda completa, não quer dizer que o meu futuro será da mesma forma. E não será, porque não permitirei.

Sair daqui, agora, será o melhor que eu posso fazer, para relaxar um pouco. Passar dias sem voltar, para não lembrar de tudo, não é uma boa medida que eu deveria tomar, até porque, minha vingança está se aproximando a cada dia, o que vai transformar a vida de Malaquias um perfeito inferno.

Sorrio, imaginando sua cara de mendigo que ele estará exibindo, quando eu finalmente chegar ao meu momento.

Encaminho-me até o banheiro, para que eu possa tomar banho, mas meu celular tocando, faz com que eu pare, para poder atendê-lo, já que pelo que eu posso perceber, é o meu melhor homem treinado quem me liga. E, se não fosse algo mesmo sério, ele não estaria me ligando. Voltando meu pensamento para a ruiva que deixei despida em cima de uma cama, resolvo atender de uma vez.

— Não quero saber! Me leve até ele, agora!

Arregalo os olhos, ao escutar sua voz, que sempre foi leve, calma, baixa, mas que nesse momento está alterada e beirando um rosnado.

— Senhor? Se-senho...

Um rosnado mais alto e, logo, algo se quebra, fazendo um barulho bem alto do outro lado da linha, me deixando, agora, preocupado.

— Essa mulher é louca, porra!

— Liga logo para ele, caralho!

— Eu vou matar todos vocês, se não me levarem até lá, agora!

Estou um pouco chocada, por escutar sua voz tão diferente do que estou acostumado a escutar normalmente. Tão feroz, irritada e selvagem... nem se aparenta com aquela patricinha mimada que conheci há um tempinho.

— Senhor, a sua protegida está exigindo que nós a levemos até o senhor agora mesmo.

Reprimo um pequeno sorriso que quer sair por meus lábios bem lentamente, com a felicidade beirando meu ser, tamanha é sua urgência para me ver. Tanto que acredito, que mais nada pode me fazer feliz, como sua demonstração de necessidade está fazendo agora, ao falar desta forma com meus empregados.

— Sim, pode trazê-la – digo, escutando que ele suspira, enquanto o resto do local fica em silêncio.

— Filha? Eve? O que está acontecendo?

Ouçó a voz de Felício ao longe, mas logo, o celular é desligado e eu estou rindo, como um bobo, ao saber que, parte do que quero está indo certinho... Se bem que, eu não imaginava que ela acordaria assim, tão irritada e querendo meus homens morrendo lentamente, da forma que demonstrou na ligação.

Com um sorriso ainda em posse dos meus lábios, dirijo-me até o enorme banheiro que tenho na parte de baixo da minha casa, perto da academia e, retiro a roupa que estou vestido, para só então entrar embaixo do chuveiro, onde tomo um banho calmamente, sem deixar de lembrar daqueles lábios carnudos possuindo os meus na noite passada, enquanto suas mãos trabalhavam a todo vapor da mesma forma. Ela me enlouqueceu, estava ali para fazer exatamente isso e, foi o que ela fez, sem barreiras.

Eu pensava que, ela deveria passar mais um tempo sob provocações, mas eu estava errado. Ela precisa de ação, depois provocação e depois ação.

Uns toques de carinho, atenção e demonstrações de sentimento. Sim, isso seria ótimo para aflorar um sentimento naquele peito tão frio e complicado, que se ascende somente para causar rebuliços nos peitos alheios.

Mas não posso deixar de pensar, que tenho de me concentrar na guerra que irei dar início, assim que Teixeira sair do meu caminho e, assim que eu inserir mais algumas peças perfeitamente destruidoras do meu tabuleiro, que irei preencher para que no final, Malaquias tenha a pior morte que ele possa sonhar na vida.

Serei o pior dos seus pesadelos, mesmo que ele acredite que sou incapaz de quebrar uma unha dele. Em posse dos meus inúmeros armamentos e sabedorias, estarei fazendo uma longa varredura em seu sistema, onde possui várias pessoas domadas por sua lábia e poder.

Comecei por arrumar mais aliados que ele e terminarei derrubando todos os ciclos que ele fez no país inteiro.

Para isso, precisarei da ajuda de algumas pessoas, entre elas as de alguns traficantes bem conhecidos no local e, que além de serem bem conhecidos, possuem uma larga influencia pelo mundo.

Assim que meus pensamentos voltam a ter ordem, saio de debaixo do chuveiro, desligando-o no processo e pego minha tolha, para enrolar em volta da minha cintura, para que enfim, eu saia desse banheiro. Eve está vindo para cá e esse pensamento, me faz morder meu lábio inferior, por imaginar que provavelmente ela não vá gostar do local em que vivo, por não ser tão bem visto e elegante, como ela está acostumada.

Suspiro, encaminhando-me para fora do banheiro, tendo meu celular em mãos e, vou diretamente para meu quarto, conferindo as novas mensagens que chegaram em meu celular, enquanto eu não estava por perto e, entre elas, encontro uma de Malaquias, onde recebo a melhor notícia do dia, aquela que vai me deixar ainda mais próximo do que quero, que seria acabar com ele de uma vez por todas sem todas as proteções que o envolve.

“Teixeira está morto. O filho dele irá assumir o posto dele, bem em breve.”

Sorrio.

Se ele estiver vivo para isso, talvez, querido papai.

Não o respondo e descarto o celular na primeira mesa, assim que escuto a porta de entrada sendo aberta e passos, que acredito ser de saltos passando pelo meu chão de madeira. Desvio meu caminho até a sala, me deparando com uma confusão ruiva, de maxilar travado e um olhar bastante curioso, varrendo toda a sala, com bastante atenção. Ela está parada no meio da sala, olha ao redor, com um vestido vermelho claro e saltos nude, realçando com perfeição seu corpo, deixando-me louco, ao tê-la tão linda em minha frente.

Minhas mãos formigam para ter seu corpo, junto ao meu, meus lábios tremem para ter os seus e, minha cabeça frita, para que eu me aproxime...

Se isso não é amor, o que mais pode ser?

Está abrangendo todos as pistas que Nicolas me citou...

Encosto-me contra uma parede da sala e cruzo meus braços, observando-a, enquanto explora minha sala, gravando cada pedacinho, até mesmo uma de minhas adagas feita por mim e, que está na parede, perto da escada de minha sala. Seus dedos traçam as siglas que estão ali, mas logo retira, para voltar sua exploração à minha estante de bebidas.

— Gosta do que vê, gatinha? – pergunto, causando um susto nela, que se volta para mim com uma mão no peito e os olhos arregalados.

— Está me olhando por muito tempo, gatinho? – pergunta, semicerrando os olhos, o que me faz sorrir minimamente.

— Cheguei agora, gatinha.

Ela não me devolve um sorriso, muito menos faz algum movimento para se aproximar de mim, o que acho um pouco estranho. Seu olhar desce por meu corpo, depois volta ao meu rosto e, mais uma vez desce para o meu corpo, quando volta para meu rosto, suas pupilas estão dilatadas e sua respiração acelerada.

— Você tem alguém, Luciano? – sua pergunta faz com que eu arqueie minha sobrancelha automaticamente, por não estar preparado para escutar tal coisa.

Ora, a namorada aqui é ela, não eu.

Quem está namorando com vários homens ao mesmo tempo é ela, não eu.

— Você tem alguém, Eve?

Ela sorri, sacudindo a cabeça, para logo em seguida, travar sua mandíbula, ao me encarar.

— Você matou o único que eu tinha.

Balanço minha cabeça, encarando-a em meu estado mais paciente que se pode ver em um rosto como o meu.

— Quando descobriu?

— Hoje pela manhã, na hora que acordei. Um amigo dele encontrou o corpo só hoje, porque eles tinham combinado de sair do país...

Sorrio, balançando minha cabeça.

— Imagino que iria junto à ele.

É, melhor coisa que fiz, foi ter o matado. Só lamento que tenha sido tão rápido e indolor, mas se houver um próximo, não será da mesma forma.

— Se você não o tivesse matado, eu iria – sua boca, se forma em um bico, assim como sua respiração, que se torna ainda mais ritmada.

— Por esse motivo estava tão brava? – pergunto, já sentindo uma dorzinha formar-se em meu peito.

Como sou bobo. Eu aqui, imaginando que ela estava daquela forma, porque mais uma vez saí e não disse nada a ela, mas... estava enganado.

Minha batalha com ela ainda não acabou.

Só isso para deixar o que temos mais claro que o dia.

Saber é uma coisa, escutar da sua boca, é outra bem diferente. Meu coração poderia não estar batendo tão rápido, junto com o bolo que se formou aqui no meio da minha garganta, mas foi exatamente o que aconteceu.

Estou em um beco sem saída, ao ter essa mulher aqui.

— Eu estou brava, porque você saiu daquela forma novamente e, sem me dizer mais nada. Além de ter matado o amante que mais tive trabalho para conquistar – diz, mostrando-me um sorriso forçado.

O sorriso que sai por meus lábios é amargo, cheio de decepção e beirando a maior dor que já nunca pensei sentir em minha vida. Desencosto-me da parede e, a encaro com seriedade em meu rosto.

— Pois acho melhor você começar a se acostumar a não me ter por perto, porque estarei frequentando menos ainda a sua casa, além do que, não quero que me trate somente como o amante que você teve trabalho para conquistar...

Ela ri, parando o que eu estava falando.

Seu riso preenche todo o local, de tão alto que está sendo.

Encaro-a, perplexo, sem conseguir entender o motivo pelo qual, sorri dessa forma.

— Eu, gatinho – diz, ao parar de rir, mas ainda deixando um sorriso predominante em seus lábios, ao tempo que se aproxima de mim, pouco a pouco, calmamente —, acho melhor que você seja aquele a se acostumar com a minha presença aqui, porque não irei permitir que você se afaste. Além do que, você é mais que um amante.

Ao estar próxima o suficiente, laça meu pescoço com seus braços, colando seu corpo no meu e aproximando sua boca da minha, de modo que, me faça piscar, sem conseguir dizer mais uma palavra.

— Você não me conhece, Luciano e, acho bom não me desafiar.

Deposita um selinho em meus lábios e se afasta, indo diretamente para o sofá, onde se senta, cruza as pernas devagarinho, tendo a audácia de puxar seu vestido, o suficiente para mostrar suas belas pernas, fazendo com que meu olhar se prenda ali.

— E então, gatinho. Para onde vamos agora?

Arqueio minha sobrancelha, ao tempo que coloco minhas duas mãos em minha cintura, para encarar toda sua prepotência de tão perto... algo novo, que acho bem sedutor, não vou negar.

— Não te esquece que sou teu chiclete. Para onde você for, eu vou. Acostume-se.

Capítulo 27

Travo minha mandíbula, ao passarmos por uma longa poça de lama, essa que transmite um odor completamente nauseante e, que por um momento, tento fazer com que a vontade de matar aquele maldito do Cabeça, suma da minha mente, mas ao que tudo indica, está difícil demais para que eu consiga essa graça.

Escuto um puxar de ar vindo de Eve, que com seu braço entrelaçado ao meu fortemente, segue bem ao meu lado, acompanhando cada movimento meu. Seu salto alto batendo contra o cimento da rua e fazendo barulhos um pouco irritante e, que se não fosse ela, com toda certeza já teria a virado de cabeça para baixo para tirar esse sapato barulhento e completamente chato de seus lindos pés.

Um pouco mais a frente, avisto a grande abertura, que indica o barraco que Cabeça mantém, para fazer seus negócios.

E, como hoje estou aqui para negociar, não há lugar melhor, não é?

Seus homens armados em cada extremidade do lugar, me faz rir um pouco de lado, enquanto continuo seguindo. Estou contando que nossa conversa será a mais pacífica possível, já que tenho Eve aqui perto de mim e, não posso permitir que nada aconteça à ela, ao mesmo tempo em que tenho de manter o controle em meu corpo, para que ninguém perceba algum tipo de nervosismo.

Aliás, não tem motivo para nervosismos...

E é por esse motivo que já estou instalando um sorriso em meus lábios à medida que adentramos o enorme barraco fedido. Aqui, todos já devem saber que estão sob minhas garras e que o respeito deve ser mantido.

— Eles sabem o que é limpeza? — Eve pergunta, com sua voz em um sussurro, perto do meu ouvido, fazendo-me rir de sua pergunta.

— Talvez sejam preguiçosos demais para fazer uma.

Sorrio, ao vê-la revirar os olhos, encarando cada canto do local, mas não perco tempo acompanhando seus olhares, porque Cabeça está me encarando com seriedade demais para o meu gosto, quando já estou dentro de seu barraco bem em sua frente e, parado.

— Aqui está quente, não é? — digo, levando uma das minhas mãos para meu bolso, de onde retiro um cigarro e o ascendo, com o isqueiro que encontro em cima da mesa dele, próximo à mim.

— É o teto.

Arqueio uma das minhas sobrelhas e sorrio, buscando uma cadeira com o olhar e, assim que vejo duas à direita de sua mesa, dirijo-me até ela e me sento, trazendo Eve junto comigo, ao tempo de ver meu homem trazer junto a ele, o filho de Cabeça. Aquele que estava sob minha proteção e que passou por algumas sessões de tortura, essas que não foram prejudiciais fisicamente.

Visualmente, o menino parece estar muito saudável...

Só visualmente mesmo, porque interiormente... sorrio, sentindo orgulho do trabalho que meus homens fizeram e lembrando das vastas horas que meus homens passaram afundando sua cabeça dentro de uma banheira cheia de gelo, para logo em seguida, colocá-lo próximo ao forno bem aquecido e, repetindo o processo por horas, de forma que ele ficasse na borda de ser queimado, para depois, ser esfriado.

Não é uma sensação boa, sendo repetida em intervalo de segundos, com todos tão perto.

Os olhos de Cabeça se arregalam, ao ver quem está em seu barraco e, um sorriso rapidamente está brilhando em seus lábios, ao tempo que se levanta de sua cadeira para se aproximar do filho, que o encara com faíscas de ódio salpicando de seus olhos.

— Meu filho... — a voz embargada e as mãos tremulas, deixam bem claro, o quão filho da puta ele pode ser, por ter mandado o filho, para morrer em minhas mãos.

Ele sabia que não tinha como um garoto como ele, sobreviver a um ataque dirigido logo a mim.

Isso chega a ser uma ofensa de tão jogada descarada na minha cara, mas como preciso dele vivo, para me apoiar, acho que isso pode ser esquecido...

Por enquanto.

— Não me chame de filho! — arregalo os olhos, com um bico se formando em meus lábios. Acho que isso será interessante.

Já estou me tremendo de ansiedade!

— Mas você é meu filho, garoto...

De um lado, Cabeça está um misto de confusão e emoção e, do outro, sendo apoiado por meu melhor homem, está seu filho, com um misto de dor e raiva. Sentimentos maravilhosos, que se trabalhados da maneira certa, poderia dar vida à um monstro, assim como eu.

Na idade certa para isso. Com capacidades, se melhores treinadas, magníficas para o que tenho em mente.

Talvez um segundo melhor homem, seja uma boa aposta, não é?

— Você me mandou para matá-lo, mesmo sabendo que eu não iria conseguir, maldito sádico!

Fico passado dessa vida e dessas pessoas, que passam tanto tempo ao lado desse tipo e, só agora, depois que quase morre, é que vai perceber que o pai dele é um maldito sádico que busca sofrimento por todos os lados. Por favor! Desde que tive o desprazer de conhecer Cabeça, ele sempre se mostrou assim,

ganancioso por destruição, por ver a confusão e o tumulto, seguido de morte.

— Você teria de fazer isso para seu processo de iniciação, meu filho...

— Me poupe, Cabeça! – digo, encarando-o com uma careta de pura descrença, tamanho é seu cinismo. — Você poderia tê-lo mandado para qualquer território, menos criterioso e menos perigoso que o meu. Você sabe quem eu sou, sabe a forma que enfrento minhas batalhas e, se você e seu filho estão vivos agora, é porque eu quero que seja assim. Esse território aqui, junto com todos que estão nele, devem fidelidade a mim. Em posse de razão, eu poderia invadi-lo, matar você e sua família. Sozinho. E você sabe bem, que ninguém seria capaz de me impedir.

Levanto-me para me aproximar mais dos dois, vendo que o garoto puxa longas respirações, mas eu sei, que cada puxada que ele tenta dar para melhorar a respiração, dói tudo por dentro dele.

— Ou você gosta de se iludir, ao pensar que aqueles dez homens que mandou para me distrair, continuam vivos... – semicerro os olhos, tendo a consciência que por aqui, tem muito de seus homens e que eles podem me escutar perfeitamente. — Quanto pagou a eles? O que ofereceu, Cabeça?

Seu olhar em mim, está feroz, lançando várias farpas em minha direção, mas que não me importo.

— O que você quer com isso, seu bosta? – rosna, fazendo-me ter ideias bastante loucas, a circular minha mente.

— Respostas.

Fecho meu rosto por inteiro, agora, parecendo completamente sério, deixando por meio das minhas feições o lado que tanto amo sair, para direcioná-lo o olhar mais ameaçador que já se pôde ser visto na história e, logo, Nicolas surge em minha cabeça, povoando com seus ensinamentos.

Era tarde, estava ensolarado e, mais uma vez, eu estava sendo submetido a mais uma sessão de torturas. Nicolas estava levando cada vez mais meu corpo ao limite e o trazendo novamente a borda. Daquela vez, ele me colocou de cabeça para baixo, com meus pés presos por correntes no teto do nosso quarto. Meu corpo estava todo molhado e, utilizando de fios descascados, ele estava descendo várias cargas de choques no meu corpo. E, mais uma vez, eu estava na borda, entre a vida e a morte.

Eu não podia fazer barulho, não podia demonstrar o quanto aquilo doía, mesmo que estivesse me matando lentamente. Eu não podia, porque demonstrar reações ao meu inimigo, seria algo destruidor para a minha vida. E foi assim que Nicolas me ensinou a não ceder, mesmo diante a morte, como também me ensinou a desenterrar o pior lado que existia dentro de mim, com apenas um piscar de olhos.

Agora, aqui em frente a Cabeça, não foi difícil desenterrar o demônio que dorme aqui dentro, porque ele já é parte de mim. Estando desacordado ou não.

O demônio e eu, nos tornamos um só.

Minha mão voa para o pescoço pegajoso dele com um aperto feroz, enquanto meu olhar se mantém no dele. Eu o aperto mais, tocando nos pontos mais sensíveis, que com apenas um movimento, eu poderia estar dando fim a sua vida maldita.

— Estou esperando – digo, aproximando meu rosto ainda mais do seu, para mostrá-lo o quanto sua demora não está me deixando contente.

— Ofereci um cargo bom para trabalharem ao meu lado.

Um sorriso se forma em meus lábios ao escutá-lo, para logo em seguida, uma gargalhada preencher todo o lugar silencioso.

— Minha vida vale um cargo, Cabeça? – pergunto, com a fúria crescendo ainda mais dentro de mim.
— Espero que faça um bom serviço para se redimir, porque eu não vou hesitar em te matar, pedaço de merda.

Torço meu nariz, com o odor forte do seu corpo, que acredito não ter visto um banho por dias, o que me faz pensar em como alguém teria a coragem de se aproximar tanto dele.

— Da próxima vez que eu vier aqui, espero que você esteja banhado e cheirosinho. Assim como esse lugar aqui. Faça algo de útil e mande limpar isso aqui, ou eu faço isso por minha conta. Você não vai gostar do meu jeito, isso eu posso garantir.

Afasto-me dele e, sem olhar para Eve, a chamo. Quando está ao meu lado, peço que me siga, mantendo seu corpo perto do meu.

— O garoto virá comigo – dito isso, saio do local, tendo logo atrás de mim, meus homens, junto com o garoto.

Um sorriso se planta em meus lábios, com vários planos já se formando em minha mente.

— Você é muito sexy, no modo intimidador – Eve sussurra, perto do meu ouvido, quando já estamos distantes do local, me fazendo sorrir de lado.

Ao sair dali, nos levo diretamente para minha casa, onde planejo ter um tempo ao seu lado, claro, depois de tomar um banho, para expulsar esse cheiro completamente ruim do meu corpo. E não consigo deixar de pensar, no quanto minha vingança está próxima.

Sorrio.

Malaquias não perde por esperar.

Capítulo 28

Seu corpo está tão perto do meu, seu cheiro inebria meus sentidos, fazendo com que a calma faça sua morada em meu interior, assim como o desfrutar de sua companhia. Sinto-me um homem quase completo agora, só falta que algumas questões sejam resolvidas para que eu tenha o sucesso alcançado e a paz faça parte da minha vida.

Os dedos dela estão traçando meu peito com lentidão e, eu sinto o quanto sua cabeça está longe, com seu pensamento viajando para diversos outros cantos muito mais distantes de mim, o que me faz considerar o que possa estar rondando-a. Talvez a nossa visita a comunidade de Cabeça ou a forma que me viu agindo com ele, tão diferente do que consigo agir normalmente por perto dela, mas ela disse que me achava sexy daquela forma, então eu não tenho pistas do que possa estar passando por sua cabeça.

— O que você pensa sobre se envolver com um homem como eu? – pergunto, passando minha mão por cima da sua, que permanece traçando riscos em meu peito.

Sinto seu suspiro, mas nada faço, apenas espero por sua resposta, que não demora muito, está chegando com carga total, com o poder de decidir ou não, o que será daqui para frente nosso relacionamento... isso, se podemos mesmo tratá-lo como sendo um relacionamento.

— Eu não estou acostumada com isso tudo, mas não posso mentir em dizer que isso não me fascina, sabe? Não me importo com esse lugar... eu só... quero ficar perto, sabe? – levanta sua cabeça do meu peito e encara meu rosto com atenção, seriedade e das suas palavras não sinto mentira, não sinto indícios para isso, considerando que ela já mentiu para mim antes e eu saberia identificar se ela estivesse agora.

Eu também não sei o que pensar ou como agir de agora em diante sobre isso, mesmo com todas as lições que recebi de Nicolas, não tenho ideia de como posso prosseguir a partir daqui... quer dizer, eu tenho sim, isso se eu seguir o que ele me ensinou. Como não tenho ideia do que posso fazer para tornar seu ensinamento a *la moda Luciano*, então apenas digo o que sinto, o que eu realmente quero no momento.

— Eu também, mas não é tão fácil... eu tenho muito o que lidar, muitas guerras para chefiar... desculpa, mas eu apenas não posso ignorar o fato de que você também tem outros homens na sua vida.

Nunca, durante toda a minha existência, eu estive tão vulnerável e aberto a sentimentos, como estou agora em frente a essa mulher. Nunca fui tão sincero e nunca me comportei com tal fragilidade, como agora.

E para que eu esteja dessa forma, sem que antes eu tenha planejado é porquê o que Nicolas tanto martelava na minha cabeça, está acontecendo.

Eu realmente estou me apaixonando e eu jamais poderia imaginar que isso poderia vir a acontecer.

É involuntário, eu não premeditei o sorriso que brotou em meus lábios, quando esse pensamento veio a minha mente, muito menos pensei antes que minha mão fosse direto para o seu rosto, onde, devagar e carinhosamente, passei por ali, olhando seus lindos olhos azuis com tanta atenção quanto é possível. Essa mulher está tirando tudo de racional que um dia já existiu dentro de mim e, porra, quando eu poderia imaginar que um dia, um sentimento como esse poderia brotar dentro de mim, preenchendo meu peito e o estufando, me deixando vivo...

Mas não vivo apenas por sede vingança e ódio. É diferente agora, me sinto vivo por amor, adoração, desejo, paixão. Na minha mente, eu não vou dormir mais com a ideia de qual o próximo passo vou tomar para tomar tudo de Malaquias... agora, a última imagem que vem a minha mente quando acordo é a dela e a primeira quando acordo. Ela é o motivo ao qual, esses dias, eu tenho dormido feliz e, acordado com força para lutar por seu amor.

— Eu não tenho mais ninguém – ela sussurra e, logo, seus lábios estão vindo para os meus, selando-os e me lançando novamente no seu mar de encanto e sedução.

Ela me atíça, provocando cada parte do meu corpo, com suas mãos loucas por atrito.

Encanta-me, montando na minha cintura e com seus dedos habilidosos, adentra pelo meio dos meus fios capilares, os puxando para trás e levando consequentemente minha cabeça junto, deixando-me no seu domínio.

Eve me enfeitiça a cada vez que seu corpo, junto ao meu, fazem contato direto, sem nenhuma roupa para nos atrapalhar, deixando apenas nossos instintos nos guiar, enquanto meu coração bate cada vez mais forte, com o amor sendo jorrado em direção a ela, a mulher que está me tirando da minha zona de conforto. A mesma que não faz sentido que eu continue inserido, a julgar que dela, nada de saudável vai fazer para o meu coração.

Mal consigo acreditar que a tenho aqui, em meus braços e, que eu seja capaz de sentir em seus beijos o quão bom pode ser, sentir o amor por meio de beijos, de toques e até por um simples olhar que se melhor observado, pode vir com tantos significados diferentes, ao mesmo tempo que arrasadores para qualquer estrutura masculina.

Sua boca se separa da minha, mas sua testa continua colada em mim. Eu sinto sua respiração bater contra o meu rosto e eu sinto como ela aperta minha cabeça com seus dedos, de uma forma a provar que eu realmente não estou errado.

Eu gostaria que Nicolas estivesse por perto, para que ele visse, que eu consegui a mulher ao qual desejo passar o resto da minha vida, mesmo que ainda não tenha a conhecido o suficiente, mas o meu peito grita que nada disso importa, que esse sentimento aqui dentro do meu peito, é o suficiente para barrar qualquer outra coisa.

Inclusive Malaquias, caso ouse se aproximar dela.

Agora, mais que das outras vezes, a minha determinação em me vingar só aumenta, porque já alcançou outros níveis. Dessa vez, eu preciso acabar com ele para mantê-la a salvo.

O fim está próximo.

O fim de Malaquias.

Capítulo 29

Eve carvalho

Sorrio, ao vê-lo do outro lado da sala, muito entediado a conversar com meu pai. Seu lindo rosto, que aparentemente pode ser confundido com um anjo doce, mas que se passar mais de dez segundos, vai ter sua verdadeira face revelada, aquela que, para mim, é a mais fofa e linda que jamais se pôde existir na história da vida.

Enquanto eu estiver viva, jamais esquecerei a forma como ele me olha, a maneira entregue que ele se mostra, quando estou por cima e a adoração que me lança, sempre que estou por perto do seu corpo, mas não vou esquecer também do seu jeito selvagem, o olhar feroz e o sorriso ameaçador, quando tem alguém para lidar duramente.

Antes eu não sentia tanta necessidade por um homem, como sinto por esse. É surreal, como a ira toma conta de mim, somente em pensar que ele possa estar procurando conforto e prazer nos braços de outra mulher, tendo-me aqui totalmente entregue a ele. Não, eu não posso e nem consigo lidar com isso, logo sabendo que ele é dono de vários cabarés...

Por favor, eu sou aquela que destrói o coração dos caras, nunca me senti presa ou louca para receber atenção de apenas um, mas eu simplesmente não posso controlar a vozinha dentro de mim, que grita para estar sempre o mais perto possível dele, que eu puder. É como se ele fosse fugir e eu não posso ignorar quem ele é, a forma que age.

Pode um homem que age dessa forma, ser fiel a uma mulher? E por que eu não quero ter a atenção de mais algum outro homem? Por que agora eu só desejo ter a dele? Isso será passageiro?

Minha cabeça já não está mais a favor da minha libertinagem. Meu coração, agora, ao que tudo parece está sendo fiel a um homem só e eu me sinto um pouco perdida, porque a considerar a nossa diferença no meio social, eu não estou me importando com isso, o que é muito bizarro, a julgar que normalmente eu estaria fugindo para o Polo Norte.

Viro-me, para observar por fora da janela da sala da minha casa, enquanto ele termina o que quer que seja que esteja conversando com meu pai. Um suspiro escapole por meus lábios, ao ver tantos homens juntos e misturados, sendo que não sinto nada por nenhum deles. Nem uma pitadinha de atração e isso me faz pensar que além de psicopata, Luciano deve ser um bruxo, que me enfeitiçou de uma vez, sem nem ao menos me avisar disso.

Saio dos meus devaneios rumo a Luciano, quando uma pequena movimentação acontece no muro da minha casa, com uns cochichando no ouvido de outros, até que finalmente, o segurança mais próximo do meu Luciano, dá três passos em direção ao portão e o abre, revelando a última pessoa que eu gostaria de

ver agora.

Já consigo sentir todo o gelo que estava derretido, começar a formar-se aqui dentro de mim, tamanho é o nervosismo que estou sentindo agora.

O que diabos essa vadia está fazendo aqui? E com uma roupa dessa?

Puxo uma longa respiração, quando ela sorri provocadoramente para o segurança de Luciano e antes que eu tenha o desprazer de vê-la adentrar a casa, já estou encaminhando-me até a porta do cômodo, abrindo-a e saindo, fechando-a logo em seguida.

Ela está fazendo isso de propósito, somente porque não fiz contato por todos esses dias com ela e com o agravante de que ela quer meu Luciano. Eu percebi isso pelas faíscas de puro desejo que estavam saindo dos seus olhos, somente por ele.

Nossa, como eu a odiei naquele momento.

Como ela ousou provocá-lo? E pior, flertá-lo?

Tenho ódio dela, de todas as formas possíveis e não quero saber de histórias em que ela está envolvida junto com ele. E, é exatamente por isso que, com o nariz empinado e, em cima dos meus saltos, encaminho-me diretamente até ela, que ao estar já na parte de dentro da casa, me observa com um largo sorriso, enquanto fica parada ao lado do tal segurança incompetente.

Não sei de onde esse imbecil tirou de que a entrada dela dentro dessa casa, possa ser permitida.

— Eve, querida, surpresa em me ver?

Com um sorriso de lado em meus lábios, paro em sua frente com uma diferença de poucos passos.

— O que faz aqui, Fátima? – pergunto, já buscando uma dose de paciência do fundo do meu ser para não pegar sua cabeça e batê-la contra a parede mais próxima repetidas vezes, até que ela já não esteja mais no meu campo de visão.

Ela sorri, mostrando todos os seus dentes retos e devidamente brancos. O mesmo sorriso que ela utiliza para chamar atenção das suas vadias, quando elas não estão seguindo o seu jogo, da forma que quer.

— Você deve ir se apresentar no lugar de Lola, porque o balé já é montado e você sabe bem o que deve fazer, sem precisar que eu fique por todo o tempo mostrando como se mexer. E não me venha com negações, patricinha. Você assinou um contrato comigo, o que quer dizer que, você é obrigada a fazer o que eu quiser que faça... – seu olhar sai do meu, para olhar algo atrás de mim. — Luciano, querido!

Tento por algum tempo manter coerência em meus movimentos, em minha cabeça, mas tudo que eu quero é matá-la, destruí-la, aqui mesmo, na frente de todos esses homens e, é até bom, que todos saibam de uma vez por todas que eu não preciso de segurança para me proteger, porque eu sei fazer isso muito bem. Me assegurei disso, quando conheci essa vadia de quinta categoria.

— Fátima? – ela sai da minha frente, somente para rodear meu corpo e, assim abraça-lo.

Juro que tento controlar meu eu violento, para não perder minha pose de dama da mais alta sociedade, como fiz com aquela vadia, quando esteve perto demais dele...

Escuto dois fracos estalos de beijos e, eu me viro, tendo o desprazer de vê-la com os braços ao redor do seu pescoço, sussurrando coisas que estou claramente escutando e, que não há necessidades para que ela esteja tão perto do seu corpo.

Ah essa pequena vadia não sabe com quem está se metendo!

— Tenho um amigo que você adoraria conhecer – ela diz, passando seu dedo fino pelo ombro dele.

Respiro, respiro, respiro, respiro...

— É mesmo? Por quê?

Acho que seria impossível que algo me fizesse mais raiva na vida do que ver a forma que ele a encara e o tom que sua resposta saiu. Meu interior se retorce todo, já sentindo toda a quentura do meu corpo subir diretamente para a minha cabeça, à medida que ela sorri para ele, sendo que seu olhar não se volta para mim, em momento algum.

Acho que vou acabar explodindo só de ódio, apenas por vê-lo tão perto dela e com a voz tão convidativa, que deveria ser lançada apenas para mim, jamais para outra, logo essa outra sendo ela.

— Falei para ele sobre um certo homem de negócios que tinha conhecido e, ele ficou interessado em te conhecer...

Revirando os olhos e com ódio salpicando de dentro de mim, a passos rápidos, me encaminho para dentro da casa. Esperando que ele venha até mim, fico logo ao lado da porta e, como o tempo passa e ele não vem, decido que, preciso fazê-lo entender a minha posição ao seu lado. E se espera que eu seja apenas uma mulher frágil que o espera para me proteger e, que não daria para aguentar a pressão que pode ser sua vida, está muito enganado.

— Filha?

Minha respiração está muito rápida, tanto que chego a pensar que vou acabar tendo um infarto a qualquer momento, de puro nervosismo.

Por que esse homem não está aqui?

Por que ele não veio atrás de mim?

Luciano está brincando demais comigo, merda!

— Estou namorando com Luciano! – rosno, subindo meu olhar para meu pai, que apenas arregala os seus, levando rapidamente sua mão ao peito, tamanha é sua surpresa. — Eu quero ele somente para mim! – me desencosto da parede e me aproximo do meu pai, que agora está sem cor em seu rosto. — Não me importo com quem ele é, nem com o que ele faz.

— Minha filha...

— Estou no meu devido estado de raciocínio e, não, ele não é como os outros que eu já fiquei.

Essas palavras saírem por meus lábios, é tão libertador, que sem eu ao menos consiga raciocinar, as lágrimas já estão rolando por meu rosto com minhas mãos tremulas, sem conseguir esquecer onde ele está e com quem.

Que ódio, meu Deus!

— Minha filha...

— Muito bom ouvir isso, gatinha – essa voz é dele e, está muito perto de mim. Perto demais, fazendo com que meu coração se acelere ainda mais dentro do meu peito, ao tempo que rapidamente, me viro, ficando de frente para ele, que com um sorriso e as duas mãos dentro dos bolsos de sua calça, me encara.

Eu nunca pude pensar que alguém significaria tanto, mas ele significa.

Em questão de minutos ele me fez sorrir, odiá-lo, chorar e agora, me faz sentir a pessoa mais sortuda do mundo.

Acho... Eu acho que... Estou me apaixonando...

Capítulo 30

Luciano Monteiro

Ela pensa que eu vou me deixar levar por seu jogo de sedução e distração... Fico muito feliz em descobrir que não fiquei cego de paixão, como muitos por aí diziam que as pessoas ficavam normalmente, quando estavam apaixonadas.

Captei no olhar de Fátima, que entre as duas ali, algo estava acontecendo. Desde o outro dia na festa, que percebi no olhar e no diálogo das duas, que já se conheciam, o que já me fez ficar com dez pulgas atrás das minhas orelhas, para ser mais específico, cinco de cada lado, debatendo possíveis motivos que a faziam se conhecer... por pouco tempo, porque logo em seguida ela me distraiu, como tentou fazer durante todo o dia e como está tentando fazer agora.

Anoiteceu e, agora, estamos deitados em sua cama. Ela está passando seus dedos por meu peito, enquanto seu olhar está distante.

Sorrio, mas não de felicidade. É um sorriso de nervosismo, já estou me tremendo todo por dentro, somente para perguntá-la, o que é que Fátima quis dizer com:

“Você é obrigada a fazer o que eu quiser que faça.”

Mulher minha não é obrigada a nada, muito menos a alguém. Todos os demônios, que do inferno me observam, sabem o quanto estou tomando toda a calma possível para fazer com que eu descubra isso, sem a perguntar.

Todos os meus queridos seguidores, que do fogo do mais profundo inferno, estão me observando, sabem o quanto estou me controlando para não me levantar dessa cama e pegar aquele vidro, com o maldito “Boa noite, cinderela” que ela estava procurando dentro das gavetas do banheiro, quando a vi mais cedo, muito disposta, naquele pequeno espaço, somente para levantar em sua frente e deixar claro que eu sei dos seus planos. E, que quando ela saiu, fui até o mesmo lugar, que no dia em que estava fazendo a inspeção por escutas, encontrei um objeto muito suspeito, mas que acabei não dando muita atenção, por conta da sua distração novamente presente.

Bem, eu voltei até lá e, por incrível que possa parecer, o objeto ainda estava lá. No teto da pia, à minha espera. Tamanha foi minha surpresa, ao ver que era um chicote e, que enrolado nele, tinha um espartilho de couro e, uma calcinha fio dental do mesmo material.

Uma morte lenta e um quase ataque cardíaco, foi o que eu tive. Tanto que, se eu não estivesse tão perto do chão, a queda teria sido bem feia.

Então, em um dia, eu descubro que a mulher ao qual estou apaixonado, não é nada daquilo que eu

imaginava. Uma garota de programa de luxo, talvez? E esse tempo todo que estive afastado, será que fugiu daqui para ir fazer seus programas?

Não, meus homens não seriam tão bobos para deixá-los se enganar.

Nesse momento, tudo o que eu quero, só seria estourar alguns miolos, a fim de acalmar a merda dentro de mim, mas minha escolha é a de somente ficar aqui, esperando o momento em que ela vai pegar aquela droga e arrumar uma forma de me drogar.

E, como se ela tivesse uma ligação direta com minha cabeça, se levanta sem dizer uma só palavra, encaminhando-se até a mesa, que fica perto da entrada, onde repousa uma garrafa de vinho dentro de um balde de gelo, que ela mesma colocou ali assim que entramos no quarto, com a desculpa de que iríamos nos curtir por um tempo, já que ela resolveu nos assumir como namorados diante seu pai.

Não duvido nada que essa não seja uma das suas manobras para me distrair, para que eu não fique com essa ideia por muito tempo na cabeça...

Mulheres.

Podem ser tão destruidoras quando querem, tão traiçoeiras.

Essa aqui é um exemplo perfeito de mulher traiçoeira, que faz de tudo na vida para enlouquecer um homem. Só sinto por isso, porque tais atitudes vão mudar ou eu vou sair da sua vida... Não, infelizmente eu sou incapaz de sair da sua vida. Só o simples pensamento revira todo meu intestino e aperta o meu peito de uma forma que nem sou capaz de transmitir.

Vejo quando tenta esconder o pequeno frasco dentro do balde e tampando seus movimentos com seu corpo...

Algo semelhante a decepção beira o meu peito e, sem conseguir respirar direito, me levanto da cama e, vou diretamente ao banheiro, tentando esfriar minha cabeça de alguma forma, até que o som dos seus saltos estão se aproximando de mim lentamente, quase hesitante. Posso sentir o quão está nervosa, só pela forma como pisa contra o chão. Os toc's dos seus saltos, normalmente, são confiantes e ritmados. Dessa vez, estão quase como se ela quisesse parar, mas que mesmo assim, continua, até chegar bem atrás de mim.

Mordendo minha língua, para filtrar o demônio incontrolável dentro de mim, ligo a torneira e aparo um pouco de água com minhas mãos, para logo em seguida, molhar minha nuca, observando-a me encarar com tristeza no olhar, pelo reflexo do espelho.

Ah, Eve...

— Vamos brindar o nosso relacionamento?

Fecho meus olhos, tomando uma longa respiração e, sem olhar para ela, pego a taça de suas mãos, levando-o em direção aos meus lábios, onde dou a entender que tomo, mas que o líquido, não passa por meus lábios.

— Pega uma toalha para que eu enxugue meu pescoço, por favor? – peço, com minha voz branda,

calma e ela o faz, se virando. Aproveito a oportunidade para virar todo o líquido na pia e, rapidamente levo a taça para os meus lábios, para que ela pense que bebi todo o conteúdo.

— Nossa, já? – pergunta, ao se virar em minha direção, com a toalha em mãos e como um bom ator, afasto a taça dos meus lábios, sorrindo em sua direção.

— Sede.

Nós voltamos para a cama e ela deita sua cabeça no meu peito, voltando a acariciar minha barriga, ao tempo que começa a conversar sobre assunto banais, sinto que sua voz treme em alguns momentos, mas ela não para. E, assim, entrando no seu jogo aos pouquinhos, vou deixando que meu corpo fique mole... até que, estou fingindo dormir por completo.

Suas delicadas mãos me sacodem e, logo sinto que se levanta, apoiando seus braços em cima de mim.

— Desculpa por isso, meu amor – sua voz fica embargada e, estou considerando abrir os olhos de uma vez e descobrir tudo isso perguntando-a, mas espero que ela se levante e se afaste do meu corpo, indo para fora do quarto, abrindo a porta e fechando-a em seguida.

Escuto quando ela volta, enquanto eu permaneço do mesmo jeito deitado e fingindo estar dormindo, como das vezes em que eu precisava me fingir de desacordado para que os enfermeiros não me medicassem de forma violenta, porque eu me negava a receber sedativos.

Escutei a sua troca de roupa, mas não ousei ser tão burro, a ponto de abrir os meus olhos.

Não.

Eu apenas fiquei esperando e, quando ela acabou, eu a segui.

Capítulo 31

Hoje eu fiz duas descobertas.

A primeira é de que, meus homens são os seres mais burros de toda a existência.

A segunda é de que, Eve é mais meticulosa do que alguém um dia poderia imaginar.

A desgraçada antes de tentar me apagar, fez o trabalho muito bem feito com os meus homens, que caíram como patinhos esfomeados. Ainda vou descobrir como diabos ela conseguiu essa proeza... se bem que, não é tão difícil de se imaginar, a julgar que eles comem e bebem coisas dadas pelos empregados da casa. Então, ela deve ter pago alguém para ter colocado o líquido maldito na comida deles.

Isso só me faz pensar que eu tenho que estar sempre atento a tudo que essa mulher faz e, ao que ela pensa em fazer, porque é tão imprevisível e tão impensável, que meus batimentos cardíacos estão tão rápidos, que por um momento, chego a considerar que meu coração vai rasgar meu peito e sair pulando pela calçada a fora.

Sair da casa foi algo muito fácil, considerando que todos os meus homens estavam abatidos e desmaiados, enquanto ela saiu em cima de um salto vermelho escarlate e um sobretudo preto, cobrindo todo seu corpo. Na direção da Ferrari, ela saiu de casa e, eu fui logo atrás dela, no meu carro, pensando no nível de meticulosidade dessa mulher. Como ela faz isso comigo, sem pensar no que eu possa sentir?

Será que a paixão aqui é somente eu quem a está sentindo? Onde é que estou errando?

Ou eu vou por um caminho, tratando de não deixar que ela me tenha em suas mãos, com o poder de me descartar, quando já não me quiser, ou eu vou pelo outro, onde eu sou o trouxa e ela me pisa, assim como fez com os outros.

“Mulheres gostam de carinho.”

“Mulheres gostam de se sentir queridas, amadas e confortadas.”

“Teu papel de homem é fazer com que, tua mulher esteja sempre esbanjando um largo sorriso no rosto e, muito amor no coração.”

E agora, Nicolas? Como eu faço? Para onde vou com esses conselhos?

Qual caminho eu sigo, tendo uma mulher tão imprevisível assim?

Suspiro, parando meu carro a alguns metros de distância do seu, observando o momento em que ela o estaciona e depois sai dele, tomando o cuidado de olhar de um lado para o outro, acho que se sentindo

observada. Bom que ela se sente observada. Bom que ela sente alguma coisa, mas tomar atitudes seguras que é bom... só nada, não é mesmo?

Vejo quando suspira, pica seus olhos e, logo está caminhando rapidamente em direção a uma porta, essa com um segurança de prontidão. Ela sorri, ele acena, ela indica a porta com um sorriso, ele a abre e, ela entra.

Simples assim.

Vualá.

Eve entrou em uma boate com o seguinte nome em letras garrafais e piscantes: Totalmente picante.

Acho que a minha sanidade está escorrendo pelo ralo, a cada minuto que está passando. Onde estão meus diabinhos do bem, para me ajudarem a conseguir respirar melhor? Onde? Suspiro, pegando minha pistola de debaixo do banco do carro, para logo em seguida, sair do mesmo, guardando minha arma na parte da frente da minha calça.

Travo o carro e tão lentamente quanto for possível, caminho em direção a mesma porta que Eve acabou de entrar, travando minha mandíbula, somente para controlar tudo que está rondando dentro do meu peito. É uma confusão muito louca. Do lado esquerdo, meu eu pacífico, aponta uma pistola para o meu lado direito, onde meu eu demoníaco aponta um fuzil para o meu eu pacífico.

Observo bem o mesmo segurança maldito que acabou de sorrir para ela e tento pensar em um só motivo para não o matar. O encaro de cima a baixo e, decido que, se ele facilitar minha entrada, ele fica vivo, mas caso não o faça... Jeová o receberá em breve.

— Fátima está me esperando. Diga que Luciano Monteiro está aqui.

Ele me encara por alguns segundos, depois tem a audácia de arquear uma sobrancelha e inclinar a cabeça.

— Não me conhece, certo? – pergunto e ele não me responde, o que me faz jogar a cabeça para trás, buscando paciência.

Tento pensar e ser racional, sabendo que, se eu o matar agora, vou chamar muita atenção e, posso acabar deixando tudo muito selvagem antes do tempo... antes de conseguir o que eu tanto quero. Pensando assim, encaro esse homem maldito em minha frente com um sorriso nos lábios e, digo novamente a mesma coisa. Ele apenas pisca, olha para um lado, depois para o outro e, logo em seguida, se volta para o rádio que tem na cintura. Aperta em algum botão, com seu olhar nunca saindo do meu e quando uma voz feminina fala do outro lado da linha, ele diz que um Luciano Monteiro aguarda. Ao repassar o recado para outra pessoa, minha entrada é liberada com animação e surpresa.

— Eu não vou esquecer do teu rosto, mas se eu fosse você, perguntaria novamente para a mulher ao qual acabou de falar, de onde me conhece e o que meu nome em um lugar como esse significa.

Pisco um olho para ele e entro no local, sem voltar meu olhar novamente para ele. Ao entrar no salão do enorme bordel, sou arrebatado pelo cheiro irritante de incenso e uma música mais irritante ainda, considerada como sensual para alguns, mas que para mim, não passa de uma enorme maldição feita para

deixar qualquer um louco do juízo.

O local está cercado de homens vestidos em ternos e algumas mulheres vestidas elegantemente da mesma forma, mas meu olhar não se fixa neles, porque ali no palco maldito, criado para causar a morte, está Eve com um espartilho preto, calcinha fio dental da mesma cor e, com o chicote passando por entre seus lábios, enquanto ela desce até o chão e sobe, na companhia das outras dançarinas ao seu redor.

Putá que me pariu!

— Luciano! – essa é a voz de Fátima, tão perto de mim, que por um momento, considero matá-la, mas como preciso dela viva, para me dar respostas, apenas me viro, dando de cara com seus lábios muito arregaçados em um sorriso enorme, que ultrapassa aquele de um gato azul de um filme famosinho.

— O que é que Eve está fazendo aqui? – pergunto, com meu olhar feroz sob o dela, vendo que os seus se arregalam, junto com a cor que foge do seu rosto, mesmo com um quilo de maquiagem ali, passado somente para mostrar o quanto ela é...

— Ela é uma das minhas dançarinas...

Puxa uma longa respiração, aproximando ainda mais o meu rosto do dela, de forma que minha testa fique colada contra a sua.

— O que ela está fazendo aqui, porra? – minha voz sai em um rosnado e quando o som de gritos masculinos, dizendo para que retire toda a roupa, começa a verberar no local, a gargalhada alta que sai por meus lábios, é inevitável, assim como me apaixonar por ela foi.

Assim como estar aqui.

Assim como levar minha mão até minha arma, retirá-la de dentro do meu cós, apontar para o teto e atirar três vezes no teto, também foi.

Fátima está tremendo na minha frente e a música para.

— O que é que você está fazendo aqui? – Essa voz? Ah, eu conheço bem. Conheço super. — Sai de perto dela agora, Luciano! Eu vou matar essa vadia!

É inacreditável a cena que vem a seguir.

Enquanto eu estou olhando para o chão, porque Fátima já não está mais perto de mim. Eve a puxou pelos cabelos e a jogou contra o piso.

— O que faz aqui? Por que estava com a boca tão perto da dela? Por quê?!

E eu ainda não acredito que estou escutando isso, sendo que ela estava há poucos segundos rebolando, enquanto usa roupas tão minúsculas. Ela está mesmo me cobrando algo, sendo que ela não está com moral alguma para isso?

Meu olhar alcança o seu tão rápido, quanto possível, tendo a surpresa de ver seus olhos lacrimejantes, enquanto sua respiração se mantém acelerada, com seu peito subindo e descendo

rapidamente. Seus seios quase saltando para fora do espartilho que a cobre.

E lembra da guerra que estava ocorrendo dentro de mim?

Pois é, você não vai acreditar que quem venceu foi o meu eu demoníaco, com o seu enorme fuzil. Sendo assim, o que é de se esperar de mim agora?

Muita merda... já não estou no controle.

Ela fez isso comigo... ela!

— O que você faz dançando dessa forma em cima daquele palco, para um monte de homem engravatado? – esse não é o meu demônio racional... não. Esse está sorrindo muito, enquanto toma um copo de whisky e observa o meu demônio emocional no controle de tudo.

— O que você faz com a boca tão perto da dela?! Ia beijá-la, Luciano? Você ia beijar essa maldita, sendo que nosso relacionamento se firmou hoje? Como tem essa coragem? – grita, com seu rosto tomando tons vermelhos e eu simplesmente rio.

Sim, eu estou jogando minha cabeça para trás e estou rindo muito. Sabe por quê?

Bem, em um dia, eu descubro que a mulher ao qual me apaixonei, é uma dançarina e talvez prostituta de um bordel, que ela tentou me dopar, para poder escapar e, agora, ela está simplesmente na minha frente, chorando, porque eu estava com meu rosto perto daquela vadia.

Isso não pode ser sério.

— Ei, aconselho que você me entregue essa arma, agora.

Meu riso sessa, dando lugar para a seriedade e meu olhar vai diretamente para o rosto dele. Sim, o mesmo da entrada. Eu não hesito, quando o pensamento de levantar meu braço, mirar em sua cabeça e, apertar o gatilho, aqui na frente desse monte de gente, vem a minha cabeça.

É exatamente o que faço, observando-o cair contra o chão, alagando-o com o sangue que escorre do buraco que fiz no meio de sua testa.

Lá se foi, Jeová.

Agora, meu olhar se volta para a ruiva na minha frente e, em questão de segundos, estou me aproximando dela, para colar minha testa na sua, sorvendo toda a raiva, que agora, drena meu sistema.

— Como se sente, Eve? Como se sente ao me ver tão perto de Fátima? Como? – rosno, sem tocar no seu corpo com minhas mãos, até porque, não me sinto confiável o suficiente para fazer isso. — Como se sentiu quando eu a abracei hoje mais cedo? Como se sentiu quando me viu tão perto de beijá-la?

Seus olhos estão lacrimejantes, quando me separo dela e busco Fátima com o olhar, vendo que está não muito longe de mim, com seus olhos febris em Eve, enquanto apenas tenta arrumar seu cabelo.

Volto meu olhar para Eve, que continua a derramar lágrimas. Me afasto dela, aproximando-me

rapidamente de Fátima. E, voltando meu olhar para Eve, vejo que mantém os olhos arregalados, a me encarar. Com um sorriso vingativo nos lábios, volto meu olhar para os lábios de Fátima e...

Capítulo 32

Eu me inclino, com o objetivo de selar nossos lábios, aqui de uma vez por todas, a fim de que Eve perceba que eu não estou brincando, que eu não sou o homem ao qual ela vá querer passar fazendo joguinhos, sumindo e me largando. Não vou permitir que isso aconteça, mas antes de mais nada, eu quero que ela tenha um pingo de noção do que é que está se passando no meu peito, já sabendo as reações que causo em seu ser, quando estou perto de Fátima. Sei bem o quanto ela não gosta, sei o que ela fez com a secretária do pai, no dia que eu saí de lá, depois da nossa discussão.

Eu sei o que causo nessa mulher e eu não vou deixar que ela faça o que quiser de mim, da nossa vida e do nosso futuro relacionamento, já tendo ideia do que é que ela gosta de fazer com os outros ao seu redor.

— Você não ouse! – arregalo os olhos, com seu grito tão perto do meu corpo, fazendo-me levar o meu olhar diretamente para ela, que mantém seu olhar com uma carga feroz de ódio, que traz diversos arrepios para a minha espinha.

Nunca na minha vida, senti isso... não, mentira. Eu já senti sim, mas isso foi quando Nicolas me submeteu à uma série de torturas utilizando agulhas... ah, as agulhas. Tão finas e delicadas, mas que podem te fazer delirar de dor por horas e mais horas.

— É mesmo? Há poucos minutos, você estava em cima daquele palco, rebolando até o chão com esse chicote na boca. Por que eu não posso beijar Fátima? O que mais você me esconde?

Ela não me responde e prefere fazer algo ainda mais arriscado.

Eve colide com seu corpo contra o meu e com suas mãos concentrando toda a sua força nos meus braços, me afasta de Fátima, trazendo seu corpo para perto do meu, enquanto seus olhos lacrimejantes continuam cravados em mim. Ela me empurra, até que meu corpo para contra uma mesa. Escuto respirações aqui por perto, mas não faço nada para me concentrar neles, apenas encaro a ruivinha que está aqui em minha frente, com seu belo rosto banhado em lágrimas, fazendo com que fique difícil respirar.

— Você não vai beijar outra mulher. Muito menos ela, entendeu? – rosna cada palavra, mantendo seu olhar firme no meu, o que me faz rir novamente. — Para de debochar de mim! Eu não sou como as mulheres que você está acostumado!

É mais forte que eu, o momento em que eu a afasto do meu corpo, porém para a minha sorte ou falta dela, ela volta, deixando seu corpo o mais próximo possível do meu, de forma que, eu ainda não consiga mexer um só músculo, caso eu queira sair daqui.

— Eu estou aqui, porque eu assinei um contrato, onde eu juro fidelidade e discrição para o local.

Arqueio minha sobrançelha, pensando no que a fez, primeiramente assinar um contrato, jurando fidelidade ao lugar.

— Por quê?

Suspira e seu olhar sai do meu, somente para se voltar aos outros que estão ao nosso redor. Faço o mesmo, vendo que estão todos de olhos cravados no nosso pequeno show, improvisado e de muita audiência... uma dorzinha começa a se formar em minha cabeça, somente em pensar nas coisas que podem acontecer com ela, de agora em diante, já que nosso relacionamento foi exposto dessa forma e na frente de todos, caso que pode chegar aos ouvidos dos meus inimigos, esses que vão ficar muito felizes em saber que agora, tenho um ponto fraco, que se muito bem pisado, pode ser de grande valor para o que podem conseguir, ou seja, para mantê-la intocável e intacta, preciso garantir mesmo, aqui e agora, o que pode acontecer, caso alguém ouse me desafiar.

— Luciano, vamos para o meu camarim – diz, rodeando seu corpo, com seus braços, à medida que se afasta, indo em direção ao palco, até que some por trás das cortinas.

A desgramada se foi mesmo e sem olhar para trás?

Ela ferra com o meu juízo e ainda fica zangada?

Tem alguma coisa errada aqui, meu demônio!

Eu sei que tem.

Ao chegar em cima do palco, me viro, ficando de frente para todos, que com os olhos arregalados, acompanham cada passo meu... ali, bem no finalzinho, vejo um homem com celular nas mãos, esse apontado em minha direção, como se estivesse me filmando.

Jeová, meu parça, lá se vai mais um.

Rapidamente, levanto meu braço, miro no cara e... aperto no gatilho.

Uma, duas e... três vezes.

Ele se foi e, junto dele, o celular. Interessante... esse vai para o além com o celular. Será um morto tecnológico. O único.

Eu sei, essas inovações somente eu para fazer.

Dou de ombros e me viro, atingindo o objetivo que eu queria, que era o de deixar todos apavorados, chorando e gritando. Continuo a caminhar, até que estou em frente a uma porta do camarim com o nome da Eve, agora já não escuto mais gritos ou choros, muito menos os lamentos, vindo daqueles que acabei de aterrorizar do outro lado.

Preciso dar o exemplo, certo?

Respiro fundo uma vez, duas e só então abro a porta, agora com meu demônio racional assumindo o

controle dos meus atos. Mantendo o controle no lugar, entro no local, fechando e trancando a porta de uma vez, tendo o prazer de localizar minha ruiva sentada em uma cadeira no canto oposto do lado da porta, com as mãos tampando o rosto, enquanto funga, fazendo que eu me contorça todo por dentro, sabendo que ela está assim, por causa de uma besteira que eu fiz.

Uma forma infantil de se pensar, a minha. Eu não deveria ter pensando que beijando Fátima, que ela iria compreender o que eu estou pensando. Suspiro, me aproximando do seu corpo tão bem marcado pela roupa que está usando, causando um furacão aqui dentro do meu peito, carregando todas as preocupações, toda a racionalidade e deixando apenas o seu rosto e os seus sentimentos aqui dentro de mim.

— Você só precisa entender, que isso foi feito quando eu não te conhecia. Eu só queria todas as atenções dos homens voltadas para mim... e eu pensava que isso nunca iria mudar... eu não pude evitar!

Tira as mãos da frente do seu rosto, mostrando-me a maquiagem borrada em sua bochecha, enquanto seus olhos percorrem a procura dos meus, à medida que apenas observo-a, tendo o prazer de ver que ela está falando a verdade, mesmo com o medo bem ali nos seus olhos, com a hesitação até na respiração. Sem esperar que eu diga nada, seus braços já estão rodeando meu pescoço e, ela já está apertando seu rosto perto do meu.

— Juro que os meus sentimentos por você são verdadeiros, Luciano. Eu juro que aqui dentro tudo é real. Eu não estou mentindo, não quero te enganar e eu sei o quanto isso é louco, porque nem eu acredito no que estou dizendo, julgando que nunca me senti assim por mais ninguém.

Meu coração bate cada vez mais rápido, a cada palavra dita aqui. Meu peito incha, somente para se adaptar ao tamanho do meu coração que cresce ainda mais, ao passo que me aperta em torno do seu corpo.

— O que você sente por mim, Eve? – a pergunta sai por meus lábios, em forma de um sussurro e, logo, ela está afastando sua cabeça do meu pescoço, somente para me presentear com seu olhar intenso no meu e, sem pensar, está colando seus lábios nos meus.

É um beijo, em que ela derrama tudo que sente, apertando meu cabelo da nuca e me fazendo segui-la nesse louco baile, que sua língua e doçura me proporciona.

Nosso momento é abafado por sons de tiros perto demais de nós, o que me faz nos afastar imediatamente, tentando me situar do que pode estar rolando agora. Será que é um ataque? Alguém foi avisado de que eu estaria aqui...

Claro, óbvio!

— Já faz quanto tempo que você não vem até aqui? – pergunto, observando-a com atenção e tentando expulsar a nuvem de excitação que estava nos cercando. Seus olhos se arregalam e depois, ela franze as sobrancelhas, um ato tão lindo, que posso até apostar que ela nem sequer se deu conta disso.

— Mais de dois meses, por quê?

Sabia, porra.

Por qual motivo aquela maldita estaria brotando naquela festa, tendo aquele velho maldito e aquele

outro cara, que estavam me encarando de uma forma completamente estranha e que quando eu os confrontei, percebi que sumiram das minhas vistas, para logo em seguida, aparecer Júnior Perverso?

Fátima está tramando em minhas costas, mas isso não vai ficar assim de forma alguma.

Ah, não vai!

— Com quem fica esse contrato que você assinou? – pergunto, me baixando, de forma que a protejo com meu corpo de qualquer bala, que possa nos cercar.

— Com a vadia que você iria beijar! – rosna, aproximando seu rosto do meu. Os agradáveis tons de vermelho ali novamente, deixando-me completamente encantado.

— Ainda não esqueci da pergunta que te fiz...

Uma nova sequência de tiros começa no corredor do camarim de Eve e, sem pensar duas vezes, levo-a para o chão e, com meu corpo, cubro o seu, fazendo assim, um escudo.

Nada irá feri-la, porque eu não vou deixar.

Capítulo 33

Os tiros continuam altos e os gritos ao redor do lugar também. Só consigo imaginar que a vadia da Fátima está trabalhando para algum inimigo meu e que agora, ele está aqui para me ameaçar, mas eu não consigo imaginar, o motivo pelo qual ele até agora não entrou nesse quarto maldito, para que eu dê, finalmente, um fim nisso.

Estou escondido, atrás de uma arara de roupas diversas que tem no camarim, enquanto Eve permanece ao meu lado, toda trêmula e mantendo o olhar assustado em todos os cantos que consegue ver por entre as roupas que estão aqui pelo lugar.

A medida que os tiros se intensificam, mais meu interior se retorce com a possibilidade de que, a qualquer momento, podem entrar aqui e fazer o que mais estou temendo no momento... Tirar a vida do amor que por tanto tempo, fui negado de ter. É como se até o ar estivesse difícil de sorver dentro de mim, mas ao mesmo tempo, sinto como se meu peito estivesse inchando, por sentir que ela procura por mim, a cada vez que os tiros se tornam ainda mais perto. Pode ser por medo de que acabem chegando nela, mas só por senti-la perto de mim, já é motivo o suficiente para que eu permaneça firme e forte aqui, com meu demônio racional no poder, mantendo agora uma bazuca em mãos, deixando-me preparado para tudo.

O demônio racional somado com uma bazuca é o resultado de destruição. E é isso que vai acontecer aqui, se a vida da mulher que amo estiver em um perigo maior, colocado pelo tapado que for invadir esse lugar.

— Só faltam mais três! Eu vou pegar vocês, ratinhooos...

Arregalo meus olhos, com o sorriso saindo por meus lábios involuntariamente, ao escutar a voz que tanto conheço. O alívio que banha meu ser é tão grande que, mesmo sem pensar, me inclino até minha ruiva e a tomo em um beijo apaixonado, regado a tudo que ronda meu peito nesse momento e ela retribui, me devolvendo cada gotícula de sentimento.

Uma vez, escutei de um psicopata, que mais tarde tornou-se meu treinador e depois, meu tio treinador psicopata, que o maior sentimento é aquele que você não precisa escutar que a outra pessoa sente, você apenas sente, seja pelos beijos ou pelos olhares lançados entre os amantes apaixonados.

Pois é aqui, nesse momento, que eu descubro que... o que temos é verdadeiro.

Ela sente realmente o que aparenta e pela porra de todo o inferno, eu não poderia estar mais feliz com uma descoberta na minha vida, porque agora eu sei que é real, eu sei que não tenho mais que ficar hesitante e o melhor de tudo... eu sinto o mesmo. E eu nunca na minha vida, pude imaginar que um sentimento como esse, fosse tão gostoso de se apreciar, de sentir crescendo cada vez mais forte dentro de mim.

Nunca pude imaginar que eu estaria tão louco por apreciar e sentir, ela sentindo o mesmo que eu.

Tudo que ele falou era verdadeiro.

Tudo... e agora eu sei disso.

Quando nossos lábios se desgrudam, posso ver as lágrimas rondando por suas bochechas brancas e com as mãos trêmulas, ela a levanta até o meu rosto e a passa ali, observando meus olhos.

— Vamos morrer, não é? – pergunta, me encarando com tanta tristeza, que sinto aqui dentro do meu peito, como se alguém estivesse me perfurando lentamente por dentro.

Agora, os tiros estão mais perto de nós, mas não o suficiente para atravessar essa frágil porta que está trancada.

— Vou pegar você, ratinho último... vou te matar com um tiro bem no meio da tua testa e você vai... morrer! – e, logo, ele gargalha alto, me fazendo sorrir lentamente junto com ele.

Uma característica tão próxima, tão normal...

— Estou escutando teu choro, ratinho... não vou ter piedade, ratinho... não adianta se esconder.... – Sua voz agora, está cantante, seguindo um ritmo, que deixaria qualquer um em puro terror, menos eu.

— Acabe logo com ele, Júlio! Pare de conversa fiada – essa é Fátima, a vadia.

Os tremores de Eve só aumentam aqui perto de mim e com seus olhos arregalados, mãos trêmulas e respiração ainda mais corrida, ela me encara, com um pouco de desespero surgindo em seu interior, o que começa a me irritar um pouco, porque meu peito não gostou de vê-la assim. Meu coração treme só em vê-la tão desesperada assim... pior, meu demônio quer aniquilar quem a está fazendo assim, mas eu simplesmente não posso.

E não vou.

— Eu não quero morrer... a gente nem viveu isso que temos... – sua voz quebra em um soluço alto e, logo arregala novamente os olhos, levando as duas mãos à boca.

— O que temos, Eve? – sussurro, com minha boca perto da dela, minha respiração tão próxima do seu cheiro, quanto é possível.

— Eu.... eu...

Uma nova sequência de tiros, começa perto de onde estamos, fazendo com que ela se agarre a mim, apertando-me ao seu corpo com tanta força, que imagino, por um momento, que vai acabar me matando sufocado, por falta de ar., mas não... eu aprecio esse momento, como um único, porque é o que ele é. Ela antes não tinha se prendido de tal forma a mim, como faz agora e, inferno, eu estou mais feliz que nunca agora.

— Acha que correndo vai me impedir de te pegar, ratinho? Tsc... tsc... tsc... Não vai mesmo – outra gargalhada alta, que logo é cortada por um rosnado alto feminino, esse que não identifico.

— Me entrega essa droga, Júlio! Está tirando onda? Daqui a pouco isso aqui vai encher de policiais e adivinha só... ainda temos assuntos para tratar. Ou você acaba logo com isso, ou eu mesma faço.

Pois bem, estou surpreso agora, que ele permita que alguém se dirija a ele dessa forma. Essa não deve ser uma mulher qualquer... não. Ele não deixaria que mais alguém falasse com ele de tal forma... Sinto vontade até de sorrir, com o tom de voz dela, para com ele. Onde já se viu? Um homem perigoso como ele, aceitando gritos ferozes de uma mulher... ai, ai, ai...

— Ai que mulher mandona! Cada vez que te ouço falando assim, fico cheio de tesão, meu amor – agora, eu não consigo controlar a gargalhada que rompe minha garganta, com essa declaração.

Quando que eu poderia sequer imaginar que algo parecido à isso, estaria sendo debatido tão perto dos meus ouvidos?

Ele? Logo ele? Só escutando mesmo para acreditar.

A série de risos que rompem meu sistema é tão louco, que nem os pedidos chorosos de Eve, são capazes de me impedir. Esse é o momento em que o meu demônio irônico encara o meu demônio racional. Eles se encaram com tanta atenção, que o meu demônio racional, também não consegue ficar sério e, perde esse duelo, dando lugar ao meu demônio irônico.

Meu demônio irônico...

Esse é o meu eu mais desgraçado, sem sombra de dúvidas. Esse é o demônio que combinado com todos os outros, tem como resultado, destruição em massa, regada à muita descontração, porque sim, esse lado chama, implora, ordena para isso e quem sou para pará-lo? Nenhum dos outros demônios conseguiram a proeza de derrotá-lo e não será agora, que estou feliz demais com as novidades que me rodeiam, que isso vai acontecer.

A minha próxima série de gargalhadas se dão cada vez mais altas, fazendo com que minha barriga chegue a doer, tamanha é a graça da situação.

Um homem frio, imortal diante as armas de fogo naturais, calculista e completamente inteligente, se dando ao desfrute de deixar uma mulher falar dessa forma com ele é de se rir por horas e mais horas. Agora, imagine! Eu não consigo me controlar.

— Luciano, ele vai nos descobrir aqui! – ela diz, sacodindo meu peito, que repousa contra a parede, enquanto me dobro de rir.

Não posso crer ainda que ele se rendeu novamente ao amor.

Com mais três tiros finais, o silêncio reina no local, exceto por meu riso histérico que se dá cada vez mais intenso e incontrolável no ambiente. Tento respirar, mas sempre que lembro do que a mulher disse, sinto uma vontade maior de rir e rir e rir e rir mais ainda por horas.

Oh, meus demônios, ele nunca vai estar em paz, enquanto estiver perto de mim. Oh, ele não estará.

— Como é? Eu vou poder entrar ou os pombinhos estão desprovidos de roupas? – sua voz está mais perto de nós, é como se estivesse quase em nossa frente, mas a porta nos separa.

— Vamos morrer! – Eve sussurra, se agarrando ainda mais em mim, mesmo com o meu riso alto.

— Que grande idiota! Eu vou matar esse idiota com uma bala no meio da boca, se continuar com esse riso alto! Ai que ódio! – a mulher rosna e eu estou rindo cada vez mais alto, com tamanha audácia. — Foda-se!

E um forte barulho se dá no nosso ambiente. Certamente a porta foi arrombada, o que faz a minha curiosidade tomar lugar, junto ao meu demônio irônico. Inclino-me, colocando a cabeça para fora, somente para ver duas mulheres na frente com as mãos na cintura, encarando-me a rir. Uma delas é Fátima e a outra, eu não conheço.

Veste calça jeans preta, blusa do Olodum e os longos cabelos castanhos soltos... além de ser bem rechonchuda. Uma gracinha com essa cano 38 mm em mãos.

Acho que estou começando a perceber o motivo pelo qual eles estão juntos.

— Meu amor, eu sei que ele pode ser irritante, mas pode me dar licença? – sua voz se dá de trás dela, que revira os olhos e faz uma careta me olhando.

— Tem certeza que não é pai dele? – pergunta com um rosnado, para logo em seguida, a gargalhada dele preencher o local.

— Infelizmente não sou... Ohhh.

Ela revira os olhos novamente e se afasta, revelando aquele que por tanto tempo esperei para ver novamente em minha frente. Suspiro, pela segunda vez na minha vida, com lágrimas se formando em meus olhos. São lágrimas de saudade, misturadas com lágrimas de dor, as mesmas que escorreram no mesmo dia em que tive que falsificar sua morte, para que ele tivesse uma segunda chance, tanto com uma nova vida, quanto com um novo amor.

Esse é nada mais, nada menos que...

— Quer dizer que você agora se chama Júlio? – pergunto, rindo e desgrudando os braços de Eve de mim, para que eu possa levantar e encarar a mesma altura, aquele que me ensinou o que é o amor, aquele que fez com que eu não fodesse tudo, apenas com seus conselhos adiantados... aquele que não me deixou no escuro, quando tudo estava para me jogar cada vez mais fundo, apenas para ser mais um demônio normal, que obedecia ordens, para agora ser o demônio dono do inferno, aquele que não precisa de ordens para seguir a destruição que quer. — Da última vez que te vi, teu nome era Nicolas Posey...

Capítulo 34

Ele sorri, mostrando todos os seus dentes amarelados e, ali em seus olhos, vejo o mesmo misto de emoções que estão rondando nos meus. Seus olhos ficam marejados, encarando-me de cima a baixo e, logo um conjunto de lágrimas caem dos seus olhos, escorrendo por seu rosto e se perdendo em sua barba que já está em processo de mudança de cor, com o preto ficando branco. É como se estivéssemos ligados em uma sintonia perfeita, porque quando as dele caem de seus olhos, as minhas fazem o mesmo, molhando minha bochecha.

Seus braços se abrem, quando ele pisca, expulsando o conjunto de lágrimas que se prendem ali e sem ter que esperar mais um dos meus demônios acordarem aqui dentro de mim, para fazer outro alarde, me aproximo dele até que choco nossos corpos uns nos outros. Ele rodeia minha cintura com seus braços, em um abraço de aço, enquanto os meus ao redor de seu pescoço fazem o mesmo, com meus olhos fechando, para aproveitar o contato que tanto tínhamos e, que eu tanto senti falta.

— Você não vai acreditar... — digo, descobrindo minha voz, agora, embargada, devido ao seu aperto que só se aumenta com sua cabeça repousando no meu ombro.

— Meu grande rapaz! — diz com sua voz trêmula, logo contra a minha pele do pescoço.

Foram tantos anos longe, tendo que fingir que ele estava morto, sem poder ligar para pedir uma direção certa a tomar, foram tantos dias sentindo-me o ser mais sozinho e desamparado da existência e... tudo por culpa daquele que se diz meu pai.

Tudo porquê, para ele, é divertido ver alguém sangue do seu sangue sofrer para tentar sobreviver. A medida que os dias se passavam em meio à um real teatro dramático orquestrado por ele, onde a vítima era nada mais, nada menos que eu.

E que, graças a Nicolas, fui suspenso dali. As cordas de marionete que me prendiam, foram cortadas brutalmente pelo irmão dele, tirado do berço da sua família, apenas para ser treinado por pessoas desumanas, sem um pinga de compaixão dentro de si, para ser um homem de elite fiel a ele, com o objetivo de seguir todos os mandatos dele.

Sim, o pai deles era um doente e, assim se fez Malaquias.

Um doente ainda mais podre por dentro que o pai, por ter a ousadia descarada de fazer um filho e dele, transformá-lo no mesmo bicho sem vida que o outro fez, para viver em função de suas ordens, desejos e ambições.

Eu odeio esses dois. Eu odeio completamente.

— Isso é tão emocionante — essa é a voz da mulher que Nicolas chamou de amor, essa é a mulher que

está o fazendo rir, ainda abraçado a mim. Escuto seu fungar, só para Nicolas se afastar rapidamente de mim, para virar sua cabeça para trás, para olhá-la.

— O que houve? – sussurra e mais uma vez, uma gargalhada alta rompe minha garganta, enquanto jogo minha cabeça para trás, com meu demônio irônico sentado no chão do meu cérebro, limpando uma metralhadora e uma faca branca.

— Você e... ele é teu filho sim! Você mentiu para mim, Nicolas! – ela rosna e, escutando um limpar de garganta logo atrás de mim, me viro, vendo Eve limpando as lágrimas, com um lindo bico se formando em seus lábios.

— Você não me disse que tinha um pai, psicopata – ela diz, com sua voz rouca, por causa do seu choro. — E você não me disse também que ele queria te matar. O que está acontecendo que você não me apresentou ainda para ele?

Sorrio, descendo meu olhar para suas pernas nuas, tendo apenas uma calcinha, cobrindo algo que não quero que mais ninguém veja.

— Querida, você está com pouquíssimas roupas, por favor, né. Meu homem não vai olhar para você assim não.

Rio novamente, sem controlar mais nada dentro de mim. Porra, eu estou feliz e surpreso demais. Ela é tão... tão diferente da mulher que ele tanto falava, que Malaquias matou.

É um oposto completo... outra ironia do destino. Como pode?

— A gente vai te esperar lá fora – esse é Nicolas, meu querido tio/treinador/salvador/psicopata, um perfeito capacho da mulher que, pelo que pude perceber, ama. Eu estou amando esses momentos que estou vivendo aqui, sem sombras para dúvidas.

O rosto da minha pequena ruivinha sexy está tão vermelho, quanto o seu cabelo, com os olhos arregalados, observando que os três se mexam pelo quarto, até que...

— Ei, rapazote, não vá brincar de casinha agora...

— Nicolas! – o rosnado da mulher, o deixa calado e logo a porta bate com força, me fazendo rir novamente.

As mudanças estão mais presentes que nunca por aqui e eu estou amando-as a cada momento que estou as presenciando. Espero que isso permaneça por muito e muito tempo, para nunca deixar nossas vidas monótonas e sem graça... se bem que, a minha vida nunca foi assim, porque as reviravoltas estão sempre presentes... causadas logo por quem? Pode-se adivinhar? Não? Eu te digo.

É por mim, claro.

Cada demônio que trabalha a toda hora no meu inferno interior, foi treinado e estão muito bem capacitados para estarem ali. Tudo tem o seu motivo, para que o equilíbrio do meu corpo seja mantido com sucesso constante, sem que eu saia descarregando todo o meu ódio em qualquer um que esteja por perto, enquanto tenho uma direção certa para destinar esse ódio.

— Não sei o que pensar – ela diz, saindo da minha frente e vai diretamente pegar o seu sobretudo, o mesmo que ela saiu de casa já vestida, para vir até aqui.

Essa mulher não tem noção alguma do perigo que está a cercando, para continuar se aventurando dessa forma. E o meu tempo está acabando... sim, ele está.

Se Nicolas voltou, isso quer dizer que, o momento do confronto está perto. Muito perto.

Assim que veste o seu sobretudo, cobrindo boa parte de sua pele, me encara com atenção, entortando os lábios de um lado para o outro, me fazendo sorrir minimamente, enquanto tenho o prazer de observar cada lindo pedaço de sua pele, intacta e segura, sem nenhum arranhão.

Mal consigo definir o quanto estou feliz, por ter o meu amor e o meu mestre, ambos ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Acho que já posso morrer, que assim, agora, eu vou feliz.

Seu olhar sob o meu não se demora muito, porque ela já está se aproximando e rodeando meu pescoço com os seus braços, em um forte aperto, enquanto deposita vários beijos ao longo do meu pescoço, fazendo-me sorrir cada vez mais largamente, sentindo cada gota de amor sua em cada beijo seu, mas como preciso de uma direção nesse momento, uma pergunta que não quer se calar agora dentro de mim, é apenas uma:

— Eve, você seria feliz, vivendo no mesmo mundo que eu? – a pergunta vem e, acompanhada a ela, a apreensão de sua possível resposta ser negativa, faz com que meu coração palpite cada vez mais rápido.

Fico mais feliz ainda, ao ter a sua resposta imediata e por ver que ela nem ao menos pensou muito, antes de dar a sua resposta. Sorrio, rasgando o meu rosto, tamanho é a abertura que se dá em meus lábios, somente por ter a sua resposta mais que satisfatória e linda.

Nunca, ninguém disse isso para mim antes.

— Eu vou ser feliz, contando que você esteja comigo. Em qualquer lugar, não importa se for rico ou pobre. Eu não me importo.

Ela se separa do meu pescoço, somente para encarar os meus olhos, que agora estão novamente lacrimejantes, um outro novo acontecimento. Jamais, em outra circunstância, seja ela de dor ou de morte, alguém me verá com os olhos carregados a lágrimas, como agora eles estão.

Oh, não.

Essas aqui, são reservadas a apenas duas pessoas.

As mais importantes da minha vida, sem sombras de dúvidas.

Suspiramos, quando escutamos um movimento mais pesado do lado de fora do camarim e com um beijo apaixonado, porém rápido, damos por momento, abafado o que estamos a conversar, afinal não podemos demorar por muito tempo, a julgar a troca de tiros, que se deu por aqui, há não muito tempo. O que significa que temos de sair logo daqui, antes que os policiais cheguem.. não que eu vá ter algum problema com eles, até porque a maioria trabalha para mim, mas desejo apenas evitar mais tempo preso por aqui, além de desejar tirar Eve daqui.

E seguindo por essa linha de raciocínio, trato de tirá-la o mais rápido que posso desse camarim de quinta, encontrando os três que já estão a nossa espera na entrada/saída do local. Nicolas com um largo sorriso nos lábios, enquanto seus braços se mantêm fortemente ao redor da cintura da sua amada.

Assim que chegamos em frente à vadia da Fátima, a encaro com a maior seriedade que já poderia enviar a alguém, tendo em mente que hoje não será o seu dia de sorte, caso continue com joguinhos sem sentido.

— Onde está o contrato que Eve assinou para você? – pergunto, mantendo os olhos semicerrados e recebo uma cotovelada, acompanhada de um rosnado da minha pequena ruiva louca.

— Posso resolver minhas questões sozinha, Luciano! – rosna, fazendo-me encará-la com as sobranceiras arqueadas e não querendo ter que tirar dela o direito de fazer o que quer, resolvendo suas questões, dou um passo para trás, estendendo a mão, para que ela se adiante em minha frente, para assim, resolver o que tiver para resolver com Fátima.

E assim ela o faz, com as duas mãos na cintura, encarando a mulher que exhibe um pequeno sorriso nos lábios, a encarar minha ruiva.

— Antes que você comece com o discurso de namoradinha ciumenta, já adianto que me aproximei dele, porque estava seguindo ordens e eu não tenho nenhum interesse nele... minha praia é mulheres, se ainda não percebeu.

Minha boca se transforma em um bico surpreso, quando Eve levanta a mão e a dirige até o rosto de Fátima, fazendo com que o barulho do tapa, faça um enorme barulho no local.

— Quem te disse que isso iria te livrar do tapa que há tempos estava guardado para ti? Oh, não... Vólte a se aproximar dele, que você vai ver o que é uma boa surra sádica, projeto de puta.

Meus olhos estão arregalados, minha boca entreaberta e eu estou completamente descrente que algo como isso, possa estar acontecendo logo embaixo das minhas vistas. Nunca que eu poderia imaginar, que Eve seria assim.

Meu demônio racional, onde está a patricinha mimada que toma conta da parte administrativa dos negócios do pai? Pode me dizer?

— Ai! Essa doeu! E eu amei! Amei! Amei! Amei! – a outra diz, largando Nicolas, para se aproximar de Eve. — Mulher, agora estou gostando de você.

Eu olho para Nicolas, Nicolas olha para mim e como se em seus olhos estivesse um tipo de sinal para alguma coisa, nós dois, ao mesmo tempo, jogamos nossas cabeças para trás e o riso se dá tão instantaneamente, que mal consigo controlar a alta gargalhada que rompe o meu ser.

— Como você o aguenta? – a mulher pergunta, não muito longe de nós, com as gargalhadas ainda altas no momento. — Como é que eles não são pai e filho?

— Eles não são? – essa é Eve quem pergunta, de maneira curiosa.

— Meu Nik diz que são tio e sobrinho, mas que o considera como um filho.

Volto minha cabeça para a frente, tendo a sorte de ver as duas frente a frente se encarando, sendo que a mulher de Nicolas, encara Eve com um sorriso feliz, enquanto minha ruiva, encara-a de volta com uma careta.

— Por que querem nos matar? – ela pergunta, causando uma gargalhada ainda maior em Nicolas, que precisa encostar o seu tronco na coluna de entrada, para não cair no chão.

— Quem te disse isso? – a mulher pergunta com uma careta. — Jamais que Nicolas pensaria em algo beirado a isso, para com o filho postiço que passou a maior parte do tempo falando sobre... o quanto é inteligente, ágil, seu pequeno grande aprendiz – ela sorri, desviando o olhar para mim e depois, volta para Eve, colocando seu braço na curva do dela, enquanto a arrasta para fora do local, tendo nós logo atrás delas. — Qual seu nome?

Minha ruivinha, não demora muito para responder, porque parece agora, também, muito animada com a mulher.

— Eve Carvalho – ela diz e logo sorri.

— O meu é Socorro, mas pode me chamar de Help... – Eve sorri e ela também, voltando a encarar minha mulher. — Acho que seremos grandes amigas.

Capítulo 35

Eu a conheci em um bar, que eu ia sempre para me afundar ainda mais no meu poço depressivo, por conta da minha honra, que você já sabe a história – bebe um pouco da sua cerveja, enquanto me encara e continua a contar sua história, com um largo sorriso brilhando em seus lábios, deixando-me ainda mais feliz. — Ela era membro de um clube de motociclistas, com tios, primos, pai e mãe, todos de olhos vivos em cima dela em seu papel de servir cervejas no balcão do bar.

Sorri, desviando seu olhar para nossa frente, vendo que várias pessoas desfilam de um lado para outro, a procura da sua violenta mulher, que arrastou a minha, junto com Fátima ao banheiro do local em que estamos.

Depois de muito pensar, decidimos que a vida está nos devendo um momento como esse e que nossas mulheres precisam se conhecer melhor ainda, para que possamos ser mais felizes e realizados que já somos. Então, viemos para um bar, no centro da cidade, sem ao menos nos preocupar com possíveis espiões de Malaquias.

— Eu ia até lá todos os dias, me sentia tão confortável para conversar com ela. Sempre me entendia... compreendia a minha dor e não me julgava por momento algum. Eu a amei no dia em que me disse que podia me fazer esquecer toda a dor e que mesmo que eu não pudesse amá-la, o seu amor seria o suficiente para nos manter aquecidos de paixão... Não pensei duas vezes antes de raptá-la e a tornei minha mulher.

Sorrio, quase cuspiendo toda a cerveja que acabei de ingerir, ao escutar tal coisa. Não posso crer que ele fosse capaz de roubar um membro de um clube de motociclismo. É louco?

— Eles estão atrás de vocês... sabe bem, não é? – pergunto, rindo ao ver um sorriso confiante surgir em seus lábios.

— Quando chegarem até mim, estarei muito bem protegido pelo diabo. Não vão querer enfurecer Luciano Monteiro, ferindo o tio dele... tenho certeza – diz, suspirando feliz.

Sacudo minha cabeça, encostando minha coluna contra a cadeira, enquanto aguardo que Eve volte para mesa. De repente senti sua falta. Gostaria de passar meus dedos por seus fios de cabelo, para logo em seguida, depositar um beijo em sua cabeça.

Sim, eu desejo tudo de romântico e maricas para com aquela mulher.

Meu demônio está muito acordado aqui dentro de mim, deixando-me atento a tudo e todos que ousarem se aproximar de mim, para tentarem me ferir de alguma forma ou ferir aqueles que amo.

— Um belo demônio cagão, você – digo, suspirando e apreciando de sua imagem em minha frente.

Os anos se passaram, mas ao que tudo parece, ele não mudou quase nada tanto no humor, quanto na aparência. Ao meu ver, continua sendo o Nicolas de alguns anos atrás que me ensinou cada coisa que sei hoje e que me tirou do mar de desastres que eu poderia ter me metido, se não o tivesse conhecido.

Malaquias não deve nem chegar perto de imaginar o quanto ele errou em ter designado Nicolas para ficar como sendo meu mestre. Ele poderia ter me colocado em qualquer outro lugar para ser treinado, mas quando se tem uma clínica comprada para servir um propósito, fica meio fácil demais deixar com que, aquele seja o lugar perfeito para crimes perfeitos.

— Como a conheceu? – Nicolas pergunta, recostando-se contra sua cadeira também. Sua pergunta me faz arquear uma sobrancelha, porque eu sei muito bem que ele sabe a resposta para essa pergunta completamente sem sentido.

Ele ri, levantando um copo e eu sorrio, fazendo o mesmo com ele.

— Elas estão demorando, não é? – pergunta, fazendo-me sorrir e acenar.

Quando desvio meu olhar para a direção do bar em que elas foram, me surpreendo por vê-las voltando com os rostos transformados em caretas. Eve com um bico torto, Help com os olhos semicerrados e Fátima olhando para os lados de forma desconfiada, o que me faz ficar ainda mais atento. Estou achando que me deixei perder em um poço de memórias novas e me distraí daquela que amo.

Isso é um erro mortal.

Eu não deveria tê-la deixando se afastar, vejo isso nos olhos das três, a cada passo próximo que ficam de mim. Não posso evitar que meus demônios acordem e se reúnam. Dessa vez, eles não lutam por nada, nem por ninguém. Eles só ficam observando e esperando de forma torturante que as três cheguem até nós o que parece uma década e, sem poder me controlar, estou me levantando para me aproximar de Eve, de forma a fechar a maldita distância que nunca acabava.

— Tentaram sequestrar Eve – Fátima diz, colando seu corpo contra a coluna de Eve, de forma a protegê-la.

— Dá para manter distância? – rosna Eve, com os olhos semicerrados.

— Não. Fui contratada para te proteger.

— Não. Luciano foi contratado para me proteger. Saia de perto! – rosna, novamente e eu a puxo do domínio de Fátima, para a segurança dos meus braços, onde a rodeio, tentando levar o máximo de conforto possível.

Quem diabos se atreveu a tentar pôr as mãos nela?

Reprimo a vontade de rosnar, quando meus demônios começam a trabalhar dentro de mim, com atenção e concentração de modo a tentar pensarem no que pode acontecer. O que gera imediatamente um pensamento na minha cabeça, que pode me causar sérias dores de cabeça mais tarde.

— Vocês mataram todos que estavam na boate? Mesmo? – pergunto, encarando Fátima que, com as sobrancelhas arqueadas acena positivamente.

— Eu me certifiquei de conferir tudo. Sou ótima nisso – diz Help, tomando a frente de Fátima, para me encarar com um sorriso simpático e de momento, que eu antes consideraria algo muito suspeito, mas que agora, vindo de alguém que conquistou o coração de uma pessoa tão seletiva quanto Nicolas, eu até abstraio um pouco de confiança.

Somente um pouco, porque ainda não a conheço o suficiente para dar total confiança a ela.

— Acho que não devemos esperar mais nada. Nem um instante sequer. Está no momento de confrontarmos meu querido irmãozinho em seu ninho de amor – Nicolas diz, com sua voz se fazendo presente bem perto de mim, o que me faz sorrir internamente, com meus demônios pulando de alegria e já começando a pegar suas coisas para a guerra que irei enfrentar.

Sorrio, apertando Eve em meus lábios.

Está perto de ser a minha rainha, meu amor.

Capítulo 36

Tendo que voltarmos para a casa de Felício, para que minha ruivinha possa vestir algo mais apropriado, que possa cobrir todo o seu corpo, de uma forma que mais ninguém tenha a visão de mais da sua pele, que já viram nas outras vezes que ela já se apresentou naquele lugar, correndo tanto risco e sem ter como se defender, porque o pai dela é idiota o suficiente para negociar com pessoas tão perigosas, quanto esses traficantes de meia tigela.

Ao meu lado, ela suspira exibindo um sorriso nos lábios, ao encarar a parte de fora da janela do carro, à medida que a gente se afasta. O dia se pronuncia por entre as nuvens do céu, enquanto chegamos cada vez mais perto do portão da casa de Felício. A julgar pelo horário, ele ainda deve estar dormindo e sobre o efeito do “Boa noite, Cinderela”, que ainda deve rondar por seu corpo.

Paro o carro perto do portão de entrada, mas algo chama minha atenção. Tudo está calmo, silencioso e... parado demais. O suficiente para que eu saiba que aqui tem alguma anormalidade, mesmo sabendo que meus homens estão drogados e que todos dessa casa devem estar, mas...

— Qual a quantidade de “Boa noite, cinderela” você colocou para os meus homens, gatinha? – pergunto, virando meu olhar para ela, assim que desligo o carro. Com os olhos semicerrados e a bochecha corada, ela me encara.

— Quatro gotas na comida deles – diz, com seu rosto tomando diversos tons de vermelho, o que acabo achando tão agradável, mas não me prendo por muito tempo, porque preciso me concentrar no caso que tenho em mãos.

Quatro gotas para os meus homens dariam no máximo uma hora de arrebatamento. O nosso treinamento devia ter ficado válido para seus corpos, depois da série de testes que fizemos ao longo dos meses. Seus sistemas já deveriam não aceitar a droga dentro deles e eu sei que não aceitariam. Eu sei, porque eu fui aquele a treiná-los, garantindo que cada um estaria sob o mesmo tipo de estabilidade. Droga alguma pararia meus homens, então, por que tudo está parado demais? Quietos demais?

Um sorriso brilha nos meus lábios e eu viro minha cabeça para trás, vendo que Nicolas está do mesmo jeito com um largo sorriso beirando os seus lábios de uma forma tão maligna, que pela primeira vez, sinto que vamos ter uma luta juntos.

— Um pouco de diversão? – ele pergunta, encarando-me com intensidade, para logo em seguida estalar seu pescoço de um lado e outro.

Onde estão meus diabinhos malignos da guerra?

Todos muito animados, cheios de entusiasmo e vida, ao perceber que terá que lutar em breve. O que eu posso dizer? Adoro.

— Nicolas acho melhor você ficar aqui e cuidar das três – digo, abrindo a porta e saindo do carro, mas não sem antes de ver seu rosto fechar e logo em seguida, surgir um sorriso de lado.

— Eu te cubro, bombadinho – pisca um olho e eu sacudo minha cabeça, sorrindo.

Senti falta dele por todos esses dias, do seu humor oscilante e do seu rosto por vezes demente aparecendo em minha frente e me assustando. Bons tempos.

Encaminho-me até a porta de entrada da casa de Felício e como se para confirmar minhas suspeitas, encontro-a somente encostada, assim consigo entrar com apenas um empurrão. Ao ter meu corpo todo para dentro do local, sorrio, vendo que alguém está me desafiando.

Digamos que, dois dos meus homens estão mortos com suas cabeças fincadas na porta de entrada do local, sendo as atrações principais da entrada. Meus olhos vão diretamente para a entrada do local, onde vejo as costas de um homem contra a janela. Nesse momento, eu poderia optar por rodear toda a casa e entrar pelos fundos, mas como não estou com muita vontade no momento, decido apenas seguir o caminho habitual da porta de entrada com as cabeças ali coladas.

Reviro os olhos, tendo que empurrar a porta ao mesmo tempo que mesmo sem querer, acabo por tocar nas cabeças sem vida dos meus homens.

Sacudo minha cabeça, ponderando a maneira covarde como foram mortos. Tadinhos...

— Você vai suspender esse processo, Felício? Ou terei que matar a tua esposinha? – escuto uma voz muito conhecida, que me causa um riso alto no mesmo instante que abro a porta por completo, fazendo com que ela bata contra a parede e logo um dos corpos vai ao chão, sendo logo em seguida, atacados por vários tiros direcionados somente para eles, que do chão e em sua paz, não sentem os abalos que os atingem.

Que meu parceiro Jeová, os tenha recebido com louvor, amém.

— Estou considerando que, certamente, você não sabe que esse território é meu – digo, sorrindo e olhando para a sua alta e volumosa presença no meio da sala de estar da casa, tendo a chifruda de Felício amarrada em uma cadeira e ele logo em sua frente com lágrimas escorrendo dos seus olhos.

Esse homem me mata de vergonha. Como pode chorar desse jeito estando com a guarda tão baixa bem em frente ao seu inimigo? É doido? Não tem uma noção de sobrevivência?

Suspiro, puxando uma respiração contida, pensando que o único motivo pelo qual ele pode estar ainda respirando, é porque minha ruiva deve amá-lo, caso contrário estaria morto e enterrado na companhia dos meus homens e Jeová.

— Ele é meu alvo, Luciano. Saia ou sobrará para você – diz desdenhoso, sem nem ao menos olhar em minha direção. Eu não posso ter escutado direito... oh, não!

Gargalho alto, jogando minha cabeça para trás, ao mesmo tempo que pego minha pistola da parte de trás da minha calça. Quando a maré de risos se dispersa do meu corpo, volto a olhá-lo, observando que me encara de volta com uma enorme careta no rosto, igualando a sua má vontade de sair daqui.

— Bem, agora você só tem duas opções – digo, sorrindo e tomando passos lentos em sua direção. — Ou você sai vivo, junto com seus homens e nunca mais volta a nos importunar, ou você sai morto, deixando assim, que eu faça da vida de todos que moram no teu território, um inferno. O que vai ser?

Com minha sobrancelha arqueada, o encaro, vendo que sacode a cabeça.

— Pensa que sou como Cabeça que se deixa influenciar por ameaças?

Sorrio, sacudindo minha cabeça, mordendo meu lábio inferior no processo.

— Sabe, eu até poderia garantir que você teria uma lição ao sair daqui, mas então, você simplesmente matou dois dos meus homens e com os outros, eu não sei o que fez, logo como um homem de honra que sou, teria que vingá-los... porém, estou aqui, em posse de uma boa vontade que você não verá novamente, deixando que todos saiam com vida... – passo minha mão por seu peito, olhando-o com pesar.

Viro meu olhar para todos que ali estão, contando em torno de seis, na sala. De certo se eu atirar em um, logo o outro atiraria em mim ou atingiria um dos que estão aqui na sala presos.

Outra medida deverá ser tomada, então.

Búfalo como é conhecido por toda a cidade, tem uma fama de ser um homem que não distribui bondades, ele faz o que tiver de fazer sem ao menos pensar se isso é bom ou ruim para a pessoa atingida. Sim, eu sei, não muito diferente de mim. Leva consigo o apelido de Búfalo, por tão ser pesado, enorme e irracional, quanto um.

Meio nada a ver, eu sei, mas a lógica desse mundo é assim, sem um pinga de sentido.

— Búfalo, Búfalo... você está desafiando um homem que vai te trucidar sem ter pena, muito menos dó.

Meus demônios estão a toda dentro de mim, pensando em maneiras de como isso aqui pode terminar, mas uma ideia surge em minha mente, que me deixa completamente sorridente. Ora, Nicolas está de volta, porém não pode ficar desfilando pela cidade, como se fosse invisível e como se Malaquias não fosse a qualquer momento descobrir seu paradeiro. Se ele estiver em outro lugar, apenas para manter suas aparências escondidas, teremos tempo o suficiente para que tudo seja feito nas escondidas.

Mas não é preciso que eu gaste mais dos meus demônios para pensar, porque Nicolas dá o ar da sua graça com cinco tiros e mais um bônus vindo de alguma outra arma, que não consigo identificar, porque no momento, não posso desviar meu olhar de Búfalo, esse que me encara com os olhos arregalados.

— Te dei duas opções, você não quis escolher... – estalo minha língua, suspirando, com uma falsa tristeza em meu rosto.

— Pai! Ai meu Deus do céu! Pai!

Suspiro, ao escutar os gritos assustados de Eve, esses que causam um misto de revolta e... em questão de segundos, tudo dentro de mim está descontrolado. Meus demônios já nem lutam para decidir quem ficará no controle, porque todos, sem exceções, estão completamente enraivecidos, provocando que o

inferno queime com ainda mais força... mais e mais força.

Nada em mim, agora é coerente.

Um sorriso brilha em meus lábios e logo, meus olhos queimam em seu rosto, vendo que seus olhos se arregalam ainda mais de puro pavor.

— Eles são da equipe do teu filho, amor? Se isso tivesse acontecido no moto clube... uma guerra já estaria sendo levantada e muita gente estaria pagando por isso. Eu ein – diz, me fazendo rir alto, o que só se intensifica quando ele olha para trás e sua respiração trava, com seu rosto ficando branco de palidez.

— Nicolas? Ele não estava morto? Ele deveria estar morto! Malaquias me garantiu que estava! – diz, tomando passos para trás, mas é impedido pelo meu aperto forte em sua camisa e um sorriso, que se ele for esperto o suficiente, vai estar ciente de que... as coisas para o lado dele não vão acabar de uma forma muito boa. — Ele matou o meu irmão!

— Relaxa, ele não sofreu o tanto que você vai sofrer, por estar fazendo a mulher dele gritar de pavor. Começa a se apegar com Deus, porque...

— Você vai morrer – digo e sorrio, aproximando minha mão com a arma da sua barriga. — Onde estão os meus homens?

Ele pisca, com o olhar em Nicolas.

— Trancados dentro de um quarto qualquer – semicerra os olhos com ódio, ainda encarando meu querido tio.

— Nicolas? Pode ir até lá soltá-los? Temos contas a acertar.

Um riso feminino se dá no cômodo, mas não desvio meu olhar do dele, para verificar de quem seja.

— Ao que parece vou ver o bebezinho em ação.

Verá muito mais que um bebezinho.

Verá o demônio com o inferno todo reunido para vingar quem fez a mulher que amo derramar uma lágrima de pavor.

Capítulo 37

Onde estão vocês, meus queridos? – grito, empurrando Búfalo bem ao meu lado, enquanto seguro minha arma em sua cintura. Help, Eve e Fátima estão bem atrás dele, com mais duas armas em aperto firmes em sua cintura.

Nicolas está atrás delas, seguindo com meus homens ao seu lado. Estavam todos presos no quarto de Felício, amarrados com as roupas de cama do lugar em seus corpos. Eles, acompanhados dos meus demônios, estão muito irritados. A começar por terem sido nocauteados por um “Boa noite, cinderela” e a terminar, por terem sido rendidos por cinco homens magrelas sem nenhuma orientação de luta.

Mandei que um deles fosse até o meu território buscar mais homens, para que só então, viéssemos para o território sujo de Búfalo. Quando chegaram à casa de Felício, tratei de deixar bem claro que Eve deveria ficar em casa, assim como Help e Fátima, porque a nossa luta seria bem perigosa e a minha reputação não seria capaz de nos proteger, mas elas não me escutaram.

Eve poderia ter ficado para cuidar do pai, mas preferiu me seguir, para garantir que nenhuma mulher se aproximasse de mim, principalmente Fátima, palavras dela. As outras duas se juntaram, rosnando ofensas, ao dizer que eu estava chamando-as de fracas, por serem mulheres. Enquanto Nicolas ria, eu apenas revirava os olhos com as três no meu pé brigando e xingando.

Posso com isso?

Para passar esse teatro de uma vez liguei o foda-se e não disse mais nada, então elas apenas me seguiram. Help colocou uma pistola na mão de Eve e ela apenas pegou com um sorriso enorme nos lábios, o que me fez morrer lentamente por um momento, para no seguinte, apenas virar minhas costas, sem querer escutar mais reclamações de ódio das três. Poderia ter estourado os miolos de Fátima, mas nada poderia me faz parar Help e Eve, então, raciocinando como um homem de raciocínio puro que sou, apenas fiquei calado.

Agora, estamos aqui no território dele, com seus homens mortos em frente a grade que impede nossa entrada para o beco, que deve nos direcionar até a laje de onde irei anunciar sua caída e, logo em seguida, sua morte.

Junto comigo, tenho em média trezentos homens, sendo que todos, sem exceções, conhecem esse território com as palmas de suas mãos, tudo isso, porque Diego, aquele que está no lugar do falecido Teixeira, nos passou o mapa, já que o falecido deixou tudo em seu escritório, antes de morrer. Relíquias como aquelas e ele simplesmente deixa ali, a minha disposição.

Pobre coitado...

— Búfalo vai morrer! – grito, com uma voz cantada e, logo, estão surgindo diversos homens com

armas em suas mãos, apontando para mim, o que me faz revelar um sorriso brilhante, a encará-los.

Alguns rosnam, outros ordenam para que eu o solte, porque caso contrário, estarão disparando em minha direção, mas logo, barulho de armas em conjunto sendo destravadas, preenchem o local, fazendo-os ficarem quietos.

— Abra a porta – digo, sorrindo, enquanto eles me encaram com o mais puro ódio saindo por seus poros, o que me faz sorrir ainda mais.

Um tiro é disparado e, logo, Búfalo está gritando, enquanto se ajoelha no chão, rosnando xingamentos, enquanto diz o quanto isso aqui está errado, que esse não foi o trato, o que me deixa um pouco pensativo, porque não lembro de ter feito algum trato com ele. Do outro lado, eles destravam as armas ao mesmo tempo, causando um alto barulho, que me faz revirar os olhos.

Uma série de tiros um pouco afastado de nós, faz com que eu ria alto, sendo acompanhado por meus homens, menos por Búfalo, que fica meio que gritando e chorando do chão.

Um perfeito maricas. Sem dignidade até para morrer.

— Ele mandou que abrissem a porta – Help diz, com sua voz se fazendo presente no ambiente. — Não escutaram?

Sorrio, percebendo o quanto Nicolas acertou na sua escolha. Essa mulher é uma louca completa e está no lugar certo, com as pessoas certas. Nada disso poderia ser diferente, disso eu tenho a total certeza, porque se tem alguém que merece estar com ele, esse alguém é ela.

Nem preciso de mais tempo ao seu lado para ter total certeza disso.

A porta se abre, com todos eles tomando passos para trás, enquanto meus homens de cima dos prédios, apontam as armas para baixo. Eu não seria tão burro a ponto de saber que tenho um inimigo como esse à espreita para matar uma protegida minha e deixá-lo assim livre, sem nada que me assegure caso ele decida se rebelar contra.

Logicamente que tratei de colocar vários homens meus, para morarem e conviverem com pessoas desse território, para me deixarem a par de todos os seus passos, o que não aconteceu com louvor e que devo verificar o que aconteceu por aqui.

Meu melhor homem toma a frente, ficando ao meu lado com um rifle em suas mãos, enquanto eu estou aqui apenas com duas adagas nas mãos. Quando estavam se preparando e pegando seus respectivos armamentos, fiquei com preguiça de pegar uma pistola ou carregar um rifle, já que teria que arrastar esse monte de bosta que está aos meus pés chorando de dor.

Baixo-me o suficiente para agarrá-lo pelos cabelos, de modo que, mesmo gemendo e chorando, fique de pé, enquanto eu o arrasto, abrindo caminho por entre o mar de homens que estão aqui, o que me faz revirar os olhos, já que eles não têm nenhuma condição de ganhar essa pequena guerra, a menos que eu queira, claro.

Nunca jogo para perder. Minhas guerras são sempre para se ter uma vitória, até porque preciso manter minha fama de demônio perigoso que ninguém vence, mesmo que tentem me ultrapassar.

— Búfalo preferiu que os seis homens que estavam com ele morressem, a ter que sair do meu território – digo, alto, apertando ainda mais o seu cabelo com minha mão de modo que ele grite e rosne ao mesmo tempo. — Ele preferiu que uma guerra fosse armada, a ter que sair do meu território com seus homens vivos... Ele preferiu que todos vocês morressem por minhas mãos, a ter que sair do meu território. Não se importou com a família, com os filhos, muito menos com as esposas.

— É mentira! – alguém grita ao longe, me fazendo rir alto e pensar no que elas se agarram ao acreditar que ele possa ser um bom líder para esse lugar ou qualquer outro.

— Caso prefira acreditar nisso, fique à vontade, porém... quero saber onde estão os braços direitos desse monte de bosta – digo, ainda exibindo um largo sorriso, enquanto os outros apenas me encaram com ódio.

— Vamos matá-lo! – alguém grita, não muito afastado de mim.

— Não, você não está vendo o tanto de homem que ele trouxe? – outro alguém grita com a voz em pânico, coisa que me faz delirar um pouco de felicidade.

Já estava sentindo saudades de ter um pouco de ação na minha vida, enquanto eu apenas estava tendo de mandar ordens e mais ordens, para que terceiros fizessem coisas que eu poderia estar fazendo, como sempre fiz ao longo da minha vida, porém no momento tenho maiores prioridades, o que resulta em deixar para que meus homens resolvam problemas.

— Se um dos meus for morto ou ao menos ferido, essa porra toda vai abaixo – digo, deixando minha voz sair alta e ameaçadora, de modo que quem quer que já tenha escutado sobre minha fama, tenha noção de que não estou brincando.

Resolvendo andar mais um pouco à procura de novos rostos menos irados, aperto o couro cabeludo de Búfalo, dando continuidade à minha caminhada, enquanto ele chora. Um dos meus homens, que de cima de uma laje me acompanha, faz sinal para que eu suba, levando-me a considerar que o local está limpo. Sorrindo, faço meu caminho até a parte de cima da laje, tendo ao meu lado Búfalo resmungando o quanto algum membro seu está doendo, o que me faz revirar os olhos e rir ao mesmo tempo.

— Já já a dor vai embora, querido – digo, o empurrando, enquanto continuo a subir.

Meu interior está ao mesmo tempo que preocupado, vibrante. Preocupado, porque podemos sofrer um ataque surpresa, esse que Eve pode sair ferida, o que começa a me deixar irracional, já que não é isso que quero para a mulher ao qual estou louco apaixonado. Ela poderia ter escutado o que disse anteriormente, mas não, resolveu apenas me ignorar e seguir seu curso, acompanhando outras duas loucas ensandecidas que ao que posso perceber nunca enfrentaram uma gangue rival da delas. E estou vibrante, porque terei mais um inimigo ajoelhado aos meus pés, sendo que mais tarde, outro estará da mesma forma.

Dessa semana, Malaquias não passa.

Já posso até sentir o cheirinho da vitória batendo em minha porta.

Ao chegar ao topo, sou presenteado pela visão de seis homens, acredito que sejam alguma coisa do

Búfalo, o que me faz sorrir lentamente. Vejo também que, meus homens sabem bem como me agradar, ao mesmo tempo que percebo que sabem bem dos meus gostos totalmente peculiares para execuções.

— Vejo que preparam bem o meu pequeno espetáculo – digo, sorrindo largamente, ao vê-los sorrir em minha direção com o mesmo nível de animação.

Como se Búfalo, o líder incompetente deles, fosse um saco de lixo, o jogo no chão com tamanha brutalidade que acredito que eles devem ter escutado o barulho de toda sua gordura misturada com ossos, quando chocou contra o piso de cimento.

— Liga o som, diabinho!

Suspiro escutando o barulho de botas batendo contra o chão e, logo, o solo preenchendo o local de maneira alta, de forma que todos que moram nesse local sejam capazes de escutar, B.Y.O.B da banda System of a down.

Sim, meus homens tem um bom gosto do caralho.

Com um sinal de mão, peço que amarrem o ser deplorável que acabei de jogar no chão e, rapidamente isso é feito, coisa que acompanho, enquanto cantarolo a música que entra por meu sistema, deixando-me cada vez mais aceso para a porra da guerra que se aproxima.

— Yet you feed us lies from the tablecloth – cantarolo, sacodindo a cabeça de um lado para o outro e, então, encaro meu inimigo amarrado com os olhos lacrimejantes. — La la la la la la la la la... Buuuuy – faço um biquinho com um falso lamento e, logo desvio meu olhar para meu homem, indicando com meu dedo indicador que solte o primeiro dos seis que ali estão amarrados.

É um homem alto, forte, com um olhar cheio de maldades... um homem que você nunca julgaria um marginal, até porque sua aparência me levou a crer que era um mauricinho de meia boca, mas a vida está cada vez mais pronta para nos mostrar que as aparências enganam... e muito.

— Vem me matar, docinho – sussurro e sem muito esperar ele está partindo em minha direção...

“Everybody's going to the party have a real good time...”

Ele vem em minha direção, o ódio em seu olhar me mostra exatamente sua intenção, que é a de cumprir o que acabei de o desafiar, mas assim que ele levanta sua perna direita para me atingir, minha mão direita contendo a adaga, vai diretamente para o meio das suas pernas, essa que afundo com força o suficiente para perfurar sua pele sim, vendo sua boca aberta em um “O”, para logo em seguida, eu arrancar de uma vez a faca dali, essa que sai toda manchada de sangue, enquanto percebo que ele prende a respiração, me encarando com os olhos arregalados, o que me leva a pensar que ele pode estar agora, com muita dor.

— Where the fuck are you? – canto, junto com a música, com um sorriso enorme nos meus lábios, levando rapidamente novamente minha adaga até o seu pescoço, causando ali um corte fundo, que junto ao sangue que escorre por seu pescoço, leva a sua vida... diretamente para meu amigo Jeová.

Lá se foi mais um, querido!

O corpo cai ao chão e eu o encaro, com um ar de falso pesar, vendo o chão que antes estava limpo, agora, ficar vermelho, sendo banhado por seu sangue podre.

Pobre coitado, ele.

Levanto meu olhar para Búfalo, que continua a chorar e por um momento, sinto-me um pouco chateado, porque a música está chegando ao fim e, essa tem um ritmo perfeito para executar alguns humanos sem sentido.

— Why do they always send the poor? – canto, sacudindo a cabeça, enquanto tenho em minhas mãos duas adagas, que por um momento, viram duas baquetas imaginárias, enquanto acompanho o fim da música.

Um silêncio enorme se dá no local, quando ela termina, fazendo com que um largo sorriso brilhe em meus lábios, enquanto Búfalo continua a chorar. Decidido a não deixar isso aqui fácil para ele, encaminho-me lentamente e de maneira ruidosa, para que todos escutem apenas o barulho das minhas botas contra o chão, à medida que o tempo passa.

Estendo minha mão para um dos meus homens, para que ele me entregue sua pistola e, quando ele o faz, a destravo, encarando Búfalo.

— Escolhe um número de um à cinco, querido – digo, mas o que recebo é apenas um cuspe no chão, me fazendo revirar os olhos ao tempo que miro na cabeça de um indivíduo qualquer que ali no chão está ajoelhado e amarrado, apenas esperando para morrer, o coitadinho. — Te darei uma oportunidade para rezar em alto e em bom som, tendo que confessar os teus pecados à quem irá te receber já já.

Ele apenas trava o maxilar, me fazendo revirar os olhos novamente, mirando em sua cabeça e com um tiro na mesma, dando fim a sua vida, ao tempo que enviei sua alma para algum lugar no oco do mundo, porque espero que não tenha se juntado ao meu amigo lá de cima.

— Não vão mesmo querer implorar um lugarzinho lá no céu? – pergunto, arqueando uma sobrancelha para os quatro que ainda respiram ajoelhados.

Um deles baixa o olhar para o chão, apertando os seus olhos fechados, enquanto chora.

Tão comovente, que por um momento até considero deixá-lo vivo, porém a minha consideração acabou de...

Voar.

Capítulo 38

Ele começa a sussurrar baixinho, acho que são preces, pedidos de perdão e alguns lamentos baixos, que me fazem prender o riso que sairia alto, apenas para observá-lo com respeito, pedindo um lugar no local onde ele irá já já habitar. Lágrimas começam a escorrer por seu rosto e eu levanto minha mão, contendo a pistola. Seus lamentos ficam mais altos e meu dedo vai diretamente ao gatilho.

— Juro, meu Deus, juro que vou sair desse mundo... eu vou! Me arrependo de tudo que fiz... eu me arrependo, pelo sangue de Jesus!

Sacudo minha cabeça, mostrando um sorriso de lado e, com um simples desviar de olhar para o homem ao seu lado, percebo que ele encara o outro com intensidade, como se estivessem planejando algo por meio de um só olhar. Então, tendo que eliminar logo uma ameaça que se anuncia, desvio minha mão para o indivíduo e... atiro.

Uma, duas, três vezes, vendo que logo em seguida, ele cai no chão, com os olhos arregalados e, com a vida se esvaindo rapidamente do seu ser.

Uma cena muito bonita, muito fria...

E, já cansado de ficar por aqui nesse suspense maldito, apenas termino de eliminar os outros capangas que ali estavam amarrados, restando apenas Búfalo e os meus homens que ao meu redor, observam a cena sorrindo.

Voltando meu olhar para este imenso, sorrio, dando passos lentos em sua direção.

— Búfalo vai morrer... lalala... ele vai morrer... lalala.... – Sacudo minha cabeça, ao mesmo tempo que sacudo a arma em minha mão, enquanto continuo a observá-lo. — Levante, querido.

Baixa seu olhar para o chão e intensifica o barulho do seu choro, fazendo-me sorrir baixinho.

— Consigam um microfone para mim...

— Já está aqui, senhor! – arqueio minhas sobrancelhas, encarando meu melhor homem, que estava a me acompanhar na segurança de Eve, vendo que ele estende um microfone preto em minha direção, enquanto em seus lábios, um enorme sorriso está brilhando, fazendo-me cada vez mais ansioso para o que se aproxima.

Amo esses momentos. Agora, irei apenas matar esse ser inútil e depois passarei o controle do lugar para Nicolas, enquanto cuido da destruição do meu querido pai, essa que será o mais lenta possível, porque não estou com vontade de deixar as coisas fáceis para ele.

Sorrindo largamente, me aproximo de Búfalo e o encaro por um minuto. Observo-o de maneira bem avaliativa, para que na minha mente fique gravado o bem que estou fazendo para a humanidade em livrá-la desse monte de poluição.

— Liga o som, diabo – digo, fazendo um biquinho choroso para Búfalo que franze seus lábios com ódio sendo jorrado dali. Aspiro uma longa respiração, fechando rapidamente os olhos, mas abro-os novamente, mordendo meu lábio inferior ao mesmo tempo em que a música começa a tocar bem alto, preenchendo todo esse lugar com seu toque maravilhoso.

Avenged Sevenfold com *This means war* faz o inferno dentro vibrar mais um pouco, com meus demônios cantando em alto e bom som a música, enquanto por fora eu apenas sorrio, ao ver o choro irado de Búfalo.

— Uma peninha que ele vai morrer, oh! – digo, vendo que ele acompanha o movimento dos meus lábios, lendo o que estou dizendo, o que me rende uma alta gargalhada, ao tempo em que jogo minha cabeça para trás.

Me ajoelho, ficando em sua frente e revezando entre uma guitarra imaginária e uma bateria imaginária atuo, até que a música chega ao seu fim e, o silêncio preencha o local.

— Esse é o momento em que você vai dizer que eu vou ficar no teu lugar e eu te darei uma morte rápida e sem dor – levanto-me com um sorriso, que poderia ser considerado encantador por muitos e encaro o seu olhar odioso sendo lançado em minha direção. — Não poderá dizer a meu amigo Jeová que eu não te dei uma chance, tá?

Pisco um olho para ele e ligo o microfone em minhas mãos, me aproximando da beirada do alto prédio que estou, para ver aqueles que estão no chão olhando com expectativa para cima e também para o amontoado de pessoas que estão nos prédios e lajes vizinhas encarando-me com atenção.

Aproximo o microfone dos meus lábios e sorrio, mostrando os meus belos dentes brancos.

— Estou aqui, porque o líder de vocês invadiu meu território, colocou uma arma na cabeça do meu protegido e mesmo com uma proposta bem generosa da minha parte, não quis recuar, acarretando com a morte dos homens que levou consigo para me desafiar. Como alguns que me conhecem devem saber, não sou um homem que aceita um comportamento como esse, logo, estou aqui na companhia dos meus homens para assumir esse lugar e dar fim à vida deste desgraçado, que tenho a plena certeza que vocês não sentirão muita falta.

Desvio meu olhar para o lado e peço que um dos meus homens o levante, aproximando-o da beiradinha do local em que estamos, de uma forma que fique fácil o suficiente para que eu apenas o empurre e acabe de vez com sua vida.

— Quer dizer algo antes de morrer, Búfalo? – pergunto e aproximo o microfone dos seus lábios com uma mão, enquanto que com a outra, aperto firme o seu ombro.

— Quero que vá se foder! – diz alto com um rugido, fazendo com que eu ria, enquanto que, com uma concentração de minhas forças em seu ombro, acabe o empurrando, acarretando em seu grito alto, enquanto cai em direção ao chão, junto com gritos mais altos ainda de quem está no chão nos observando,

quando correm para que o corpo do maldito não os alcance...

E ele pousa no chão com um barulho alto dos seus ossos se quebrando, junto com gemidos e gritos de pavor de alguns que tentam se afastar ou que apenas acabaram se sujando com o sangue que saiu de sua boca ao impactar-se no chão.

Uma catástrofe.

Um horror.

Coitado, não merecia morrer tão rapidamente assim, mas infelizmente, eu não estou com tempo e vontade o suficiente para ficar olhando para a cara de merda dele.

Bem, agora, o que ele merecia já não faz mais sentido, muito menos importância, porque ele está morto, mas querendo garantir isso, miro a pistola na sua cabeça e atiro três vezes, escutando o barulho de pavor das pessoas.

De braços cruzados, sem sair do lugar em que eu estava, observo a confusão que se instala no local, com pessoas correndo rápido, como se tentassem salvar suas vidas de não sei o quê, porque se eu quisesse já estariam todos mortos, assim como Búfalo está agora na companhia do meu amigo Jeová.

Assim que tudo se acalma um pouco, volto meu olhar para aqueles que ainda me observam das lajes e prédios. Ao verem que estou os encarando, arregalam os olhos com medo, eu acho. É bom mesmo que eu tenha causado essa reação logo neles, que o respeito será logo fixado em suas mentes.

Revelo um largo sorriso em suas direções e mais uma vez, levo o microfone aos meus lábios.

— Não se preocupem tanto comigo, queridos. Sou um demônio fofo e atencioso, mas quando pisam no meu calo, posso trazer o inferno para a frente de vocês e eu acho que vocês não gostariam de imaginar o que poderia acontecer depois disso – sorrio, piscando um olho para eles. — Estou no comando a partir de agora, então, tratem de mandar alguém aqui para me deixar a par de como funciona as coisas por aqui.

E, com um sorriso final, afasto o microfone dos meus lábios, ao tempo que me viro, tendo em minhas vistas agora, Nicolas, Fátima, Help e... Eve, que me olha com os olhos cheios de lágrimas e indecisão, acho que posso observar um pouco de nojo ou medo?

Espero que eu esteja vendo coisas onde não existem, porque agora, eu sinto como se meu coração estivesse sendo rasgado lentamente e, como se minhas pernas tivessem vidas próprias, estou caminhando rapidamente em sua direção, com um pequeno terror correndo por dentro de mim.

Eu pensei em quase tudo, mas não passou pela minha cabeça tirá-la de perto de mim, quando eu estivesse fazendo essa exibição em público e assim na frente de todo mundo. Ela não está acostumada a isso aqui, ela não sabe como lidar com mortes em sua frente e isso deve ser demais para a sua mente.

Help se coloca na frente dela, virando-a de forma que fique de costas para mim e a afasta com a mão na base da sua coluna, enquanto Nicolas vem em minha frente com um olhar que diz para que eu me controle e mantenha distância. Balanço minha cabeça, concordando e parando, enquanto a frustração corre solta por minha mente, fazendo com que minhas mãos vão até meu cabelo, para que eu possa me acalmar, já que não posso demonstrar um caralho de emoção conflituosa aqui com esse tanto de gente me

encarando.

Eu só queria eliminar mais um cara aqui e agora, mas dessa vez, gostaria de observar a morte escorrer por seus olhos, enquanto minhas mãos ficam cravadas em seu coração.

Oh, sim, eu desejo muito isso agora.

— Help vai cuidar disso – diz, com um sussurro baixo, colocando sua mão no meu ombro, enquanto eu apenas tento respirar normalmente.

— Onde está você, Luciano Monteiro? Fez essa cena toda e espera que quem vá limpá-la? – uma voz alta se dá não muito afastada de nós, fazendo com que meu olhar se concentre no de Nicolas que me encara com clara desconfiança.

— Quero dez homens comigo. Cinco na minha frente e cinco atrás. Cobre minha cabeça, tiozinho – digo, sorrindo e logo pisco um olho em sua direção, quando sou cercado por meus homens.

Com determinação no meu olhar, ira no meu peito, destruição na minha mente e a morte rondando as minhas mãos, caminho em direção as escadas que me levarão até a parte de baixo, onde eu estava a não muito tempo, mas paro no meio do meu caminho, ao me deparar com Eve chorando nos braços de Help que sussurra coisas em seu ouvido. Travo minha mandíbula, ao mesmo tempo em que fecho minhas mãos em um aperto de morte, continuando a caminhar determinadamente até a parte de baixo.

Ela deve estar muito decepcionada comigo! E se isso a fizer se afastar de mim? Se ela não conseguir conviver com um assassino? O que diabos é que eu vou fazer para reverter isso? E se eu não conseguir?

É a primeira vez que a insegurança bate na minha porta e isso está me deixando ainda mais irracional, acarretando na posse do meu demônio destruidor, esse que não se importa com nada nem ninguém, a não ser matar e destruir.

Alcançando a parte de baixo, observo quem eu realmente não esperava por aqui. Imaginava encarar um de cada vez, em momentos em que talvez, eu não estivesse com tanto ódio, mas ao que bem sabemos, não é o que está acontecendo comigo nesse momento. Manter a calma não é fácil, não está sendo fácil. Ser racional, nesse momento está se tornando cada vez mais difícil e, eu sinto cada vez mais uma vibração se formando dentro de mim.

É o meu demônio destruidor.

E ele só me empurra para uma coisa.

Matar.

Capítulo 39

Ele está frente a frente comigo, me encarando com uma confusão bem clara em seu cenho, enquanto eu o encaro de volta. Meu sonho de príncipe demoníaco, sempre foi o de matá-lo com as minhas próprias mãos e tê-lo aqui na minha frente, a me encarar com fervor, faz com que meu sangue queime para tê-lo morto aos meus pés.

Não sei como isso chegou aos seus ouvidos, mas eu sei que um dos meus estão de perto me traindo e, isso, eu não vou perdoar.

Estou com tanto para lidar, uma mulher para conquistar, essa comunidade para liderar, mais inimigos para adestrar e um filho da puta para matar. Tudo assim, na minha frente e deixado ao meu cargo. Olhar para esse velho medíocre, barrigudo e peidão, só está me deixando cada vez mais fora de controle...

Isso não pode acontecer, ou seja, preciso voltar ao meu controle habitual.

Caso contrário, terei que eliminar gente por aqui, sem me importar com quem terei de encarar mais tarde.

— Resolveu sair do ar condicionado da limousine do teu chefe? – pergunto, relaxando meu maxilar, até porque a última coisa que eu preciso no momento é que ele veja alguma coisa para usar contra mim.

Balançando a cabeça, ele sorri, sendo logo em seguida, interrompido por uma sequência de tosses, que me fazem bufar e revirar os olhos ao mesmo tempo, até que retoma sua posição de costureiro cagão que se esconde por trás de seguranças que jamais seriam capazes de me parar, caso eu quisesse depositar a porra de uma bala na cabeça deles, porém não posso eliminar o fato de que aqui tem um infiltrado e que eu preciso conseguir lidar com tudo isso sem exagerar.

— Malaquias ficou sabendo do teu show – diz, limpando a lapela do seu paletó, esse que eu estou louco para sujar com o seu sangue. Deixar bem vermelhinho e ensopadinho, poderia preenchê-lo com os seus órgãos expostos para deixar que os urubus venham comer.

Seria até uma boa ação, até porque, eu estaria dando alimento para a pobre ave.

Pode ser algo a se considerar.

— Marinho, querido, volta para o mar que é o teu lugar e vaza daqui.

Faço uma vasculhada no local com o meu olhar e, já vejo que muitas pessoas estão nos encarando com muito interesse, o que não me agrada muito, já que eles não podem perceber que eu me curvo a alguém, seria até um atentado a minha própria vida...

Não que eu me curve, porque isso não acontece, mas aceitar que fale comigo como quer, não é algo que posso permitir... acho que essa seria uma boa justificativa para apresentar ao meu querido pai.

Arqueio uma sobrancelha, ao vê-lo me encarar seriamente.

— Você está fazendo coisas sem o consentimento dele... e ele não está gostando disso – diz e, do seu bolso, retira uma barra de chocolate.

O momento que ele dedica para abrir essa maldição de embalagem, faz com que o meu demônio destruidor me empurre cada vez, ao mesmo tempo em que os outros tomam a frente, apontando dedos um para os outros. Marinho está bagunçando completamente o meu inferno e está deixando meus demônios todos irritados demais.

Ele está juntando meu demônio irracional, com o destruidor e de quebra, expulsando o racional, ao tempo que em que me deixa com mais ódio.

Passei tanto tempo na minha vida treinando para controlar meus demônios, mas aqui está um momento em que eu não consigo controlá-los. Já não tenho controle de nada. Nem dos meus demônios, nem das minhas emoções e muito menos, do que eu ainda tenho que enfrentar. E isso só piora cada vez mais com flashes de memórias em que Eve está chorando e cogitando me deixar, por causa disso tudo.

Agora, eu só necessitava escutar dos lábios de Nicolas que se ela for, terei todo o tempo do mundo para conquista-la novamente, mas se tem uma coisa que nunca vai sair da sua mente é o fato de que eu mato, que eu torturo e que eu não tenho problemas com isso.

É a minha vida e eu não vou mudar, porque eu simplesmente não posso e não quero.

Amor é um sentimento tão bom, ao mesmo tempo que torturante, que eu jamais serei capaz de entendê-lo. Tem algo que eu nunca parei para pensar, que já escutei de muitas pessoas, nessas minhas andanças por aí. É aquele costumeiro dizer do “mudar por amor” “ser alguém melhor, porque conheceu alguém que o fez mudar de vida e perspectiva”.

Eu, Luciano Monteiro, não penso assim.

Não vou mudar quem eu sou e o que estou lutando para ser, somente para ser alguém melhor aos olhos dos outros. Acredito e quero continuar acreditando que ela vai continuar gostando de mim ou quem sabe, mais a frente, vai me amar, por eu ser exatamente esse homem aqui. O que mata sem piedade, o que comanda guerras, o que faz de tudo para manter a imagem de homem temido e desgraçado, sem um pinga de amor no peito.

Eu não me arrependo de ter aceitado o treinamento de Nicolas, eu não me arrependo de ter passado horas torturando, não me importo de ter passado oito anos dentro da prisão ameaçando, causando revoltas, matando e os deixando em lugares que ninguém jamais será capaz de se quer imaginar.

Quer descobrir onde esconder um corpo dentro de uma prisão? Te garanto ser mais fácil que esconder uma faca.

Pobres policiais, pobres prisioneiros.

— Ele me mandou vir aqui fazer algo – diz, enquanto mastiga o chocolate, deixando-me com ainda mais raiva dele.

E, bem, como foi dito anteriormente, não estou no meu melhor espírito para simplesmente aceitar o que ele diz quietinho ou para rebater com humor, como sempre faço. Não, agora eu só desejo matar e matar e matar, porque o meu instinto grita por isso, minha natureza implora, porra.

Eu poderia pegar um cigarro de dentro do meu bolso e ascender com o isqueiro que está no outro bolso da minha calça, para que assim, eu conseguisse mais uns instantes para obter a calma, mas à medida que ele me encara mastigando essa droga de chocolate, está me tirando mais do sério. E é exatamente por isso que tomo a frente, deixando meus homens um pouco de lado, vendo que os seguranças dele, colocam suas mãos em suas armas, para me mostrarem que tem como se garantirem aqui.

— Vocês estão me ameaçando? – pergunto, observando cada um deles, dando tempo o suficiente para contar cada um deles. Bem, temos aqui dezenove homens, comparado aos meus trezentos... acho que as coisas não ficariam muito fáceis para o lado dele, não é mesmo?

— Estão fazendo o serviço deles – Marinho diz, levando a barra de chocolate novamente aos lábios, mordendo-a logo em seguida.

Não consigo compreender o motivo ao qual Malaquias escolheu esse velho idiota para ser seu braço direito... mas não é de se estranhar. Este idiota é tão imbecil quanto o próprio Malaquias. Dois retardados juntos devem se entender perfeitamente. Eu poderia até ser capaz de compreender com mais clareza se ele fosse ao menos inteligente, coisa que não é, mas isso deve ser para me afrontar.

Mandá-lo até aqui só pode ser coisa da mente doente e perversa dele, para me deixar cada vez mais irritado, quando o assunto é ele.

— Que seria? – arqueio novamente minha sobrancelha e sorrio minimamente, ao tempo em que dou um passo à frente, observando-os retirar as armas de seus coldres. — Vocês destravarem essas armas e às apontarem em minha direção, será um pedido de morte e não pensem que hesitarei. Vocês são em dezenove, enquanto eu estou aqui com trezentos.

Com um sorriso arrogante, dou mais um passo em direção à Marinho, vendo-o engolir o pedaço que tinha mordido com dificuldade, ao tempo que o suor começa a surgir em sua testa

— Veio me desafiar, não foi? – pergunto, vendo que todo o sangue é drenado do seu rosto, enquanto seus olhos se arregalam. — Mande que eles limpem e retirem o corpo desse maldito daqui, agora.

Ele sacode a cabeça e eu travo meu maxilar.

— Não vai dizer? Quer que eu faça você vomitar esse chocolate todo aqui nesse chão? Quer que te faça ficar de joelhos na minha frente? – digo alto, percebendo uma movimentação pequena bem atrás de mim.

Eu poderia até acreditar que fosse um dos moradores se rebelando ou que um dos amadores de Búfalo estivesse querendo uma vingança... poderia acreditar nisso, se eu não conhecesse bem o barulho das botas que os meus homens usam ou até se eu não conhecesse o barulho de um destrave de arma.

Poderia acreditar que isso viria de algum dos homens que ele trouxe, se o suave barulho não tivesse sido causado de detrás do meu corpo. Eu sei que é um homem meu, porque ele acaba de desfazer a posição que foi treinado a estar.

Todos aqui sabem como devem estar diante uma ameaça e que só devem agir com a minha autorização, essa dada com um sinal e quando essa é quebrada, eu como treinador, serei o primeiro a saber, certo?

Certo.

— Malaquias não vai gostar se você me fizer algo – sua voz está tremula, nervosa e eu rio, por estar à um passo de descobrir o infiltrado, recebendo logo de quebra uma maravilhosa atitude, que é a de matar logo esse monte de inutilidade aqui em minha frente.

Aceno, dando passos para trás, ficando assim por trás dos meus homens, de forma que eu possa observar todos com uma devida atenção. Vagueio meu olhar por todos eles, encontrando todas as armas travadas, mas uma em especial está destravada, como imaginei.

Ao subir meu olhar para o dono dela, minha surpresa é até decepcionante, porém a alegria de saber que de um estarei me livrando para dar exemplo aos outros, será bem maior.

— Eu não vou repetir, Marinho. A escolha é tua – digo, vendo que ele vira rapidamente a cabeça para trás e manda, a contragosto, que seus homens limpem o local onde Búfalo está morto. — Deixem limpinho, viu? Lavem com sabão em pó e água sanitária depois... ah! Coloquem bom ar para ficar cheirosinho, queridos.

Sorrindo, observo-os se afastando.

— Veio fazer o que aqui, Marinho? – pergunto, arqueando minha sobrancelha, ao tempo em que ele engole em seco.

— Buscar a ruiva filha do Felício. Malaquias quer conhecê-la.

Capítulo 40

Sorrio alto, ao tempo que jogo minha cabeça para trás, tendo o desprazer de escutar alguns resmungos que pouco me importam à medida que eles apenas me encaram. Isso só pode ser uma brincadeira de muito mal gosto vindo de Malaquias e se ele estiver pensando que vai fazer com Eve o mesmo que fez com a amada de Nicolas, ele que pense novamente e que comece a negociar com Jeová sua entrada céu, porque eu vou destruí-lo sem ao menos precisar usar um moedor para isso.

— Ele está percebendo que você está apreensivo e que a presença dela te deixe fraco, como deixou um cara aí, que não me lembro o nome – diz, enquanto percebo suas mãos trêmulas, enquanto a sua voz se torna da mesma forma.

Demônio racional? Não sei se existe.

— Diga a ele para me dizer isso pessoalmente – rosno, lançando um olhar furioso em sua direção, me arrependendo no minuto seguinte, ao perceber que estou deixando transparecer muito de mim para ele, que continua a me encarar, mas agora parecendo curioso demais para o meu gosto.

Sacode a cabeça, deixando que o que resta do chocolate caia no chão.

— Não posso voltar sem ela...

Respiro fundo, tentando pensar em algo racional o suficiente que não seja a imagem dele morto aqui na minha frente. Estou tentando ser alguém controlado, mas não estou conseguindo.

Eu vou matá-lo e vou fazer isso lentamente. Vou dar o que Malaquias quer, porque não preciso ser nenhum dono de bola de cristal, para saber que ele só precisa de uma reação como essa vinda de mim, para que tenha a certeza de que Eve é um ponto fraco para mim.

E por toda a porra do caralho do inferno, ela é.

Jamais pude imaginar que somente a ideia de deixar com que ele a pegue das minhas vistas seja o suficiente para que o inferno queime todos os meus demônios, ficando apenas o oco queimando e queimando e queimando. Este oco que queima, sou eu e as cinzas que já estão começando a levantar são os meus demônios... oh, sim, eles são invencíveis, assim como a porra que me queima. Eles estão nascendo novamente, só que agora com muito mais tolerância a quentura que se instalou aqui dentro do meu inferninho.

Isso é o que vou fazer com este velho maldito. Vou queimá-lo bem lentamente, enquanto escuto seu choro alto pedindo por socorro, vendo sua pele queimar cada vez mais, até que só sobre os seus dentes no chão, só que, diferente dos meus demônios, ele não vai nascer novamente.

Ele vai para a puta que o pariu, junto com Malaquias.

— Você vai voltar sem ela, sim. Ou você não vai voltar – digo e dessa vez, sinto-me obrigado a pegar o meu cigarro no meu bolso, em busca de algum pensamento que tenha raciocínio na minha cabeça.

Escuto choro feminino desconhecido por perto de mim, quando um conjunto de mulheres se aproximam, umas apoiadas nas outras, em direção ao corpo morto, sendo removido de Búfalo. Ascendo meu cigarro, tragando um pouco e agradecendo ao Deus que criou essa belezinha, que provavelmente ainda vai me causar um câncer, mas que não me importo.

Não agora.

— Ele morreu! Meu Deus, ele morreu! – uma grita, fazendo a impaciência lutar contra a minha calma de uma forma um pouco violenta.

— Eu sabia que um dia Deus iria ouvir minhas preces!

— Deus tarda e não falha! Obrigada, Deus!

Elas choram, ajoelhando-se ao chão, bem perto de Marinho, enquanto trocam abraços em conjunto.

— Por nada. Foi um prazer matá-lo. Perderam meu espetáculo, senhoras? – digo alto, tragando mais do meu cigarro, somente para liberar logo em seguida a bela fumaça branca.

As atenções das três vêm diretamente para mim, quando acabo de falar. Seus olhos se arregalam, suas bocas se formam em um perfeito “O”, elas se entreolham e, logo, estão se levantando para correrem em minha direção.

Diabo é isso?

Expulsando as lágrimas dos olhos, elas se serpenteiam por meio dos meus homens, que as seguram impedindo-as de se aproximarem de mim. Uma careta se forma em meus lábios, quando as vejo com brilhos em seus olhares.

— Éramos mulheres dele. Nos disseram que quem o matou, agora é o novo mandachuva... o que faz de nós, suas mulheres.

Franzo meu cenho, com a declaração da primeira que apareceu aqui chorando e sem acreditar que ele tinha morrido. Sem deixar minha atenção nela por muito tempo, para não esquecer de Marinho que, sorrindo me observa, volto a fazer o mesmo de agora a pouco.

— Leve o corpo dele contigo e o jogue em algum outro lugar – digo, tirando o cigarro dos meus lábios, enquanto sinto um pouco de calma habitar o meu ser.

— Eu...

— Vá! – grito, assustando a todos que estão aqui, nos observando, enquanto reviro os meus olhos, filtrando todo o ódio que se pode existir dentro de um ser humano, como eu.

Juntando um pouco do que resta de bom senso dentro dele, Marinho chama seus homens, que levantam Búfalo nos braços para o arrastarem daqui, enquanto o seguem para fora da comunidade que acabei de invadir.

— Deus tarda, mas não falha! Sofremos tanto apenas para sermos recompensadas por um gostoso como esse! Que benção maravilhosa!

Reviro novamente os meus olhos e me viro, estancando no meio do caminho, ao ver Eve com seu rosto todo vermelho, olhos semicerrados, mãos fechadas em punhos e um bico que eu desejo do fundo do meu maldito ser beijar por horas e mais horas.

— Eve, a gente precisa...

Voltando seu olhar para mim, ela levanta sua mão com a palma aberta, me encarando com tanto ódio que me rende até um sorriso aliviado. Antes um olhar de ódio, do que um de nojo e repulsa, certo?

— Que história é essa dessa vagabunda? Você matar um cara de um jeito nada bonito, eu até aceito, mas isso bem aqui – funga, limpando seu nariz com o antebraço —, tê-las como suas mulheres, eu não aceito, Luciano! Se você pode matar, eu também posso!

Arqueio minha sobancelha, ao mesmo tempo em que minha boca fica aberta, ao apreciar essa notícia. Help aparece por trás dela, sorrindo.

— Se fodeu, neném! – coloca a mão no ombro dela e aperta. — Você como não tem esse hábito, não precisa se dar à um trabalho como esse. Pode deixar que eu mato quem você quiser.

Ainda estou atônito ao escutar a conversa das duas..., mas Eve não estava indignada e decepcionada?

Eu perdi algum capítulo da minha própria história?

Capítulo 41

Estou chateada ainda, Luciano – diz, fazendo um bico mais lindo que aquele que ela fez na comunidade agora a pouco.

Eu amo isto que nos cerca agora.

Se tem uma coisa que me deixa cada vez mais em busca de aprendizado, são os nossos momentos conflituosos. Hoje, eu consegui compreender que, se eu ficar pensando demais no que ela possa estar achando, eu estarei me castigando e me deixando ainda mais miserável que já sou. O resultado foi o de que, eu cogitei coisas e mais coisas na minha cabeça sobre como ela poderia estar se sentindo e pensando, sendo que no final nem foi isso tudo que eu estava imaginando.

A verdade é que eu estava louco demais para me dar conta de que eu só precisava afastar Help dela e a perguntar. Somente uma pergunta, que me traria a calma e a paz que eu necessitava.

Agora, a escuridão tomou conta da cidade, com a lua expulsando o sol, algo que muito me agrada no momento. Não nos demoramos muito na comunidade, já que as mulheres de Búfalo continuaram a provocar Eve bem de perto, o que estava deixando-a cada vez mais irritada e colada no meu corpo, coisa que eu não me importei muito, mas ela estava enfurecida, então, vendo que aquele era o momento de vazar de uma vez por todas, apenas segui o meu curso, trazendo tanto ela, quanto Nicolas, Help e Fátima para a casa de Felício, para que enfim, possamos ter paz.

A esposa chifruda ainda está muito abalada pelo choque que sofreu, o que deixou Felício preso no quarto junto com ela, sem sair nem ao menos para jantar. É, agora ele a faz companhia, mas quando estava com a secretária aqui dentro, nem notava que a chifruda existia.

— Qual o motivo desse teu chateamento, gatinha? – pergunto, com ela se virando nos meus braços. Passa sua perna por cima da minha, empinando essa belezura de comissão traseira, repousando sua cabeça no meu peito, enquanto eu apenas me deixo levar por esse contato tão próximo.

Suspiro, sentindo um pouco de paz reinar no meu ser inteiro, à medida que tenho seu corpo em meu domínio. Meu corpo todo relaxa, junto com os meus demônios interiores, que dormem pacificamente, enquanto aproveito da companhia brilhante da minha ruiva.

— Você matou aquele homem na minha frente! Por favor, né. Eu não quero ver aquilo novamente. E mantenha distancia daquelas vagabundas – diz, afundando sua cabeça em meu peito, como se quisesse se esconder de mim, o que me faz sorrir lentamente, enquanto apenas fico quieto, pensando em como realmente fui tolo e idiota por deixá-la presenciar o que eu sempre faço.

A insegurança bate forte contra o meu corpo, ao pensar que esse é o momento perfeito para que nós dois possamos conversar sobre o que estaremos passando de agora em diante, já que ela está ciente de

quem eu sou e das coisas que eu faço sem muito pensar se isso é ou não errado.

— Você me odeia por tê-los matado? – pergunto, fechando meus olhos, apenas para esperar a sua resposta que não demora muito para chegar aqui, deixando-me um pouco aliviado.

— Não te odeio, mas confesso que fiquei chocada com a forma que os matou, amor – suspira, passando seu braço por meu estômago, fazendo-me abrir meus olhos. — Não sou acostumada a ver essas coisas e Help está certa, sabe. Ela me disse que essa é a sua natureza, você foi criado para isso e tudo o mais... – levanta sua cabeça para olhar em meu rosto. — Quero saber sobre isso ainda.

Sorrio, passando meu olhar por todo o seu lindo rosto, gravando os seus olhos azuis, sua pele branca limpa, seus lábios carnudos... acho que realmente estou de quatro por essa mulher. Ver em seus olhos que ela realmente sente curiosidade para saber algo sobre alguém como eu, completamente diferente do seu modo de viver e de ver a vida, me deixa cada vez mais louco para acabar logo com as ameaças que nos cercam e, que, em algum momento pode dar fim ao que estou vivendo.

Eu não posso dormir com essa ameaça em cima da minha cabeça.

Já abati boa parte das ameaças que nos cercavam, virando-as ao meu favor, mas a ameaça maior que se tornou bastante presente hoje, é a que eu terei o maior prazer de aniquilar de uma vez por todas.

— Homem pensativo demais – diz, revirando seus lindos olhos e se afasta de mim para levantar, logo em seguida. — Vou buscar algo para comer e depois verei o estado da vaca do meu pai.

E, com um sorriso sacana final, se vira, dirigindo-se até a porta, mas antes que ela a abra, estou levantando-me da cama para pressioná-la contra a porta do seu quarto, sentindo todo o seu corpo contra o meu, toda a sua gostosura contra mim.

Seu cheiro me embriaga, causando um misto de sensações aqui dentro do meu peito, ao mesmo tempo que droga todos os meus demônios, deixando-os sorrindo para cada filete de fogo que sobe em suas direções.

— Eu sou louco por ti, mulher – digo, com minha voz em sussurro, aproveitando que a tenho em meus braços para explorá-la com todo o amor e carinho que eu jamais pensei que existiria em um demônio como eu.

Ela sorri e me encara, lançando-me um sorriso que me deixa beirando as nuvens, para logo em seguida pressionar sua bunda contra minha virilha, empurrando-me para trás.

— Deixe-me comer, meu homem! – sem dar tempo para que eu tome outra ação, ela se separa de mim, abre a porta e sai, deixando-me aqui parado com um sorriso bobo nos lábios, por tê-la escutado me chamar de “meu homem”.

Um homem poderia ser mais feliz?

Sorrio, encarando a porta fechada, onde ela estava há poucos instantes tão linda e cheirosa...

Sou um fodido apaixonado mesmo, que se foda o mundo.

Preciso começar a orquestrar logo o meu plano de vingança para que eu possa ser feliz com essa mulher. Não vou medir esforços para que ela se encaixe nesse mundo conturbado e cheio de maldades que é o meu, até que ela esteja se sentindo completamente encaixada entre os meus e os demais, mas para isso preciso contar com algumas coisas e a cooperação de duas pessoas.

Nicolas e Help.

Eu sei que eles estão aqui para o que eu precisar, mesmo que não tenham me dito isso, mas eu não preciso que falem, suas atitudes deixam isso bem claro, o que me conforta bastante.

Depois que destruímos Malaquias as coisas ficarão mais fáceis, nossas vidas serão mais tranquilas e as ameaças que nos cercam serão mais brandas, porque a maior de todas é a dele, já que ele, além de um psicopata maldito, é um sádico de meia tigela que não se importa com quem fará sofrer. Ele apenas liga, manda que alguém, no caso que é sempre eu, eliminar quem quer que seja ou ameaçar quem pior for, para que ele chegue ao final do dia e receba a mensagem de que a pessoa está morta e que, antes de morrer, sofreu por horas e mais horas.

Suspiro, encaminhando-me para a cama, onde me deito e encaro o teto, enquanto espero minha ruiva sexy voltar.

Descobrir a paixão me fez ver que a delicadeza no olhar de uma pessoa pode sim trazer um pouco que seja de humanidade para dentro do peito de alguém que não se importe com o próximo... Agora, eu me importo.

Eu me importo com ela, com Nicolas e com Help... eu me importo e me importo muito.

É certo que com Nicolas eu sempre me importei, mas saber que ele agora encontrou alguém ao qual ele compartilha de sentimentos que, anteriormente, ele tanto sofreu por ter sido tirado com tanto descaso e falta de sentimentalismo, com uma brutalidade tão fora do normal e com uma justificativa tão sem sentido, que por mim Malaquias vai passar meses sofrendo antes de, enfim, morrer.

Sorrio, traçando planos para sua morte.

Vou dedicar várias horas do meu dia para garantir isso...

Os minutos passam e nenhum sinal de Eve aparecer por aqui, o que me faz considerar que ela pode estar com Help, já que agora, se tornaram amigas de unha e carne, unidas para me deixar completamente doido, porque ela é desse tipo de mulher.

Duas batidas na porta e eu viro minha cabeça, na esperança de ver os seus lindos olhos azuis por trás da porta, mas quando a mesma se abre quem eu vejo é Nicolas, que franze seu cenho ao vasculhar o quarto com seu olhar, ao mesmo tempo em que meu celular começa a tocar da escrivania ao meu lado.

Alguma coisa está aqui de dentro do meu peito, dizendo que esse não é um sinal muito bom...

Ao pegá-lo em minhas mãos, sento instantaneamente no colchão da cama, já sentindo o meu coração bater rapidamente.

Fodido desgraçado Malaquias.

— Diz.

Atendo, somente para escutar uma série de risadas do outro lado da linha, que fazem com que meu olhar se desvie para Nicolas, que agora, com os olhos arregalados e o rosto branco, me encara.

Não é coisa boa... não é coisa boa...

Meus demônios estão acordando instantaneamente, enquanto se preparam para o que está vindo em meu rosto.

— Uma gangue de motoqueiros atrás de mim a procura de uma tal de Socorro, descubro que a desgraçada está com você e... tem mais... um passarinho comilão me contou que alguém está falhando... falhando! Nicolas não te ensinou nada, porra? Pensei que aquele filho da puta tinha te ensinado o quanto não é bom se apaixonar... você vai ficar fraco...

Levanto-me da cama no exato momento em que ele menciona o nome de Help, passando como um raio por Nicolas e, mesmo sem camisa, começo a abrir cada porta que existe nessa porra de corredor, encontrando, em uma delas, Felício dormindo com a chifruda maldita que ele tem.

Minhas orelhas estão pulsando aqui, com a ideia do que ele pode ter feito.

— Eu avisei, Luciano Malaquias...

Outra gargalhada alta e, minhas mãos estão geladas, à medida que desço as escadas rapidamente, em direção a sala, essa que não tem um pé de gente, mas que não me prendo por muito tempo, indo diretamente para a cozinha, onde Eve disse que estaria... ela só iria pegar a porra da comida.

— Não está sentindo falta de nada, Luciano?

A respiração trava no meio da minha garganta, junto com as lágrimas que nublam minha visão ao ver o estado da cozinha.

Como eu não escutei o barulho de uma porra dessa acontecendo aqui?

Demônios, demônios, demônios, demônios, demônios, demônios, inferno, inferno, demônios.

Todos queimam com força total, todos estão se dissipando ao ver marcas de sangue pela parede da cozinha, copos e pratos quebrados no chão, na mesa...

Devagar, deixando que os cacos perfurem meus pés, caminho em direção a mesa, onde estão tufo de cabelos ruivos e outros negros.

Racionalidade já não existe dentro de mim, o ódio está tomando conta do meu sistema, assim como a destruição está poluindo toda a desgraça que existe dentro de mim...

Nicolas aparece na minha frente com o maxilar travado, os olhos marejados e a respiração mais acelerada que jamais pôde estar. Eu só o vi assim antes, quando ele estava relatando a maneira que Malaquias matou sua amada... lembrar não é fácil, mas é preciso... preciso, eu preciso matar...

Todos os meus demônios foram mortos, torrados pelo alto nível de quentura do meu inferno, mas novamente devagarinho bem devagarinho outro demônio está se formando... ele está crescendo a cada riso doentio que escuto do outro lado da linha.

— É a minha missão como teu pai e mestre garantir que você esteja forte para combater as minhas batalhas...

Nada mais existe ao meu redor, somente o barulho do meu coração, esse que está batendo tão forte e com tanta força que acredito por um momento que ele irá rasgar para fora do meu peito, somente para ele mesmo, acabar com Malaquias.

Mesa. Tinha uma mesa na frente. Tinha...

Tinha, porque o diabo que se apossou de mim aqui e agora, a virou contra o chão, com tanta força que a partiu, fazendo um alto estrondo ser escutado por todo o caralho da casa, eu aposto. Ao menos é assim que eu desejo que tenha acontecido.

Tum.

Meu coração bate com o ódio o corroendo...

Tum.

Eu vou destruir quem quer te tenha colocado a mão nela.

Tum.

Eu vou acabar com toda a raça daquele que arrancou fios do seu lindo e longo cabelo.

Tum.

Eu vou matar.

Tum.

Matar.

— Você ainda está respirando, Malaquias? – isso foi o que eu o perguntei, antes de desligar o caralho do celular e o jogar contra a parede mais próxima de mim, fazendo-o se partir em mil pedaços.

— O que está acontecendo aqui?

— Quem é esse homem?

Escuto a voz de Felício e a da chifruda esposa dele, mas não me prendo olhando seus rostos desgraçados, porque o da minha mulher está cravado bem aqui na minha mente. Seu sangue está nas paredes da cozinha e eu não estou sabendo respirar... eu não estou sabendo...

— Ele a levou? – Nicolas pergunta com a sua voz transformada e eu puxo uma longa respiração,

sentindo, de dentro do meu ser, uma longa reviravolta com o meu demônio estando completamente formado e com os seus olhos vermelhos destilados a ira e misturados a ódio, a encarar-me determinado.

Ele está me mandando...

Está me mandando...

— Luciano...

Fecho meus olhos, quando um forte cheiro de morte invade o meu sistema nervoso, fazendo-o tremer no processo...

Ao abrir meus olhos a primeira coisa que vejo é Nicolas quebrando a porta de saída da cozinha e a seguinte, e apenas uma geladeira com a sua porta aberta, pronta para ser quebrada, da mesma forma que farei com Malaquias.

Se o que ele queria era guerra e destruição, ele vai ter.

Por dois diabos prontos para acabar com o que ele gosta e eu vou ferir onde mais dói... bem lentamente, antes de dar um fim definitivo à sua vida.

Capítulo 42

Eve Carvalho

Se não fosse por aquela faca, ele não teria conseguido nos pegar – sussurra Help, exibindo um bico descontente em minha frente, enquanto eu tremo toda por dentro de puro medo, mesmo sabendo que tudo vai ficar bem conosco, já que a tenho aqui ao meu lado.

Se não tivéssemos sido pegas de surpresa quando estávamos comendo na mesa da cozinha da minha casa, provavelmente nem estaríamos aqui. Help foi guerreira na sua luta, conseguiu acertar dois contra uma parede, o ferindo no processo, mas como haviam mais dois para ajudar o nosso sequestrador, as coisas foram ficando mais pesadas e quando eu fui abrir a boca para gritar pedindo ajuda, a mão de um deles veio para a minha boca com uma brutalidade tão grande, que acabou machucando meu lábio inferior.

No meio da briga corporal entre Help com o outro homem, com um golpe, ele conseguiu desacordá-la, segurando-a por seu cabelo, o que me causou dor só em ver. Depois foi a minha vez, um dele arrancou uma mecha de cabelo minha, fazendo-me morder seu braço com força... o que veio depois, eu não lembro, porque a escuridão tomou conta de mim, deixando-me no pior vazio da história.

Quando acordei estava sendo sacolejada por uma Help muito zangada, que avaliava meu rosto com seus olhos atentos e cheios de preocupação.

— Eu sei o que ele quer – Help sussurra, se levantando no bagageiro da enorme caixa quadrada que parece estar se movendo, em que estamos. — Quer nos matar para servir de exemplo, mas eu não vou deixar.

Arregalo os olhos, ao escutar essa declaração, ao mesmo tempo em que uma série de arrepios sobem por meu corpo.

Foram dias de tantas emoções e descobertas que eu nem sei o que pensar mais, mas agora, saber que estão querendo nos matar para dar exemplo alguém não está me deixando dentro dos meus trilhos certos, porque meu coração está acelerado e parece que o frio, agora, resolveu se instalar em meu corpo, fazendo-me ficar toda encolhida no canto em que estou.

— Ele nem sabe quem eu sou – sussurra, tirando sua bota do pé e depois, coloca sua mão dentro da mesma, arrancando dali um pequeno canivete e levanta seu rosto para mim, sorrindo brilhantemente.

— O que é que está acontecendo? Um dos inimigos do meu pai conseguiram nos sequestrar? – pergunto, sentindo as lágrimas brotarem nos meus olhos a medida que os segundos se passam e isso aqui ainda sacode, deixando-me enjoada.

— Não sei, pode ser – diz, dando de ombros, quando uma voz grossa começa a se fazer presente por perto de nós.

— Elas estão desacordadas sim, senhor...

Assusto-me, quando de repente, uma alta explosão pode ser escutada não muito distante de nós e, logo, Socorro está rindo alto em minha frente, ao mesmo tempo que se impulsiona para frente, a fim de me abraçar apertadamente, com seus dois braços ao redor da minha cintura, enquanto sua cabeça repousa no meu ombro.

— Eles chegaram... sabia que não iriam demorar – diz e pisca um olho em minha direção, ao levantar o canivete que possui uma luz vermelha piscando. — Nada de ruim vai nos acontecer, eles vão garantir isso.

Então, tiros e mais uma explosão pode ser escutada não muito longe de nós, alguns acertam o local de metal em que estamos, mas logo o foco é mudado, fazendo com que meus olhos se arregalem mais ainda, com uma forte onda fria invadindo meu corpo e tudo que existe ao meu redor começa a sufocar o ar...

— Ai que demora, porra! – Help sussurra e o ar está cada vez mais se afastando de mim, a medida que os tiros começam a se igualar a uma orquestra sinfônica.

Tudo junto e ao mesmo tempo, meu coração bate, minha visão nubla com lágrimas e o ar... ele se distancia cada vez mais, deixando-me perdida na confusão do corpo daquela que lutou com tudo o que tinha para me defender dos que queriam me atingir.

Tento pedir para que ela se afaste, mas nada sai dos meus lábios, nem os meus membros consigo mexer, ficando presa em um universo que é preenchido pela escuridão.

O som vai se tornando cada vez mais distante...

Até que não consigo escutar mais nada.

Capítulo 43

Luciano Monteiro

Estamos bem atrás da van, senhor – escuto a voz do meu melhor homem, pelo celular, já sentindo todos os cabelos do meu corpo se arrepiarem com a sede de vingança que está migrando nas minhas veias.

Meu coração bate cada vez mais acelerado à medida que meus pés batem contra esse maldito chão de terra, cada vez que me aproximo da localização de Diego, o meu homem que ficou por um tempinho como segurança de uma ricaça a fim de me manter informado de todos os seus passos, enquanto Malaquias tinha uma pequena rixa com o homem pai dela.

Bem ao meu lado, Nicolas está respirando audivelmente e eu posso sentir a cada olhar que ele transfere ao nosso redor, que qualquer que seja aquele que acesse em seu caminho, ele irá destroçar assim como já fez com muitos que o fizeram desviar e perder o seu tempo. O seu celular permanece em sua mão, com a localização de Help em suas vistas piscando quanto mais ela se movimenta.

O cheiro de terra molhada invade o meu olfato, fazendo-me ainda mais irado por dentro, com diversos pensamentos rondando a minha mente. Espero que não a tenham machucado, espero que não a tenham machucado... eu espero, caralho!

E eu espero mais ainda que aquele sangue na parede não seja de nenhuma das duas, porque será mais uma coisa na conta para que Malaquias pague de maneira bastante dolorosa.

Já consigo avistar a figura alta, morena e esguia de Diego a me esperar, contra um carro, com um notebook nas mãos. Ao me ver, acena com sua cabeça, enquanto meus passos se aproximam cada vez mais rápido dele, tendo a urgência de conseguir dar um fim a tudo isso de uma vez por todas, liberando a mulher que amo do tormento que está enfrentando agora.

— Eu tenho algumas rotas em mãos para o encontrarmos de surpresa, porém precisaríamos de algum tempo para organizar muitos homens a fim de invadir logo o território em que ele está – diz, assim que estou próximo o suficiente para escutá-lo.

— Senhor, acho que estamos tendo um pequeno imprevisto – diz, meu melhor homem pelo viva-voz, chamando minha atenção para a porra do celular.

O imprevisto que vá para a casa do caralho junto com a tua cabeça, meu bem, porque eu não vou ficar aqui apenas esperando que a façam mal.

— Está tendo uma...

Tiros e mais tiros começam a ser ouvidos do outro lado da linha, fazendo com que eu desvie meu

olhar para Nicolas, que com os seus olhos, me passam realmente tudo que estou pensando.

A vingança vai esperar um pouquinho, porque nossas mulheres estão precisando de nós... o mais rápido possível.

E, tendo isso em mente, sem dizer mais uma palavra, me viro e com um último olhar um para o outro, começamos a correr em direção ao carro em que viemos, que por acaso foi a Ferrari de Felício, que por ser mais rápida, nos daria mais vantagem.

Bem, Nicolas como sempre é a melhor pessoa na arte da proteção, por esse motivo, deixou Help com um pequeno localizador, para o caso de que os seus familiares viessem atrás dela e acabasse levando-a. Assim, ele saberia onde ela estaria, seja onde for que eles a escondessem. Simples assim. Eu deveria ter feito o mesmo com Eve... como me arrependo por ser tão burro assim.

A adrenalina está correndo solta pelas minhas veias quando eu chego onde está o carro, com Nicolas logo ao meu lado. E, sem esperar muito para tomar uma respiração, já estamos entrando e já estou dou partida no carro, dando ré para que saíamos daqui o mais rápido possível, assim que isso se torna possível, a avenida movimentada ganha as minhas vistas e o carro.

— Estão atirando contra a van, senhor! — ele grita, com a sua voz demonstrando medo e terror, o que me faz repensar onde diabos eu pude ter errado no treinamento deste homem.

Ao invés de estar se mijando de medinho, ele deveria estar lutando para reverter esse quadro e se não pudesse reverter que ao menos lutasse. Se é para morrer que seja lutando.

Essa é a nossa dignidade, porra!

— Segue essa avenida e quando chegar na ponte já sabe o que fazer — diz, me fazendo sorrir minimante, com mais adrenalina beirando o meu corpo.

De repente tudo está se tornando um borrão, com meu demônio interior supremo montando diversos e diversos cenários para o desfecho desta noite, para que eu consiga, enfim, fechá-la com uma chave mestra que jamais serei esquecido por onde quer que meu nome seja pronunciado.

Ninguém jamais será capaz de chegar perto ou de mim, ou de Eve, porque as consequências estarão mais que estampadas em seus rostos a medida que apenas pensem em me desafiar.

Reprimo um pequeno rosnado, quando meu coração aumenta algumas medidas, cada vez que me aproximo da ponte, onde acelero o mais rápido que posso, chegando a bater contra a traseira de um carro de luxo, o dono não conheço, porém será o suficiente para que prenda esse trânsito maldito. Espreito meu olhar para o outro lado, vendo se de lá vem algum carro e, quando vejo que está limpo, desvio meu carro ali, passando o carro que acabei de bater e acelero o máximo que posso, já avistando outro carro vindo na direção oposta.

— Desacelera, porra — Nicolas resmunga e eu sorrio, desviando o carro do outro, quando estamos a um pequeno espaço de nos tocar, escutando logo em seguida, uma sequência de buzinas.

Desviando rapidamente meu olhar para o retrovisor, vejo que o carro bateu em um caminhão, bloqueando as duas passagens.

Ótimo, era isso mesmo que queria.

— Dobra à direita e segue direto – diz Nicolas e eu o faço, dobrando na primeira curva e acelerando à centro e vinte quilômetros por hora na pista, desviando aqui e ali de alguns que estão no meu caminho.

A avenida começa a ficar mais escura e vazia, à medida que me aproximo do meu destino, até que eu vejo o meu carro logo a frente, o mesmo que está sendo dirigido pelo meu melhor homem... pelo ao menos era assim que eu o considerava, algo que mudou completamente com as minhas recentes descobertas sobre ele.

A van preta está logo a sua frente parada, enquanto vários homens em pé segurando armas, estão desferindo tiros contra a parte da frente da van.

Aperto mais ainda o meu pé no acelerador e subo os vidros do carro.

— Não, Luciano. Help os ama – Nicolas sussurra, mas eu não lhe dou ouvidos.

— Mas eles não a ama, porque se amassem, não estariam atirando contra a porra do lugar em que ela está.

— Luciano... não.

Rosno, pressionando meu outro pé na embreagem, ao mesmo tempo que mudo a marcha e, passando por cima de uma das motos que estão no meu caminho, paro o carro, tendo toda a atenção deles voltados para mim.

— Atira, porra! – grito, para que meu homem me escute, desviando meu olhar para trás e vendo meu melhor homem sair do meu carro para atirar nos que estão vidrados no carro.

Para alguma coisa ele serve, amém!

— Se ele os matar, não tenho nada a ver com isso – digo, abrindo a porta do meu lado, ao tempo que pego minha submetralhadora do banco traseiro.

Com ela carregada e nas minhas mãos, saio desse carro, virando-me e acertando no ombro dois oponentes que se ocuparam com o meu melhor homem. Baixo-me, fazendo do carro meu primeiro escudo, escutando o barulho dos tiros contra a parte lateral do carro. Deito-me no chão, vendo as botas pretas tensas contra o chão, enquanto eu continuo a atirar em todos os pés que estão contra o chão sustentando os homens e, quando tenho-os no chão, me levanto, escutando o barulho dos tiros, vindos de dentro do carro, sinal de que Nicolas está atacando.

Ótimo.

Me encaminho até o bagageiro do carro, vendo que quatro homens estão saindo pela parte de cima da van, coisa que impeço, ao mirar em suas cabeças e...

Tiro, tiro, tiro, tiro, fim.

Com mais uma vasculhada no local, vejo que tem dois escondidos ao lado direito da van, o que me deixa atento o suficiente para saber que eles estão tramando alguma coisa.

Bem, rodear a van e tentar abri-la por trás, eles não vão poder, porque meu homem está ali, contra ela, ou seja, alguma outra medida eles estão tentando burlar e, Help que me perdoe, aqui não tem lugar para vacilos.

Ou são eles, ou é eu.

E é obvio que a minha escolha será mil vezes eu, por este motivo, miro em um e atiro, vendo-o cair ao chão e, logo miro no outro, sem dar tempo para que ele possa tomar a atitude de correr, atiro uma, duas e três vezes, bem no meio da sua cabeça.

Aqui não existem espaços para aberturas, não existem.

— Luciano! Eu disse para você – Nicolas sai do carro, abrindo-o e sem poder escutar o resto que ele tem a dizer, vejo que vários carros estão se aproximando de nós, o que me faz correr para a parte de trás da van, onde meu melhor homem está agachado, com mais um homem... esse que eu vou destroçar até o último filete de sangue.

Eu vou sim.

— Caralho – rosno, o afastando da van.

Destravo a tranca que ali tinha e a abro, vendo Help de joelhos contra o corpo de Eve, assoprando o seu rosto e balançando o seu corpo.

— Vamos, vamos, vamos... – sussurra, com lágrimas em seus olhos, fazendo o demônio dentro de mim, rosar toda a desgraça para fora.

— Senhor! – é ele, ele quem me grita, ele.

Sorrio, com as lágrimas de puro desespero brotando nos meus olhos, ao vê-lo atento nos carros logo atrás de mim. Não vou matá-lo agora... Não vou, porque é ele quem vai me levar a quem o colocou aqui.

— Vamos, Eve! Merda! Você sabia que ela é claustrofóbica? – grita, agora massageando seu peito.

— Senhor!

Rosno, virando-me o suficiente para ver um conjunto de dez carros aproximadamente, pararem bem em frente ao show que acabei de armar no meio dessa avenida, fazendo-me travar minha mandíbula.

Uma porta é aberta e logo, várias armas são colocadas para fora da janela, me rendendo aqui no meio dessa desgraça. Hoje realmente não é o meu dia e por todo o caralho do mundo, nem o deles.

Saindo de detrás dos meus homens, eu caminho até o meio da pista, ficando limpo de qualquer que seja os meios. Levanto a minha metralhadora deliciosamente carregada e aponto para o carro que está em minha frente.

— Você tem dez carros, pode ter cinquenta homens... eu tenho trezentos – sorrio, blefando descaradamente, mas nessa vida, a gente precisa utilizar de diversos métodos para sobreviver.

Essa, no momento, é a minha.

— Uma arma é destravada e todos esses carros serão explodidos – digo alto, semicerrando os olhos, quando ligam o farol do carro em minha frente, com um riso contido, aparentemente frio, porém com algumas gostas de hesitamento claro em sua voz, podendo ser ouvido.

— Calma, Luciano, não vim atrás de guerra – diz, uma voz grossa, que em breve estará morta e bem enterrada.

— O que está fazendo aqui, então? Não sabe que em qualquer lugar que eu esteja a guerra me segue? – pergunto, arqueando uma das minhas sobrancelhas.

Seu pé vai para o chão e, logo, uma figura esbelta e vestida a terno, preenche o meu campo de visão, com o rosto de um homem de meia idade se aproximando de mim.

— Se é inimigo de Felício e quer negociar algo, desista – digo, o encarando com seriedade.

— Na verdade, eu sou...

— Gregory Vilaça – diz Nicolas, com sua voz alta o suficiente para se fazer presente bem ao meu lado, o que me traz um pouco de paz por um pequeno instante, mas a imagem de Eve desmaiada nessa maldita van não está me rendendo bons frutos de raciocínio.

— Júlio Prime? – pergunta, com a sua voz em uma pequena surpresa, para logo em seguida, começar a sorrir.

Passo minha língua por meu lábio inferior, precisando, por um momento, molhá-lo para que eu pense.

— Quais ventos te trouxeram até aqui? – pergunta Nicolas, deixando-me cada vez mais impaciente.

— Fiquei sabendo que esse rapaz acabou de tomar o território de Búfalo, quero oferecer uma mão amiga...

Balanço minha cabeça, me virando, ao tempo que vejo um dos caras da bota que estavam atirando em nós, levantar uma arma em minha direção, fazendo-me arquear uma sobrancelha e mirar em seu corpo.

Aperto o gatilho seguidamente até que ele esteja morto, até que seu sangue escorra por seu corpo e até que a vida já não mais exista em seu corpo e, assim que eu estou satisfeito, me viro, ficando novamente em frente a ele, Gregory Vilaça.

— Você quer me oferecer uma mão amiga? Ótimo, primeiro você vai me certificar que a tua lealdade é minha. Aqui e agora, na frente dos teus homens – digo, encarando com intensidade os seus olhos, que agora, me encaram com surpresa.

— Luciano...

— Segundo, você vai espalhar que uma guerra está vindo, diga a todos que quiserem estar do meu lado, que venham até mim e os que não estiverem comigo, estarão contra mim. Quem estiver contra mim, pode-se considerar meu inimigo. Você entendeu? – pergunto, vendo que ele sacode sua cabeça com um sorriso.

Ele coloca sua mão no seu bolso e dali, retira um anel de diamante vermelho.

Esse anel não me é desconhecido... Máfia Brasileira...

Sorrio, estendendo minha mão e ele se aproxima, para depositar o anel na minha palma.

— Está me dando o anel da sua família, Gregory? – arqueio minha sobrancelha e ele acena, travando o maxilar.

Poderia jogar um pouquinho com ele, mas não estou com tempo para isso.

Devolvo o anel a ele e me viro, ficando de frente para a van, onde Eve está desacordada.

— Avise a todos que Luciano Monteiro está chegando... e está chegando com tudo.

Capítulo 44

Chegou aos meus ouvidos que você está providenciando uma guerra... posso saber o motivo pelo qual isso não chegou aos meus ouvidos por você? – Malaquias pergunta, me fazendo rir alto com uma pequena quantidade de alegria burlando aqui por dentro de mim.

Coitado do meu querido pai, ainda não suspeita, não é?

— Sequestraram a minha protegida – digo, com a minha voz rouca, um pouco divertida, ao tempo em que encosto minha cabeça contra o sofá do quarto em que estamos.

— Eu mandei que a trouxessem, junto com a mulher dos motoqueiros. Está declarando guerra aos motoqueiros é isso? – diz, me fazendo rir ainda mais alto, com o seu nível alto de idiotice e burrice.

— Está sentindo falta de algo, Malaquias? Não? Acho que em breve vai sentir... – digo, imitando o mesmo discurso que fez mais cedo para mim. — Se despeça do teu braço direito, querido, porque ficará sem ele.

Escuto seu bufo do outro lado da linha, para logo em seguida, ele começar com uma série de reclamações de como não tenho motivos para fazer isso, já que ele estava seguindo ordens dele e que, ele só queria vê-la.

— Então quem vai morrer no lugar dele? – pergunto, tendo o prazer de sentir o silêncio preencher o outro lado da linha, sendo que bem em breve, estarei fazendo com que o silêncio preencha o seu mundo de uma forma definitiva.

Ele não sabe o quanto vai sofrer e, eu não serei aquele a dizer o que vai acontecer logo em seguida, mesmo que eu esteja me coçando todo por dentro para que isso aconteça. Não vou deixar que ele tome um passo à frente para se proteger, quando eu já tenho meio caminho andado para deixá-lo sem nada para se segurar, nem mais um passo a dar. E, pensando por esse lado, para que eu não tome uma medida impensada, desligo o celular, observando minha pequena ruiva deitada nessa cama de um dos hotéis de luxo de Gregory, enquanto aguardo que ela desperte.

Seu rosto está tão sereno, enquanto respira de maneira sutil e controlada, que eu deveria realmente me sentir bem por isso, mas que, em contrapartida, eu só consigo pensar no quanto seria bom e tranquilizador para o meu peito vê-la abrir os lindos olhos azuis provocadores.

Suspiro, levantando-me dessa cadeira, para me deitar bem ao seu lado, no quarto de hotel enorme que Gregory nos ofereceu. Se achei suspeito demais sua aparição tão repentina? Achei, mas como Nicolas me disse que o conheceu na sua caminhada como Júlio Prime e que ele o ajudou, quando estava fugindo com Help do clube de motociclistas, então o aceitei como um membro, mesmo que a desconfiança ainda esteja viva dentro de mim.

Seu longo cabelo ruivo está espalhado pela almofada branca, onde ela repousa sua cabeça. Observo que seu lábio está machucado e isso é o suficiente para que a cota de sofrimento designado para Malaquias só aumente cada vez mais, juntamente com o desejo de morte rápida. Ainda bem que o que aconteceu com ela, foi apenas uma crise de pânico repentina, por ter sido sequestrada de uma maneira tão violenta como aconteceu.

Medicada, ela dorme nesta enorme cama, com o ar frio tomando conta do ambiente, tornando-o cada vez mais agradável, algo a favor de Gregory, que ainda não me desceu de uma forma boa, já que sabemos bem, que nada vem até nós assim de graça sem que não obtenha nada em troca. Ele quer algo vindo de mim e pelo que pude perceber, ele é bastante rico, o que torna tudo mais interessante.

Deposito um beijo em sua bochecha, esperando que como um passe de mágica, ela abra os olhos, mas nada acontece, o que me faz suspirar exasperado.

Isso está ficando cada vez mais intenso. Quando na minha vida que eu poderia imaginar que ficaria tão esperançoso para que um par de olhos se abrissem, para que eu me certificasse que a dona estivesse viva e bem, sendo que na maioria das vezes, eu estaria me certificando que os olhos nunca se abrissem, com o certificado de morte ao alcance dos meus.

Mas é isso o que significa amar, não é?

Segundo Nicolas, em meio as suas diversas lições, amar é esperar que o outro estivesse sempre bem, mesmo nos piores momentos. E é exatamente o que está acontecendo comigo agora. Meu interior se retorce todo somente para ver esses belos olhos me encarando de volta, com o extra de um lindo sorriso para me deixar ainda mais relaxado.

Suspirando, me ajeito na cama, para que eu possa alcançar o telefone que eu estava a pouco falando com Malaquias. O roubei de Felício, já que estava louco demais e acabei quebrando o meu, mas ainda não tive a oportunidade de mexer um pouquinho nele...

Não, antes eu tenho que falar com Diego e, é pensando assim que eu disco o seu número.

— Sim? – diz, ao atender.

— Venha me encontrar no Vilaça Palacy. Estou no quarto de luxo e, traga consigo quarenta homens, os deixe espalhados pelos arredores, além de mandarem invadir alguns quartos, mantendo atenção sempre... Traga também os mapas da localização de Malaquias. Te aguardo.

Desligo e começo a mexer no celular que tenho em minhas mãos. A curiosidade é uma coisa que tenho muito intensa dentro de mim as vezes e, como não tenho nada a fazer agora, sendo que dormir não é uma opção, dedico um tempinho para explorar cada pasta e, acabo encontrando contatos de negociadores, fotos... imagens de mulheres peladas, que safado!

Sorrindo, abro uma delas, vendo que é uma mulher de pernas abertas e... sem nada. Ao dar zoom, para ver o que tem escrito ali na sua cocha esquerda, vejo que é uma tatuagem com o nome dele.

Eita, safado!

Com um sorriso, o deixo de lado, me aconchegando bem ao lado dela, que ainda dorme aqui, deixando-me ainda mais ansioso para tê-la acordada.

— Amor – digo, em um sussurro baixo, bem ao seu lado, aproximando meus lábios do seu ouvido. — Acorda, minha gatinha, acorda...

Me assusto, quando começam a bater na porta de entrada do quarto, fazendo-me semicerrar os olhos.

Avisei que não queria ser incomodado, caralho.

O médico que examinou Eve disse que ela precisa de um tempo para recuperar-se, mas eu preciso vê-la acordada.

Com um gemido interior, levanto-me, sentindo o chão frio contra a sola do meu pé e me encaminho até a enorme porta de madeira do local. Abro-a vendo Nicolas com o maxilar travado e Help ao seu lado.

— Não me olha assim. Ainda não te perdoei por ter matado meus primos – diz com um rosnado alto, passando por mim, como uma rajada forte de vento, deixando-me um pouco zozinho.

Quando viu o corpo morto do seu irmão no chão da avenida, ela me encarou com um ódio tão grande, que por um instante até me senti um pouco triste, mas é claro que passou ao voltar minha atenção a minha ruivinha.

— Eles estão lá embaixo – Nicolas diz, fazendo-me semicerrar os olhos novamente.

— Os Motociclistas?

Ele acena, positivamente, fazendo-me revirar os olhos.

— Só um instante – digo e me viro, encaminhando-me até onde estão as armas que pedi para Gregory providenciar.

Bem, agora espero que esse acordo seja bastante sólido, porque cabeças irão rolar.

Pego duas pistolas e as coloco na minha cintura. Com um último olhar para a minha ruiva, saio do quarto, observando que Nicolas está com três armas, o que me faz sorrir.

— A destruição está ligada, não é? – pergunto, tendo a certeza da resposta.

— Mais que nunca.

Sorrio e me encaminho para o elevador do corredor. Assim que as portas se abrem, nós entramos e Nicolas aperta no botão do estacionamento, fazendo-me lamentar por um instante, por não estar usando um sapato, para dar um ar mortífero logo de cara.

Quando as portas se abrem, saímos, vendo várias motocicletas estacionadas ali, com seus integrantes altos, cabeludos, alguns barbudos, vestidos com jaquetas de couro, com os mesmos emblemas em suas frentes, o de uma chama de fogo queimando uma rosa vermelha.

Já vi que esses aqui são os diferentes, evoluídos...

— Você nos traiu, Prime – diz um deles, esse é o mais velho e Nicolas sorri, balançando sua cabeça.

— Ela não está comigo forçada – diz, inclinando sua cabeça para o lado, como um demente, da mesma forma que fez quando nos conhecemos. — Acha... hum... que ela estaria comigo forçada? Ela sabe... hum... se defender... sabe... ela... sabe.

Isso é irritante! Com a convivência isso só foi ficando ainda mais irritante. Ódio dessa versão demente.

— Ela é nossa – outro diz, travando a mandíbula.

— O que você fez para estar aqui? – ele pergunta, da mesma forma como fez comigo e eu sorrio, sem conseguir me controlar.

— Você é doente! – outro rosna, levando a mão até o cinto da sua calça.

— Meu psiquiatra... ele... acha, sabe... – digo com a voz um pouco travada, derreando minha cabeça para ao lado, ao mesmo tempo em que arregalo os olhos. — Que eu sou um perigo, sabe? Um perigo para a sociedade... pow!

Franzindo o cenho, Nicolas leva sua mão até o queixo, coçando-a como se estivesse pensando.

— Por que?

— Eu... mato, sabe? Eu gosto de matar... matar é bom – digo, sorrindo, enquanto balanço minha cabeça. — Está sentindo esse cheiro? – aspiro, fechando os olhos e quando os abro, minha boca fica em um formato de um “O”, encarando-os. — É o cheiro da morte... ela está chegando para...

— Eu acho que você é maluco – ele diz, arregalando os olhos e balançando a cabeça seguidamente.

Vejo que todos nos encaram com uma careta, como se não estivessem entendendo nada e, eu aproveito esse momento, para sacar uma arma e acertar a cabeça de dois deles, enquanto Nicolas, me segue acertando os outros.

Um deles corre em minha direção com uma faca na mão e então travamos uma batalha corpo a corpo, em que ele tenta acertar alguma parte do meu corpo com a faca e como está focado demais tentando me acertar, não protege os lugares mais importantes do seu corpo, deixando-a aberta e livre para o meu joelho.

“Nossa, que golpe baixo!”

Nunca disse que jogaria limpo com alguém.

Quando seu corpo cede, nem tenho a oportunidade de usar a própria arma dele para cravá-la em seu olho, porque vejo com o canto do meu olho, outro se aproximar de mim correndo e com uma adaga para a frente. Espero que ele se aproxime mais de mim e jogando meu peso para o meu lado contrário, jogo-me no chão, deixando o corpo do que me atingiu primeiro a amostra, sendo atingido pelo segundo.

E, quando minhas costas batem contra o chão, em um impacto pouco dolorido, exibio um sorriso, encarando o segundo que me olha com ódio, mas antes que ele possa fazer mais algum movimento, miro a arma que eu tinha em mão na sua cabeça e com meu olhar no seu... atiro.

— Você o matou, Luciano? Droga! Não ficou um vivo nessa droga para que mandássemos como aviso – diz, suspirando, enquanto eu sorrio.

E quem disse que não temos um recadinho aqui?

Temos sim e... são vários.

— Meu deus!

— É tiro, é tiro!

Duas mulheres começam a correr pelo estacionamento e com um revirar de olhos, Nicolas aponta sua pistola para uma e atira. Depois, repete o mesmo ato com a outra.

— Matou? Matou? Matou? Queria ver se agora aparecia alguém gritando “É morte, é morte, é morte!”.

Reviro os olhos, tirando o peso desses dois de cima de mim, para que eu possa me levantar.

Espero que Diego não demore...

Capítulo 45

A gente pode invadir a parte subterrânea, Luciano – diz Diego, apontando para o mapa cheio de rabisco. — Ele tem uma entrada para a parte de cima, no meio da sala de estar. Ou seja, podemos colocar homens lá embaixo, assim que eu desligar as câmeras de segurança... Já nos arredores, vocês terão que começar a fazer tocaia, porque a segurança do local em que ele vive, é extremamente alta. Veja.

Depois do que pareceram décadas, ele chegou aqui, acompanhado dos seus homens, o que me agrada demais, já que imprevistos sempre acontecem, como sabemos.

Aponta para o mapa, com diversas casas rodeando a casa principal que é a dele, nelas moram apenas seus homens.

O local em que Malaquias, meu querido pai, mora é como se fosse uma pequena cidade, contendo de tudo um pouco, só que, quem mora ali dentro são homens treinados para protegê-lo. Alguns levaram suas famílias para que pudessem mantê-los por perto e nesse local, ao que eu estou percebendo no mapa, está cheio de armadilhas, feitas para matar quem quer que esteja por perto e que não conheça tudo da maneira mais engenhosa possível.

Como quem criou e instalou todo o sistema de segurança do local foi Teixeira, então, temos uma goleada inteira ao meu favor.

Sorrindo, afasto-me da mesa do escritório de Gregory, enquanto ele acompanha meus movimentos com seu olhar. Nicolas está ao seu lado, atento a todo e qualquer movimento que possa vir dele.

— Não, Gregory, eu não confio em você – digo, me encostando contra uma cadeira que existe em frente à mesa, fazendo com que seu olhar venha para o meu rosto de maneira surpresa. — O que me garante que você não vá me trair agora? O que me impede de não te matar agora? Você sabe demais, escutou demais... – estalo minha língua, sacudindo minha cabeça, ao tempo que viro minha cabeça para Diego que sentado à mesa, sorri, me encarando. — Ele pode te comprometer, parça... Meus demônios interiores... eles estão...

Afasto-me da cadeira e me aproximo de Gregory, sussurrando coisas incoerentes, ao mesmo tempo em que sorrio, vendo que ele me encara com certa desconfiança.

— Meus demônios – sussurro, aproximando minha boca do seu ouvido. — Eles estão gritando... eles dizem para que eu te mate agora, porque você não é de confiança...

Sorrio, levando minha mão e aponto novamente para Diego, que continua a sorrir, observando-me com atenção.

— Ele me diz... mate-o, Luciano... mate-o! – arregalo os olhos e um bico se forma nos meus lábios,

enquanto ele puxa uma fraca respiração. — Acho que vou te matar – sussurro e com minha mão direita, agarro seu pescoço e o aperto forte, vendo seus olhos arregalarem com o medo surgido em seus olhos. — Vai enfrentar Malaquias, ao meu lado, Gregory?

Ele olha nos meus olhos sem piscar, passando para mim segurança e certeza, completamente duvidáveis, típicas de homens de negócios, que tem o hábito de jogarem com outros sócios.

— Espero que saiba que... Malaquias é forte como é, por causa dos contatos que ele possui e por mim, pela história que construí, lançando sangue em todos os cantos que ele me mandava... – sorrio, apertando ainda mais o seu pescoço, vendo o oxigênio fugir do seu corpo pouco a pouco. — Eu tenho ao meu lado, todos os que o interessam. Eu tenho do meu lado, todos os que o fazem forte. Então, escolha bem um lado para jogar e escolha logo, porque eu não tenho tempo a perder.

Sorrio, vendo seus olhos adquirirem medo, ao tempo que ele leva sua mão a minha, fazendo-me arquear uma sobrancelha e a aperto mais.

— Estou contigo – diz com sua voz esganiçada pela falta de ar e, logo, um sorriso ainda maior brilha nos meus lábios, fazendo-me soltá-lo imediatamente.

Viro-me, apreciando a visão de Nicolas e Diego, a me encararem em busca de instruções.

— Por enquanto, ele ficará sob minhas vistas. Depois, eu vejo o que faço – digo, dando de ombros. — Bem, temos o mapa certinho de onde precisamos entrar, temos um plano, mas faltam os homens... oh, sim, quero muitos homens! Adoro homens... uns bombadinhos, outros inteligentes e outros obedientes... isso te atrai, Prime? Atrai? – pergunto, com um biquinho encarando-o.

Ele sorri, balançando a cabeça, para logo em seguida, passar sua língua pelo lábio inferior.

— Eles são fortes?

Aceno positivamente.

— Adoro! – pisca um olho para mim e eu sorrio, com esse nosso papo muito nada a ver.

Às vezes, para que o clima não fique tão pesado com a seriedade destes homens, preciso ser um tanto palhaço.

— Como você sabe que isso não vai fracassar? – escuto a voz de Gregory e então, me viro para encará-lo. Inclino minha cabeça para o lado e tomo uma respiração profunda, que enche os meus pulmões ao mesmo tempo em que aproveito tudo de mais sombrio subindo por meu corpo.

— Por que eu sou Luciano Monteiro, querido – arqueio uma sobrancelha, o encarando. — Tudo que eu planejo dá certo. Aprenda.

Nicolas ri, sendo acompanhado por Diego e Gregory revira os olhos, me encarando com uma pitada de tédio.

— Ok, então – suspira, levantando-se e alinhando seu terno.

Não gostei, Gregory...

Não gostei.

Gregory cheira a traição.

Ao me virar, ficando de frente para Diego, observo por seu olhar semicerrado que eu não sou o único a suspeitar dessa boa vontade repentina de Gregory... ele está aprontando algo e eu estou sentindo que isso vai explodir na minha cara em questão de segundos, mas é aquele ditado...

Precisamos manter os amigos perto, os inimigos mais perto ainda e os inimigos que se fazem de amigos grudados aos nossos corpos e, bem à mostra.

A traição pode surgir de onde eu menos esperar, mas o erro dele é acreditar que tem tudo sob controle.

Capítulo 46

Gregory está me testando, ele está procurando uma fraqueza no meu esquema e eu juro por tudo que ainda está vivo nessa porra, que se ele me sabotar, eu vou estourar todos os miolos que ele ainda tem na desgraçada cabeça dele. Se pensar que vai fugir de mim, pode continuar pensando, mas nada me impedirá de ir atrás dele para arrumar a maldita alma dele e mandar ao meu amigo Jeová.

Algo que acredito estar a prêmio já por muitos homens por aí, mas que, por conta da sua influência ainda deve estar sendo escondido por entre os aliados.

Só sinto, porque de mim, ele não vai conseguir fugir.

De dentro do território do Cabeça, estou aqui esperando ele surgir para dar o ar da sua graça para que a gente possa, finalmente, começar a juntar esforços, mas ele está tão atrasado e eu estou tão sem paciência...

Eu sou a atração principal, eu deveria me atrasar, não ele.

Reviro os olhos, quando o bafo quente do lugar bate contra o meu rosto. Ainda bem que ele seguiu minhas indicações e mandou dar uma geral nesse lugar, deixando-o melhor para ser habitado, porque se fosse antes, eu estaria muito preparado para fazê-lo limpar cada cantinho desse lugar com a língua se isso fosse preciso.

— Desculpa a demora, eu...

— Não me interessa. Convoque duzentos homens dos seus e venha comigo – digo, levantando-me da cadeira do seu muquifo, somente para me virar e me encaminhar para o lado de fora do local, querendo fugir daqui o mais rápido que eu puder.

— Ei! Você está em guerra, não é? A notícia chegou até mim... contra quem? – pergunta, seguindo logo atrás de mim e eu reviro os olhos, não querendo permanecer por muito tempo aqui.

Ainda tenho muitos a convocar hoje ainda, não posso estar perdendo tempo somente com Cabeça, só porque ele é um idiota ambicioso e eu sei bem, que se ele souber que é contra Malaquias, estará se juntando a ele logo, mas para isso eu tenho uma solução muito bem pensada e preparada.

— Você pode escolher me seguir ou ficar contra mim – digo, sem olhar em sua direção.

Escuto um suspiro e dou como resposta final. Encaminho-me até onde está o meu carro, com meu melhor homem do outro lado do volante e quando estou próximo o suficiente do carro, utilizo-o como um apoio para o que eu possa esperar Cabeça, que preocupado e com a respiração acelerada vem correndo em minha direção.

— Mandei chamar os melhores – diz e eu aceno, coçando meu queixo, onde está começando a crescer mais da minha barba. — É alguém importante?

Reviro os olhos, encarando-o.

— Traga os homens e as armas. Quer manter a língua dentro da boca? Fica calado e siga minhas ordens.

Abro a porta e entro no carro, ficando bem ao lado do meu melhor homem que sorri minimamente ao encarar Cabeça, que deve estar bufando de raiva. Eu poderia ajoelhá-lo na minha frente e fazê-lo implorar piedade, mas infelizmente não tenho tempo para cenas exibicionistas no momento.

Quando ele se afasta de perto de mim, saco o celular que estou usando temporariamente e, logo, estou discando o número do meu primeiro contato que tive o prazer de conhecer, enquanto eu estava fazendo trabalhos na cadeia, a fim de avançar os planos para alcançar Malaquias.

— Hello! – diz, ao atender com um falso sotaque americano.

Mereço isso? Com uma crise dessa que estou passando?

— Luciano aqui, corte essa lábia passada – digo, recostando-me contra o banco do carro com meu pensamento voltando para Eve que continua dormindo no quarto do maldito hotel, enquanto já é dia e, nada. Nem uma respiração profunda escutei daquela coisa linda.

Acho que posso estar explodindo a qualquer momento, por conta disso.

— Ora, chefinho! O que faz vossa realza ligar para o seu plebeu depois de tantos...

— Quero você no Vilaça Palacy em duas horas, leve consigo os nossos aliados que você sabe bem quem são. A porra vai ser pesada, neném! Esteja preparado para tudo – digo, escutando seu riso alto do outro lado da linha, fazendo-me sorrir.

— Vou colocar minhas filhas na mala, bebezão! Você quer morte? Saudades de matar...

— Estou ligado na destruição e... teremos uma ótima companhia – digo, escutando seu riso ainda mais alto. — Vingança, meu caro inseto... Vingança...

Uma série de risadas pode ser ouvida do outro lado da linha e, eu já estou rindo sem conseguir me controlar ao acompanhar esse pequeno maníaco.

— Estou indo, chefinho! Eu estou indo! – diz e desliga o telefone, fazendo com que eu volte minha atenção ao meu querido melhor homem de todos.

— Sabe aquele pequeno bostinha que te segue para todos os cantos? – pergunto, abrindo o portaluvas do carro e tiro de lá uma adaga muito bem afiada que eu mesmo fiz, tomando todo o cuidado do mundo para que eu pudesse rasgar uma garganta sem conseguir colocar muita força para isso.

— O que estava comigo, fazendo a segurança do muro da casa Felício? – pergunta, considerando o que acabei de perguntá-lo.

— Prepare-se para se despedir dele, porque eu vou matá-lo bem lentamente, sabe?

Sorrio e ele franze a sobrancelha, mas nada diz, apenas fica perdido com seu olhar na frente, fazendo-me rir alto, enquanto jogo minha cabeça para trás.

— Não suspeitou de nada? – digo, vendo que ele trava sua mandíbula, transformando os seus lábios em um bico de puro ódio.

Balança sua cabeça negativamente e eu sorrio novamente.

— Filho da puta – rosna e esmurra o volante, com o olhar perdido na frente, me fazendo rir novamente.

Sabe o que é pior aqui no nosso mundinho? É descobrir que fomos traídos por alguém que nos acompanha desde o início e que está conosco sempre. Uma traição vinda de quem menos esperamos é bem foda, e no nosso caso aqui, a vingança será bem pesada, pelo que posso ver nos olhos do meu homem.

Gosto disso.

Eles eram próximos, eu até entendo a raiva momentânea dele. E eu acho que é bom ele cuidar de caprichar nessa vingança, porque eu quero ver um bom espetáculo.

Pelo retrovisor do carro em que estamos, vejo alguns jipes com diversos homens se aproximarem do carro em que estou e ao sinal de Cabeça, eles param bem atrás do meu com fuzis em suas mãos, encarando com seriedade o meu carro. Espero que acumule uma grande quantidade de homens atrás do meu carro e quando tem aproximadamente uma dezena de carros, abro a minha porta, colocando minha perna do lado de fora e saio com um enorme sorriso brilhando meus lábios.

Rodeio o meu carro, indo até o meio da pista, tendo grande quantidade dos homens bem ao alcance dos meus olhos. Sentindo o material da faca que fiz nas minhas mãos, sorrio, encarando-os com dureza, passando-os a liderança que eles precisam entender que eu tenho, para que o respeito seja plantado de imediato.

— Meu nome é Luciano Monteiro. Acredito que muitos devem saber quem sou, mas não custa nada que eu reforce, certo? – sorrio, varrendo meu olhar por todos, que me encaram com atenção. — A partir daqui, quando eu disser mate, vocês não hesitem. Matem e por enquanto, é isso – me afasto, mas antes que eu rodeie por completo o carro, subo minha mão, parando qualquer movimento que eles tenham iniciado. — Me sigam.

Dito isso, encaro meu melhor homem pelo vidro do carro, vendo que ele observa pelo retrovisor as feições dos homens logo atrás de nós. Termino de rodear o carro e, novamente, entro, pousando minha bunda contra o acolchoado banco de passageiro.

— Acho que eles não estão gostando muito disso... – diz ele, me fazendo sorrir.

— Garanto que não vai durar muito – digo e, agora, é a vez de ele sorrir como um bobo ao ver uma palhaçada. — Você vai matá-lo, eu sei que você quer isso. E eu quero que o mate na frente de todos, para que uma lição seja compreendida, entendeu?

Ele acena e eu volto a sorrir, passando o cinto de segurança por meu corpo, quando ele dá partida no carro e o mesmo começa a andar pelas ruas nada movimentadas do local, em que há não muito tempo eu estive ao lado da minha ruiva.

Meu peito se aperta somente com a lembrança dos seus lindos cabelos ruivos parados e quietos demais na nossa cama do hotel.

Suspiro, quando o carro se acelera e temos que parar em um sinal de trânsito. Vejo pelo vidro do carro, um par de senhoras de olhos arregalados com as mãos em seus peitos e, sem conseguir resistir, desço o vidro do carro e rasgo meus lábios em um sorriso, para logo em seguida, arregalar os olhos, vendo que suas atenções vêm diretamente para mim. E quando o carro volta a andar, pisco um olho para as duas.

— Eu vou matar vocêêêês... — digo alto e, elas começam a correr tropeçando pelo caminho, fazendo-me rir um pouco.

Melhores momentos.

Não demora muito e o carro está parando na entrada do Vilaça Palacy. Saio rapidamente, somente para me encaminhar para o elevador, observando que três homens de terno, me encaram com atenção. Isso me faz parar e voltar meu caminho.

Não sei, meu demônio supremo interior me diz que estou muito vulnerável somente com essa faca para minha proteção. Assim que tenho duas pistolas na minha cintura, graças ao meu melhor homem que me entrega, eu volto e espero o elevador que não demora muito está se abrindo, revelando-se vazio. Ao entrar, vejo que eles continuam a me encarar e isso me faz sorrir. Pisco um olho para eles e mordo meu lábio inferior, vendo seus olhos semicerrarem no momento em que as portas começam a se fechar.

Coisas normais na vida de um homem como eu. Certamente eles querem me matar ou, eles devem ser os homens que Diego trouxe consigo. Suspiro, passando meu dedão por minha faca, enquanto escuto uma música incrivelmente chata tocar de fundo no elevador, irritando a merda fora de mim. Gregory é tão retardado que não pode ao menos escolher uma música melhorzinha para que seus moradores sejam mais felizes.

Outro ponto negativo... até agora, não tem nada que me leve a não o matar.

Algo ruim, Gregory...

As portas se abrem e, quando dou um passo à frente, me assusto com a visão de vários homens no corredor do quarto em que Eve está. Eles estão preenchendo tudo, deixando um fino espaço que leva até a última porta do ambiente. Ela está aberta e sentado em uma cadeira acolchoada, Malaquias me observa.

Travo minha mandíbula, com a porra da surpresa invadindo meu sistema. Logo começo a sorrir, com o ódio rondando tudo dentro de mim, com a desgraçada proximidade que ele tem de Eve, do nosso quarto e... de Nicolas.

Filho da puta.

— Visita surpresa, papai? – pergunto, observando-o com uma certa atenção.

Me encara com um bico de desagrado nos lábios, enquanto que os seus homens mantêm suas atenções contínuas em cima de mim.

— Quem são aqueles idiotas que me barraram na entrada? Quem eles pensam que são para desarmarem meus homens da maneira que fizeram? Não sabem quem eu sou? – rosna, me encarando com raiva e eu sorrio.

— O que faz aqui, papai? – pergunto, rodeando com meu dedo a faca muito bem afiada e, absorvendo com prazer a notícia que acabei de receber.

Isso só pode ser coisa do Nicolas ou do Diego.

A um deles, eu devo um favor... devo a minha vida.

— Vim conferir de perto o que meu querido filho faz... armando homens em massa, sem a minha permissão – diz, me fazendo sorrir ainda mais alto, apreciando seu tom cada vez mais raivoso.

— Esses homens estão aqui para darem conta do Lulu aqui? – pergunto, rindo. — Acha mesmo que eles podem? – sacudo minha cabeça, rodeando minha mão com a faca. — Você não sabe mesmo quem criou?

— Você pode atrapalhar os meus planos. É para o meu bem, sabe? Qual a senha da porta, a propósito? Fiquei sabendo que a minha nora está por trás dela... prometo matá-la rapidamente, assim como você. Renda sua vida, porque eu não tenho muito tempo, sabe?

Meu demônio foi crescendo e crescendo, se espalhando por todos os meus membros, a cada palavra dita por ele, deixando o ódio se espalhar junto, assim fazendo com que o meu demônio... o pior de todos, a reunião de todos os outros em um só, tome o lugar da minha mente, dos meus movimentos e do meu raciocínio.

O olhar que volto para ele é febril, cheio de ódio. E quando eu puxo uma forte respiração, enchendo meus pulmões de ar, sinto o perfeito cheiro da morte, invadindo meu sistema nervoso central.

— Você tem que me obedecer, filhote. Eu mando, você me obedece. Deixe que ele te mate...

Interrompo sua sentença, enfiando a faca que estava nas minhas mãos no pescoço do cara que estava bem perto de mim e, quando dois vieram em minha direção, não dei espaço para que eles me atacassem, porque a faca no poder das minhas mãos, já estava rasgando seus pescoços e eu estou feliz, por vê-los mortos aos meus pés.

Retiro a minha pistola da minha cintura e a destravo, com um sorriso nos lábios.

— Corre, papai... corre, porque quando eu acabar de matar todos esses engomadinhos aqui, você vai ser o próximo.

Capítulo 47

A luz do corredor pisca, enquanto eu apenas respiro, sentindo minha mão formigar com sangue pingando por entre os meus dedos. À minha frente tenho um mar de corpos ensanguentados, alguns com a garganta rasgada, outros com o peito sangrando com uma bala queimando seus corações, outros com balas no meio de suas testas, outros com suas gargantas rasgadas e tudo o que se pode ser ouvido no corredor é o barulho da minha respiração rápida, devido ao pequeno esforço que fiz para dar fim a esses pequenos pombos enviados por meu querido Malaquias, que por sinal está na minha frente, no mesmo lugar em que estava à alguns minutos.

Ele não se mexeu, ele não disse mais uma palavra, apenas ficou aqui, observando meus olhos e o meu enorme sorriso, enquanto eu rasgava gargantas e estourava miolos.

Cada vida que eu tirava aqui, era para os olhos dele que eu olhava e em cada morte que eu provocava, era um sentimento diferente e completamente agradável que me arrebatava.

Ele desviava do medo, para o pavor e do pavor para a descrença. Pude sentir por cada olhar seu, o quanto ele estava zangado, decepcionado e... com aquele ar de perda muito grande estampada nos seus olhos.

Ele resumiu minha caminhada, eu não vou mais até onde eu gostaria para buscá-lo, mas estarei muito bem aqui, fazendo-o gritar por diversas vezes de pura dor, de choque e com a certeza que desse dia ele não vai passar, porém, não será tão fácil assim... não será mesmo.

— Você matou cem homens – ele diz e suspira, recostando sua coluna contra a parte de trás da cadeira.

Deve estar pensando em como fará para sair daqui, eu sei que está e eu não poderia estar ainda mais esperançoso de que, ele possa tentar fugir para dar mais emoção à caça.

Esperei tanto tempo por esse momento, para ele acabar bem aqui e tão fácil?

Fácil demais?

— Eles tiveram treinamento militar – sacode sua cabeça e se levanta da cadeira. Suspira, fecha o botão do seu paletó azul claro e afasta a cadeira para trás.

— Você vai para onde? – pergunto, arqueando minha sobrancelha, quando vejo que ele dá um passo para trás, claramente preparando-se para correr.

Oh, sim! Corre mesmo, ratinho. Corre! Quanto mais você correr, mais eu vou adorar te caçar, mas antes preciso que esteja com muito medinho. Muito medo e pavor.

Abrindo um largo sorriso, o encaro dos pés à cabeça e passo minha língua por meu lábio inferior.

— Você vai morrer, Malaquias – digo, com minha voz em um sussurro. — Vai morrer por minhas mãos ao redor do teu pescoço... vai morrer diversas vezes e, quando voltar com a sua consciência, eu estarei lá, tirando o ar de você novamente e novamente... Ou pensa que eu sou um robô, programado para te seguir? – gargalho alto, ao ver sua sobrancelha se arquear.

— Você não pode me matar, moleque! Eu sou o teu pai, eu te criei e eu fiz você ser quem é hoje! – cospe, apontando com o dedo em riste na minha direção. Seu peito quase dançando com a respiração acelerada, faz-me rir de pura animação.

— Exato, Malaquias. Você me criou para ser um assassino sem alma e sem coração, porém você fracassou na parte do coração. Descobri que... Sim, eu tenho um e ele está batendo aqui – aponto para o meu peito e mordo meu lábio inferior o encarando —, enquanto que você... Quem é você, Malaquias?

Um bico se forma nos seus lábios e um sorriso brota nos meus. Junto minhas duas mãos na altura perfeita que eu tenho certeza que ele está vendo, enquanto que giro minha faca nas minhas mãos, com o sangue escorrendo ainda pela mesma.

— Você é um fraco! Paixão enfraquece, idiota! – cospe novamente e eu observo com a cabeça inclinada de leve para o lado, a baba branca que escorre por seu queixo.

Ele poderia estar economizando, mas prefere desperdiçá-la desta forma... bem, pior para ele mais tarde.

— Fraco? – pergunto, desviando meu olhar dele para o mar de corpos mortos no chão. Ao voltar meu olhar vagorosamente para ele, percebo o quão branco está e isso me deixa feliz. — O fraco que matou cem homens com treinamento militar como se estivesse pisando em baratas? Sério? Qual o teu conceito de homem fraco? – arqueio minha sobrancelha e levanto minha faca suja de sangue dos terceiros que estão estirados nesse chão. — Sabe essa faca?

Encaro-a, observando o grosso líquido vermelho deixando a faca ainda mais bonita. Eu sei que ele está seguindo meu olhar e sei que ele está se tremendo todo de medo. Acho bom que esteja mesmo e se pensa que uma localidade cheia de capangas armados vai me parar, ele está completamente enganado.

A morte de Malaquias entrará para a história.

Irei me certificar disso.

— Se eu quisesse, Malaquias, eu a teria lançado na direção do teu pescoço e você estaria agonizando nesse chão aqui. Se eu quisesse, Malaquias, ela teria perfurado a tua garganta e você estaria vivo, gritando de dor para isso. Se eu quisesse, Malaquias, você estaria morto e eu não precisaria sair de onde estou para isso. Sabe por quê?

Afasto-a do meu campo de visão, somente para encará-lo, tendo o prazer de ver o pânico nos seus olhos e a inquietação nas suas mãos.

— Por que eu fui criado pelo melhor de todos. Eu fui criado pelo teu irmão, Nicolas Posey... Você lembra dele?

Vejo um sorriso começar a se formar nos seus lábios e então, um brilho de esperança começa a surgir nos seus olhos.

— Meu irmão... Nicolas Posey – ele coloca as duas mãos dentro do bolso da sua calça social — Ele me deu uma ideia brilhante! A de criar o meu próprio monstro da guerra, aquele que iria permitir que eu conseguisse chegar ao meu melhor altar de rei do país – sorri, balançando sua cabeça. — Mas como eu iria criar meu monstro se eu não sentia atração por mulheres? O que eu poderia fazer?

Eu não acredito que esse desgraçado está vindo para meter uma porra dessa no meu rabo, caralho! Ele não pode estar querendo que eu acredite nele, mas seus olhos... seus olhos me dão a afirmação de que é verdade. Eu procuro por todos os seus seguintes gestos, mas o que consigo visualizar é apenas a porra da verdade, sem nenhum vacilo. Filho da puta!

— Dei uma prostituta a ele por uma noite inteira... ele não poderia negar, até porque a vadia que ele estava encantadinho morreu nas minhas mãos. Uma inútil com cara de batata, sabe? – travo minha mandíbula, considerando que, essa faca ficaria linda no pescoço dele. — Eu paguei caro para que ela não medisse esforços até que estivesse lá em cima dele. Mesmo que ele não quisesse, ele iria fodê-la, não tinha outra alternativa. Eu vi tudo acontecer... eu vi a vadia em cima dele, eu o vi liberar e fazer você...

Rio, fechando meus olhos e considerando o que essa desgraça está falando aqui na minha frente. Isso é um blefe... tem que ser um blefe.

— E você o matou. Matou o seu pai – gargalha e o meu olhar perde o foco do seu, porque é informação demais para ser filtrada dessa forma.

Sacudo minha cabeça e precisando me livrar das altas gargalhadas deste desgraçado, lanço a faca em sua direção, tendo a certeza que passou por seu rosto e, que se fosse da minha vontade, teria perfurado a sua carne maldita.

— Então, você é apenas meu titio? – digo e gargalho alto, jogando minha cabeça para trás. Quando volto ao meu normal, sentindo algo renovador por dentro de mim, abro um sorriso brilhante.

Não sei, parece que, de repente meu coração começou a crescer e inchar aqui no meu peito. Parece até que uma tonelada de peso foi retirada dos meus ombros e que posso pisar melhor. Tento mexer meus ombros e os percebo tão leves e prontos para uma linda batalha sangüinária.

Amo demais essa porra!

A vida é muito irônica, caralho.

Passei minha vida inteira acreditando que era filho desse pedaço de merda e agora, descubro que meu pai é nada mais, nada menos que aquele que me ensinou que o amor existia sim e que nem todas as pessoas são traidoras e desgraçadas como Malaquias.

Fico feliz e realizado por saber disso e mais ainda por ter a certeza de que o homem que me treinou e que me deu a chance de conhecer algo tão puro e verdadeiro foi o que ajudou a contribuir para que eu tivesse vida. Isso não deveria ter tanta importância, afinal é só sangue, certo? Mas... está tendo e é muito estranho.

A porta do quarto principal em que Eve está, se abre e, logo, a figura de Nicolas surge em nossas frentes e o seu primeiro olhar é na minha direção. Seus olhos estão marejados e suas mãos estão fechadas em apertos fortes.

— Não pode ser! Não pode ser! – Malaquias diz, balançando sua cabeça, fazendo com que Nicolas volte seu olhar para ele.

— Você me fez torturar de forma desumana o meu filho? Meu filho? Você está brincando, filho da puta? Meu filho... Luciano é meu filho e você desgraçou com a minha vida nesse nível, porra? – seu rosto está vermelho, quando essas palavras são proferidas. Ele se afasta da porta e se aproxima de Malaquias, que se afasta dando passos para trás, mantendo os olhos arregalados, o que me agrada por um momento.

Deve estar se tremendo de medo e tudo o que eu desejo fazer nesse momento é rodear meus braços ao redor do cara que tem o meu respeito, que me ensinou a ser quem eu sou hoje... que me ensinou o que é amor e que mesmo sem perceber, acabou por me dar o sentimento.

— Eu soube disso no momento em que coloquei meus olhos em cima desse menino! Eu disse, eu disse! Alguém me escuta? Não, jamais – essa é a voz de Help, à medida que ela sai de dentro do quarto e se encosta na porta, observando Nicolas encurralar Malaquias.

De relance vejo fios ruivos perto do braço de Help e eu não posso me controlar, quando começo a passar por cima dos corpos sem vida nesse chão de hotel maldito, somente para ver seus olhos marejados focados nos meus.

Meu peito pula à medida que meu coração bate forte, somente por tê-la acordada e no alcance dos meus olhos. Ela fica tão linda, quando está acordada. Seus cabelos mesmo bagunçados estão tão lindos, que me fazem considerar por alguns momentos, o quão sortudo eu sou, por tê-la na minha vida.

Sinto meus olhos arderem e meu lábio inferior tremer, quando ela me encara de volta. Vejo uma lágrima escorrer por seu rosto e o meu primeiro instinto é levantar minha mão para limpá-la, porém ao perceber o quanto minhas mãos estão sujas, eu as recolho. Na verdade, eu estou todo sujo de sangue, em contrapartida que sem nenhum arranhão para dar motivo de orgulho para esse pequeno crápula que nos observa.

Um sorriso começa a puxar nos cantos dos seus lábios, mostrando-me a paz, o meu melhor lugar no mundo... o sorriso que eu sempre quero presenciar nesse belo rosto angelical que me cerca.

— Eu senti tanto a sua falta – sussurro, baixando meu corpo o suficiente para encará-la de perto. Suas mãos vêm de encontro ao meu pescoço e ela o rodeia, aproximando sua boca da minha.

— Eu estava te esperando esse tempo todo – soluça, beijando meus lábios com o seus e me fazendo ter um pouquinho de esperança para com a vida.

Talvez agora, depois de matar esse filho da puta, eu possa ter uma família de verdade?

— Eu vou te deixar na miséria, assim como você me deixou. Você vai pagar por cada momento de desgraça que passei!

Afastamo-nos quando escutamos o barulho de uma risada alta preenchendo o local e, Nicolas se vira, dando as costas para Malaquias que aproveita o descuido para correr. Ele corre por dentro do apartamento e, então, Nicolas se vira novamente.

— Corre mesmo, pequeno ratinho... Você pode ir para Marte, mas eu vou te encontrar – grita, da porta do local, tentando normalizar sua respiração.

Então, novamente ele se vira, ficando de frente para mim. Observa-me com atenção e eu me viro totalmente, para fazer o mesmo.

— Meu filho... então, é meu filho – sorri, pondo a mão na cintura, enquanto balança sua cabeça descrente. — Eu desgraicei a mente do meu próprio filho... Eu nunca poderia imaginar que esse seria o motivo... eu...

Lágrimas começam a brotar nos seus olhos e então, mesmo que por conta própria, minhas pernas ganham vida, à cada passo que dou em sua direção. Cada passo é uma corrente sendo liberta na minha cabeça. E, quando eu estou perto o suficiente para um abraço, meu demônio interno começa a se desfazer, com meus pequenos demônios voltando aos seus devidos postos, porém todos ficam ali nas larvas do meu inferno pessoal psicológico, observando uma pequena e singela flor nascer em meio ao fogo escaldante que se queima dentro de mim.

Seus olhos estão marejados e os meus da mesma forma, mas no momento em que seus braços me rodeiam e ele me aperta forte no seu poder, chego a acreditar que, talvez, eu possa ter realmente uma chance com alguém que eu me importo de verdade.

E que esse alguém é o meu pai.

O meu pai.

Na verdade, ele sempre foi, mesmo que eu não soubesse que era de sangue, mas ele sempre foi e sempre será.

Isso nada vai mudar.

— E vocês deixaram o maldito fugir! Vocês deixaram! Diabos de assassinos são vocês? Ele fugiu! Vocês estão me escutando?

Sorrimos, com os protestos raivosos de Help.

— Ele só vai para um lugar, meu amor. E estamos preparados para isso.

Capítulo 48

Gregory está aonde? – pergunto, com minha voz cantada, ao entrar no seu escritório vazio. — Estava pensando... você poderia mudar a canção do elevador, caro Gregory... É irritante – fecho a porta atrás de mim e vou diretamente até a cadeira em frente à mesa, onde me sento e aguardo que ele apareça de uma vez por todas.

Mais uma vez deixei minha ruivinha linda aos cuidados excessivos de Help e Nicolas, enquanto que eu descia para o escritório deste pequeno crápula, antes que eu pudesse, enfim, enfrentar Malaquias, que vai morrer para aprender na pele o que acontece quando se mexe em um homem como eu.

— Eu sei que está aqui, Gregory, então venha logo, antes que eu me levante desta maldita cadeira e vá te buscar – rosno, batendo na sua mesa.

Viajo meu olhar pela mesma, buscando com o olhar alguma coisa interessante para observar e, quando meus olhos demoram em um porta-retratos, vejo por seu reflexo a figura de um homem se aproximando de mim por trás. Interessante que barulho ele não faz ao tocar o chão.

Acho que alguém aqui está começando a aprender a como ser mais silencioso.

Ele passa por mim, permitindo que eu acompanhe todos os seus passos ao rodear a mesa com meu olhar, até que se senta à sua mesa, ficando em frente a mim. Percebo que ele está aqui a contragosto e isso fica ainda mais claro, quando seus dedos trêmulos soltam o botão do seu terno, abrindo-o bem na minha frente, enquanto que um enorme sorriso brilha em meus lábios.

Estico meu braço, aproximando meus dedos da madeira da sua enorme mesa e os tamborilo ali, fazendo uma pequena melodia que tem de tudo para ser a coisa mais chata e irritante da existência, assim como ele o fez permanecer em seu elevador, enquanto que eu subia para meu andar.

Pior momento de hoje, com certeza.

— Imaginei que você fosse inteligente – digo, revelando um sorriso ainda maior.

Meus dedos ainda contêm sangue em suas extensões, assim como na minha roupa que parece estar um pouco manchada, já que meu esforço não foi um dos piores. Já enfrentei mais homens ao mesmo tempo e não tinha me sujado tanto, como desta vez.

— Do que está falando? – pergunta, com seus olhos correndo nervosamente para trás de mim, o que só faz com que eu me recoste na sua cadeira, deixando que o descanso escorra por meu corpo.

— Se está pensando em colocar um dos seus homens para me matar aqui e agora, aconselho-te a pensar novamente. Ainda tenho energia suficiente para matar todo mundo deste hotel, inclusive o dono

dele.

Ele engole em seco, arregalando os olhos.

— Por que eu faria isso? – pergunta, voltando seu olhar novamente para trás e com um pinga de impaciência escorrendo por meu corpo, resolvo eliminar a droga da minha primeira ameaça.

Impulsiono meus pés no chão, fazendo a cadeira virar comigo contra o mesmo e, sem dar tempo para que meu inimigo se recupere do susto, levanto-me e o ataco, envolvendo minhas pernas em seu pescoço e o girando, ao mesmo tempo em soco seu rosto com meus punhos. Ele, por sua vez, ainda consegue acertar alguns chutes na minha extensão da coluna, mas como não estou aqui para dar esses gostinhos para meu querido traidor, o giro com força o suficiente para que ele caia no chão e, voltando meu olhar para Gregory que me encara de olhos arregalados, torço seu pescoço, o quebrando e, conseqüentemente, levando o pobre coitado a morte.

Imagino que não deveria me conhecer.

— Você ainda quer tentar a sorte com mais alguns? E que sejam homens com treinamentos melhores, por favor... Preciso me aquecer para o que me espera – digo, suspirando. — Aliás, você disse a Malaquias os meus planos?

Ele traga mais uma respiração profunda e, eu chuto o corpo do morto pobre coitado para longe de mim, levantando-me logo em seguida.

— Claro que não, Luciano. Eu...

Levo meu dedo indicador aos meus lábios, em um pedido de silêncio. E assim ele o faz, mantendo seus olhos arregalados.

— Vou te dar duas opções – digo, voltando a cadeira em que eu estava sentado. — A primeira é que, te dou uma morte rápida e indolor, em troca você só me daria um milhão de reais, porque não trabalho gratuitamente para ninguém, até porque esse ainda seria um favor muito grande... E a segunda é a de que, você me deixa esse hotel e eu te dou uma semana para sumir das minhas vistas, sem garantias de que eu não vá voltar a te encontrar e, enfim, te matar. Terá um bônus de correr em busca de salvação... e a dúvida de que eu possa ou não te matar.

Encaro-o com intensidade, observando que um filete de suor escorre por seu rosto, quando ele acena e se levanta, indo em direção a sua estante de livros. Para ser bem sincero só estou considerando deixá-lo vivo, somente por causa dos livros... que por sinal são maravilhosos.

— Se estiver indo pegar um revólver, tenha em mente que se eu ao menos sonhar que você está me ameaçando com um... esse porta-retratos estará rachando tua cabeça.

Ele puxa uma respiração e ficando de lado, digita o código do cofre, percebo suas mãos trêmulas e, já me adianto pegando a faca de dentro do meu bolso. Quando a porta se abre, eu a lanço em direção a sua mão e quando a mesma o fura, fazendo-o gritar, eu me levanto, encaminhando-me até estar ao seu lado, vendo que dentro do cofre possui alguns dólares e euros, além de papeis e uma pistola.

— Se você fosse inteligente o suficiente manteria uma na tua mesa, bem embaixo dela ou dentro de

uma gaveta... fica essa dica para o nosso próximo encontro – digo, com minha voz em um sussurro perto do seu ouvido e, ainda com seus protestos perto do meu rosto, o arrasto segurando as lapelas do seu paletó, até que está do lado de fora do local. — Você vai providenciar que alguém passe esse hotel para o meu nome, com tudo e todos que estão dentro e tudo isso ocorrerá em uma hora, caso contrário, você pode ir até a China, porque eu vou te encontrar.

Dito isso, eu o empurro para fora, fazendo com que caia ao chão e logo em seguida, fecho a porta, com um enorme sorriso nos lábios.

Olha, só minha ruiva, agora temos um hotel para comandar... Ai que delícia, papai Malaquias... acho que o Lulu aqui está ficando mais rico que o senhor... vamos ver até quando sua existência ainda será um incômodo?

Vou em direção a mesa de Gregory e pego o celular que estava em cima dela. Busco por entre os contatos algum que me leve até Malaquias e quando encontro, sorrio, ao ver a mensagem fria de Gregory, dizendo que eu estava aqui, sem dar mais detalhes, o que considero ótimo.

Seleciono o espaço para mensagens, digito, envio e sorrio, sentando-me à mesa.

“O demônio saiu do inferno, papai... e ele está indo te pegar!”

Capítulo 49

Gatinha, vai ficar tudo bem... Juro que vou voltar para você, juro que nada vai me acontecer... imagine que estou indo logo ali brincar um pouquinho... é isso que eu faço – digo, sorrindo lentamente, vendo que seus olhos ficam vermelhos, assim como o seu rosto.

Ela o balança negativamente, fazendo-me sorrir novamente, apreciando seus olhos ficarem cheios de lágrimas não derramadas, enquanto que Nicolas permanece em um dilema ainda maior com sua mulher.

— Você não me acha forte o suficiente para enfrentá-los, Nicolas? – sua voz se sobressai, com o misto de incredibilidade e revolta escorrendo por suas palavras.

— Amor, você tem que ficar aqui... mande-os matá-lo e você fica aqui comigo – diz, revelando um pequeno sorriso, em meio as torrentes de lágrimas que descem dos seus olhos.

E sem conseguir que ela permaneça aqui desse jeito me encarando, puxo-a para os meus braços e a abraço forte, tendo o prazer de sentir o calor do seu corpo bem próximo ao meu, enquanto que o cheiro doce do seu cabelo invade minhas narinas.

— Juro que você não ficará entediado...

— Nunca fico entediado quando estou com você – digo, observando seus olhos ficarem ainda mais brilhantes, quando eu profiro cada palavra em sua direção.

Um suspiro sai dos seus lábios e logo, ela está chorando com mais intensidade que antes, o que me faz suspirar novamente e pegá-la nos meus braços, levando-a até a nossa cama aqui no hotel, onde ela estava até alguns segundos atrás.

Passamos alguns minutos aqui abraçados, até que acompanho o momento em que seus tremores passam, aderindo apenas um ritmo mais lento, calmo e constante, característica normal de quem está dormindo. Sorrio, tentando me afastar lentamente do seu corpo para que ela não acorde no processo.

Ao perceber que Nicolas, meu recente descoberto pai, está segurando uma Help completamente irritada em seus braços, meus olhos se arregalam, porque qualquer barulho que eles provocarem pode acordar minha ruivinha e sair daqui será algo meio que impossível, enquanto que eu só preciso deixá-la em segurança, enquanto que eu possa sair sem que mais lágrimas sejam derramadas por ela.

Help encara Nicolas com um bico enorme e os braços cruzados embaixo dos peitos, enquanto que ele pede com o olhar por calma, ela mantém os olhos semicerrados.

Suspirando, ele sacode sua cabeça e desvia seu olhar para mim, com um pedido silencioso para que eu me apreze antes que ele morra. Sorrio, observando-o abrir a porta e escapar, antes que ela o alcance

com um golpe de esquerda, que acaba por apenas passar pelo ar. E não querendo que ela desvie essa raiva para mim, trato de apressar os meus passos em direção a porta que Nicolas acabou de sair e, observando-a de maxilar travado, fecho a porta.

— Ela é um pouco louca – digo, quando alcanço o corredor com meu melhor homem na porta, com seus olhos atentos. — Providencie que algum dos nossos traga o filho do Cabeça até aqui e consiga um carro com um paredão de som e microfone, por favor – pisco um olho para ele, que sorri, acenando. Antes de me virar em direção a Nicolas, vejo que um sorriso continua em seus lábios, quando ele saca seu celular e digita algo em sua tela.

— Um pouco? Você ainda não viu nada – diz, arregalando os olhos e se vira, indo em direção ao elevador, onde dois dos nossos homens estão nos esperando, para seguir até o térreo, para que possamos reunir todos a fim de dar início a nossa reunião.

Acenamos para eles e com um sorriso escancarado no meu rosto, vejo as portas se fecharem, enquanto que aprecio a companhia de Nicolas, meu pai... meu verdadeiro pai. Eu poderia estar um pouco confuso, ou mesmo perdido, mas ao imaginar que ele foi o homem que me treinou e me ensinou a amar, já é o suficiente para que a confusão se vá e a felicidade reine.

O elevador desce, enquanto eu tento apenas deixar que o sorriso nos meus lábios cesse, mas é impossível que isso aconteça, a julgar o que está me acontecendo agora. Acho que pode ser o momento mais feliz de toda a minha existência, isso sem sombras para dúvidas.

— Você está muito sorridente para quem acabou de deixar a mulher dormindo no quarto de cima... como se na hora que ela acordar o inferno não estará armado – murmura, colocando suas mãos nos bolsos e eu sorrio, passando meus braços ao redor dos seus ombros, apertando-o perto do meu corpo.

— Relaxe, papai. É um momento feliz, curta-o – digo, suspirando e seus olhos avançam para o meu rosto assim que termino de proferir cada palavra, levando-me a voltar meu olhar para o dele, que está brilhando com lágrimas não derramas. — Está tudo bem, papis... Você sempre foi meu pai mesmo...

Dou de ombros e quando as portas se abrem, eu o arrasto para fora, mantendo meus olhos nos homens preenchendo toda a recepção do hotel. Exibindo um largo sorriso nos meus lábios, aproximo-me da recepcionista que está de olhos arregalados observando todos os homens preenchendo o local.

— Gregory deixou algum papel para mim? – pergunto e com os olhos arregalados, ela levanta um envelope trêmulo na minha direção. — Abra-o e leia em voz alta no microfone, querida.

Pisco um olho a ela, que puxa uma longa respiração levando o envelope de volta para perto do seu corpo. Nicolas sorri ao meu lado, quando ela enfrenta pequenas dificuldades para abrir o papel e como um bom cavalheiro que sou, peço a ela e o abro, quando ela me entrega, devolvendo-o logo em seguida.

Os outros recepcionistas ao seu lado estão assustados, encarando com pânico meus homens e a mim, que apenas envio sorrisos simpáticos em suas direções. Acho que alguém aqui está ficando um pouco famoso e muito rico, não é mesmo?

— Em posse de todas as minhas faculdades mentais, eu Gregory Terceiro Vilaça, passo o Hotel Vilaça Palacy para Luciano Monteiro, que ficará por responsabilidade até então. Em questão de minutos,

os papéis com a transferência completa, estarão em suas mãos. Sem mais a declarar, atenciosamente Gregory.

Sorrio e aceno, quando ela termina de falar. Estendo minha mão, pegando o papel e o envelope de suas mãos. Com meu braço ainda ao redor de Nicolas, nos conduzo até cadeiras acolchoadas, onde trato de o soltar para que se sente bem ao meu lado.

Suspiro, exibindo um largo sorriso.

— Não deveríamos estar indo até a propriedade do maldito? – pergunta, lançando um olhar neutro em minha direção.

— Deveríamos, mas estou esperando meu reforço chegar, junto com alguns brinquedinhos.

Ele acena e eu retiro o celular de Felício do meu bolso, onde eu o tinha colocado, para o caso de alguma emergência. Procuro meu banco de dados de e-mail e quando encontro o material que enviei para Malaquias há alguns dias, o encaminhamento para meu inimigo declarado, mas que agora, nesse exato momento estará se transformando no meu melhor aliado.

É isso que eu tanto aprendi ao longo da minha vida. Se você quer ter um inimigo por perto, tenha sempre uma, duas ou dez cartas na sua manga. Por exemplo, com uma carta, eu consegui derrubar dois coelhos com uma tacada só. Reforcei, na época, o meu laço de confiança com Malaquias e agora, estarei ganhando um aliado que irá me dever mais um favor.

Ah, Júnior Perverso...

Aqui, estarei apenas cobrando diversos favores e ganhando ainda mais alianças.

Assim que envio o e-mail, disco o seu número, levando o celular até minha orelha para que assim eu possa falar com ele, que no segundo toque me atende.

— Devo acreditar que essa ligação tenha algo a ver com a tua guerra? – pergunta, sorrindo e eu o acompanho, com um sorriso ainda maior.

— Isso tem a ver com o fato de que livrei a tua cabeça de uma guerra contra você mesmo e, com o fato de que... você sabe bem o favor que te prestei – digo, apreciando quando ele suspira.

— Minha cabeça de uma guerra?

— Observe o seu e-mail, quando fizer isso, tenha em mente que se formos aliados e se me ajudar nessa guerra, é a paz que precisamos entre os nossos territórios. Preciso de, no mínimo, cento e cinquenta homens treinados para estarem aqui no Palacy Hotel. Te aguardo.

Desligo antes que ele possa dizer mais alguma coisa e sorrio, virando-me para o meu querido pai.

— Precisamos nos livrar dos motoqueiros também. Não quero ir atrás de Malaquias em uma guerra que pode passar dias, com a ameaça deles pairando sob Help e Eve. Chame-os até aqui e vamos nos acertar.

Nicolas arqueia uma sobancelha, fazendo-me sorrir.

— Você mandou os corpos dos irmãos de clube deles mortos. Tudo o que eles querem é nos matar.

Suspiro, alcançando novamente o celular.

— Diga o número de quem está no comando agora.

Mantendo seu rosto sério, Nicolas me diz e quando termino de discar, ligo, aguardando que me atenda.

— Quem é? – uma voz grossa pergunta ao atender.

— O diabo. Se ainda quiser me enfrentar, estarei te esperando no Palacy Vilaça. Seja rápido, porque não tenho tempo a perder com você, mas tenha em mente que Help não irá a lugar algum – dito isso, suspiro e desligo.

Pronto, ao que parece tenho tudo nas minhas mãos para resolver a droga dos problemas. E eu não posso estar me apressando tanto, até porque bem sei que Malaquias estará juntando seus homens para me matar e é exatamente isso que quero.

Ele espera que eu vá logo e que ataque por cima, porém não tenho planos para ir muito longe para enfrentar suas armadilhas. Então, quanto mais tempo ele esperar por mim e por meus homens, melhor.

Deve estar esperando que eu vá atacar a noite e é por isso que bem sei que ele vai deixar todos os homens de tocaia em todos os cantos que ele puder para me pegar de surpresa. Porém, ser pego não é o que está nos meus planos.

Passei anos e mais anos planejando essa vingança, não será agora que ele conseguirá uma vantagem em cima de mim, quando tudo já está nas minhas mãos para ir bem ao chão. Essa vingança será sim histórica.

Eu vou conseguir me vingar e de quebra, terei o respeito de toda a sociedade traficante para mim...

Quem foi que disse que vingança não é um prato gostoso?

Capítulo 50

Avisa que eu cheguei! – a voz alta de Inseto se dá por todo o local, chamando a atenção de todos ao nosso redor. Todos os homens se viram para prestarem atenção no rosto sorridente do meu aliado mais fiel. O conheci quando ainda estava na cadeia, ele foi meu companheiro de cela... o único que deixei vivo, por ser um dos piores psicopatas que já tive o prazer de conhecer.

— Quem é você? – alguém pergunta, fazendo-me levantar para me preparar para a confusão que ele vai armar aqui, caso sua entrada não seja liberada logo.

Inseto tem seus pontos negativos, entre eles está a mania irritante de querer chamar atenção a todo custo, além do exibicionismo barato que quase me fez matá-lo em algumas ocasiões, mas que com o pensamento de que eu não teria outra pessoa para esquartejar os corpos que eu matava, além de limpar a bagunça para não deixar vestígios de que algo aconteceu ali.

E ele limpava tudo direitinho. Quando a nossa revista diária chegava na nossa cela, não encontravam nenhum indício de sujeira de sangue ou pele. Bons momentos aqueles...

Meu sorriso fica enorme, quando o vejo com o corpo cheio de armas e bombas. Esse é o maníaco planejador que eu estava querendo, porra.

— Que demora, Inseto! – digo, sorrindo largamente e abrindo os braços, em uma forma de recepção calorosa.

— Oi, para você também, mestrinho do horror – uma voz mais grossa vinda de perto de Inseto, faz com que uma gargalhada alta rompa por minha garganta, quando vejo Bomba, vestido com um colete a prova de balas e ao redor dele todo preenchido de flechas pequenas, pistolas e facas.

— Bomba, querido! Quanta saudade eu estava de você! – digo, empurrando os homens que tentam tapar minha passagem até eles, quando a imagem de Fred faz com que meu coração só bata ainda mais forte. — Caralho! Vejo que Malaquias estará passando por um tormento do caralho! Veja só, porra!

Gargalho, sendo seguido pelas altas gargalhadas vindas deles todos, quando mais um conjunto de carros se aproximam da entrada do hotel. De uma van, Júnior sai, usando um óculos escuro, rifle nas mãos, colete a prova de balas e logo atrás dele, uma bela mulher morena sai, com apenas uma pistola na cintura e um chiclete sendo mastigado na boca.

Ela me encara com os olhos semicerrados e revira os olhos, quando Inseto faz questão de assobiar para ela, causando um coro de assobios de imitação, porque esses homens não sabem o significado de limites.

— Me chamou, fofó? – pergunta Perverso, retirando seu óculos dos olhos. — Estava louco por um

pouco de adrenalina, sabe?

— Entrem... todo mundo, entrem! – digo, abrindo caminho para que todos passem e os conduzo até o sofá da frente, onde Nicolas está sentado, observando entediadamente o que está se passando.

— Júnior Perverso aqui? Impressionante, devo confessar – diz Nicolas, fazendo-me sorrir largamente, enquanto que o lugar começa a lotar, com a quantidade de mais homens que se metem por entre nós.

— Antes da nossa reunião começar, teremos uma pequena visita chegando em breve... e não é nada agradável.

Suspiro, sentando-me, sendo seguido de Inseto, que toma bem ao meu lado, mantendo um sorriso largo nos lábios e o olhar intensamente na mulher que Perverso trouxe consigo.

Os minutos se passam e o seu comportamento parece que não muda, o que deixa a mulher ainda mais desconfortável, travando sua mandíbula e, por um momento, eu até chego a considerar que ela vai levantar essa arma e atirar nele, o que seria de um todo ruim, porém justo, já que é o que ele tanto procura com suas gracinhas.

O tempo parece se arrastar, até que o elevador apita, com a chegada de alguém, ao mesmo tempo em que tiros podem ser ouvidos do outro lado do hotel na parte de fora, acompanhado de roncões de motores de motocicletas.

— Meus convidados chegaram – digo, levantando-me e me direcionando para a frente de onde os barulhos das motocicletas estão se dando o mais alto que chega a ser irritante.

— Podem deixar que eu resolvo! – o grito alto de Help, preenche o local, fazendo-me arregalar os olhos, enquanto que ela empurra todos ao seu redor até que nos alcança.

Ela me encara, com os olhos semicerrados e depois os revira, avançando à frente, porém é impedida quando Nicolas rodeia seu braço com seus dedos em um aperto forte. Logo atrás dela, tentando se empertigar por entre os homens que tomam todo o lugar está Eve, mantendo o rosto transformado em ódio. Seu peito está coberto por um colete a prova de balas, enquanto que carrega na frente do mesmo, um celular preto e um rifle, esses que estavam no meu melhor homem, que por sinal, não estão a seguindo.

— O que é que vocês estão fazendo aqui? Pensei que tivesse sido claro, quando eu disse que vocês estariam mais seguras se estivessem aqui, com a guarda do meu melhor...

— Está morto. Ele está morto – Eve diz e meus olhos se arregalam, com meu coração batendo mais forte. — Help o matou bem na minha frente, quando ele tentou nos impedir de sair.

Sabe esses pequenos impulsos que estão começando a crescer com mais força na minha cabeça? Sabe? É uma forte dor de cabeça começando a se formar, o que só irá resultar em mais mortes e mais mortes, enquanto que eu preciso manter o controle, para que ninguém possa conseguir passar por mim com facilidade. Inferno? Você já está queimando com tanta força?

Jeová, Jeová... em breve terá mais fiéis almas alcançando-o. Amém?

Ela matou o meu melhor homem já treinado na história? O melhor homem que eu poderia contar nessa droga toda? Não posso crer, meu demônio!

— Vocês têm ideia do que fizeram? – pergunto, sorrindo, quando o controle parece começar a se esvaír, entretanto prossigo meu olhar por entre os conjuntos de corpos. — Vocês acabaram de meter um conjunto de leis, burocracias e mais grades no meio do meu rabo.

Balanço minha cabeça, quando ela apenas dá de ombros.

— O que você quer dizer com isso? – Nicolas pergunta, franzindo sua sobrancelha, ao mesmo tempo em que puxa Help para o seu peito, apertando-a em seus braços.

— Ele era primo de um agente daquela organização maldita, chamada OICO. Nossos rabos estavam desviados dele, por causa do apoio do meu, agora, morto melhor homem – digo, olhando sorridente para Help, que revira os olhos, segurando com ainda mais força uma pistola em sua mão.

Devo confessar que mesmo com o prejuízo, encontro-me feliz, por ver que minha querida madrastra é uma mulher perigosa e que Eve se dá muito bem com ela. Terei que encontrar uma medida para conseguir lidar com esse prejuízo todo, então, eu apenas posso ter a certeza de que tudo estará na mais perfeita normalidade para que eu possa viver o que ainda tiver para viver em paz.

Suspiro e Help se solta de Nicolas, tomando alguns passos à frente, enquanto se aproxima da entrada. Concentrando-se atrás de um dos homens que observa os seus alvos com atenção, ela o usa de apoio para que possa mirar nos pneus das motocicletas e assim, ela começa a tirar em todos, como se já estivesse mais que acostumada a isso.

Ela para e se vira para Nicolas, estendendo sua mão, em um pedido silencioso para que... sei lá. Nem mesmo Nicolas sabe o que ela está querendo. Na verdade, mulheres são todas confusas e estando aqui perto de uma tão perigosa, faz-me tomar uma pequena nota para que eu não a deixe jamais sozinha por muito tempo com Eve. Vai que a gente briga e ela acaba por tentar me matar no meu sono?

— A arma, Nicolas! – rosna e saindo do seu estado de estupor, ele se apressa e entrega a sua arma para que ela possa se preparar para os próximos ataques.

Com mais uma sequência de tiros, ela recua e pega um cartucho carregado que Nicolas a entrega, fazendo assim, ela semicerrar os olhos, enquanto recarrega sua pistola.

— Meu irmão está aqui, querido – diz, suavemente, deixando a arma para cima com sua guarda alta, enquanto que ela se aproxima da entrada. — Eu espero que vocês baixem essas armas agora, se não quiserem uma bala pousando bem no meio de vocês, porra.

Ela grita, saindo do hall do hotel, sendo acompanhada por mais alguns homens que, curiosos para saber o que mais vai acontecer, a seguiram. Sorrio, quando Nicolas segue bem atrás deles e se espreme para poder alcançar sua amada, que caminha determinadamente em direção aos motociclistas.

— Entenda, irmão. Agora estou casada e esse é o mundo do meu marido, logo, estarei com ele para tudo e um pouco mais... Parem de se meter nas minhas escolhas. Agora, tchau! – diz e eu sorrio, quando ela começa a sacudir sua mão em um movimento de “Tchauzinho, queridos”.

Adoro essa mulher. Isso é com certeza.

Eve me acompanha, quando eu rio alto, chamando a atenção de todos eles em minha direção.

— Meu enteado é dono da porra toda, logo, o respeitem também – rosna, colocando suas duas mãos na cintura, enquanto semicerra seus olhos para um homem robusto de barba enorme.

— Ele matou nossos...

— Você os matou e matou no momento em que os designou para virem aqui nos enfrentar. Os matou no momento em que firmou compromisso com o tio do meu enteado para me levarem... e quase me matava, assim como a mulher do Luciano, o que resultaria na morte de todos vocês e dos que ainda estão para nascer da nossa mesma linhagem.

O homem arregala os olhos, puxando uma respiração. Afasta-se da sua motocicleta de pneus baleados e se aproxima da sua irmã, com um olhar magoado no rosto.

— Você está sendo teimosa...

— Pare de colocar palavras na minha boca e para definir minhas atitudes corretas, como sempre fez. Pare! Sou independente e casada. Meu marido é Nicolas Posey – diz, apontando para meu pai, que acena concordando, o que só faz o homem estranhar, voltando sua atenção para sua irmã que está muito determinada a falar cada vez mais. — E eu vou ficar com ele sim. Você não sabe o que se passa, não sabe de nada! Inclusive, se eu estivesse ainda te ajudando no teu gabinete, saberia que Luciano está indo para uma guerra, contra o homem que acabou com a vida dele, em partes, e o separou do seu verdadeiro pai. Sabe o que isso significa, irmão? Você sabe?

O homem sorri, balançando sua cabeça.

— Não sei porquê não seguiu carreira como advogada...

— Não venha fugir do assunto – rosna, o lançando um olhar febril, cheio de raiva. — Eu sou a tua sucessora no comando do Moto Clube e tua irmã. Logo, você deveria estar lutando conosco, não contra nós. Seria o certo a ser feito.

— Eles mataram nossos irmãos. Isso deveria ficar impune? – pergunta, com sua voz em um rosnado irritado.

— Isso quer dizer que nossos laços nunca vão se juntar? – Help pergunta, com lágrimas se formando em seus olhos.

— Isso quer dizer que o sangue derramado tem que ser vingado.

Ela sacode sua cabeça e, suspira, ponderando por alguns segundos, quando todos se tornam apreensivos.

— Você nos acompanha na guerra. Depois dela, acertamos as contas, ok?

Ele acena, estendendo a sua mão para apertar a dela e assim, o acordo é firmado entre eles.

É uma pena para Help, mas seu irmão não ficará vivo para prejudicar Nicolas... e não vai mesmo.

Capítulo 51

Uma parte está pronta, agora falta a seguinte, onde estarei fazendo com que metade do meu serviço seja feito, sem que eu perca muitos homens no processo.

Há alguns dias, Malaquias pediu que eu fosse ao território de Perverso, fazer um acordo com o mesmo para que ele pudesse enviar mais armas para um dos seus sócios, que ainda está aguardando, porém isso até agora não foi feito, o que resulta em prazo vencido para o sócio que precisa repassar os armamentos seja para algum comprador ou para alguma rebelião de alto nível lá dentro.

Muito tempo já se passou desde aquele dia, logo, Malaquias está com uma corda no pescoço, claro que não tão apertada quanto a minha que só aumenta o aperto mais e mais.

Então, já sabendo o que tenho de fazer para fazer a cabeça de Malaquias queimar ainda mais, saio do meio de todos esses homens e, mantendo Eve perto de mim, nos encaminho até o primeiro andar do prédio. Vendo que tudo está bem calmo e silencioso, saco meu celular e disco o número que vai me dar o prazer de observar muitas coisinhas.

O seu telefone chama até que cai na caixa postal, mas eu sei que depois de uma avaliação, ele me retornará, até porque não pode ficar correndo riscos e atendendo todas as ligações que recebe de terceiros. As chances de ser um policial é muito grande e, de dentro da prisão e logo de uma de segurança máxima... caso seja pego, pode sofrer sérias consequências e isso não é muito bom, convenhamos.

— Mas, amor, você não está demorando muito para ir de encontro o homem? Porque quando você for, ele pode ter fugido.

Sorrio, balançando minha cabeça.

— Não era você que estava dizendo para que eu não fosse? Agora me expulsa? – pergunto, vendo seus olhos revirarem.

— Isso acabou passando pela minha cabeça. Aliás, aquele monte de homem é para o que mesmo?

Suspiro, parando meus passos, junto a ela, quando alcançamos um local em que acredito ser razoavelmente seguro.

— Malaquias não vai fugir. Ele estará lá no cantinho dele, que ele considera como sua fortaleza. Nenhum lugar o fará se sentir tão seguro quanto aquele lugar, por causa da quantidade de armadilhas escondidas e do exército que ele mantém por lá – digo, virando-a para ficar de frente para mim, com seus olhos brilhantes focados nos meus.

— Mas você poderia pegá-lo de surpresa – diz, fazendo-me sorrir novamente.

— Isso é o que todos pensam ser o melhor.

Pisco em sua direção, quando o celular começa a tocar com outro número na tela, fazendo mais um largo sorriso surgir nos meus lábios, quando tudo se torna ainda mais gostoso para ser tragado.

— Luciano? – uma voz grossa, beirando a rouquidão, profere assim que o atendo.

Um sorriso está brilhando nos meus lábios, quando o cheirinho da vitória me ronda por completo, fazendo-me ainda mais feliz. Estou crescendo a cada passo dado em direção a parede e quando enfim estou encostando nela, um riso cheio de deboche está escapulindo por meus lábios.

Malaquias é um fodido burro mesmo.

Dentro da cadeia, eu tive um mundo totalmente aberto para que eu pudesse planejar minha vingança. Malaquias, de lá de dentro, planejou alguns níveis até que eu pudesse chegar até ele. Ora, mas um homem rico como esse, preso em uma prisão de segurança máxima? Qualquer jeitinho ele poderia dar para que ele saísse, certo? Mas, na cabeça de um doente podre de rico, tudo pode acontecer, porque ele tem poder para isso. Poder, dinheiro e o mais importante que tudo, ele tem vidas ao seu dispor.

Um doente, que se transformou em um completo cagão, porque pensava que, suas mãos delicadas não iriam ser usadas para matar ou dar jeito em alguém. Ele teria dinheiro para dar o fim em quem ele queria.

Eu teria de passar por cada homem da pior estirpe já existente no mundo. E eu passei com louvor, até que, este homem surgiu no meu campo de visão.

— Malaquias está te devendo, bebê? – digo, rindo alto e do outro lado da linha, escuto sua alta risada ao me acompanhar.

Eu teria de passar pela avaliação deste homem com quem eu falo. Eu teria que lutar, matar e sobreviver. Eu teria que sufocar, esquartejar e fazer chorar, seja quem fosse que ele mandava. E eu fiz. Eu teria que seguir suas ordens... não só suas, de um par de homens, que julgavam ter poder para me mandar fazer alguma coisa, mas então, quando eu simplesmente não aguentava mais, apreciava o momento em que eu os fazia sofrer, chorar e tremer, enquanto a vida saía dos seus corpos e iam para a segurança do céu, onde meu amigo Jeová os esperavam.

— Está me devendo a vida dele à muito tempo, neném – diz, rindo.

Este é Severino. Um nome como outro qualquer... um nome de um homem de bem, que presava o respeito, a vida e o amor a todo custo... mas é claro, isso só até um doente cruzar o seu caminho e o da sua família, disposto a passar por cima de qualquer um, se esse fosse o preço para que conseguisse ferrar a cabeça de um garotinho de apenas três anos de idade... um garotinho inocente que nada sabia sobre a vida e sobre a maldade no coração das pessoas, um garotinho que desde cedo teve que aprender a lidar com as suas necessidades sozinho, porque não possuía ninguém para lhe oferecer o que uma criança precisa.

Severino viva em paz, era um pedreiro, levava sua vida como um trabalhador, que acorda cedo todos os dias para, montado em sua bicicleta, ir ao seu serviço para que assim, pudesse conseguir dinheiro para

alimentar sua mulher e filhos. Ele viu a sua vida virar de cabeça para baixo, quando um maníaco, intitulado por Malaquias, invadiu a sua casa e obrigou para que a sua mulher fizesse parte do seu plano louco, onde ela teria que ajudá-lo a tornar a vida do pequeno Luciano, um tremendo inferno.

E ela o fez.

— Ficou sabendo que o momento chegou? – pergunto, quando me recupero da minha crise de risos.

Ele suspira e eu sinto o meu peito crescer novamente e ainda mais, porque Severino foi o obrigado a ver, dia após dia, sua esposa maltratar o pobre pequeno Luciano, até que ele, em seu limite, fugiu de casa, da casa da prostituta que o gerou e o teve. A mesma que não dava mínima atenção para ele. O direito de comer e de viver em paz, foi retirado da vida de Severino e dos seus filhos. Até o dia que a família de Severino já não servia mais para o que Malaquias queria. Nesse dia, eles encontraram a paz, enquanto eram queimados por um fogo que não foi Severino que colocou em seu barraco, mas que foi o que foi comprovado pela perícia criminal.

— Enfim poderei fazer a minha justiça... ele vai arder tanto, Luciano – diz e a sua imagem, proferindo essas palavras se formam na minha mente, enquanto eu apenas respiro com dificuldade.

Paz foi uma coisa que meu amigo Severino nunca encontrou, porque a vida na prisão não é o mar de rosas que alguns pensam. Ele teve de escolher lados, ele teve que apanhar muito e matar muito, para que pudesse ter uma posição ali dentro.

Tivemos muitas conversas, mas a sua história, eu soube por outras bocas, essas já mortas e destroçadas de um nível que os ferros das camas já devem ter aproveitado para se fundir a toda pele que colocamos ali dentro.

Brutal? Muito.

A lutar, a matar, a torturar físico e psicologicamente, além de absorver a verdade de seja quem for, eu aprendi com Nicolas sim, mas a crueldade, a dureza e a frieza, eu aprendi da pior forma com Severino.

— Estou no Vilaça Palacy, querido. Venha e traga a artilharia mais pesada que você tiver. Ele vai sofrer, meu amigo... e vai sofrer muito antes de morrer.

— Vou separar cem homens para liderarem o caminho e receberem a parte mais pesada e, comigo levarei mais trezentos... em menos de uma hora, estarei aí com você, Luciano.

E, assim, ele desliga, fazendo-me rir, ao voltar meu olhar para ele.

Malaquias não sabe quem é Severino. Não sabe que aquilo que ele fez, foi exatamente para a família dele. Malaquias não sabe quem é Nicolas Posey, Luciano Monteiro e Severino Palhares.

Ele não sabe as desgraças que criou, mas em breve, ele ficará muito bem informado.

Sorrindo, pego a mão da minha linda ruiva, a mulher que eu amo e que jamais deixarei que seja prejudicada pela doença de Malaquias. E, junto a ela, volto para o hall, onde todos estão à espera de ordens. Em questão de minutos, esse hall estará superlotado pela quantidade de homens. Ou seja, terei de dar um jeitinho nisso aqui.

Porém, com o meu melhor homem morto, não tenho como ordenar que coisas sejam feitas.

Mas aqui, entre todos nós, tenho um infiltrado. E é para ele que me viro, vendo que observa com atenção para todos, medindo e contando o que pode se passar aqui. Estará morto antes que possa abrir a boca, otário.

— Querido, providencie duas cordas resistentes, três adagas e sal, por favor.

Ele acena e sai do ambiente, indo em busca do que pedi. Idiota.

— Derrubem essas paredes todas. Quero espaço para os próximos convidados. Providenciem também bebidas para todos. Isso em trinta minutos.... estão esperando o que?

Capítulo 52

Meu carro de som chegou e junto com ele, um bem recuperado filho do Cabeça, que curioso observa tudo de dentro do carro. Sinto pena daqueles que acreditam que eu, Luciano Monteiro, poderia apenas esquecer o que me foi feito.

Com um sorriso nos lábios, aproximo-me da entrada do hotel, onde estão me esperando. E, sem esperar mais nada, abro a porta e entro no carro, afastando-me até estar perto do garoto, para que assim, Eve possa entrar bem ao meu lado.

— O que você quer? – pergunto, suspirando e vejo que ele desvia seu olhar para a sua frente, onde mais carros estão com o meu paredão do terror.

Não sou obrigado a ir para a guerra, sem meu som bem alto para inebriar os meus homens e a mim também. Não sou nada sem as minhas épicas músicas altas.

— Quero o lugar dele – sussurra, fazendo-me sorrir imensamente.

— É exatamente o que te darei, mas antes, precisamos deixar algumas coisas bem acertadas... a sua fidelidade é...

— Eu sei... posso parecer jovem e burro, mas não sou. Sei quem você é, sei dos rumores que te cercam e sei também que Cabeça queria me matar, porque ele não se importa com ninguém. Nem com minha mãe, nem com os meus irmãos. Todos deveriam ter paz e longe dele.

Suspiro, acenando positivamente.

— Esteja preparado para o que irá seguir... trabalhe suas táticas de emoções. Pratique o choro livre e depois a volta por cima. Ah e fique atento a tudo – digo e ele acena.

Aproximo minha mão da sua perna e ali, deposito duas batidinhas simples, mas que, pelo olhar que ele desvia na minha direção, percebo que significou mais que qualquer outra coisa que eu poderia ter feito e isso muito me agrada... demais.

Voltando meu olhar para Eve, vejo que olha perdidamente pelo vidro da frente e quando estou voltando meu olhar para o mesmo, vejo o traidor se aproximando com as coisas que o pedi.

— Pode sair, amor? – peço e ela acena, abrindo a porta do carro e colocando seus pés contra o chão de cimento, enquanto eu a sigo para fora. — Acompanhe-me, caso queira ver o que acontece com traidores no meu território.

Observo seus olhos brilharem e logo, ele está saindo, com sua pele sendo exposta ao sol da quase

tarde, que se aproxima. Suspiro, virando-me e tomo a frente, com minha mão entrelaçada na de Eve, que me acompanha, seguindo o meu ritmo até que chegamos ao hall, onde todos estão reunidos. O barulho da quebradeira na parte de cima, está sendo escutada daqui de baixo e isso me agrada muito.

— Amor – sussurro, parando com ela e aproximo minha boca do seu ouvido. — Te aconselho a dar um tempo em outro andar com Help, porque as coisas aqui vão se complicar – vejo a recusa, sei que vai me dizer que irá ficar, mas não é do meu querer que ela visualize o mesmo que fiz no território que era de Búfalo. — Por favor, gatinha. Eu sei que não vai gostar do que vou fazer aqui e eu não quero ter de ver aquele nojo que eu vi no teu olhar, quando torturei Búfalo.

Ela suspira, apertando seus olhos e quando os abre, eu vejo que eles estão me mostrando determinação.

— Eu preciso ver, Luciano... eu preciso. Como vou passar a...

— Não, Eve. A resposta é não. As pessoas têm seus limites e o seu, é esse aqui. Peço encarecidamente que saia, junto com Help e que compreenda, eu sou um assassino e você é uma mulher que cresceu com o fato de que, matar é errado, desumano e digno de repulsa. Eu não quero esse olhar seu sendo enviado para mim... por isso, saia – minha voz foi dura sim, mas foi precisa para esse momento.

Eu vejo que seu queixo trava e que ela semicerra os olhos, dando-me a certeza de que ela não vai fazer o que eu pedi, claro, agindo pelo seu bem, então, não querendo que isso muito se prolongue, juntamente da clareza do fato de que isso é para o nosso bem, baixo-me colocando-a no meu ombro e me levanto, carregando-a pelo hall, até onde está Help com Nicolas, meu pai.

Gosto disso... gosto de lembrar que ele é meu pai.

— Me coloca no chão, Luciano! Agora! Luciano! – grita, apertando minha camisa e eu engulo forçadamente, voltando meu olhar para Help, que nos observa de olhos arregalados.

— Você poderia fazer companhia para a minha senhora em um quarto daqui? Onde está Fátima? – pergunto e ela sorri, levantando-se.

— Com Diego – Nicolas diz, ficando de pé, com um sorriso nos lábios. — Onde está meus ensinamentos, garoto?

Suspiro, quando ela começa a se mexer nos meus braços.

— Estou aplicando-os, mas é que ela pode ser um pouco... – escuto-a rosnar e logo ela aperta minha bunda com força, fazendo-me adotar uma careta surpresa. — Teimosa... Sigam-me, antes que ela arranque minha bunda fora e eu preciso dela para fazer minhas necessidades.

Eles sorriem e enquanto eu sigo do elevador para o quarto, eles me seguem, com sorrisos contidos e Eve rosnando brigas e mais ameaças, enquanto a arrasto pelos corredores do lugar. Assim que chegamos à porta do quarto, onde estava reservado para nós, vejo o corpo do meu melhor homem morto ao chão. Os olhos arregalados com um tiro no meio da sua testa e o chão abaixo do seu corpo, todo cheio de sangue, misturando-se com a pilha de corpos que matei, para ultrapassá-los.

— Luciano! Me coloque no chão! – grita a todo vapor e eu faço o que ela ordena, assim que Help

entra no apartamento e eu vou logo atrás, colocando-a no chão, como pediu e saindo do mesmo, tirando a chave da porta, rapidamente e fechando-a, para trancar logo em seguida.

Suspiro, escutando o riso alto de Nicolas.

— Nunca pensei! Nunca, nunca, nunca, nunca! – ele ri e eu reviro os olhos.

A morte do meu melhor homem vai me deixar em uma corda bamba com a maldita organização e isso está me deixando um pouco preocupado. É uma organização poderosa sim e eu não os quero bisbilhotando o que faço nos meus territórios. Isso me levaria a ser um cínico e agir com muito mais cuidado, o que, no momento, não estou disposto a ser.

Suspiro, ao passar por seu corpo, indo em direção ao elevador e Nicolas me segue, ainda gargalhando, enquanto bate sua mão na perna, parecendo aqueles bobos de circo.

— Isso é muito lindo de se ver, bombadinho – diz e eu reviro os olhos novamente.

Quando chegamos ao hall, ele ainda está rindo e eu balanço minha cabeça, não sabendo como lidar com toda essa zombaria. Avisto o traidor ali parado, com os apetrechos que pedi e me aproximo, calmamente, deixando Nicolas ainda rindo para trás.

— Quero que você busque uma cadeira agora... aliás, busque três – digo, sorrindo e ele acena, saindo de perto de mim, para ir buscá-las.

Eu sei que ele tinha uma questão a ser resolvida com meu melhor homem e é por isso que trato de produzir uma bela vingança, para vingá-lo também, no conjunto. Enquanto ele foi buscar as cadeiras, decido que irei até o meu carro de som, para que a minha música inspiradora seja ligada. Ao chegar no mesmo, deparo-me somente com o filho de Cabeça sozinho dentro do carro que está atrás do meu som, o que me faz estranhar, já que da última vez que o vi, ele estava no hall.

Algo dentro de mim diz para que eu vá até lá.

Meu demônio racional, junto com o meu demônio insentimental, estão em um debate acirrado, onde um diz que eu devo ir, para que o garoto perceba que eu tenha alguma simpatia e o meu demônio insentimental afirma que, se eu for, vou acabar criando algum laço sentimental com ele, o que meu demônio racional duvida muito. Então, não querendo se prolongar nesse debate, como um impaciente que é, meu demônio racional toma a frente e se lança contra o insentimental, em uma luta acirrada, chamando a atenção dos meus outros demônios para assistirem, enquanto torcem para que um dos dois vença.

Com um nocaute e dois chutes na clavícula oposta, temos um vencedor... ele é? O meu demônio racional. O invencível é como está se considerando agora.

Mordendo meu lábio inferior, eu me aproximo do outro carro, indo diretamente para a porta em que ele está encostado, observando a paisagem lá fora. Baixando-me até estar na altura certa do seu rosto no vidro aberto, eu sorrio.

— Sabe dirigir? – pergunto e ele acena, com seu rosto ascendendo uma luz completamente diferente das outras que jamais pude ver na minha vida. — Gosta de escutar o que?

Ele dá de ombros e eu continuo a encará-lo.

— De tudo um pouco, mas gosto muito de...

— Vá para aquele carro ali e mantenha o vidro fechado para que não vejam o teu rosto, preciso que coloque o carro para dentro do hall, com o fundo para dentro e quando eu levantar o meu dedo polegar, você coloque o pen drive preto, ok? Quando estivermos no território do Malaquias, você vai colocar o pen drive vermelho, assim que eu levantar o meu dedo polegar, entendeu?

— Preto aqui, vermelho lá – diz, balançando sua cabeça, fazendo-me sorrir. — Entendi.

Sorrio de lado e abro a porta, para que ele saia e a passos rápidos, o conduzo até que está de frente ao carro.

— Faça tudo que te digo, que você vai acabar indo longe, pode crer! – pisco um olho em sua direção, vendo que ele sorri como se ali tivesse muita admiração.

Bom que tenha mesmo.

Meu demônio racional concorda, colocando seu dedo no queixo, enquanto pondera a situação.

Dou as costas para ele, quando vejo que ele entra no carro, fechando a porta logo em seguida. O que me faz pensar por um instante, que ele possa ser só um garoto que busca de alguém para ver e para chamar de pai... talvez eu possa até me ver nele, porque por essa fase eu fui obrigado a passar, mas nada de interessante surgiu disso. Eu procurava em seres aleatórios o que eu via em outras crianças vizinhas, porque eu queria e precisava ser protegido daquela realidade, mas o que eu encontrei foi somente tiros e mais tiros no meio da minha bela bunda. Com o tempo, fui obrigado a aprender que, se eu não fosse lutar para me proteger sozinho, a proteção que eu tanto sonhava, nunca viria.

Suspiro, ao adentrar o hall, vendo que as três cadeiras que eu pedi já estão aqui.

Olho para o meu traidor, que me encara de modo entediado e isso só me faz sorrir, porque o tamanho da sua segurança e prepotência é muito grande para imaginar que um pequeno gesto, poderia o entregar da forma que aconteceu.

— Escolha uma cadeira – peço e ele dá de ombro, franzindo sua sobrancelha, confuso.

O coitadinho está confuso, olha só... seria uma pena se ele explodisse aqui mesmo, não é?

Ele aponta para uma e eu peço para que ele sente na mesma. Obedecendo minha ordem, ele o faz, ainda parecendo muito confuso, o que gera uma vontade incontrolável para sorrir, mas que abafado, para voltar o meu olhar para ele, que sentado, faz uma careta.

Sorrio e da sua mão, pego a corda que ele foi buscar.

A corda perfeita para a sua morte.

Meu grande Jeová, eu sei que por um longo espaço de tempo, já mandei muitas e muitas almas para o seu reino dos céus... agora não será diferente, mas essa alma aqui... essa, em especial, quero que sofra

muito ao chegar por aí, ok? Obrigado.

Suspiro com um sorriso nos lábios e estico toda a corda, deixando que ela caia com sua extensão nos meus pés, enquanto seus olhos me acompanham avidamente, claramente não entendendo os meus seguintes passos, o que não me deixa, de um todo, decepcionado. Um traidor é um traidor, independentemente do nível em que se coloca em uma equipe e, na minha, não será diferente. Homens que trabalham para mim ou são fiéis a mim ou são defuntos, simples.

No mundo em que eu vivo, cheio de inimigos e guerras para enfrentar, não é correto que eu deixe traidores vivos, até mesmo porque preciso dar a lição nos demais, para caso isso venha a acontecer com eles, já sabem o que resulta.

Ações e mais ações... não podem não esperar que consequências possa não vir, logo vindo de Luciano Monteiro.

Dobrando-a de forma que fique com as duas pontas juntas, eu a aliso e quando seu olhar entediado se desvia, ao escutar o barulho do meu carro de som entrando no hall, começo a pensar se esse seria ou não o melhor momento para fazê-lo sofrer. Meus demônios se juntam no centro do meu inferno, para observarem meus próximos passos com total atenção.

Quando levanto meu braço e com uma certa quantidade de força, despejo-o na direção dele, com a corda acertando em cheio o lado direito do seu rosto, não espero que ele tenha a chance de revidar, porque com a faca em sua mão, se lançada em minha direção, um estrago grande poderia ser feito. Apresso-me para rodear o seu corpo e com a corda, enrolo seu pescoço o apertando firme, enquanto vejo que seus olhos se arregalam, seu rosto adere um tom vermelho escarlata e a sua boca se abre a procura de ar, esse que estou prendendo com minha força, enquanto encaro os seus olhos com todo o meu lado febril cantando dentro de mim.

Meu demônio racional sorri acenando, enquanto o meu demônio destruidor está a toda rindo, como um idiota completo.

— Sabem o que é isso aqui? – pergunto alto, não escutando uma resposta vinda de terceiros. — Isso é o resultado de quem resolve me trair! – essa é a minha voz mais brutal, sendo dirigida apenas aos que a provocam.

— Faço questão de ajudar, sabe... acho que estou um pouquinho enferrujado nessa área – diz Nicolas, aproximando-se com o que imagino ser um sorriso nos lábios e isso, me faz rir, considerando o quão ferrado ele pode estar.

E eu comprovo minha consideração, quando ele começa a pegar os outros pedaços da corda que estavam ainda no chão e, então, para a desgraça desse ser desgraçadamente traidor, ele rodeia todo o seu tronco com ela, apertando-o tão forte, que a sua barriga fica dividida em duas partes. E assim ele continua, fazendo o mesmo com a região de onde fica o seu braço e subindo para a parte de cima do seu antebraço. Logo, ele está descendo para as pernas, onde ele repete esse ato.

— Garotas e garotos... coisas fortes estão por vir... então, ou fechem seus olhos ou saiam – ele diz e, logo, todos que estavam na recepção começam a correr para a parte de dentro e isso me faz rir, quando uma grande quantidade de homens, se concentram bem ao meu lado, para observarem o que vai seguir.

Levanto meu braço, com o polegar para cima, indicando ao menino que é hora da confusão começar.

Hail to the king de *Avenged Sevenfold* começa a tocar e logo, um sorriso enorme está borrando os meus lábios, quando os mesmos brilham, ao soltar a corda que aperta o pescoço dele, porque Nicolas está fixando tudo na cadeira em que ele está sentado. Seus choramingos já não podem ser ouvidos, por causa do volume do som e isso me agrada demais, apesar de que, não se pode ser feliz por completo e concentrado de uma vez só, vamos concordar.

Estico-me e pego a adaga da sua mão, para que assim eu possa começar a minha sessão de torturas.

Aproximo-me dele, sendo surpreendido com a faca no meio do processo, quando o som simplesmente para, deixando tudo em silêncio.

— Gosta de uma cena, esse rapaz!

Essa voz... essa voz...

Viro-me para observar o rosto de Severino. O grande Severino.

— Essa reunião aqui está boa demais, pelo que posso ver... É um esquentar?

Jogo minha cabeça para trás, com um riso alto preenchendo todo o local, enquanto ele se aproxima de mim, com um sorriso constante nos lábios.

— Mas me falem... o que ele fez para merecer ficar sem... — ele estica sua perna chutando com grande quantidade de força o braço do traidor, fazendo com que ele se desloque e, junto com a pressão da corda, acabe quebrando, deixando sangue escorrer por seu corpo e um grito gutural escorrer pelo local inteiro. — O braço?

— Traição, querido — digo, vendo que ele se anima, estralando seus dedos, ao observar o homem gritar.

— Poderia me dar a honra? — pede e eu aceno com um sorriso nos lábios. — Ao chegar ao fim, vamos conversar... o plano já foi posto em prática.

Aceno e ele toma a frente, com um sorriso predominante nos seus lábios.

Um momento maravilhoso, já não tenho mais dúvidas.

E o combate final se aproxima e Malaquias vai sofrer...

Como anseio por esse momento.

Capítulo 53

Eve Carvalho

Meu peito vibra, tamanha é a raiva que estou sentindo. Não é possível que ele possa me achar tão burra e idiota ao ponto de não conseguir vê-lo matar alguém. Pelo amor de deus, eu já vi isso uma vez e mesmo assim não o deixei, não saí correndo nem nada do tipo. Eu sou forte o suficiente para estar ao seu lado em qualquer circunstância que ele possa estar se inserindo. Se eu não fosse, não estaria persistindo em estar com ele, mesmo que uma parte dentro de mim, grite para correr, ao mesmo tempo que 90% do meu corpo ordena para que eu fique com ele e não me afaste por nada desse mundo.

Não tenho nenhuma intenção de me afastar do seu corpo, dos seus lábios e da sua forte presença. Quando ele vai compreender que já não sei me manter longe? Que eu simplesmente não consigo?

Qual é o problema desse homem?

Ele mata por mim, ele me olha como se eu fosse a sua maior maravilha de todos os tempos e, depois simplesmente me isola em um quarto, com a esposa do seu tio que, na verdade, é pai.

Eu quero escutar dos seus lábios o que sente por mim, mesmo que eu veja escrito nos seus olhos e sinta no seu toque, o quanto me ama...

— Estou preocupada, sabe? Meu irmão não é nada confiável e...

— Eu quero estar lá fora, Help! Você escutou que a música parou? O que isso pode estar querendo dizer? – pergunto, encarando-a que me observa preocupada.

— Não faço ideia e...

— Fátima está lá com eles dois, entendeu? Eu não confio nela! Desde o início que eu a conheci, vi nos seus olhos o quão puta ordinária ela pode ser.

— Nicolas confia nel...

Estou chocada com isso. Como ela pode não notar o quão imbecil pode ser Fátima? Ou pensa que eu já esqueci as vezes em que ela estava claramente se insinuando para ele? Isso nunca vai sair da minha mente, mesmo que afirme gostar de mulheres. Eu não confio nessa afirmação. Não confio!

— E você? Você confia? – arqueio minha sobrancelha, vendo que ela para um tempinho para pensar.

— Nunca a vi olhando de uma forma diferente para mulheres...

— Ela mente! Eu sempre soube! Sempre! Agora que estamos fora do caminho dela, tem a oportunidade perfeita para fazer o que quiser para ter Luciano e Nicolas.

Minha respiração está acelerada, quando eu me aproximo da porta e a chuto, percebendo o quanto encrencado está Luciano, por não perceber o que aquela mulher pode ser capaz.

— Como ele pode me deixar aqui, enquanto vai para a maldita guerra com ela? Que inferno! – rosno, chutando com ainda mais força a droga da porta.

Mãos geladas se aproximam dos meus braços, quando eu já começo a esmurrar essa maldita porta. Eu deveria estar ao lado dele, quando tudo parecer desmoronar ou quando tudo estiver brilhando, não ficar aqui, como uma mocinha frágil a espera que ele apenas volte com tudo pronto, sem que eu tenha feito nada para ajudar.

Droga! Eu deixei meu pai passando mal, para segui-lo! Isso não é o suficiente para que ele entenda o quanto eu quero e preciso estar com ele?

— Eu entendo que você está com ciúmes e com raiva, mas você precisa entender que guerras como essas, principalmente uma vingativa, qualquer pessoa pode ser um alvo, entende? Você é a mulher dele e Malaquias sabe disso... você sabe o que ele fez com a ex de Nicolas? Sabe?

Sacudo minha cabeça e ela me afasta da porta, quando algo dentro de mim, começa a se acalmar, mas não o suficiente para que eu permaneça inerte.

— Ele a enforcou, na frente de Nicolas, afirmando que ela a deixava fraco e sentimental demais e que isso o prejudicava. Como se ela não valesse nada, ele a jogou no chão, já morta e...

Estou chocada! Quanta crueldade, meu deus? Por que tudo isso? Qual o motivo de tanto ódio? Por que fazer isso com uma pessoa que não tem culpa de nada? Por que?

— Nós duas lá só vamos atrapalhar, mas eu estou com medo, sabe? Meu irmão pode fazer algo com os dois e eu como sucessora, deveria estar lá para impedir.

Ela suspira, olhando para o chão e assim fica pelo que parece minutos e até horas.

É, o melhor só seria mesmo que a gente ficasse e aguardasse, enquanto eles corressem risco de vida, com o irmão de Help e Fátima para ciscar em um terreiro que já foi tomado por mim. Luciano poderia afastá-la? Obviamente que poderia e eu tenho certeza que ele o faria, mas ela sabe manusear uma arma, ela sabe lutar... ela sabe tudo que eu não sei.

Ela está mais inserida nesse mundo que eu, por isso eu não posso estar aqui bancando essa bobeira. E com um alto agravante de que, ele apenas determinou de que esse era o lugar que eu deveria ficar e a minha natureza grita para que eu não deixe isso assim grátis, porque ele pode vir a repetir, em uma tentativa falha de me afastar.

— E eles estarão em perigo, Help! – rosno e logo ela rosna, indo para o guarda-roupa, de onde ela retira uma adaga de ponta fina e se aproxima da porta.

— Encontre algo mais pontiagudo e me traga, ou isso vai demorar algumas horas – diz e com um

sorriso nos meus lábios, avanço para a frente, em busca desse tal objeto que não encontro.

Uma movimentação do lado de fora, dá-se alto em barulho de pés contra o chão e, quando me aproximo da janela, consigo ver que estão montando nos carros, suas armas para cima e...

— Eles estão indo, Help! – grito, voltando-me para ela, quando a mesma faz uma careta e um estralo alto se faz presente em todo o quarto.

— Estaremos indo logo atrás dele, pequena diabinha, mas antes precisamos encontrar algumas coisinhas...

Capítulo 54

Luciano Monteiro

Um sorriso de mais pura satisfação está brilhando nos meus lábios, quando vejo todos os meus homens reunidos, perante uma vasta área com mais e mais homens mortos ao chão, no território que Malaquias acreditava ser o seu maior círculo de proteção.

Enganando homens do mais alto poder, assegurando que esse local, se reunido com uma grande quantidade deles, seria o lugar mais seguro do mundo para que eles estivessem, ele os fez criar raízes com seus familiares, filhos, sobrinhos, mães e o que vemos agora, é boa parte deles mortos, pelos homens que Severino mandou para adiantar o nosso serviço, enfraquecendo as tropas que Malaquias tinha armado por aqui.

Eles fizeram o que lhes foi dito e a maioria está morta, enquanto outros homens estão brigando ainda por sua vida e tirando outras.

Assim como imaginei, Malaquias deu o mais forte que tinha para os primeiros homens que por aqui apareceu e, bem, para os homens que reuni de todos aqueles que vieram com os meus seguintes aliados, está tudo muito mais fácil para invadir e... pah! Tchauzinho, reinado de Malaquias...

Uma peninha, não é mesmo?

— Luciano? – viro-me para trás, ao escutar a voz de Júnior, que com um sorriso altivo e cheio de empolgação, mantém sua mão no meio da coluna da bonita morena que trouxe consigo. — Deixe que Nicole faça as honras iniciais...

— Então, seu nome é Nicole? – pergunto com um sorriso de lado e ela, assim como fez com Inseto, revira os olhos, fazendo-me sorrir da sua ousadia, sem parecer ter um pinga de remorso em sua atitude.

— Assim como você escutou. Sim, meu nome é Nicole, mas pode me chamar de pesadelo – diz, exibindo um enorme sorriso e com isso, dou passagem a ela, para que tome a frente, ainda exibindo um enorme sorriso de lado nos lábios.

E ela se vai, subindo sua blusa e dela, retira um objeto verde redondo que muito me lembra uma granada... gosto dessa mulher!

Ela levanta o braço e um sorriso maior surge nos meus lábios, com o outro ela retira o pino e meu coração palpita ainda mais rápido e então, ela a joga na direção da primeira casa de luxo a sua frente.

— Afastem-se! – grita Júnior e então corremos.

Aprecio o momento em que uma alta explosão é ouvida por todo o local e pelo nível de destruição do local, duvido muito que tenha sido a primeira. Malaquias eu espero que esteja se cagando todo embaixo da sua cama, porque eu estou chegando e quando eu chegar vai ser de arrasar com o coração de qualquer um.

Sorrio, quando vejo uma grande felicidade na feição de Nicolas, que com muita ansiedade, segura nas suas mãos dois coletes a prova de balas, que sem ao menos esperar que eu diga nada, já está estendendo-o para mim, ainda exibindo um enorme sorriso.

Rapidamente o pego e visto, colocando um cartucho carregado no bolso da frente, uma pistola bem o seu lado e uma adaga, para depois segurar um rifle com a outra mão.

— Ah, Malaquias... – diz, rindo. — Desgraçado fodido!

Severino toma a frente, ficando bem ao nosso lado, para logo vir Inseto, Bomba e Fred, exibindo, ambos, sorrisos de satisfação nos lábios.

— Quero *mataaar* – um canta, o outro sorri e o outro rosna.

— Está esperando o que? – pergunto e ele sorri ainda mais, mostrando seus dois dentes de ouro nas laterais. Balança a cabeça e entrelaça seu braço no de Bomba, que puxa uma longa respiração começando a andar determinadamente em frente. — Isso tem que ser épico, escutaram?

Fred me encara e com um sorriso de lado, acena, determinando diante a mim e a Nicolas, que aquele que estiver no seu caminho irá morrer de uma forma nada amigável.

Quando o conheci, ele costumava matar todos aqueles que se atreviam a tocar o seu cabelo longo e liso. Geralmente, enquanto estávamos na cadeia, ele estudava o melhor momento para pegá-los de surpresa e, então, ele os matava.

Naquela época, eu aprendi que mesmo os homens mais inocentes que estavam ali naquela prisão, eram impossíveis de não serem contaminados pela crueldade que contaminavam aquele lugar. Um belo lugar, um belo centro de aprendizagem para quem quer continuar sendo um desgraçado de primeira cartilha, assim como eu. Convivendo com uma enorme variedade de pessoas, você percebe da melhor ou pior forma a como dar fim à um corpo ali dentro... as vezes, você precisa aprender.

Ou mata ou morre.

Nesse momento, eu estou aderindo esse ditado para que eu possa seguir em frente nessa vingança. Malaquias me ameaçou, ele queria que eu morresse, porque assim foi o que ele determinou e aqui, eu estou para mostrar, que quem vai morrer é ele.

Por anos, eu fui um homem morto, que só vivia para matar e matar e matar e planejar... eu fui o homem morto de espírito que vivia para servir e planejar a sua morte. Ele desgraçou a minha vida e mesmo assim, ainda antes de conhecer Nicolas, me fez acreditar que ele seria o único a me salvar, mas ele me fez lutar, ele me fez o homem que eu sou hoje.

Ele.

Ele criou Luciano Monteiro, o diabo.

Espero que agora, ele aproveite o que virá a seguir.

— Estamos indo logo em seguida! Avancem!

E eles o fazem, correndo a frente com felicidade e determinação.

— Quero cinco homens em cada casa. Quanto maior a casa, mais homens deverão a invadir. Vocês estão cientes de onde podem ou não pisar, então, prestem atenção. Os homens de Severino vão descer para o cano subterrâneo e vão me esperar, porque antes... vou me divertir um pouco, caçando uns ratinhos. Nicolas, Severino, Júnior e Cabeça, venham comigo.

Posiciono minha arma e sigo correndo logo atrás dos meus grandes amigos e antigos conhecidos de guerras e rebeliões. Vejo que Bomba entra na segunda casa, ao lado da que Nicole explodiu e, sabendo que esses casarões iniciais serão invadidos por eles, sigo correndo para os que estão no meio, atirando em todos os que vejo correndo para nos atacar.

Nesse território temos uma sequência de casas, essas que cobrem a central, a casa de Malaquias. Elas cobrem e protegem... o que farei, será apenas dar fim ao sistema que ainda o protege, assim como foi determinado por Diego na nossa reunião alguns minutos atrás. Os pontos que foram colocados para armadilhas são contínuos, principalmente para que crianças, acidentalmente, não acabassem caindo nelas... pobres coitadinhos esses.

Escolho um enorme casarão com uma piscina, jardim exposto ao sol e... tudo está calmo, calmo demais para um local em guerra, o que me leva a crer que...

— Eles estão nos esperando – sussurra Nicolas, logo atrás de mim, seguindo de Júnior, Severino e Cabeça, que rosna.

— Então, por que iremos entrar? – reviro os olhos, com a sua pergunta inútil.

Assim como sua pergunta, ele é um inútil. Não pensa, não tem estratégias de ataque... respiro fundo, procurando um motivo para não matá-lo bem aqui, mas penso que isso só faria os seus homens ficarem contra mim e não a favor.

Reviro os olhos.

— Por que foi isso que viemos fazer aqui – rosno, sem virar meu rosto em sua direção, desviando minha atenção para o pequeno flash vermelho que passa por cima de nós.

É, realmente eles estão só esperando que ataquemos. Subindo meu olhar, vejo um enorme vidro preto, tendo um pequeno portal no meio dele, que é de onde está o cano de uma arma, enquanto o outro... busco, mas nada é possível de ser visto, o que me deixa mais feliz.

— Aquele vidro é a prova de balas, baixa essa arma, idiota – Nicolas rosna, lançando olhares mais afiados que uma adaga banhada a prata em sua direção.

— Alguém tem que fazer alguma coisa, nessa porra – ele rosna e Júnior suspira.

— Por que ele ainda está vivo, pelo amor de Deus?

— Estou me perguntando o mesmo...

Sorrio, balançando minha cabeça.

— Deixem-no em paz – digo, com minha voz em um sussurro, quando um pequeno movimento ali na parte da piscina, chama minha atenção.

É uma criança pequena, ela corre para uma casa que tem ali no canto, perto da piscina, sendo seguida por três adultos sendo que um leva em seus braços, um bebê e, logo atrás deles, cinco homens vestidos de preto e totalmente armados.

— Eles estão fugindo! – fala Cabeça e pela milésima vez, penso que não posso matá-lo agora... isso só seria uma causa para que eu morresse logo em seguida.

— Eles estão indo para o cano, Luciano – Júnior diz e eu aceno positivamente.

— Assegurem nossos rabos! – digo e volto meu olhar para Perversinho. — Vamos?

Ele sorri e me acompanha, quando agachado, encaminho-me em direção a casa. Um tiro pousa em um lugar perto de nós, mas o barulho de mais três nos faz avançar, pisando na grama verde que está ao redor da piscina, entrando rapidamente na casinha que todos eles estavam entrando.

Corremos pela única entrada que nos possibilita caminho e então, miro meu rifle na cabeça do homem que tampa o meu caminho, assim que corro em sua direção, eu atiro. Quando ele cai, Júnior acerta o outro que está bem a sua frente e, então, seguimos o mesmo passo, até que...

— Parem, agora! – uma voz feminina está alta e forte, o que nos faz parar, levantando as mãos para cima.

Ao me virar, vejo que ela tem nas suas mãos, uma arma e a segura de forma trêmula, apontando para o peito de Júnior, que está com um colete, que o protege. Como estou atrás dele é fácil e rápido, quando baixo um dos meus braços e retiro do meu colete, uma adaga. Seus olhos vacilam de mim para ele e, então, quando seu olhar vai para o dele, preparo-me para atirar em sua garganta e, logo estou rodeando o pescoço de Júnior com o meu braço, jogando meu corpo para trás, levando-o junto comigo, quando atrás dela, aparece o mesmo homem que corria junto dela. Minha coluna protesta, mas a ela, não dou atenção. Então, Júnior faz as honras, levantando seu rifle e... pei! Tchauzinho, engomadinho.

Jeová, meu grande... lá se vai um maldito engravatado superlotado de ganancia. Lá se vai um pedaço de Malaquias. Lá se vai... segura aí, que eu só comecei. Abra mais vagas no purgatório, porque hoje, ele vai lotar, meu amigo!

Escutamos o barulho de pisadas, vindas de detrás de nós e Júnior baixa seu rifle, ficando inerte no chão. Logo um grito feminino, seguidos de uma criança que chora desesperadamente, pode ser ouvido de não muito longe de nós.

— Tia! Tia! Tia!

— Cale a boca, sua insuportável! Odeio essa pequena diaba! Alguém coloca um silenciador na boca dela? — ela rosna e logo, quando aparece bem ao nosso lado, passa com um salto enorme por cima das nossas cabeças.

— Por favor... titia não me deixa! Titia... ele morreu? Titia?

— Ódio dessa menina infernal! Ai meu deus! Minha irmã! Ai meu deus! Ela está morta? Ai meu deus! — seguindo dos seus lamentos, escutamos um choro ainda maior de um bebê. — Precisamos sair daqui, antes que eles denunciem nossa localização. Quando sairmos, fechem a porta para que ela não nos siga.

Eu tento não respirar, eu tenho não levantar minha mão e matar...

Eu tento não matar...

— Tia! — a menina grita e a mulher corre para a saída, com os demais três homens atrás dela. E como ela ordenou, eles fecharam a porta, enquanto eu e Júnior permanecemos aqui, sem saber o que fazer. — Por favorzinho... eu tenho medo do escuro... não me deixa aqui sozinha... por favor!

Pelos seus choros e lamentos, ela não está muito longe de nós.

— Por favor! Não me deixa sozinha de novo... Não me deixa! Por favor! — então, o local é preenchido por seus gritos desesperados, se juntando com a do outro bebê.

— Eu não consigo — Júnior sussurra, com um estrangulado rosnado sendo seguido.

— Tem al... por favor! Titia não me deixa... eu não fiz nadinha... eu sou uma me... me... nina boa... zinha... por favor!

Pela primeira vez na minha vida, minhas mãos estão trêmulas e, nesse caso eu não sei, fodidamente o que fazer, mas eu não sei... eu não vou conseguir fazer o que eu tenho que fazer.

— Eu não consigo, Luciano.

Suspiro, afastando seu corpo de cima do meu e estiro minha perna, para que eu possa retirar de dentro do meu bolso da minha calça, o celular, para que ilumine o local. Levanto-me do chão e ligo a lanterna do mesmo, vendo que a criança está encolhida no chão, enquanto chora com as suas duas pequenas mãozinhas na frente do seu rostinho.

— Ei, bebê — falo, mantendo minha voz baixinha, ao me aproximar dela.

— Não! É o bicho! Sai! Socorro! Por favor, eu não fiz nada... por favor!

Seus cabelinhos loiros estão sujos com a areia do chão e eu vejo no seu braço, várias cicatrizes profundas, que me fazem puxar uma longa respiração, ao me baixar, ficando de cócoras perto dela.

— Ei, está tudo bem... nada vai acontecer com você, ok? — digo, baixinho aproximando minha mão para tocá-la, mas depois a recolho, sem muito saber o que posso fazer. Seria o certo tocar... tocar em algo tão frágil a ponto de arrebentar?

Meu coração batendo loucamente no meu peito, não me dá outra saída a não ser mesmo que tremulamente, tocar o seu delicado bracinho branquinho, mas cheios de cicatrizes e eu sinto... eu sinto tanta dor nessa pequena criança que, por Jeová, eu não consigo respirar.

— Por favor – pede novamente e eu não consigo não fazer nada.

Agindo totalmente por impulso e completamente desajeitado, eu a pego nos meus braços e a embalo, deixando que sua pequena cabeça deite no meu ombro e quando ela descobre os seus olhos, suas mãos voam para o meu pescoço, onde o aperta forte.

Minhas emoções já estão mais conflituosas que eu jamais pude imaginar estar.

— Não me deixa sozinha... por favor... por favor – chora e se assusta, quando a porta é aberta e Cabeça adentra com um rifle apontado em nossa direção.

Essa atitude, esse gesto, fez com que o demônio destruidor dentro de mim gritasse de puro ódio. Ele está todo revoltado aqui dentro de mim... ele grita e esmurra todo e qualquer demônio que aparece na sua frente.

O meu lado mais sombrio está sendo posto em prova e eu não sei o motivo, mas eu sei que ele vai morrer se não baixar a porra desse rifle.

— Temos muito o que fazer e você aí servindo de ursinho para criança. Me poupe, caralho. Quase levo um tiro no meio do meu cu. Mata logo essa menina e vamos, porra!

Respira, Luciano, respira!

— Não! Por favor! Por favor! Por favor! De novo não, por favor!

Cabeça vai morrer, eu juro, Jeová.

Jeová receba-o e o deixe apodrecer em todos os seus pisos purificadores.

— Xiiii, vai tudo ficar bem, bebê – sussurro, apertando-a com meus braços, enquanto ela aperta o meu pescoço com os seus.

— Ou você a mata, ou eu mato.

Para ele, agora, eu lanço o meu pior olhar. Aquele que veio do meu mais profundo inferno, com a reunião de todos os demônios juntos.

— Você coloca esse dedo no gatilho e eu estouro a maldição dos teus miolos!

Capítulo 55

Um, dois, três.

Um, dois, três.

Um, dois, três.

Um, dois, três.

Levanto-me desse chão de cheiro insuportável, quando ela já está mais calma e me aproximo de Júnior com uma determinação completamente anormal dentro de mim, borrando a minha existência nesse local. Depois da ameaça clara dirigida a Cabeça, ele baixou sua arma, mesmo que a contragosto e logo, foi a vez de Severino entrar, sendo seguido por Nicolas, que ainda me encara chocado da entrada da casinha, que ao meu ver serve de manutenção para a piscina, a julgar pelos canos e tubos que tem por aqui.

O choro do bebê está alto, devido ao não sei o quê, mas logo Severino está seguindo até o fim do local e quando volta, é com ele nos braços, parecendo estar um pouco mais calmo.

— Meu primo – a pequena diz, com seus olhos brilhando com as lágrimas ali acumuladas. — Por favor... ele, ele não fez nada... por favor...

— Está tudo bem. Ele vem com a gente, ok? – falo e ela acena, balançando sua pequena cabeça e a deitando novamente no meu ombro, ainda mantendo um aperto forte no meu pescoço. — Júnior – o chamo, encarando-o e ele se aproxima, com seu maxilar travado, a respiração parecendo presa no meio da sua garganta e eu acho que me vejo da mesma forma. — Eu preciso de um favor.

Ele sorri minimamente e arqueia uma sobrancelha.

— Pegue a arma de um desses que está morto e acabe logo com...

— Eu já sei. Tire-a daqui logo – diz e eu sorrio, com uma gratidão que eu jamais senti por um outro alguém na minha vida, enquanto que eu seguia, bem atrás de Severino, que mantém o bebê nos seus braços.

— A casa está limpa? – pergunto a Nicolas e ele acena, seguindo bem ao meu lado, sem mais dizer uma palavra, o que me faz ainda mais em pânico, porque eu não sei o que fazer, perante uma criança frágil e indefesa... aliás, duas.

Onde eu fui me meter?

Assim, seguindo pela grama verde, só que nesse momento, em direção a uma porta da casa que acabamos de perceber, aqui pertinho da piscina. Sendo possível ser o local de onde eles saíram correndo com rapidez.

Suspiro, quando abro a porta e dela nenhum perigo sou capaz de ver, o que só me faz continuar a caminhar em frente, junto com ela que permanece firme nos seus braços. E o meu coração? Que não para de bater aceleradamente dentro do meu peito? Sem conseguir parar de ponderar no que diabos eu possa estar fazendo. Nicolas não diz nada e eu fico aqui, sem também, entender nada.

Porra, ele deveria estar me dando a desgraça de uma luz, não deveria?

Respiro fundo, avançando para dentro do casarão, continuando perdido, sem saber qual o próximo caminho que eu deveria seguir... poderia ir para o lado, para a frente, mas eu não sei.

— Onde você quer ficar, pequena? – pergunto, passando minha mão por seus fios loiros e lisos. Sua cabeça desencosta do meu ombro e ela traz belas esferas negras em direção a minhas, fazendo-me estancar no meio do caminho.

— Promete que não vai me deixar sozinha? Como minha tia e tio fazem? Promete que não vai deixar ela me levar, promete?

Suspiro, com meu coração batendo loucamente dentro do meu peito. Ela pede com tanta precisão e dor, que eu mal consigo puxar uma segunda respiração. Eu demoro a responder e eu sinto seus braços apertarem no meu pescoço, com a parte de cima da sua cabeça, pousando no meu queixo, com um apelo que... desculpa, vida fria e sem sentimentos, mas eu não consigo dizer não a esse pequeno serzinho inocente.

— Prometo... vai ficar tudo bem.

E pela terceira vez na minha vida, essa foi a promessa que eu realmente fiz com a verdade escorrendo por minha voz e existência. Isso sem dúvida alguma.

Ela suspira e eu sinto suas lágrimas pingarem na minha pele, fazendo um misto de coisas nublarem a minha mente, com somente uma coisa predominante, no momento:

Mantê-la a salvo.

— Vai ficar tudo bem, eu juro.

E eu prometi pela segunda vez, para a mesma pessoa, para a mesma criança, para a mesma coisinha abandonada, sozinha e frágil... sem nada e nem ninguém para ajudá-la e protegê-la. Por quantos dias, por quantas vezes, eu não roguei, orei e implorei aos céus, para que alguém viesse me salvar? Quantas vezes eu não estive na mesma situação que ela? Quantas vezes eu não pedi para que tudo ficasse bem e nunca ficou?

Eu chorei, eu implorei para que alguém pudesse me salvar, mas ninguém me escutou... ninguém me pegou... ninguém me aparou e eu precisava tanto... eu precisava com todas as minhas forças e nunca, nada foi capaz de me salvar de todas as maldades que me cercavam.

Nem uma mão amiga, nem nada.

Sempre sozinho, lutando para conseguir sobreviver a todos. Era como eu estava...

E algo aqui dentro de mim implora para que eu não dê o mesmo futuro para essa pequena menina, que só implora por um meio de salvação.

— Você jura mesmo? Mesmo mesmo? De dedinho? Jura que não vai me deixar? Você jura? — sua voz baixa está trêmula com a previsão de mais uma chuva de lágrimas, que não estou disposto a deixar cair.

Eu já estive no lugar dela... eu me vejo nela... eu não tenho vergonha de quem eu sou, mas eu não quero o mesmo futuro para ela. Eu não quero que ela sofra, como eu sofri... eu não quero.

— Juro que não vou — sussurro e ela agarra com toda sua força juvenil o meu pescoço, afundando seu rostinho ali. — Para onde vamos?

Ela suspira, virando o seu rosto de lado, ainda colada a mim.

— Podemos ir para o meu... quarto? — pergunta, apertando-se cada vez mais no meu corpo e eu suspiro, considerando que de maneira alguma, com uma guerra em curso como essa, nada mais poderia acontecer de outra forma... eu não poderia deixá-la sozinha com quem fosse... eu não sei.

Viajo o meu olhar para o de Nicolas e os encontro marejados, deixando-me ainda mais perdido que qualquer coisa.

— Severino? — o chamo e ele aparece bem na minha frente, para entregar o bebê à Nicolas, com uma pressa um pouco necessária demais.

— Crianças ficam longe de mim, não perto — diz, ao entregar o bebê com seus olhos se arregalando e a boca ficando com uma careta engraçada.

Agora, Nicolas está com os seus arregalados, enquanto tenta manter a criança de forma equilibrada nos seus braços. Isso me faz sorrir, porque o bebê está de olhos abertos, o encarando de maneira superconcentrada, enquanto seus pequenos bracinhos estão juntos.

— Eles são tão pequenos, Nicolas... tão frágeis... — paro de falar, quando o som de mais bombas sendo ouvidas aqui por perto, o que assusta o bebê, para logo em seguida, ele começar a chorar e a pequena nos meus braços, aumentar ainda mais o seu aperto no meu pescoço, o que me faz pensar de onde ela está tirando tanta força para isso.

Suspiro e pego meu celular do bolso, para ligar a Inseto, que me atende no segundo toque.

— Venha para o casarão de entrada liberada com piscina e... com alguns corpos na entrada — digo e quando ele confirma que está vindo, desligo, com mais um suspiro.

— Estou com fome... tanta fome... — choraminga, apertando sua cabeça contra o meu pescoço. — Juro que não estou mentindo... eu juro que estou sentindo fome... eu juro.

Estou sentindo que essa pequena criança esconde coisas que eu nunca poderia imaginar vindo logo de

uma criança que eu imagino ser filha dos donos dessa casa e a julgá-la, imagino que eles sejam bem ricos, então, não consigo imaginar um motivo para que ela possa se agarrar a um estranho, como eu, e ainda implorar tanto por coisas, ao mesmo tempo que se desculpa por coisas que ninguém a acusa. Ela está dando muito, sem ter ninguém a lhe pedir uma coisinha sequer. O que está me cheirando muito mal... muito mesmo, mas me pondo no seu lugar, quando estive nessa situação, decido por me aproximar da mesa enorme que vejo na sala de janta, para me sentar na ponta dela, com Nicolas bem ao meu lado.

Sem janelas e apenas duas entradas.

Qualquer surpresa será banhada com balas, isso é sem dúvida alguma a minha maior certeza.

— Xiii, bebê... – sussurra, sacudindo-o nos seus braços, o que me faz sorrir largamente.

— Você fica tão fofo deste jeito, papis – digo, recebendo um semicerrar de olhos de volta.

A porta de entrada é empurrada brutalmente e, rapidamente, estou levantando meu rifle com a única mão solta que eu tenho, quando a menina grita, com pavor derramando de sua voz.

— Bebê? Você me chamou? – suspiro, aliviado, por ser apenas Inseto, com Bomba e Fred o seguindo de perto.

— Venha até aqui, sem gracinhas – rosno, quando ela começa a chorar no meu ombro.

É um choro de medo, pavor e eu sinto isso por cada vibração sua, que passa do seu corpo para o meu, trabalhando mais uma vez, uma merda mais pesada que tudo aqui dentro de mim.

— Ui... – diz e ao me ver, arregala os olhos com a boca aberta em um “O”. — O que é isso?

Sorrio, com a sua pergunta idiota, ao mesmo tempo que Júnior rompe a cozinha como um trovão com o rifle em posição, mas quando observa as pessoas que estão aqui escancaradas esperando, ele para e apenas as observa, relaxado.

— Resolvi aquele negócio lá – diz e eu sorrio, somente para ele se desfazer no segundo seguinte, quando ela soluça no meu ombro, fazendo-me arregalar os olhos e repetir os movimentos de Nicolas com o bebê nos seus braços, até que ela se acalma.

— Obrigado – sussurro e ele acena, com um pequeno sorriso. — Você poderia preparar alguma coisa para eles dois comerem? Ela disse que estava com fome, então...

Ele sorri, acenando.

— Claro, posso sim – diz, sorrindo e logo, está virando em seus calcanhares, indo para a cozinha, logo em seguida.

— Quem é essa criança, Luciano? – Inseto pergunta, observando-a com os olhos semicerrados, enquanto ela me aperta cada vez mais.

— É o motivo para que você, junto a Bomba e Fred, protejam essa casa, porque se algo acontecer com ela, eu mato todo mundo, sem me importar quem está ou não do meu lado – rosno, sentindo algo fora

do normal crescer no meu peito, enquanto meu coração palpita cada vez mais forte aqui dentro.

Eles acenam e sem perguntar mais nada, se adiantam para a frente da casa, posicionando suas armas para fora da enorme janela que está ali de plantão, somente a espera deles para construir um vidro defensor.

— O que a gente vai fazer? Vamos deixá-los aqui, enquanto voltamos? – Nicolas pergunta, enquanto continua sacodindo o menino nos seus braços.

— Eu aconselho a não fazerem isso... a qualquer momento podemos ser surpreendidos por uma tropa que possa invadir o lugar e fazer do mesmo cinzas... então...

— Ok, eles vêm conosco – digo, sentindo-a se agitar novamente, vendo o olhar completamente incrédulo de Nicolas.

Não demora muito e logo, Júnior está trazendo em uma mão, um prato com o que imagino ser sopa e no outro, uma mamadeira cheia de leite. Se aproxima de mim e coloca o prato na minha frente, fazendo-me ter a constatação final que realmente é sopa. Ao depositar, ele se aproxima de Nicolas, depositando a mamadeira, em cima da mesa e se preparando para retirar o seu colete.

— Me dê ele, pode deixar que eu o faço – diz e mesmo com hesitação, Nicolas o entrega o bebê, que o acolhe com tanto cuidado que penso que essa não deve ser a primeira vez que ele pegou em um bebê...

Nicolas levanta, dando o lugar para Júnior que se senta, com o bebê nos braços e me encara.

— Você precisa dar a ela, para que ela possa comer – diz, olhando-me como se eu fosse um ser bizarro.

E eu observo, quando ele experimenta do leite, colocando um pouco na mão e o provando, depois de fazer uma careta, aproxima-o dos lábios do bebê, que o suga como se sua vida dependesse disso.

Jeová...

— Quando eu era mais novo, eu precisava fazer comida para o meu irmãozinho e dar a ele... ele era um bebezinho assim. Eu dava banho, alimentava, cuidava tanto – ele sorri, mas depois o mesmo sorriso morre –, mas a nossa genitora me separou dele. Agradeço todos os dias por ele ter um futuro melhor que o meu e de ter uma família. Um pai que ama, uma mãe que o idolatra, uma avó que o mima, irmãos que o apoiam, assim como a esposa.

Ele sacode sua cabeça, observando o pequeno bebê.

Agora, isso é mais compreensível.

— E eu concordo com esse cara. Eles não vão estar em um lugar mais seguro do que perto de vocês dois. Aconselho a providenciarem logo alguns coletes mirins, para que possam protegê-los.

Sacudo minha cabeça, tomando a decisão mais viável para o momento.

— Vamos direto pelo cano. Não vamos fazê-los correrem tanto perigo – digo, tendo logo em seguida

a concordância de Nicolas.

O que me faz suspirar.

— Severino, você...

— Claro – diz, sacando o seu celular do bolso e se afasta do ambiente, indo diretamente para a cozinha.

Suspiro, passando minha mão pelo seu cabelo loiro, tirando a terra que está ali.

— O tio Perverso, fez sopa... você quer? – pergunto e ela desgruda a sua cabeça do meu pescoço, olhando na direção do prato, depois se volta para mim.

— Você não vai? – pergunta, com os olhinhos cheios de lágrimas e um lado meu se parte, vendo -a sofrer tanto como está agora.

— Eu prometi, lembra? – pisco e ela acena, soltando, devagarinho o meu pescoço para se virar no meu colo, aproximando-se da mesa para pegar a colher e levá-la aos seus lábios.

— Assopra para não se queimar, tá? Quer um pão? – pergunta Perverso, e seus olhinhos vão na direção dele, encarando-o com atenção por alguns segundos, até que ela balança sua cabecinha negativamente, fazendo-o sorrir.

Volta sua atenção para a sua comida e a devora, como se estivesse passando dias sem comer nadinha, um pouquinho que seja. Essa constatação faz com que um ódio descomunal surja dentro de mim. Que Jeová tenha piedade da alma que eu pegar responsável por isso.

— Você daria um ótimo pai, Luciano – Perverso diz e eu arregalo meus olhos, observando-o com uma careta.

— Você é o meu papai? – ela pergunta, fazendo-me franzir a sobrancelha.

— Aquele homem que estava com você não era o seu pai? – questiono, pensativo e ela sacode sua cabeça.

— Ele é meu tio... e a outra, minha tia...

Mas eram duas mulheres, que eu lembro bem.

— E a outra? Não eram duas? – Perverso pergunta e ela se vira para ele.

— Ela... – faz um pequeno bico e solta a colher, juntando suas duas mãos. — Ela não era minha mamãe. Ela disse que não tenho uma mamãe, nem um papai – sua voz está fraca e isso me faz puxar uma longa respiração, passando minha mão pelo seu cabelinho loiro.

— Bem, eu acho que não por muito tempo – diz Júnior, sorrindo largamente, enquanto eu suspiro.

De todas as crianças no mundo, por que elas e por que agora? Teria uma explicação para isso?

Malaquias poderia estar armando mais uma? Sim, eu aposto que ele está e esses dois bebês aqui, não são uma pura coincidência... não podem ser.

Sem pai e sem mãe... em um território em que Malaquias comanda... essa história está me parecendo muito similar à minha.

Malaquias... o que diabos você está fazendo?

Capítulo 56

Mais ou menos, três horas mais tarde, os coletes chegaram até aqui, enquanto a pequena menina chorava e chorava, quando se assustava com os estrondos que estavam se passando do lado de fora da casa. Inseto tentava impedir a entrada de homens, mas em algumas ocasiões foi quase impossível de se acontecer.

Então, eu pensei. Se tem uma forma de passar por tudo isso, sem fazê-la sofrer tanto com o que podemos passar de surpresas no local, é fazendo com que ela dormisse, enquanto ela estivesse na proteção do meu peito, ouvindo música no meu celular. E foi o que eu fiz.

Dei um calmante para ela, que encontrei em cima do seu balcão, cheio de roupas jogadas de qualquer jeito e... uma faca afiada, manchada de sangue, que eu não faço e nem quero fazer, ideia de onde aquilo estava passando.

Suspiro, sentindo-a calma aqui no meu peito, enquanto meus homens estão me cobrindo, ao tempo que vamos rapidamente em direção ao enorme cano escondido, que Malaquias usa para sair sempre que quer passar despercebido de todos.

Malaquias está fazendo planejamentos demais, ele pode estar refazendo outras máquinas fodidas de matar e isso não está me agradando muito. Aqui dentro do meu inferno, com meus demônios reunidos, eles debatem, enquanto eu tenho a certeza de que eu não sou o único que foi desgraçado por um homem tão retardado como Malaquias. Com a ambição dele em cena é óbvio que ele não poderia deixar de mais planejar e planejar para que, se um desse errado, o outro claramente estivesse a postos para tomar o seu lugar.

Bem, e agora, acabo de descobrir que eu errei... mesmo depois de anos planejando isso aqui para acontecer, mesmo tendo que derrubar uns, para colocar outros, tendo de esperar os momentos em que Malaquias iria cair nas minhas armadilhas... tão pacientemente. Eu errei e errei feio em acreditar que eu poderia ser o único.

É de se imaginar que ele poderia fazer isso, sim...

E, é por isso, que eu me viro para Nicolas, vendo que ele carrega o bebê no seu peito como se fosse a coisa mais importante da sua vida e isso me faz suspirar. Se isso for coisa do Malaquias, por Deus, eu vou acabar com tudo que ele mais ama e na altura dos seus olhos. Isso é certo e por completo.

— Nicolas... eu preciso que você me responda uma coisa – digo, aproximando meu corpo mais do dele, vendo que Inseto está atento com sua arma para cima, assim como Bomba e Fred, que chamaram mais dez homens para ajudar na nossa segurança com as crianças.

— Claro... o que é? – pergunta, voltando seu olhar para o meu com certo estranhamento.

— Antes de mim, você treinou mais alguém? – pergunto, o escutando suspirar.

— Sim, treinei uma tropa do Malaquias e mais alguns por fora... que fazem segurança aqui e o que mais acho estranho, é que eles não apareceram ainda. Isso me leva a pensar que... eles possam estar no mesmo local para onde estamos indo.

Suspiro, tomando uma longa respiração, ao tempo em que paro. Seria divertido ir até lá e matá-los, porém, temos duas pequenas vidas para proteger... não posso colocar suas vidas em jogo.

— Estamos dando meia volta, rapazes! – grito e assim eles o fazem, virando-se ao meu comando, assim como foram treinados para serem.

Meus homens.... oh, meus homens.

Sou foda.

Eu que os treinei.

— Para onde, Luluzinho? – pergunta Inseto, fazendo-me sorrir.

— Diretamente para a casa de Malaquias.

Ele acena e nós caminhamos, passando por cima de corpos mortos, que não são de nenhum dos que trouxemos conosco, o que me deixa feliz, mas por pouco tempo, depois que nos deparamos com uma troca direta de tiros logo à nossa frente, sendo preciso que a gente procure abrigo em uma mureta de uma das casas. Meu olhar viaja para dentro da mesma e por seu vidro transparente, vejo uma cabecinha que não me é desconhecida. O dono dela está caminhando de lá para cá, com estranhamento claro nas suas feições, enquanto que outro se aproxima dele.

— Júnior? – o chamo e ele desvia sua atenção para mim, olhando primeiramente para a pequena loirinha segura no meu peito, pelo colete em forma de saco... aqueles que muitas mães usam para carregar seus filhos e que não sei o nome, mas ele está deixando-a bastante segura no meu peito, com suas perninhas ao redor da minha cintura e a cabeça repousando no mesmo por questão de minutos, porque vez ou outra, ela a derruba para um lado e outro, o que me força a parar para estar arrumando-a. — Ronaldo não estava no teu território?

Ele franze sua sobrancelha e logo uma careta pode ser vista no seu rosto, o que me faz sorrir.

Volto minha atenção, vendo mais alguns rostinhos que vi na festinha que Felício me levou. O mesmo velho que me encarava com atenção está aqui, assim como o maldito Jubileu, aquele que atirei no joelho, mas ele já era de se esperar, já que trabalha para Malaquias, mas de uma coisa eu tenho certeza, para estar aqui ele deveria ter passado antes por mim.

Outro furo... esse mais suspeito que tudo na minha vida.

Ronaldo está com sua mão no ombro de Jubileu, enquanto sorri de alguma coisa. Ele não notou que eu o observo, o que o torna ainda mais inútil e idiota.

Droga! Como eu pude deixar isso passar, caralho?

Não poderia ter deixado seu olhar amedrontado passar despercebido...

Olhar amedrontado...

Tem porra nesse angú, estou sentindo isso.

— Júnior, pode pegá-la? – pergunto, encarando-o com um pequeno sorriso.

Não é o que quero, mas é o que é preciso.

— Não, Luciano. Ela não estará segura comigo. Você é o único capaz de dar a segurança que ela precisa. Você e Nicolas – ele diz, com um sorriso seguro nos lábios e eu suspiro.

Precisava disso mesmo.

— Cobre meus dentes, então – digo e ele acena, sorrindo. Volto meu olhar para Inseto. — Cobre minha bunda.

Seus olhos se iluminam, quando ele se põe em pé seguidamente de Perverso, que caminha com seu rifle na frente do seu corpo. Paramos em frente a porta de entrada, quando o primeiro tiro é escutado, o que me faz olhar rapidamente para trás, onde Nicolas está e é quando eu vejo que Severino o cobre com sua pistola em mãos, rebatendo a afronta.

Coitadinho desse que atirou nele.

Vai sofrer tanto...

Volto minha atenção para a frente, quando Perverso empurra a porta, abrindo-a com um baque e atirando logo em seguida nos que aparecem do alto da escada, mirando suas armas para nós. Levanto meu rifle, o apoiando no ombro de Júnior e o aponto para Ronaldo, atirando em uma mão e depois na outra, seguindo o mesmo passo para Jubileu e o velho, não dando oportunidades para que um golpe possa ser rebatido na nossa frente.

Ótimo.

— Jubileu, Jubileu... onde foi que nossa parceria acabou? Quando? Ficou magoado pela bala no joelho ou foi na perna? Que feio, Jubizinho – escuto o riso de Inseto bem ao meu lado e logo vejo lágrimas escorrerem dos seus olhos, borrando sua bochecha e então, eu faço um bico. — Não vai me responder? O que me diz, Ronaldo? Estão obedecendo a quem, agora?

Eles trocam olhares com mais lágrimas escorrendo dos seus olhos, quando minha mira vai para a sua perna descoberta, já que ele usa uma bermuda e então, atiro, escutando mais gritos sair por seus lábios.

— Eu só quero um nome, Jubileu... não vou te matar, querido, mas eu vou fazer da tua existência um inferno e você sabe, então abre essa boquinha, vai.

Seu maxilar está trêmulo e sua respiração está presa. Grande frescura. Até parece que eu não dei um

tiro no seu joelho um dia desses.

— Lince... trabalhamos para ele e Malaquias... recebemos ordens dele agora.

Sorrio, acenando, buscando na minha mente esse nome e não consigo encontrar um local em que eu possa ter escutado esse nome, mas se eles recebem ordens dele, então, ele é algo que Malaquias considera de muita importância.

— Obrigado por cooperar tanto comigo, fofo – pisco um olho para ele e volto a mirar em sua cabeça, atirando na mesma para logo em seguida fazer o mesmo em Ronaldo e no velho.

Ronaldo teve a sua chance, quando eu fui em sua casa e ainda poupei a vida do garoto e da mulher que estava lá com ele, mas agora ele nada mais tem. Ele não aproveitou a mão que eu dei, agora que curta o purgatório lotado de almas, que estou mandando para meu amigo Jeová.

— Vamos, queridos.

Fechando a porta saímos vendo que Fred, Bomba, Severino e Nicolas, estão em pé nos esperando com clara impaciência nos seus olhares, o que me faz revirar os olhos, ainda com um mar de pensamentos rondando a minha mente.

Lince...

Lince...

Não, eu nunca ouvi falar, mas meu querido pai com certeza deve conhecer. Posso até apostar isso.

— Lince – digo, ao chegar perto o suficiente de Nicolas para que ele possa escutar o que digo e eu vejo quando seus olhos se arregalam e ele puxa uma longa respiração, com surpresa banhando sua feição e a palidez borrando o seu rosto. — Você conhece, não é? Você o treinou, não é? Quer apostar quanto, como ele é teu filho também?

Palhaçada, Malaquias. Filho da puta!

— Que porra...

— Vai ser uma porra maior, quando estivermos frente a frente com ele. Ou você acha essas duas crianças aqui são apenas coincidências? Não mesmo, fofo. Não mesmo. Isso aqui faz parte do plano dele. Talvez ele pensasse que eu iria matá-la ou matar o irmão. Aposto que aquela tia maldita, iria voltar para buscá-lo ou buscá-la. Aposto! – rosno, encarando-o.

Nada mais foi dito depois disso, porque ele estava apenas perdido demais nos seus pensamentos e eu agradei por isso. É bom mesmo que ele reflita e pense em quantos mais Malaquias fodeu da cabeça, porque tenho certeza que eu não fui o único, nem o primeiro nem o último, mas eu fui aquele que deu errado.

Descobertas, descobertas...

Ao avançarmos, fomos observando a quantidade de homens que estão mortos ao chão, o que me faz

ponderar um pouco, se não exagerei na quantidade de homens que planejei, até porque eu pensava que eram preciso pelo menos vinte, para combater um dos que foram treinados por Nicolas e que estariam por aqui.

A cada metro avançado, mais homens mortos são vistos com o acréscimo do silêncio que está tomando conta desse local e eu não gosto disso.

Porra louca da desgraça... eu não gosto disso.

E é ao meu aproximar de uma casa em especial, essa que não é muito grande, nem tão pequena, vejo que a movimentação ali dentro está bem animadinha, o que me faz perceber onde é que estavam alguns dos meus homens... briguem, meus mosquitos... briguem muito, matem muito... adoro!

Sorrio, quando corremos para avançar, afastando-nos desse local em especial. E a cada passo à frente, a cada passo mais próximo à Malaquias, mais o meu coração bate mais forte... mais tudo que existe dentro de mim se acelera e a felicidade me sobe, com a certeza de que a minha vingança está chegando.

— Severino, faça comunicação com os homens que estão no cano... veja quantos estão vivos e caso seja em minoria, ordene para que o filho do Cabeça venha até a casa de Malaquias e que traga consigo o meu carro de som, por favor...

— Crianças... dormindo... carro de som? Você está louco? – pergunta Júnior, fazendo-me suspirar.

Ele tem razão e isso me faz suspirar.

Ai caralho.

— Mande-o vir e trazer consigo os homens que ficaram por lá... logo.

Ele acena e saca o seu celular, fazendo o que mandei. Nós continuamos andando e nos aproximando cada vez mais da casa dele, até que o seu jardim de flores está ao alcance dos meus olhos. O mesmo jardim que o seu companheiro tanto ama regar todos os dias, nas suas primeiras horas matutinas, enquanto Malaquias fica do seu escritório o observando com um sorriso nos lábios e um brilho apaixonado nos seus olhos.

Para quem muito fala que paixão traz fraqueza, ele foi pego em cheio, não é mesmo?

O que mais me traz estranhamento é o fato de que na entrada não existe uma frota de homens armados até os dentes. Na verdade, até tem, mas estão todos... eu realmente quero dizer todos, mortos com todas as suas roupas manchadas de sangue, assim como o chão de terra.

E eu penso um pouquinho que... poxa, chegaram aqui antes de mim, porra?

Que safadeza foi essa que aconteceu aqui, Jeová?

— Eu acho, Luciano, que esse tal Lince chegou bem antes que você – Júnior diz, fazendo-me balançar minha cabeça negativamente.

— Se ele fosse tão bom assim já estaríamos mortos, querido.

Passo a passo, estamos pisando no solo dele, no mesmo local em que ele mora e está no meu aguardo para que eu possa dar a ele... o seu destino. Aquele que eu tracei para ser seguido.

Passando por cima dos homens mortos ao chão, nós passamos pela porta aberta da entrada e então, eu suspiro por tudo estar fácil demais.

— Ratinhos? – chamo com um tom cantante, fazendo Fred sorrir. — Ratinhos... apareçam...

— Tenho medo quando ele faz isso – Bomba sussurra e eu sorrio alto, pisando mais à frente com Júnior cobrindo-me.

Eu puxo uma longa respiração, quando vejo mais homens mortos no seu chão, assim como coisas e mais coisas quebradas, como se aqui tivesse uma droga de uma luta bem emocionante e eletrizante... que eu perdi.

Eu perdi a luta.

Meus demônios se entristecem, junto com o meu interior por essa perda tão esmagadoramente esmagadora. A julgar os homens mortos, esses que pelo que posso contar, alguns dos que bem reconheço serem treinados por mim e...

Put da desgraça.

Eu não os trouxe comigo.

Respiro fundo, empurrando Júnior mais para frente, deparando-me com uma imagem que quase faz o meu coração parar. Se antes minhas mãos estavam tremulas, agora não sei bem dizer como estão, porque é o triplo daquilo tudo, misturado com o pavor, que corre livremente aqui dentro de mim.

Essa, essa é a imagem que eu nunca desejei ver na minha frente e na minha vida.

Malaquias, Eve, Diego, Help e o maldito companheiro de Malaquias.

— Que porra!

Capítulo 57

Estou completamente paralisado com essa imagem na minha frente.

Eu não tinha deixado essas duas trancadas naquela droga de Hotel? E esse maldito no controle das câmeras, para que elas não fossem reativadas?

Júnior se afasta da minha frente, quando eu preciso dar um passo à frente, com meu corpo todo gelado e o meu organismo todo em pânico. Eu preciso me sentar, preciso.

E é por isso que procuro o sofá mais próximo de mim, enquanto sou acompanhado por seus olhares, junto com o de puro pânico rondando o meu organismo, misturado com a surpresa. Não sei qual dos dois é mais forte, porque estão disputando seus poderes aqui dentro de mim de uma forma que eu jamais, em toda a minha maldita vida, seria capaz de compreender, levando-me a concluir que ambos estão no mesmo nível.

Malaquias, o desgraçado que desgraça a vida dos outros está sentado em uma maldita cadeira de madeira, amarrado na mesma com as suas duas mãos para trás, sendo da mesma forma o seu maldito companheiro. Diego está com seus olhos arregalados, intercalando-os das duas mulheres para mim.

Bem, o que dizer dessas duas mulheres aqui. Uma, Help, está apontando um rifle para a cabeça do tal macho do Malaquias. Agora veja, quando eu poderia pensar que uma coisa dessa poderia vir a acontecer? Help... eu sei que essa mulher pode sim ser destruidora com uma pistola, mas com um rifle? Por que, Jeová?

A outra é Eve, a mulher que me seduziu, me enfeitiçou e me deixou apaixonado por ela, está com uma pequena pistola apontada para a cabeça de Malaquias, esse que parece muito assustado ao mesmo tempo em que seu olhar cheio de pânico varia de uma para outra, enquanto que eu fico aqui pensando, Jeová... O que é que está acontecendo na minha vida?

Eu vivi uma vida desgraçada, desde que eu era um bebê, como esse que Nicolas carrega no seu peito. Eu tive que lutar para conseguir até água para beber. Eu tive que me virar sozinho... até que eu fui para o maldito hospício, onde a mulher que se dizia minha mãe, achou que eu, um adolescente cheio de merda no cu, teria que ter um acompanhamento psiquiátrico, mas disso eu sei bem que faz parte de um plano desse velho maldito e desgraçado que está amarrado nessa cadeira.

Então, eu tive que ser torturado, eu tive que aprender a lutar para servir a ele e quando meu diploma de assassino nada psicopata me foi dado, tive que ir em busca do meu mestrado. Onde já se viu, Jeová, um assassino nada psicopata tendo que receber um mestrado em assassinatos psicopatas? Fui em busca disso sim. Passei oito anos dentro de uma cadeia de segurança máxima, onde esse maldito estava também. Quando cheguei ao meu último período de muita desgraça e mais morte, lá estava o tão esperado

Malaquias. Naquele momento, o meu nome já estava correndo por seus ouvidos, então o momento que ele teria de me entregar de bandeja meu papelzinho de mestrado e tão aguardado chegou, com ele me tirando dali para que eu pudesse seguir com os seus negócios, recebendo suas ordens e o caralho todo que ele pudesse me despejar.

E então, foi o momento de começar o meu doutorado. Ora, que assassino mais bem incorporado e estudado, Jeová. Aqui, hoje, seria o dia da minha tão esperada conclusão desse doutorado, apresentando a minha mais elaborada série de mortes e torturas, mas, Jeová, a vida é muito louca. Parece que não, eu sei, mas ela é. Cheia de imprevistos.

Em um momento, eu estava preparado para dar fim em todos esses moradores aliados de Malaquias bem de perto, quando um contratempo apareceu. Menos um ponto. Dois bebês caíram como uma luva nas minhas mãos. Uma, implora por proteção e eu me neguei a dizer:

“— Não, eu não vou te dar, sabe por quê? Porque eu sou frio, calculista, no meu dicionário não existe esse negocinho de proteger meninazinha remelenta e chorona. Não...”

Isso nem ao menos passou pela minha cabeça, Jeová. Pelo contrário, eu só pensei em fazer o que ela pedia e implorava, porque em cada lágrima que escorria daqueles belos olhos negros, eu via dor, eu via sofrimento, eu via abandono, eu via Luciano Monteiro. E, então, eu a peguei e eu a dei o meu colo, eu a dei o que me foi negado.

Jeová, agora, eu me considero incapaz de soltá-la.

Eu poderia, agora, perder o meu mestrado em assassinato psicopata?

Poderia?

Saco meu celular do meu bolso e ativando os meus dados móveis, digito na barrinha de pesquisa a palavra “psicopata”. Vamos ver o que ele me diz, Jeová? Vamos.

A resposta não demora para a aparecer e, é a seguinte:

“adjetivo e substantivo de dois gêneros

que ou aquele que sofre de psicopatia.”

Não me respondeu o que eu queria saber. Então, vamos lá, para psicopatia... qual o significado dessa palavra, Google?

“substantivo feminino

PSICOP

1. 1.

distúrbio mental grave em que o enfermo apresenta comportamentos antissociais e amorais sem demonstração de arrependimento ou remorso, incapacidade para amar e se relacionar com outras pessoas

com laços afetivos profundos, egocentrismo extremo e incapacidade de aprender com a experiência.”

Antissocial? Eu? Jamais.

Sem demonstração de arrependimento e remorso? Com as vidas que tirei? Não, não tenho arrependimentos.

Incapacidade para amar? Eu? Obviamente que isso não bate, até porque Eve veio para provar isso aqui.

Egocentrismo extremo? Extremo não, né? Em partes, pode até ser...

Incapacidade de aprender com a experiência? Definitivamente não.

Posso ser um psicopata? Com certeza que não, porém vou manter meu mestrado e doutorado bem em pé e em dias, Jeová.

Baixo meu celular, depositando-o no sofá e volto a encarar Eve.

Eu a deixei trancada naquela droga de hotel de luxo, que é de se esperar que a droga da fechadura seja a melhor possível. Então, como diabos essas duas saíram de lá? Com um grampo? Aquela droga não é tão segura, como imaginei...

— Silêncio é uma coisa que eu não aprecio muito – diz Inseto, com um sorriso enorme nos seus lábios, ao se aproximar de mim.

Ele se senta ao meu lado e eu continuo a observá-la com intensidade, que me devolve com o seu maxilar travado e o rosto vermelho, como se estivesse com muita raiva.

Onde eu errei, Jeová? Me diz!

Onde eu errei?

Eve não era uma patricinha que se divertia destruindo corações? O que mudou em três horas, Jeová? O que foi?

— O que é? Por que me olha assim? Pensou que eu não seria capaz de vir até aqui? – ela pergunta com um rosnado e eu aceno, positivamente, porque é a verdade.

Rica e stripper. O que uma pessoa assim sabe de como manusear uma arma? Ou invadir um local como esse cheio de homens armados para matar?

— Pensa que não posso apertar esse gatilho e matá-lo? – ela rosna e eu volto meu olhar para a sua arma, vendo-a travada.

Jeová, seria viável me ajoelhar aos pés dessa mulher? Eu poderia beijá-la até o fim dos meus dias?

— O que é, Luciano? Eu posso matá-lo, sim! Você pensa que eu não sou mulher o suficiente para enfrentar tudo do teu lado? Pensa?

Jeová, o que de bom eu fiz nessa vida para merecer essa mulher? Eu só desejo saber isso nesse momento.

— Eu não penso nada disso, meu amor – falo, ainda a encarando até que meu olhar se desvia para a pequena que se remexe no meu peito, ainda sonolenta virando sua cabecinha de um lado para o outro.

— Nicolas? Quem é esse bebê? E essa menina com Luciano? – Help pergunta, se afastando do companheiro de Malaquias, que suspira pesadamente, quando ela vai em direção ao seu amado, tirando o rifle do seu alcance.

Malaquias está encarando a arma que Eve ainda mantém segura na sua direção dele.

— Bem, madrastra, isso é o que queremos saber também... fala, Malaquias...

Ele sorri, desviando sua atenção para mim.

— Sabe quem é ele? – pergunto, apontando para Severino.

— Luciano! Não me ignore! – Eve rosna, apertando a arma nas suas mãos. — Você entende que se eu quiser, eu posso sim, matá-lo?

Aceno positivamente, completamente enfeitiçado por sua iniciativa. Então quer dizer que ela veio até aqui, está com uma arma nas suas delicadas mãos perigosas, somente para me provar que pode me seguir nessa vida de matança e crueldade?

— Você pode deixar isso, amor. Eu sei que você pode fazer o que quiser – digo, mantendo minha voz normal, quando ela semicerra os olhos, ao me encarar. — Porém, não precisa matar um bosta como esse, para me provar que pode fazer parte da minha vida, porque você já faz e há bastante tempo.

— Então, por que me deixou lá sozinha? Naquele hotel? – rosna, apertando os seus lábios, fazendo com que Inseto ria alto. — Eu vou matá-lo para você ter a certeza de que eu posso sim participar disso.

Suspiro, com meu interior todo rodeado de frio e surpresa, com esse impacto todo correndo por dentro de mim.

— Meu amor, veja só, estamos esperando por esse dia há anos e...

— Eu ainda posso matá-lo – diz, com seu olhar feroz.

— Ok, entendi seu ponto. Está provado que você pode ver quem quer que seja sendo morto... entendi. Venha aqui, segurar a bebê, enquanto eu tenho meu momento chave, ok?

Ela semicerra seus olhos ainda me encarando com atenção, sem mexer um músculo.

— Ela me fez matar Fátima – Diego sussurra, fazendo-me arregalar os olhos. — Na frente dela. Olha, Luciano, eu amo meu trabalho, mas por favor, me deixe bem longe delas duas, ok?

As risadas que rompem o ambiente são tão grandes, que eu não consigo não sorrir.

Não posso crer que isso está acontecendo, Jeová.

— Eu só me afasto dele, quando você disser diante a todos o que realmente sente por mim. E depois, quero que diga lá naquele maldito lugar de onde você matou o dono ou mandachuva, sei lá! Diga para todo mundo. Diga – arqueio minha sobancelha, sentindo esses ataques sendo dirigidos com tanta força na minha direção.

— O que você quer que eu diga?

— A verdade. Quero a verdade.

Ela está séria, quando profere cada palavra na minha direção e eu não poderia estar mais confuso durante minha vida toda. Por que ela está tão raivosa assim?

— Eu gosto... na verdade, eu estou apaixonado... não, eu amo você. Eu acho que isso se encaixa perfeitamente para o que eu sinto. Eu realmente amo você – digo, olhando somente para ela, vendo que ela baixa seu braço e abre um enorme sorriso nos seus lábios, encarando-me.

— Eu já sabia... é recíproco, amor – ela diz, piscando um olho para mim e depois se aproxima de Help, entrega a arma que segurava, para então se aproximar de mim com o sorriso ainda enorme e belo ofuscando uma porra bem louca aqui dentro de mim.

Confessar em voz alta, fez com que uma porta dentro do meu inferno se abrisse, para que um outro demônio entrasse. Esse é grande, ele sorri sempre, ofuscando todos os outros cheios de maldades dentro de mim.

Ele poderia ser um anjo? Ou uma outra entidade? Por que nada parece com os demais?

Quando ela afasta Inseto do sofá para que ela possa sentar, é como se ele tomasse mais tamanho, mais cor, mais forma e ficasse cada vez mais belo, deixando assim meu inferno mais bonito. Ela me beija e eu fecho os meus olhos, para apreciá-la com todos os meus níveis de quenturas e adoração.

— Também te amo, viu? – ela me diz, ao sorrir, olhando nos meus olhos. — E não me tranque contra a minha vontade novamente, porque serei obrigada a fazer coisas, para que assim, você aprenda a não repetir seus atos loucos.

Eu sorrio e a menina no meu peito se remexe novamente, estendendo suas mãos no meu peito, mas apenas suspira sem abrir os seus olhos.

— Vamos resolver isso mais tarde – digo e ela acena, sorrindo.

— Eu disse... fraco... por isso queria matá-la, ela o deixou um maricas – escuto a voz amarga de Malaquias e então o encaro.

— Você não está em posição de dizer nada, infeliz – diz Severino, encarando-o com toda a raiva que existe dentro do seu corpo.

— Fred, mande providenciarem soda cáustica e ácido de limpar piso... veja se na lavanderia dele já não tem, por favor. Busque uma faca e as banhe com pimenta, sal e álcool, ok? Faça isso com as duas.

Depois, dissolva a soda e a misture com o ácido, vamos dar um banho no meu antigo papai... – sorrio, vendo que ele arregala os olhos, prendendo mais uma vez sua respiração. — Perdeu as palavras, foi? Ótimo. Lince... Lince... Lince... Lince... Lince – testo o nome nos meus lábios, vendo que ele arregala os olhos mais uma vez.

— Você não...

— Corta esse discurso de que eu não posso te matar. O contrato de pele que você fez comigo, não é válido. Não fui treinado para obedecê-lo e Nicolas... bem, Nicolas já conseguiu tirar isso da mente – ele, mais uma vez, arregala os seus olhos com pequenas gotículas de suor banhando sua testa. Ele está nervosinho, olha só.

Sorrio, observando com adoração quando seu companheiro começa a chorar bem ao seu lado.

— Quem é ele, Malaquias?

— Eu? Eu sou o cara que o teu estimado amado planejou para matar tudo que ande e se mova, sem dó, nem piedade, nem nada, mas ele esqueceu que eu não sou um bicho irracional, mesmo que ele estivesse com a intensão de me tornar um – digo, encarando-o com seriedade, vendo que toda a cor some do seu rosto. — Mas sobre isso ainda vamos conversar muito, querido. Vou te contar tudinho, do começo até o fim, assim como Nicolas, que é irmão dele e foi separado da sua família quando era um adolescente, para virar um bicho pronto para matar quem quer que o pai dele mandasse. E Severino que perdeu sua família e ainda teve que pagar por algo que ele não cometeu, indo para uma prisão de segurança máxima, aprendendo dia após dia, da maneira mais difícil a como sobreviver ali dentro. Então, fofo, temos muito a conversar sim.

— E pelo que podemos perceber, ele está querendo fazer o mesmo com essas crianças. Sabe? Eles são filhos de quem, irmãozinho? – Nicolas pergunta, sorrindo, enquanto desafivela o colete devagar, para desgrudar o menino do seu peito. E quando termina, o entrega para Help que o acalenta nos seus braços. — Ou você quer que eu te faça falar, enquanto eu tiro toda a merda que tem dentro do teu rabo... na frente do teu amado?

Nicolas sorri, quando ele entreabre sua boca para falar, mas nada sai.

— Vou matar o teu queridinho várias vezes na tua frente, você vai presenciar toda dor que ele vai sentir... vai presenciar enquanto eu retiro suas tripas, para logo em seguida, fritá-las na tua frente. Sabe o que vai acontecer depois? – ele diz, baixando o seu tom de voz, ao se aproximar mais de ele. — Você vai comê-lo, porque estará com fome demais para não aceitar.

Sorrindo, afasta-se, virando-se para Severino que toma a frente com um sorriso completamente vitorioso.

— Faço questão de queimar cada pedacinho de pele tua, enquanto você grita e grita e grita e grita, assim como você fez acontecer com minha mulher e filho. Você vai chorar como aquela garotinha chorou hoje e você vai implorar por segurança e proteção, como Luciano já implorou e eu vou fazer o que você planejou para ser feito com ele. Eu vou te dar a porra da dor, novamente e novamente.

Sorrio alto, jogando minha cabeça para trás.

— Temos todo o tempo do mundo – digo, sorrindo alto e ele engole em seco. As lágrimas escorrendo por seus olhos.

— Lince é filho de Nicolas – sussurra, arregalando os seus olhos. — Você podem fazer tudo isso, mas nada vai tirar o que eu fiz com vocês. Eu vou sofrer, mas eu não vou durar um dia mais vivo – gargalha alto, para logo olhar para cada um de nós nos olhos. — Enquanto vocês vão viver com a merda toda que eu fiz para cada um de vocês. Nunca irão me esquecer. Nunca irão... Nunca!

Nicolas se vira, ficando frente a frente para ele.

— Você, grande desgraçado, me fez acabar com a vida de outro filho? Quantos mais? Fala!

Malaquias gargalha alto, cozinhando toda a liquefação infernal e fervente aqui dentro de mim.

— Teus filhos? Foram... deixe-me contar... – parecendo pensativo, ele olha para o teto, enquanto começa a dizer nomes. — Primeiro soube de Luciano, o menino que eu estava começando a apostar minhas fichas, mas minha surpresa só foi maior quando mais duas prostitutas apareçam na minha porta dois meses depois, grávidas, assim como a prostituta que carregou Luciano. Ou você já esqueceu a quantidade de mulheres que trepou naquela noite?

As mãos de Nicolas estão tremulas, os seus olhos estão vacilantes e é questão de segundos para ele explodir... eu sei disso.

— Segundo, veio o menino Lince, o sucessor de Luciano, tão fodido, quanto ele... – ele ri, sacudindo sua cabeça. — E depois nasceram um casal de gêmeos. Você fodeu todos eles e nem ao menos sabe os seus nomes!

— Quem é você? – seu companheiro pergunta, com o rosto cheio de lágrimas e a voz mais vacilante que os olhos de Nicolas. — Onde está o homem pelo qual eu me apaixonei? Quem é você?

— Esse, fofo, é o verdadeiro Malaquias. O mesmo que assinou a tua sentença de dor e sofrimento – digo, encarando-o com intensidade, quando ele engole me encarando. — Bomba? Inseto? Podem dar uma geral na casa? Todo papel que encontrarem podem trazer para mim? Tenho certeza que ele tem arquivos de todos, assim como o meu.

Eles acenam e saem. Inseto para na cômoda ao lado do companheiro de Malaquias.

— Você... você me fez acabar com eles? Eu destruí os meus filhos? – ele rosna, passando as mãos por seu cabelo, enquanto eu suspiro. — Eu juro que eu vou te fazer sofrer e você vai viver, enquanto eu estiver com vontade de te torturar. Quanto mais eu descobrir, mais eu vou fazer você e ele sofrer. Aproveita esses segundos de paz, porque o depois... só inferno para você.

Ele diz e se vira para mim, com os seus olhos nublados de lágrimas. Sacode sua cabeça e funga.

— Me desculpa, meu filho... eu não sabia... eu não poderia saber – eu sinto por cada palavra, eu sinto por suas lágrimas que correm por seu rosto, o quão verdadeiro ele está sendo.

Meu peito sente e as lágrimas já estão vindo para os meus olhos, devido a minha total compreensão.

— Eu sei... eu sei.

Ele se afasta, entrando na cozinha e logo, Fred sai da mesma trazendo consigo o que pedi.

— E as crianças? Elas são...

— Eu acho que você vai querer vir aqui dentro desse escritório, Luciano – Bomba diz e então, eu me levanto.

Malaquias... o teu momento começou.

Capítulo 58

Bomba está na frente da mesa de Malaquias, com o seu olhar cravado em pastas abertas em cima da mesma.

Com a pequena loira nos meus braços, eu me aproximo, deparando-me com fotos e mais fotos de pequenas crianças em diversas fotos acompanhando suas evoluções. Fotos delas tristes, chorosas, miseráveis e entre essas, eu encontro um Luciano de mais ou menos dez anos, deitado no meio de um esgoto, enquanto baratas estão em cima da sua camisa suja e rasgada.

Ao lado das fotos de Luciano, tem uma de uma menina de cabelos castanhos, que chora ao tampar a frente dos seus olhos com as duas mãozinhas, com medo de alguma coisa. Em outra foto, vejo um menino não muito diferente dela, mas ele... ele tem um enorme corte em toda a extensão da sua bochecha. O outro, é um loiro, em suas pequenas mãos tem um rifle e ele aponta para um homem.

E eu estou chocado.

Afastando as fotos, eu procuro por seus nomes nos papéis, sendo alguns deles malditos roteiros. Jeová, ele estava produzindo roteiros para brincar com as nossas vidas. O quão fodido pode ser isso?

Afastando-os, eu foco em seus nomes.

Lince Arias, Íris Sensit e Laureano Ortiz.

Diabo de nome esquisito são esses, Jeová? Eles escolheram esses nomes para carregarem? Isso é sacanagem com a minha cara?

— Bomba, meu amigo, olha esses nomes – digo, apontando para os respectivos nomes que eles carregam.

Ele sorri, ao terminar de ler.

— Laureano? Sensit? De onde diabos eles tiraram esses nomes?

Sorrio, sacodindo minha cabeça.

— Pode me fazer o favor de encontrá-los? – peço e ele acena.

Suspiro, afastando-me dessa mesa, somente para caminhar em direção a escada que tem por aqui. Paro no primeiro degrau, observando o terror nos olhos de Malaquias, quando Fred entrega o que pedi para Severino, que sorri de orelha a orelha ao sacudi-los.

— Júnior? Help? Amor? Venham aqui em cima, sim? Preciso de ajuda para deitá-los.

Ao escutarem meu chamado, eles se adiantaram rapidamente para seguir em direção a escada logo atrás de mim, enquanto avanço degrau por degrau, até que estou me encaminhando para o quarto de hóspedes do local, onde Malaquias costumava receber seus aliados estrangeiros. Isso me faz suspirar, ao tempo em que reviro os olhos.

— O que vamos fazer com eles? – Help pergunta atrás de mim e a resposta já está na ponta da minha língua, sem que eu precise ao menos pensar para isso.

— Eles ficarão conosco. Não terão a mesma vida que eu precisei ter, assim como os outros. Eles serão nossos filhos e levarão uma vida maravilhosa, sem ter que fazer esforço algum para ter o que quiserem. É isso que vai acontecer, Help. É o que vou fazer acontecer.

Abro a porta e me dirijo em direção a cama muito bem arrumada, como é de se esperar.

— Eu vou ser mãe? – Eve sussurra, com seu olhar perdido na pequena criança.

— Só se você quiser. Não será forçada a nada, mas não me peça para deixá-la longe, porque não farei. Eu a prometi que não a deixaria e eu estou disposto a cumprir minha promessa – digo, vendo que ela suspira, tomando passos rápidos na minha direção, até que se senta bem ao meu lado, colocando sua cabeça sob meu ombro.

— Eu nunca pediria para você se afastar... ela vai morar na nossa casa e a gente pode cuidar dela como se fosse nossa, sabe?

— Eu aprendi uma coisa, passando uns dias com a família do meu irmão. Mãe e pai não são necessariamente aqueles de sangue. Mãe e pai são aqueles que dão amor, carinho, cuidado e proteção. Sangue? Um detalhe, apenas – Júnior diz, voando seu olhar de Eve para mim. — Vocês serão bons pais, mas vão precisar de apoio, por esse motivo estou me candidatando a ser padrinho dela.

Semicerro os olhos, sem entender direito.

— O que um padrinho faz? – pergunto, escutando Eve sorrir junto com Help e Perverso.

— Padrinho é como um segundo pai, sabe? Quando o pai não estiver, o padrinho estará ali para apoiar e cuidar. Além do que, são eles que sempre dão presentes em todas as datas comemorativas do ano – diz Eve, me fazendo sorrir.

— O que você acha dele sendo padrinho dela? – pergunto, vendo-a dar de ombros.

— Devo lembrar que sou rico, tenho uma herança de propriedades, além do que, sou uma manteiga derretida com crianças, por mais que vocês acreditem que sou apenas um sanguinário Perverso.

Sorrio, sacodindo minha cabeça.

— Nunca pensei que você fosse isso, fofinho – digo, piscando um olho para ele que revira seus olhos sorrindo.

— Mas e o nome? Qual o nome dela? — Help pergunta, sentando-se do meu outro lado, ainda com o bebê nos braços. — E dele? O que vão fazer com ele?

Dou de ombros, encarando-a com um sorriso.

— É teu filho e de Nicolas... a chance que ele tem para se redimir, Help. Eu sei o quanto ele queria um filho, uma família... agora, essa me parece uma oportunidade perfeita. Eles não são diferentes de mim não, só não sabemos ainda quem são os seus pais verdadeiros, mas eu sei que nada pode tirá-los de nós.

Ela acena, apertando levemente no seu acalento quente.

— Eu preciso dizer uma coisa – diz, suspirando e eu a encaro com atenção. — Eu matei meu irmão.

Arqueio minha sobrancelha, encarando-a.

— Mas quem viu, pensa que foi um dos caras que estavam lutando com ele na rua – ela diz e é como se um peso enorme tivesse sido tirado dos meus ombros.

Cabeça morto, dando lugar ao filho, que será fiel à mim.

O irmão de Help morto, dando lugar à ela, que faz parte da minha família.

Teixeira morto, dando lugar à Diego, que é fiel à mim da mesma forma.

Perverso vivo e do meu lado, sendo padrinho da pequena menina loira.

Felício rico e meu sogro.

Búfalo morto e o seu território é meu.

Vários homens estão cientes do que aconteceu aqui hoje, o que fortalece o meu nome por entre bocas e mais bocas.

Malaquias... completamente acabado.

E podemos constatar isso, com os seus gritos estrangulados por algo que imagino ser um pano ou a própria cueca, se for Nicolas que o estiver torturando, mas eu tenho certeza que é. Sorrio, com a felicidade total cercando a minha vida.

Nicolas está de volta e consigo trouxe Help, sua mulher.

Eu, Luciano Monteiro, encontrei a mulher da minha vida, a mulher que eu amo e que me enlouquece. Agora, mais uma mulher está entrando na minha vida para bagunçar o que me resta de raciocínio.

Bem, eu acho que o diabo na sua melhor versão, deve merecer um pouco de cor dentro do seu inferno, não é?

Acho que aqui começa meu final feliz...

Capítulo 59

Não tinha pensado no que aconteceria no depois da minha vingança, mas na noite passada, quando eu deixei Eve sozinha naquele quarto com a pequena loirinha, para que eu pudesse ver algo para elas comerem, eu percebi que agora, eu tinha mais uma coisa para lutar e planejar e se fosse necessário, matar. Se preciso for, eu mato para mantê-las felizes e seguras. Disso não tenho mais nenhuma dúvida.

Mas quando eu voltei, depois de pedir a Perverso para preparar algo para que elas comessem, a cena que cercou meus olhos, deixou meu interior completamente em chamas. Eve estava deitada bem o seu lado, passando seu dedo pelos fios da pequena garota, alisando-os e a observando como se fosse a coisa mais linda da sua vida.

O novo demônio dentro de mim estava mais encantado e animado que nunca, afastando todos os outros somente para contemplar aquela cena, que com certeza, foi a coisa mais bonita de toda a minha vida. Eve parecia tão encantada pela menina... a olhava com tanta adoração que eu não pude duvidar.

Ela dormiu ali, ao lado da pequena menina e eu fiquei as observando a noite inteira, sentado da poltrona do quarto, pensando nos meus próximos passos. E o primeiro, foi o de retirar o conjunto de pele enrugada de ácido, chamada Malaquias, da sala de entrada para que elas não se deparassem com aquilo na manhã seguinte, quando acordassem. E eu o fiz, levando-os para o galpão nos fundos da casa, onde Severino se ocupou em fazer Malaquias gritar, enquanto o amado o observava. Nicolas decidiu ficar no outro quarto junto à Help que estava desesperada com os planos, tendo que assumir o controle do Moto Club e o de criar um bebê.

Depois que limpei a sala, fiz o mesmo na cozinha e então, a casa estava perfeita para quando elas acordassem no dia seguinte. Eu voltei para a minha poltrona e continuei as observando, enquanto dormiam tranquilamente, sem perigos aparentes, por enquanto.

Pensando na segurança das duas, mandei mensagem para Diego fazer um esquema forte de segurança na madrugada que ainda estava ali, para que eu pudesse levá-las para minha casa. Depois, pedi para que Júnior buscasse por Nicole, para que ela fizesse segurança na minha casa e quando a encontrasse, deixasse-a lá para ser a guarda da loirinha pequena.

Eu acompanhei os primeiros raios de sol entrarem pela janela do quarto, vi quando a pequena começou a mexer seus pequenos bracinhos e depois, se virar na cama para suspirar logo em seguida, olhando para o teto. Ela começou a choramingar e foi o momento em que Eve abriu seus olhos, voando-os, mesmo sonolentos, para ela que fungava, tentando não se mexer.

Eve a deu bom dia, exibindo um lindo sorriso empolgado, fazendo a menina olhar para ela por alguns segundos e depois ela a respondeu, perguntando se ela era a sua mãe. Foi nesse momento, com as frases seguintes que eu tive a certeza que esse era o caminho certo a se seguir.

— Você quer que eu seja sua mãe? – foi o que Eve a perguntou, seguindo de lágrimas escorrendo dos seus olhos.

— Você não vai me deixar? – e essa era a única pergunta que a pequena fazia. A resposta seguinte, foi o motivo para que a sombra de um sorriso beirasse os lábios daquela pequena criança o resto do dia.

— Se você nunca me deixar... eu também não irei a lugar algum.

A pequena grudou no pescoço de Eve e não disse mais nada. Quando ela levantou, depois de um bom tempo, apenas tentando conversar, mas sem obter resposta, ela me notou a observando com mais amor que eu já sentia por ela. Por puro impulso, eu me levantei e fui ao encontro do seu corpo, trouxe a sua boca para a minha e a beijei com todo amor e sentimento que tenho por ela. Ao nos separar, a pequena nos encarou e com felicidade nos seus olhos, perguntou:

— Vocês são meus papais?

— A partir de agora, você terá um lar, dois pais e tudo que desejar. Seja bem-vinda para a nossa vida – eu disse, para logo em seguida, me virar e sair dali com o meu coração mais acelerado que tudo na minha vida.

A partir daquele momento, eu tinha um novo rumo para seguir, uma nova missão para tomar e novos planos para montar. A partir daquele momento, eu teria algo que nunca tive... uma família e amor, muito amor.

Eu estava feliz e eu fiquei mais feliz ainda, quando a noite chegou e junto dela, nós três que estávamos na minha casa. A pequena sorria, ainda nos braços de Eve e eu, bem... eu estava como um completo bobo, observando-as, até que fui chamado para a minha vida de assassino psicopata, que precisa de alguns ajustes.

Pedi que fizessem buscas nas casas que Malaquias fez para rodear a sua, a fim de encontrar mais alguma criança que estava seguindo os roteiros infames daquele bosta e a minha surpresa foi enorme, ao descobrir que sim, eu estava certo. Tinham sim mais delas ali, sofrendo dia após dia para sobreviver, assim como eu.

Conversei com Eve... passamos horas conversando até que chegamos à uma conclusão.

A casa é enorme e nunca nada faltaria para elas.

Para nenhuma delas.

Resolvendo que os negócios agora, estariam ainda mais perigosos, adotei a Fred, Bomba e Inseto para serem meus novos seguranças oficiais. No dia seguinte, eu teria que ir até o território do falecido Cabeça, prestar condolências para o filho dele, a fim de deixar claro que eu o estava ali para dar apoio no que precisasse.

Enfim, tudo voltando ao seu eixo normal, só que... sem Malaquias.

É, essa vida pode sim, ser a melhor possível.

Agora, ela pode...

Epílogo

Suspiro, considerando a escolha e o pronunciamento que preciso fazer agora mesmo, antes que a notícia da morte do meu melhor homem chegue aos ouvidos do principal interessado por outras bocas.

Relaxado e com as costas contra o assento da cadeira do meu escritório, pego o meu celular e disco o número do protetor do meu homem. Estou certo que essa conversa não será nada fácil e é por isso que, antes de fazer essa ligação, tomei muitos cuidados para estar o mais relaxado possível e longe das crianças, que graças ao meu parça Jeová, estão melhorando a cada hora, enquanto recebem os cuidados atentos de Eve, Help, Nicolas, Bomba, Inseto, Fred e Nicole.

Quando é que eu poderia imaginar que meus três psicopatas sem sentimentos iriam se render ao sofrimento de pequenas e indefesas criaturas? A vida está me reservando tanta surpresa, meu Jeová, que eu nunca pensei ser possível, mas é isso, não é?

Sem surpresas, como eu teria emoção?

Seria triste e cansativo.

Isso com toda a certeza do mundo.

Suspiro, quando a secretária da organização atende e então, eu passo o código dele, para que eu seja transferido diretamente para a linha de contato de quem eu realmente almejo falar.

Jeová, abençoa-me, por favor!

— Lima na linha, com quem eu falo?

Ele começa e eu considero gargalhar alto com o seu tom de voz profissional demais até, mas como não tenho intimidades com ele é melhor que eu permaneça controlado, para que o caldo não engrosse mais ainda para o meu lado.

— Luciano Monteiro, fofo – digo, sorrindo, sem controlar um pedaço de mim que só desejar ser eu mesmo. — Ligo para te trazer uma má notícia.

Ele suspira e eu já posso visualizar que ele está esfregando o seu cenho com o dedo indicador e o dedão, o que quase me faz rir alto.

— Renato está morto, não é? – ele pergunta e eu não o respondo, recebendo de volta alguns praguejamentos audíveis.

— Malaquias o atingiu. Não pude fazer nada, infelizmente. Sinto muito mais que você. Ele esteve

comigo desde que comecei com o maldito do Malaquias e sempre me ajudou.

— Era obrigação sua protegê-lo – ele disse e eu suspiro, considerando que essa conversa pode durar a noite inteira.

— No meio de uma guerra? Você faz ideia do que eu descobri? Do que eu tinha que proteger além do meu rabo? – pergunto, dando a ele o tom mais descrente que sou capaz de fazer e depois, eu o escuto suspirar.

Entre conversar com ele e Fonseca, eu prefiro que essa conversa seja com ele mesmo, porque eu sei muito bem que Fonseca não entenderia, já que meu melhor homem é primo de um dos que fazem parte da equipe dele.

— Fonseca vai desejar a tua cabeça... você sabe disso, não é? – ele suspira. — E Ricardo? Como eu dou essa notícia a ele?

Suspiro e quando não envio uma resposta, escuto um riso fraco do outro lado da linha.

— Em breve, voltaremos a nos falar – disse, antes de desligar.

Mal chego a suspirar e a porta se abre, com Bomba entrando sem fôlego no meu escritório sendo seguido pela minha pequena loirinha muito sapeca para o atormentar, porque ela é dessas e gosta de o provocar de uma maneira que me faz rolar de rir, sem precisar de nenhum esforço. E eu fico muito feliz que ela esteja recuperando o seu lado de criança, sem sofrimentos.

Eu estou sendo o homem mais feliz do mundo nessas últimas semanas e, estaria ainda mais, se eu conseguisse ver Nicolas menos tenso e menos preocupado.

Por todos os cantos que ele se encaminha é como se estivesse com um peso enorme nos seus ombros, o que quase me faz pensar no que possa estar acontecendo a ele para o deixar assim, mas eu vejo um sorriso brilhar nos seus lábios sempre que as crianças estão o rondando. E eu fico feliz por isso.

— Eu encontrei a...

— Papai – minha pequena loirinha grita, ao sair de detrás do meu amigo Bomba, somente para correr na minha direção com um sorriso enorme nos lábios, que me faz sorrir instantaneamente.

Afasto-me da mesa, quando ela a rodeia e logo está subindo no meu colo, para ficar ali sentada, observando os papéis que ali repousam.

É uma mania sua. Sempre está rondando todo e qualquer lugar que eu esteja. E o mesmo ela faz com Eve, o que a deixa louca.

— Encontrei a Sensit – ele diz, fazendo com que minha atenção saia da minha anãzinha só para voar para o rosto dele. — Ela está em missão, irmão. Os outros não consegui encontrar. Eles sabem como se camuflar... céus!

Sorrio com meu coração se acelerando cada vez mais no meu peito. Espero que essa notícia faça Nicolas mais feliz e deixe Help tão eufórica, quanto eu estou agora, mesmo que eu tenha a arma de

Fonseca apontada para a minha bunda em alguns dias.

— O que devo fazer? – ele pergunta e eu sorrio, encostando-me mais uma vez contra a minha cadeira.

— Vamos até ela.

Um milhão de possibilidades começam a rondar a minha mente, mas essas são apagadas com a entrada de Eve, que em cima dos seus saltos, sorri para algo que um pequeno diz ao pé do seu ouvido.

E eu acho, aqui da minha posição, que ela é a mãe mais perfeita de todos os tempos, além de ser a mulher da minha vida e o meu amor eterno, que só cresce à medida que os dias estão passando cada vez mais.

— Bombinha – minha pequena diz, olhando meu amigo. — Meu papai é apaixonado pela minha mamãe – ela sorri e ele a acompanha, junto à mim e a minha ruiva. — E eu amo os dois, assim como eles me amam.

Ela dá de ombros e se encosta no meu peito, esse que está para se estufar de tanto amor e orgulho que sinto por essa pequena menina.

Meu jeová, como você me apronta uma dessas? Estou chocado, Jeová, com a grandiosidade que você me abençoou.

Agradeço, Jeová e espero que continue me abençoando, enquanto eu caço os meus irmãos.

Mas não sinta saudade, Jeová. Em breve, estarei mandando mais algumas almas para que você possa guiar, tá?

Só me aguarde.

Livro II – SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR

AMEAÇA DO FASCÍNIO – SINOPSE

PODERIA A MORTE SE APAIXONAR PELA VIDA?

E A VIDA SE APAIXONAR PELA MORTE?

Para essas perguntas, eu não tenho resposta, mas na minha cabeça algo é completamente válido: nada é impossível. E sim, eu acredito que opostos se atraem com uma perfeição tão grande que eu nunca cheguei a imaginar que meu coração um dia poderia se apaixonar...

Jamais poderia pensar que eu poderia me apaixonar por um anjo, enquanto eu sou a desgraça.

Adiel é alegria, eu causo tristeza.

Adiel é esperança, eu causo a desilusão.

Adiel é amor, eu sou desprezo.

Adiel é vida, traz vida, salva vidas...

Eu?

Eu, Íris Sensit, sou a morte, trago a morte, causo a morte.

Arrependimento não está no meu vocabulário, assim como “amor” também não estava, até conhecê-lo...

SOBRE A AUTORA

Bárbara Lorrany é natural do Piauí, residente na cidade de Teresina. Leitora voraz, que depois de um tempo quis construir seu próprio livro. Começou com uma brincadeira e bem, hoje se tornou uma de suas maiores paixões.